

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA SOCIAL
LINHA DE PESQUISA: CULTURA E REPRESENTAÇÃO
MESTRADO EM HISTÓRIA**

**AS REPÚBLICAS DAS LETRAS CEARENSES:
LITERATURA, IMPRENSA E POLÍTICA (1873 – 1904)**

**Por
GLEUDSON PASSOS CARDOSO**

SÃO PAULO, 2000.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA SOCIAL
LINHA DE PESQUISA: CULTURA E REPRESENTAÇÃO
MESTRADO EM HISTÓRIA

**AS REPÚBLICAS DAS LETRAS CEARENSES:
LITERATURA, IMPRENSA E POLÍTICA (1873 – 1904)**

Dissertação de Mestrado, apresentada à Banca Examinadora aprovada pelo Programa de Pós Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), como quesito obrigatório para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora:

Profa. Dra. Estefência Knotz Canguçu Fraga

GLEUDSON PASSOS CARDOSO

São Paulo, 2000.

Folha de Exame

Nome do Mestrando: Gleudson Passos Cardoso

Título da Dissertação: As Repúblicas das Letras Cearenses. Literatura, Imprensa e Política (1873 - 1904).

Resultado Obtido: _____

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Estefânia Knotz Canguçu Fraga
(Orientadora – PPGH-PUC/ SP)

Profa. Dra. Margarida de Souza Neves
(Examinadora Externa - PPGH-UFF)

Profa. Dra. Marina Maluf
(Examinadora Interna – PPGH-PUC/ SP)

(Suplente)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	06
CAP. I – PRÁTICAS LETRADAS, IMPRENSA E POLÍTICA NO ESPAÇO SOCIAL CEARENSE.....	22
I. 1. Tradicionalismo e Vanguarda nas Imprensas Política e Literária Cearenses.....	22
I. 2. Luzes, Seca e Abolição: As Razões de um Pensamento Institucional	50
I. 3. Modelos e Instituições para a Nova Ordem: Apontamentos para Estado & Nação no Beltrismo Cearense.....	93
I. 4. Parnasos, Agremiações e Sociedades de Letras no Ceará: As Ações de um Pensamento Político e Institucional.....	113
CAP. II – AS REPÚBLICAS DAS LETRAS CEARENSES: A “VELHA” MOCIDADE E A PADARIA ESPIRITUAL DIANTE DAS EMERGÊNCIAS NACIONAIS.....	132
II. 1. Leis Morais e Científicas na Construção da Nova Ordem Social: A Academia Cearense e a Soberania do Conhecimento.....	134
II. 2. O Alencarianismo Ortodoxo por um Tipo Nacional: A Leitura Político-Moral do Centro Literário.....	146
II. 3. Letras & Artes para uma República do Povo: A Padaria Espiritual e o Resgate das Instituições Populares.....	163
CAP. III – PÃO D’ ESPÍRITO, FORNADAS POLÍTICAS E LEITURAS SOCIAIS....	173
III. 1. Tipos Populares para as Instituições Nacionais.....	180
III. 2. A Segunda Grande Fornada: Publicidade, Novos Integrantes e Velhos Ideais.....	206

III. 3. Tenebris in Lux: Decadência, Nephelibatismo e Literatura Menor no Território Social Cearense.....	224
Argumentu Finale.....	250
Documentação Manuseada.....	255
Bibliografia Consultada.....	257
Anexos.....	264

APRESENTAÇÃO

“Creio indispensável manejar uma relação mais fluida e complexa entre as instituições ou classes e os grupos intelectuais. Inclusive por sua condição de servidores de poderes, estão em contato imediato com o forçoso princípio institucionalizador que caracteriza qualquer poder, sendo portanto os que melhor conhecem seus mecanismos, os que mais estão treinados em suas vicissitudes e, também, os que melhor aprendem a conveniência de outro tipo de institucionalização, o do restrito grupo que exerce as funções intelectuais. Pois também por sua experiência sabem que se pode modificar o tipo de mensagens que emitem sem que se altere sua condição de funcionário, e esta deriva de uma intransferível capacidade que procede de um campo que lhe é próprio e que dominam, pelo qual se lhes reclama serviços, que consiste no exercício das linguagens simbólicas da cultura. Não somente servem a um poder, como também são donos de um poder.”

(Angel Rama, *A Cidade das Letras*, p. 47 e 48).

A História Intelectual tem se mostrado como um campo promissor para a análise das transformações sociais ao longo do tempo. Suas prerrogativas teóricas e metodológicas possibilitam uma gama de estudos que visam compreender a atuação dos sujeitos históricos na dinâmica social, a partir das idéias produzidas pela atividade intelectual de sujeitos letrados. Seja nas obras literárias, filosóficas, científicas ou na atividade de imprensa, as idéias que permeiam os textos podem expressar as tensões presentes em uma sociedade, nas suas diferentes esferas (econômica, política, cultural, subjetiva etc), de forma que se possa perceber tanto as transformações mais visíveis do processo social quanto as emanções silentes, também agentes deste processo, feitas de ideários, sonhos e desejos.

Para a compreensão da história, deve ser considerado que na atividade intelectual tanto a leitura quanto a produção de textos inserem o leitor em uma cadeia de enunciados elaborados na experiência social, material e desejante, dos sujeitos em seus territórios sociais. Os discursos, ferramentas política dos grupos letrados, máquinas produtoras de desejos, procuram comportar temporalidades experimentadas no cotidiano, e no campo simbólico primam por codificar e recodificar, ou seja ler e reler, as relações sociais ao longo das transformações históricas. Os antigos escribas, os filósofos, os monges, artistas, escritores, cientistas, enfim, grupos que se ocuparam da prática letrada cotidiana, tiveram mais ou menos influência em suas sociedades. Contudo, durante o

advento do homem moderno, o discurso letrado marcou notória posição política, sobretudo em favor do anseio civilizatório e da lógica industrial, tendo a literatura e a imprensa como máquinas de enunciação.

Torna-se, desta forma, imprudente pensar a produção intelectual como mero reflexo do cotidiano, dado imediato de uma determinada época, a considerar os seus interlocutores (os que produzem os textos) como porta-vozes diretos daquela realidade. Pois, ainda que a narrativa possua certa autonomia, o texto não se limita a ser um registro fidedigno dos aspectos visíveis e palpáveis de um período, podendo muitas vezes emanar aspirações, ideais, devires e temporalidades mais remotas experimentadas ao longo das transformações sociais; conteúdos simbólicos reelaborados pelas transformações humanas de um determinado espaço ou território social que se atualizam durante a atividade do pensamento. Sobretudo, deve-se considerar que na produção de um texto, uma multiplicidade de intensidades perpassam a sua concepção conectando-se no discurso as temporalidades, campos de experimentação subjetiva, bem como as relações de poder produzidas pelos grupos humanos na afirmação dos seus interesses.

Neste sentido, ao perceber a atividade intelectual como um agenciamento de forças em prol da afirmação de interesses específicos, no século XIX os grupos sociais que dominaram a cultura letrada entenderam o texto sendo um instrumento de poder. E, segundo a concepção de indivíduo da era moderna, o discurso caracterizou-se como instrumento político, a agir como máquina desejante sobre os sujeitos sociais daquela época. Tratou-se de uma atividade maquínica que conectava signos, enunciados e intensidades experimentadas nas relações sociais. Seu trabalho era reelaborar e afirmar os mesmos códigos de poder, quando se descobria um campo que favoreceu o aprimoramento da dominação simbólica na ordem capitalista: a subjetividade, o campo dos desejos de um indivíduo, sua alma. Daí que no surgimento febril dos sentimentos modernos, nação, povo, pátria, os desejos dos sujeitos conectaram-se a produzir, legitimar ou derrubar instituições.

Nessa perspectiva, o presente estudo tem como objetivo perceber a inserção das posturas intelectuais e políticas dos letrados cearenses, os usos das suas máquinas literárias, na tentativa de construir modelos orgânicos de Estado e Nação para a pluralidade da comunhão brasileira, durante as duas últimas décadas do Segundo Império e as primeiras

décadas do regime republicano. Sobretudo, o foco de análise recaiu sobre as sociedades literárias existentes entre 1873 e 1904: a Academia Francesa (1873 - 1875), o Clube Literário (1887 - 1889), a Padaria Espiritual (1892-1898), que receberá especial atenção neste trabalho, a Academia Cearense (1894 - 1904) e o Centro Literário (1894-1904). Investigando o discurso de poder erigido ao longo da trajetória do beletrismo cearense na transição entre a Monarquia e a República, foi possível identificar os diferentes posicionamentos dessas sociedades literárias em relação às suas referências políticas e intelectuais, discrepâncias e similitudes entre o ideário ilustrado e a formação do pacto dos governos oligarcas, quando se deu a união de interesses dos setores senhoriais do sertão cearense com os grupos ascendentes de Fortaleza, conforme este trabalho prima por mostrar, durante as emergências nacionais para a reconstrução da nova ordem política e disputas pelo poder local.

Para este estudo, foram manuseados os seguintes materiais históricos: jornais de época, periódicos e pasquins literários, livros de memória, cartas, discursos oficiais e comemorativos, relatórios dos presidentes de província, manuscritos, revistas de época (Academia Cearense de Letras e Instituto do Ceará) e obras literárias (romances, contos, crônicas e poesias). Realizou-se também um balanço bibliográfico a cerca da história intelectual, política e literária, em particular, do Ceará, e, em geral, do Brasil, a fim de que se possa perceber o movimento intelectual cearense e as suas relações com o âmbito nacional. O caminho percorrido iniciou-se no enriquecido acervo microfilmado da Biblioteca do Pública Ceará Menezes Pimentel, no Núcleo de Pesquisa Documental da UFC (NUDOC) e nos arquivos da Academia Cearense de Letras (biblioteca e obras raras), em Fortaleza, capital do Ceará. Outros indícios mais remotos fizeram a pesquisa rastrear por outros espaços longínquos, como, por exemplo, a Biblioteca Nacional (setores de periódicos, obras raras e bibliotecário), Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (obras raras e periódicos), Academia Brasileira de Letras (acervo bibliográfico) e a preciosíssima biblioteca particular do Sr. Dr. José Bonifácio Câmara (o maior bibliófilo do Ceará), no Rio de Janeiro. Merecem ainda serem mencionados os setores de periódicos, obras raras e bibliotecário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Biblioteca Municipal Mário de Andrade e biblioteca da Academia Paulista de Letras.

A pesquisa, primeiramente, ainda no início dos idos tempos de graduação, na Universidade Federal do Ceará, preocupou-se com a inserção da Padaria Espiritual no

contexto social de Fortaleza na virada de século, a identificar suas distinções dos aspectos culturais e ideológicos daqueles tempos de transição. Por conta da sua abrangência temática sem uma delimitação mais consistente e, sobretudo, seja pelas discrepâncias ou similitudes que o assunto sempre reportou-se às demais sociedades literárias existentes no século XIX, foi preciso mapear os registros históricos deixados por esses núcleos letrados ao longo do tempo, no sentido de pontuar as práticas letradas de cada grupo diante das transformações históricas ocorridas.

Na época em que permaneceu sob a orientação das atividades do Programa Especial de Treinamento (PET/ CAPES - UFC), a pesquisa procurou rever a documentação que fora coletada e, partindo para a discussão com a produção bibliográfica afim, montou a problemática que, inicialmente, nos debates acadêmicos realizados em diversos seminários, simpósios e outros ciclos acadêmicos, delimitou-se às *Agremiações Literárias na Construção do Ideário Moderno: Um Discurso de Poder no Beletrismo Cearense (1873 - 1904)*. Esta temática possibilitou montar um projeto de pesquisa que se propôs a identificar as peculiaridades da elite letrada cearense, seus modelos políticos e institucionais, frente a formação do pacto oligárquico em vias de realização na transição entre os regimes monárquico e republicano.

Contudo, no ambiente do Programa de Estudos Pós Graduated em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ao longo das frutíferas discussões realizadas tanto nos cursos quanto nos eventos acadêmicos, bem como nas atividades de orientação, a pesquisa foi ganhando maior definição teórica, metodológica e historiográfica contribuindo, assim, para a discussão que aqui se apresenta.

A Historiografia do Ceará e os trabalhos literários que tratam daquela sociedade no século XIX ignoraram as relações entre os campos de ação dos grupos letrados. Seja no âmbito da imprensa ou da literatura, habitualmente, tem-se feito a delimitação dos meios intelectuais como campos de atuação distintos, em que o trânsito e a proximidade dessas áreas tornou-se praticamente invisível, acabando por desconsiderar as estratégias de dominação simbólica e as relações de suas atividades como mecanismos políticos. Entretanto, conforme foi constatado, mediante as trajetórias intelectuais estudadas, literatura, imprensa e política foram instâncias fundantes do universo letrado cearense durante a virada de século, a configurar estas formas de dominação e exercício de poder nas práticas letradas. Esta

consideração inicial do presente trabalho mostra que, ao dialogar com a historiografia local e com as fontes, foi possível compreender que tais atividades constituíram-se nestes campos interligados, configurando as produções de época.

Na conjuntura que o Brasil atravessava em meados do século XIX, as agremiações e sociedades literárias caracterizaram-se como espaços de uma prática intelectual e política. Foi assim, por exemplo, nos movimentos de 1873 o combate entre os positivistas da Academia Francesa e o tradicionalismo católico e, da mesma forma, com o Clube Literário (1886) como porta-voz do discurso abolicionista de 1881/1884, nos campos da literatura e da ciência. Tais momentos tornaram-se importantes referências para os letrados das décadas de 1890 e 1900, conforme será observado.

Para compreender a atuação desses espaços durante os primeiros anos do regime republicano, torna-se de fundamental importância perceber a formação e a trajetória dos sujeitos sociais presentes nos movimentos intelectuais e políticos do período. Suas referências políticas e literárias, permitiram vislumbrar a inserção dos discursos letrados no processo sócio-político local, a sua atuação na imprensa partidária e nos periódicos literários, a formação de tais espaços na congratulação dos seus interesses, bem como a construção do ideário ilustrado cearense para o Estado e Nação brasileiros diante da transição política. Tais enfoques permitiram pontuar o papel das sociedades literárias da década de 1890, quando a instabilidade política entre a Monarquia e a República cedeu lugar às disputas personificadas nas oligarquias locais, que se velavam nas fachadas partidárias e ideológicas, durante a organização do novo regime, na construção das novas instituições nacionais. Assim, o percurso de tais questionamentos possibilitou a capitulação deste estudo, a fim de que possa contribuir para a discussão já realizada pela historiografia política e literária cearense, no sentido de mostrar de que forma esta abordagem propõe-se a tornar menos obscuros alguns dos aspectos já elencados.

A proposta do Capítulo I – **Práticas Letradas, Imprensa e Política no Espaço Social Cearense** – é cartografar o jogo entre as forças políticas e a atualização das relações de poder colocadas no espaço social cearense, a perceber as especificidades narrativas e discursivas dos letrados na virada de século. Para compreender os embates que marcaram a transição entre Monarquia e República, o primeiro tópico, intitulado *Tradicionalismo e Vanguarda nas Imprensas Política e Literária Cearenses*, propôs-se a

analisar o embate ideológico entre as facções oligárquicas da sociedade cearense nas disputas pelo poder local, mediante um ensaio cartográfico da estrutura política e sócio-econômica durante aquela conjuntura.

A tentativa de formarem naquele território entre os segmentos sociais uma opinião pública que correspondesse aos anseios por remodelar a velha estrutura de poder ao discurso da ordem sócio-política moderna, demarcaram-se novos posicionamentos na imprensa cearense que se estabeleceram a partir de um diferencial lingüístico e temático discursivo, diante das diversas posturas político-partidárias já existentes. Distinguiram-se então jornalismo partidário, representante dos interesses dos chefes políticos tradicionais, incluindo comerciantes e alguns profissionais liberais, e o jornalismo literário, ligado ao grupo dos “homens de letras” que, em maioria, eram oriundos do primeiro grupo. No primeiro, as linhas editoriais tinham como prática político-discursiva a calúnia, difamação e ataques diretos à imagem pública dos adversários políticos. Já o segundo, utilizava-se dos artifícios metafóricos e estéticos da literatura para atrair e ganhar a opinião pública.

Mas, se o jornalismo partidário adotou práticas políticas retrógradas, para a emergência da época o jornalismo literário ou intelectual tornou-se solidário à ordem burguesa. Elaborando uma sofisticada gama discursiva alicerçada nas teorias modernas do racionalismo, cientificismo e evolucionismo, foi ganhando sistemática plasticidade, concomitante a transição política e a redefinição institucional brasileira entre os anos de 1870 e 1890. Sobretudo, a partir dos pressupostos eurocêntricos, a geração conhecida por Mocidade Cearense aprimorou os meios de dominação simbólica e elaborou um corpo discursivo composto por uma leitura orgânica sobre fatores e elementos da realidade local, a montar uma máquina literária que legitimou sua ação política nas práticas letradas daquele território social, para manipular a opinião pública em favor dos seus interesses facciosos.

Na feitura deste tópico, foram analisados as seguintes fontes hemerográficas: os jornais “Pedro II”, “A Constituição”, “O Cearense” e o “Gazeta do Norte”, que possibilitaram identificar os interesses personalistas, sob as legendas partidárias, das famílias tradicionalistas que disputavam a administração pública, e a natureza de suas práticas políticas. Os Relatórios do Presidente da Província do Ceará dos anos de 1885, 1886, 1887 e 1888, serviram para mapear os interesses que caracterizaram o espaço social estudado, os problemas enfrentados pelos administradores com as querelas facciosas do cotidiano local. Da

mesma importância tiveram os Arrolamentos da População de Fortaleza (Censo) de 1887 que serviram para dar uma parcial descrição do número de alfabetizados na capital cearense, o principal público leitor e alvo da ação publicitária dos partidos daquele território. O “Diccionario Bio-bibliográfico Cearense” (três volumes), do Barão de Studart, publicação do Instituto do Ceará, foi importante para fornecer elementos relacionados à origem, posturas políticas e realizações dos principais atores e mobilizadores de opinião no espaço social e político abordado.

No intuito de legitimar a sua atuação política na década de 1880, a Mocidade Cearense apropriou-se de níveis de experiência da vida social, política e intelectual daquela realidade, a produzir sentimentos identitários através da imprensa, convertendo-os em conteúdos simbólicos que propuseram as bases de um tipo institucional durante a transição dos regimes monárquico para o republicano.

Foram três as bases que alicerçaram o pensamento institucional daqueles intelectuais entre 1887 e 1904. A chegada das “luzes”, das idéias eurocêntricas que apresentavam as leis do progresso para empreender a civilização. As secas, fenômenos geológicos, de acordo com os repertórios de leituras científicas e evolucionistas, profusos entre as décadas de 1870 e 1880, foram interpretadas como estágio/ fase na escala evolutiva dos seres. Por fim, a abolição dos cativos no Ceará, em 25 de março de 1884, lida pela Mocidade como a materialização de uma conquista institucional perante a comunhão brasileira. Logo, o segundo tópico do primeiro capítulo, *Luzes, Seca e Abolição: As Razões de um Pensamento Institucional*, propõe-se a analisar como estes três aspectos da história local cearense foram apropriados por aqueles intelectuais, a comporem um pensamento orgânico e sistemático, de caráter institucional, direcionados aos embates sociais e políticos do período.

As fontes utilizadas neste tópico foram os jornais “Fraternidade”, órgão maçônico em que a Academia Francesa difundiu entre 1873 e 1875, na esfera pública de Fortaleza, as idéias positivistas e evolucionistas em voga no período. Os jornais “Cearense” e “O Retirante”, foram importantes na descrição de fatos narrados na imprensa local sobre a seca de 1877. O jornal abolicionista “Libertador”, órgão da Sociedade Cearense Libertadora, órgão que liderou a campanha abolicionista no Ceará, teve grande relevância quanto a identificação das premissas políticas e ideológicas impulsionadoras da emancipação dos cativos na província em 1884, bem como os interesses políticos e econômicos dos setores

emergentes da capital. Ainda quanto à temática das secas, o romance “A Fome” e o livro de memórias “Scenas & Typos”, ambos de Rodolfo Teófilo, foram imprescindíveis para perceber como a potência estética desse autor do Realismo/ Naturalismo cearense leu esse fenômeno como agente do progresso (diferentemente, em muitos casos, dos que preservaram o mesmo estilo), favorecendo a manipulação dos enunciados coletivos operando por constituir uma imagem heróica do bio-tipo cearense. As revistas “A Quinzena”, da “Academia Cearense” e a “Revista Trimestral do Instituto do Ceará” contribuíram no sentido de mostrar como estas leituras produziram poderosos enunciados que foram proferidos e experimentados por esta geração de intelectuais até a primeira década deste século, a comporem um ideário de Estado e Nação brasileiros propondo novos modelos institucionais.

Na eminência da queda do Segundo Reinado, a Mocidade Cearense, que outrora participara da Academia Francesa e do Movimento Abolicionista, mobilizou-se em prol da emergência por modelos institucionais que pudessem garantir a ordem política e social. Desta feita, referendou-se nas duas campanhas em nome do empreendimento civilizatório, com o argumento político-moral de combater as antigas estruturas de poder que corroboraram para os problemas daquela conjuntura nacional.

Sob a bandeira de teorias eurocêntricas como o evolucionismo de Darwin e Spencer, o cientificismo de Richet e Begehot, o determinismo de Buckle e Taine e o positivismo de Comte e Littré, a Mocidade Cearense elaborou um sólido discurso no final da década de 1880 que dizia-se fazer frente às antigas estruturas políticas e culturais como o patriarcalismo, o mandonismo local, o ruralismo e o escravismo, a lançarem novos parâmetros institucionais. No intuito de angariar prestígio político e social e consolidar cada vez mais um público leitor em Fortaleza, a Mocidade ocupou-se do espaço do Clube Literário e do seu órgão “A Quinzena” (1887 - 1888), adentrou na esfera pública a compor uma sistematização nas suas práticas discursivas. Referendada nos diversos campos do conhecimento, a congregar os intelectuais que trabalharam em favor da manipulação de enunciados coletivos na Academia Francesa e no Movimento Abolicionista, aquela revista relacionou os estudos de natureza etnográfica, historiográfica, filosófica, sociológica e literária a formarem uma máquina literária, na tentativa de produzir desejos no território da cidade, em que sua leitura social adentrou nas lutas políticas corroborando para a aceitação da ordem burguesa, conforme os interesses das elites de Fortaleza.

Como fim último “A Quinzena” elegeu a literatura como instituição regeneradora da comunhão brasileira. Neste sentido, o terceiro tópico deste capítulo, *Modelos e Instituições para a Nova Ordem: Apontamentos para Estado e Nação no Beletrismo Cearense*, visa identificar a articulação dos elementos narrativos e enunciados coletivos que montaram a tessitura deste discurso político-intelectual, congregados na revista do Clube Literário, em que sua atuação pública foi detentora de posturas políticas e leituras sociais, ainda não identificados ou evidenciados pela historiografia cearense.

Como não poderia deixar de ser, a revista “A Quinzena” (1887 - 1888) foi a principal documentação analisada neste tópico, permitindo reconhecer os reais anseios políticos e modelos institucionais propostos pelos sócios do Clube Literário. Os “Manuscritos Inéditos de Antônio Salles (1897)”, localizados no arquivo de obras raras da Academia Cearense de Letras, subsidiaram este item do trabalho no esmiuçar de detalhes de suma relevância para compreender a razão dos empreendimentos político-intelectuais, o engajamento social e os interesses que nortearam esses homens de letras durante os últimos anos do Império.

Sob o caos e a desordem política instauradas com a queda do Segundo Reinado, diversas facções digladiaram-se em meio os inúmeros modelos políticos e institucionais que visavam moldar a nova ordem. Federalismos, positivismos, cientificismos, liberalismos, republicanismos, enfim, todos aqueles que possuíam alguma representação na esfera pública procuravam, de uma forma ou de outra, a sua parcela nas fatiotas do poder.

Surgiram também diversas de leituras, ideais e posturas políticas que se diferenciaram a partir das sociedades literárias que tiveram empenho na campanha “em prol da regeneração nacional”. Herdeiras das paixões alaridas que moveram as práticas letradas na revista “A Quinzena”, sobretudo no concernente à literatura como instituição regeneradora da nação brasileira, as agremiações literárias cearenses surgidas nas primeiras décadas do regime republicano encamparam os embates institucionais do período através de maneiras distintas.

No último tópico do Capítulo I, *Parnasos, Agremiações e Sociedades de Letras no Ceará: As Ações de um Pensamento Político e Institucional*, a análise recairá sobre a natureza das práticas letradas e discursivas pelas quais se empenharam a Academia Cearense (1894 - 1904, primeira fase), o Centro Literário (1894 - 1904) e a Padaria Espiritual (1892 - 1898) quando deram-se os ensaios pela consolidação do regime republicano no Ceará,

cocomitante à ação das diversas facções partidárias, políticas e oligárquicas que disputaram a sua representatividade na configuração do poder local, visando a administração pública, durante o governo provisório. É válido salientar que na Padaria Espiritual serão identificados significativos diferenciais, temático, lingüístico, discursivo e sobretudo social, diante da historicidade dos intelectuais cearenses e dos grupos políticos da época, distinguindo suas práticas letradas calcadas na experiência cotidiana e origem dos seus sócios.

A gama documental submetida à análise neste tópico inicia-se nos estatutos das respectivas agremiações estudadas, a fim de perceber os direcionamentos plausíveis de cada engajamento, mediante às cláusulas que ensaiaram certa fisiologia burocrática, visando legitimar a ação política destes indivíduos. Dois pequenos jornais, “A Voz do Povo” e “O Norte”, tiveram crucial relevância para identificar os interesses políticos de facções que atuaram na formação da nova ordem nacional durante os governos provisórios locais, bem como os documentos de época transcritos no livro “Dactas & Factos para a História do Ceará: Em Comemoração ao Centenário do Jornalismo Cearense e à participação do Ceará na Confederação do Equador (1824 - 1924)”, do Barão de Studart. Diversos textos estampados nos editoriais e programas dos periódicos “A Quinzena”, “O Pão... da Padaria Espiritual”, “Iracema- Revista do Centro Literário” e “Revista da Academia Cearense”, foram fundamentais para perceber, no geral, o posicionamento das respectivas sociedades literárias frente às disputas políticas da época. O livro de memória “Novos Retratos & Lembranças e os Manuscritos Inéditos”, de Antônio Sales, bem como o “Diccionario Bio-bibliographico Cearense”, do Barão de Studart, serviram para mapear a trajetória dos principais intelectuais por entre os jornais, clubes partidários e sociedades literárias, no sentido de identificar alguma distinção no seu posicionamento político frente às emergências nacionais.

No Capítulo II, **As Repúblicas das Letras Cearenses: A “Velha” Mocidade e a Padaria Espiritual diante das Emergências Nacionais**, o objetivo é diferenciar os anseios políticos mobilizadores das práticas letradas daquelas agremiações literárias que participaram das disputas políticas durante a reconstrução da nova ordem nacional, nos primeiros anos do golpe republicano. Sendo a Padaria Espiritual a congratulação de intelectuais que terá uma especial apreciação no último capítulo deste estudo, é percebido a necessidade de diferenciá-la das suas contemporâneas, mediante a distinção dos referenciais temáticos e discursivos.

Das agremiações literárias da década de 1890, a Academia Cearense foi sem dúvida a que herdou o veio cientificista difundido tanto no jornal “Fraternidade” bem como na revista “A Quinzena”. A organicidade dos textos da “Revista da Academia Cearense”, que abrange diversas áreas do conhecimento (Etnografia, Sociologia, História, Filosofia, Jurisprudência), propôs-se a um fim específico: através do conhecimento científico identificar as leis morais e sociológicas que haveriam de lançar o Brasil nos moldes civilizatórios, a acompanhar o curso do desenvolvimento material, tecnológico e científico das nações européias durante aqueles tempos de transformações políticas e institucionais.

Assim, o primeiro tópico deste capítulo, *Leis Morais e Científicas na Construção da Nova Ordem Social: A Academia Cearense e a Soberania do Conhecimento*, visa identificar quais as matrizes discursivas e as leis morais eleitas pelos sócios da Academia Cearense, bem como as intensidades da esfera política e social que compuseram a narrativa dos seus textos, mediante as viabilidades institucionais que almejaram para a reconstrução do Estado brasileiro segundo parâmetros científicos. Na feitura deste item, basicamente foram analisados artigos historiográficos, etnográficos e sociológicos da “Revista da Academia Cearense”, em que foi possível encontrar os pressupostos morais e políticos que compuseram a sua ação discursiva.

O Alencarianismo Ortodoxo por um Tipo Nacional: A Leitura Político-Moral do Centro Literário é o segundo tópico do mesmo capítulo que estuda o outro veio da revista “A Quinzena”. Na proposta político-ideológica do Centro Literário, foi notória a evidência da literatura como instituição nacional que identificaria os elementos morais constituidores do povo brasileiro, norteando-o a se compor como civilização. Assim, os centristas elegeram para tal empreendimento a obra de um conterrâneo, “Iracema”, de José de Alencar, a fim de destacarem os elementos poéticos e enunciados do romance como perseverança, coragem, espírito civilizador, docilidade etc, tornando-os valores morais a serem religiosamente cultivados para montar uma nova nação.

Desta forma, o presente tópico analisa a tecitura do discurso político-ideológico da revista “Iracema – órgão do Centro Literário”, a identificar os componentes narrativos, rituais simbólicos realizados e os aspectos pelos quais procuravam legitimar sua ação discursiva e práticas letradas em prol da sua leitura de caráter político-moral. Ainda neste tópico, a distinção entre a produção intelectual da Mocidade Cearense (geração que

participou dos movimentos de 1870 e 1880) e dos Novos do Ceará (sujeitos recém ingressos no movimento republicano local e oriundos dos setores médios baixos rurais e urbanos) foi precisa para adentrar no universo das práticas letradas e discursivas da Padaria Espiritual. A documentação utilizada neste tópico foi o periódico do Centro que possibilitou compreender a peculiaridade desta agremiação no sentido de promover a denominada “reconstrução moral da nação” a partir da instituição literária.

Como foi em relação ao Centro, a Padaria Espiritual herdou o veio literário da revista “A Quinzena”. Contudo, distinguiu-se por reconhecer nas “letras e artes” o caráter popular que elas poderiam comportar, a denotarem as verdadeiras instituições nacionais, bem mais que se apropriar de teorias científicas ou a difusão de aspectos morais segundo as ortodoxias positivistas propostas pelas agremiações contemporâneas.

A origem social dos padeiros foi, indubitavelmente, a maior referência para compor a narrativa discursiva de “O Pão”, órgão da Padaria, que elaborou o que haveria de ser os novos modelos institucionais brasileiros para aqueles tempos. Neste sentido, a análise do último tópico deste capítulo, *Letras & Artes para uma República do Povo: A Padaria Espiritual e o Resgate das Instituições Populares*, detém-se a identificar as principais intensidades da experiência social e seus usos político e intelectual presentes em “O Pão”.

Desta feita, a documentação analisada foi o próprio periódico da Padaria Espiritual, possibilitando reconhecer que lhe coube a distinção por elaborar um modelo nacional baseado no cotidiano popular cearense, como bem mostra a sua produção literária e periódica, mais que uma manifestação literária pré-modernista, de índole boêmia e jocosa, como acostumou-se dizer na historiografia literária, e nem ao menos isso reconheceu a historiografia política e social. Os livros de memória “Novos Retratos & Lembranças”, de Antônio Sales, e “A Padaria Espiritual”, de Leonardo Mota, subsidiaram a compreensão da feitura dos pressupostos institucionais elaborados pela agremiação mediante a origem social dos “padeiros” e a sua trajetória política e intelectual.

O terceiro e último capítulo, intitulado **Pão d’ Espírito, Fornadas Políticas e Leituras Sociais**, é dedicado exclusivamente à Padaria Espiritual. Como já pôde ser percebido, diferente das referências e intensidades que alimentaram os anseios da Mocidade Cearense, para a Padaria Espiritual a maior referência dos seus sócios na produção literária foram as manifestações da vida popular. Desta feita, “O Pão” destacou-se dos demais

periódicos literários aqui analisados por comportar simultaneamente em sua potência estética os seguintes aspectos das tensões cotidianas naquela realidade: preservação dos enunciados, conteúdos semânticos e modos de vida popular abalados com o avanço dos agenciamentos de enunciação da cultura burguesa; a inserção de sua máquina literária no circuito de idéias do período, concomitante os processos intitucionalizantes com a consolidação da ordem republicana, e, por fim, a criação de linhas de fuga e de desterritorialização como forma de fugir da captura da vontade operada pela produção simbólica que visava atualizar a ordem capitalista naquela realidade.

À primeira fase de “O Pão” (1892) deve-se os traços que mais caracterizaram a Padaria, sobretudo, no concernente aos aspectos que a distinguiram no âmbito da produção literária da época. A boemia, o sarcasmo, a jocosidade e o humor, como bem coloca a historiografia literária cearense, foram suas principais características estéticas ou posturas. Contudo, no âmbito de suas práticas letradas, é permitido perceber que o órgão do grêmio trouxe posturas que se reportaram às preocupações políticas e intelectuais durante a reconstrução da nova ordem nacional. Na sua atividade estética “O Pão” diversas vezes reportou-se aos traços cotidianos da cultura popular, hábitos, valores e costumes que evidenciaram de fato as instituições do povo brasileiro, ainda que segundo uma temática regional.

Neste sentido é que o tópico *Tipos Populares para as Instituições Nacionais* tenta elucidar a natureza discursiva que marcou esta primeira fase da Padaria, também presente em toda a sua produção periódica; a maneira que as intensidades das experiências cotidianas dos padeiros foram incorporadas em seus textos, a desdobrarem-se em apontamentos que indicaram parâmetros institucionais frente a reorganização política dos segmentos sociais que definiram a nova ordem nacional.

O material analisado neste item começa pelo próprio “O Pão”, o maior registro da agremiação, a fornecer os elementos poéticos, narrativos e discursivos, bem como os impulsos do universo experimental e cotidiano dos sócios da Padaria. Da mesma forma, os livros de memórias “Descrição da Cidade de Fortaleza” (Anto. Bezerra), “Novos Retratos & Lembranças” (Anto. Sales), e “A Padaria Espiritual” (Leonardo Mota) foram mais detalhistas no sentido de pontuar os aspectos sociais da vida na cidade de Fortaleza, durante a virada de século, bem como o dia a dia dos padeiros nas suas atividades literárias. Como literatura de

época o livro “A Normalista”, de Adolfo Caminha, foi também utilizado, no sentido de perceber as reentrâncias entre a estrutura narrativa do romance e as relações políticas do cotidiano da cidade.

Por sua vez, a segunda fase da Padaria (1894 - 1896) é diferenciada da primeira, necessariamente, pelo ingresso de novos elementos no grupo, dentre os quais Rodolfo Teófilo e Antônio Bezerra, antigos redatores de “A Quinzena”.

Pode-se dizer que foi nesta fase que “O Pão” colocou de forma mais sistemática e orgânica alguns enunciados referentes à cultura popular, como um modelo institucional viável para a nação brasileira. Nos textos literários mesclam-se os aspectos de um cotidiano popular e provinciano com os anseios políticos e intelectuais para a reconstrução da ordem nacional.

O tópico *A Segunda Grande Fornada: Publicidade, Novos Integrantes e Velhos Ideais* visa então investigar as discrepâncias e similitudes que caracterizaram os textos do referido periódico, no concernente aos anseios de época, leituras e anseios político-institucionais que se confluíram na cadeia das experiências social e cotidiana dos padeiros. Foi possível na análise perceber as relações de força existentes no cenário intelectual brasileiro, onde a Padaria Espiritual lançou sua máquina literária no debate das emergências nacionais naquele momento de transição.

Como não poderia deixar de ser, “O Pão”, mais uma vez, foi imprescindível para que fosse detectado a organicidade sistemática dos apontamentos iniciais, poéticos e discursivos, característicos da primeira fase do respectivo órgão, que na segunda fase da agremiação lançaram apontamentos para o seu modelo institucional. Os livros de memória de Antônio Sales e de Leonardo Mota, forneceram à análise dados relevantes quanto à trajetória e objetivos políticos presentes em Sales, o padeiro que mais divulgou a Padaria na cultura intelectual da época.

Enfim, o último tópico do respectivo estudo, *Tenebris in Lux: Decadência, Nephelibatismo e Literatura Menor no Território Social Cearense*, empenhou-se por perceber na análise um distinto aspecto daquilo que se entendeu por “fluxo desterritorializado” na obra poética de alguns textos de “O Pão”.

Sobretudo, quando na mesma estrutura do referido periódico localizou-se a proposta para modelos institucionais viáveis à reconstrução da nova ordem política brasileira,

outros textos de estética simbolistas e decadentistas traçaram “linhas de fuga” como forma de inquietação subjetiva, a não se deixarem capturar pelos agenciamentos de enunciação e máquinas discursivas produtoras de desejos que primaram pela consolidação da ordem republicana, bem como pelo o avanço da cultura burguesa naquela realidade. Desta feita, o referido tópico procura mapear este silencioso momento de tensão que houve nos textos de Lopes Filho, Lívio Barreto e Cabral de Alencar quando, no âmbito daquela conjuntura política, quando encontrou-se em vias de consolidação o poder local nas mãos da oligarquia acciolina e, da mesma forma, no âmbito nacional, quando o regime republicano ganhava a passos largos a legitimidade com o acerto entre os grupos oligárquicos na “Política dos Governadores”.

Neste item foram submetidos à análise os textos simbolistas e decadentistas publicados em “O Pão”, contos e poemas, dos três primeiros expoentes da escola finissecular no Ceará. Conforme será observado, tais registros literários revelam estratégias e artifícios poéticos discrepantes em relação aos anseios institucionais do período. Do jornal “A República”, da facção oligárquica Pompeu-Accioly, que consolidou o regime republicano naquele território, extraiu-se os elementos discursivos que se detiveram na cooptação dos indivíduos pelo pacto firmado entre as elites locais. Portanto, dos textos que foram escolhidos para a análise historiográfica, pretende-se perceber a composição da potência estética Decadência e suas estratégias de fuga em relação ao domínio político moderno na esfera subjetiva.

A partir de tal percurso este estudo procurará veredar sua análise no campo da discussão historiográfica, buscando, assim, dar a sua contribuição para o debate acadêmico em torno da cultura e da política brasileiras. E, mais especificamente no caso do espaço social e político cearense, tais apontamentos e problemáticas detiveram-se no sentido de levar ao debate historiográfico as variadas formas de inserção do discurso intelectual na sociedade, na compreensão dos processos e transformações dados no campo institucional brasileiro daqueles tempos. Sobretudo, pretendeu-se mostrar que é no campo subjetivo que as relações de poder são agenciadas, a se atualizarem nas relações cotidianas, e que instrumentos de produção simbólica como as práticas letradas podem utilizar-se de meios como as narrativas discursivas a favorecer os interesses individuais ou facciosos, a produzirem desejos que podem legitimar instituições.

Em suma, boa parte do conteúdo deste trabalho deveu-se às intensidades experimentadas nas paragens da literatura maldita no Ceará, nos ciclos da boemia literária da capital, saraus, encontros e desencontros, momentos de cólera n'alcova ou à noite, à beira-mar, ouvindo os cantos de Eternidade das vagas, enamorando o céu azul nefelibata de Fortaleza, o luar majestoso e as delícias proibidas do absinto, amando as musas decadistas nos paraísos perdidos... Enfim, tudo isso graças às horas intempestivas de universos vividos no seio do grupo Lato Sensu, no calor fraterno do Movimento Phuleirista d'Alhures e, sobretudo, nas vaporosas cerimônias literárias da Sociedade de Belas Letras & Artes Academia da Incerteza.

* * *

CAPÍTULO

I

Práticas Letradas, Imprensa e Política no Espaço Social Cearense

“É um facto indiscutível o incremento que a literatura brasileira tem tido nestes últimos annos, e uma das mais apreciáveis características deste desenvolvimento é a ‘entente cordiale’ que se vai estabelecendo entre os homens de letras, a reciprocidade de sympathias que vai fortalecendo o espirito de classe e lançando as bases de um commercio de ideas, que nunca existiu...” (Antônio Salles, 1897).

I. 1. Tradicionalismo e Vanguarda nas Imprensas Política e Literária Cearenses

Ao longo da história, a trama das temporalidades vem conectando as experiências humanas e transformando a realidade material dos homens, graças à ação dos desejos¹. Tais intensidades subjetivas, ainda recebidas com certo receio pela maioria dos trabalhos historiográficos, exercem poder sobre as realizações do homem, transformam o cotidiano dos indivíduos a configurar o universo de relações sociais, políticas, econômicas e institucionais, que são produtos atualizados das suas trocas simbólicas². Tudo, enfim, para materializar os impulsos da existência; pois, preservá-la é a missão maior de todo e qualquer indivíduo. Legitimá-la, torná-la ressonante, pública e material, configura-se na afirmação da vida. Contudo, no exercício comum desta prática entre os humanos, sugem tensões produzidas por ocasião das inimagináveis e múltiplas formas de manifestar a vida, pelos inúmeros tipos de desejos, coletivos ou individuais, que reclamam interesses, ambições, vontades, distintas ou comuns, na realização de empreendimentos e objetivos. A estas potências devem-se atribuir a

¹ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Kafka. Por uma Literatura Menor*. – Rio de Janeiro: Imago Editora; 1977. P. 07 – 14.

² BOURDIEU, Pièrre. *Meditations Pascaliennes*. – Paris: Seuil; 1997 (Collection Liber). P. 98 – 100 e *O Poder Simbólico*: Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: 1998.

complexidade das relações de poder nas esferas social e política; e a este movimento de tensão que atualiza as mais variadas intensidades humanas, deve-se o curso da História.

Preservar as antigas estruturas de poder sempre caracterizou o objetivo maior dos grupos dominantes no Brasil. Em diversos momentos da nossa vida social e política, os segmentos que compõem a esfera dominante brasileira ganharam legitimidade histórica e institucional ao longo das transformações no tempo. Um elenco interminável de movimentos, tensões, confrontos armados e revoltas internas, da colonização aos dias hodiernos, ilustraram perfeitamente que as elites brasileiras saem sempre à frente na definição da configuração nacional, ainda que fosse notória a inquietação por parte da grande maioria que compõe os setores menos privilegiados da população. Em boa medida, a força que neutraliza a atualização das intensidades potencializadas nos setores populares, deveu-se ao sucesso das formas diferenciadas de preservação das estruturas tradicionais de poder, no seu exercício violento de captura e submissão dos demais segmentos sociais.

A história mostra os níveis de experiência do passado que ajudaram a configurar a atual estrutura de poder no Brasil. Os princípios da autoridade e da obediência, da ordem e do mando, desde a colonização, foram os componentes principais para alimentar o “espírito de facção” agenciador das instituições e dos governos, “amparados pelo costume e pela opinião” - bases axiológicas que consolidaram a mentalidade do poder patrimonial na cultura política brasileira³. É tão demasiadamente característico e peculiar a manutenção desta esfera de valor nas relações sociais e trocas simbólicas que, até mesmo nos momentos de crise política e institucional ao longo da história, os grupos dominantes – proprietários de terras, chefes políticos tradicionais, comerciantes, intelectuais - ainda com seus interesses em confronto, conseguiram preservar o seu exercício de poder sempre com a mesma estratégia: a política da conciliação⁴. Tal aspecto, é louvado por designar precisamente que a potência de plasticidade da cultura tupiniquim por adaptar, em determinado aspecto, os tipos étnicos que compõem o povo brasileiro, é a mesma que consegue fundir concepções discrepantes como o Liberalismo e o Tradicionalismo na mesma esfera política⁵. E, tanto pelos moldes

³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. - São Paulo: Cia das Latras; 1995 (26ª ed.). P. 79 – 86.

⁴ MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa Montenegro. *O Trono e o Altar: As Vicissitudes do Tradicionalismo no Ceará (1817 - 1978)*. – Fortaleza: BNB; 1992. P. 45 e 76.

⁵ Nas primeiras partes do seu precioso estudo que alude aos movimentos políticos emancipatórios em que o Ceará participou frente à política nacional, é pertinente a consideração que J. Alfredo Montenegro faz sobre a esfera axiológica que comporta num mesmo plano a acomodação das idéias liberais em um terreno político

tradicionalistas quanto pelos anseios liberais de outrora⁶, o que ainda perdura nas duas maiores instituições brasileiras, é uma realidade política e social conservadora que favoreceu a idéia de uma máquina de Estado gerenciada por interesses particulares e vitalícios, e a imagem de uma Nação formada por cidadãos espoliados, miseráveis e extorquidos.

Entender um pouco deste agenciamento que vem configurando as instituições, originalmente da formação e do desenvolvimento da estrutura sócio-política brasileira, em vias gerais, é um dos objetivos a que se propôs o respectivo estudo. A compreender as forças históricas, as intensidades da esfera social, que atualizaram relações de poder na construção das instituições nacionais com a legitimação do regime republicano, as práticas políticas no Ceará de meados do século XIX propiciam um campo fértil de análise para pontuar alguns mecanismos de articulação do poder dominante naquele espaço. Sobretudo, para distinguir as formas de coação e captura dos indivíduos daquela realidade a partir da opinião, um segmento dos grupos tradicionais, que se referendavam em parâmetros sócio-culturais eurocêtricos como a ilustração e a cultura das belas letras, adentrou no campo dos embates colocados para viabilizar a regeneração da ordem, em um momento de instabilidade social e política ocasionada, no âmbito nacional, pela abolição dos escravos e a queda do Segundo Império e, no caso particular daquela realidade, pelo jogo de interesses dos diversos setores da sociedade cearense daquele período.

Entretanto, da mesma forma em que este segmento abastardo encampou as lutas políticas e institucionais, um outro advindo dos setores menos privilegiados da sociedade, amparado pelo mesmo instrumental de práticas letradas, adentrou no campo de tensões colocado, a fim de angariar papéis representativos para o seu grupo social.

marcado por práticas tradicionalistas de exercício do poder: “(...) a ideologia tradicionalista recebe vestes várias na medida em que é retrabalhada em função desta ou daquela circunstância. O discurso a que se amolda conserva algumas matrizes originárias, acrescentando outras, ou, sem, efetuar propriamente tais acréscimos, dinamiza com vigor as mesmas matrizes, articulando de qualquer modo uma estrutura semântica que tem muito do universo regional das especificidades que oferece, atenuando o rigor retórico, deixando de lado recursos estilísticos clássicos ou barrocos [referenciando-se aos discursos de época], levando-o mais ao nível de percepção dos destinatários da mensagem. Da mesma plasticidade compartilha o Liberalismo, pela filiação comum ao Racionalismo, ao imanentismo normativista que desenvolve, trancando o acesso verticalizante à realidade subjacente. (...). O caráter de ideologia já traz embutida a intencionalidade (...) na hipótese aqui ocorrente, em que tanto o Tradicionalismo como o Liberalismo vêm preconstituídos, com toda a problemática que isso acarreta, ensejando um processo secundário de redimensionamento, uma vez que não pode eximir-se da função precípua de responder às questões levantadas por outras circunstâncias ”. Idem. P. 43 e 44.

⁶ SILVA DIAS, Mia. Odila Leite da. “Ideologia Liberal e a Construção do Estado no Brasil” IN: *Anais do Museu Paulista*. T. XXX. – São Paulo; 1980/ 1981. P. 211 – 225.

Mencionou-se, na verdade, os dois segmentos letrados que atuaram na esfera pública do Ceará no século XIX: primeiramente, a Mocidade Cearense e, em segundo, os Novos do Ceará. Ambas gerações participaram das campanhas em prol da regeneração política e institucional no espaço cearense durante a mudança dos regimes monárquico para o republicano, sobretudo, no período entre os anos de 1873 e 1904. Estes grupos propuseram em suas máquinas discursivas, através da atividade de imprensa, apontamentos para modelos institucionais elaborados a partir das suas referências intelectuais, trajetórias políticas, leituras, experiências sociais, cotidianas e suas matérias subjetivas. Em comum, o maior destaque que tiveram deu-se no âmbito de suas práticas letradas, em que se sobressaiu o caráter gregário de formarem agremiações, clubes e sociedades literárias, dentre outras ações e posturas, como forma de consolidar forças e materializar seus objetivos de grupo, em busca de legitimar o seu exercício político naquele território social.

A manter suas especificidades, em tais congregações, detentoras de uma atividade estética⁷, seus sócios encontraram-se na missão de agir sobre as transformações ocorridas no território social de Fortaleza, trabalhando os enunciados coletivos daquele espaço de acordo com o papel dos intelectuais em uma *cidade das letras*⁸. Assim, deve ser elencado o anseio por legitimar uma esfera de poder dominante, em certa medida discrepante daquela realidade social (cultura de corte e das belas letras, teorias e esfera axiológica eurocêntricas), sendo a forma de tornar proficuamente moderno a tradicional estrutura de poder vigente, a partir de um sofisticado instrumental de práticas políticas do mundo moderno – a cultura letrada. O abalo das instituições imperiais e a emergência para a reconstrução da ordem social e política durante a primeira década do regime republicano, aliados à possibilidade do uso das

⁷ BARKHTIN, Mikhail. *Questões de Estética e de Literatura. A teoria do Romance*. – São Paulo: UNESP/HUCITEC; 1998 (4ª ed.). P. 16 – 20.

⁸ Como a cidade moderna havia se tornado um território onde a comunicação e os símbolos da cultura humana passaram a ter maior velocidade na sua transmissão, sobretudo com o desenvolvimento da imprensa, os segmentos letrados passaram a exercer maior influência sobre os demais setores da sociedade; senão pela sua função na burocracia e nas instituições dos Estados, foi por conta do seu desempenho em produzir máquinas desejanter, propensas a criar sentimentos identitários, ideários nacionais, a agir sobre um espaço social segundo uma idéia de sacerdócio na *pólis*: “As cidades desenvolvem suntuosamente uma linguagem mediante duas redes diferentes e superpostas: a física, que o visitante comum percorre até perder-se na sua multiplicidade e fragmentação, e a simbólica, que a ordena e interpreta, ainda que somente para aqueles espíritos afins, capazes de ler como significações o que não são nada mais que significantes sensíveis para os demais, e graças a essa leitura, reconstruir a ordem. Há um labirinto das ruas que só a inteligência raciocinante pode decifrar, encontrando sua ordem. Esta é a obra da cidade letrada. Só ela é capaz de conceber, como pura especulação, a cidade ideal, projetá-la antes de sua existência, conservá-la além de sua execução material, fazê-la sobreviver inclusive em luta com as modificações sensíveis que introduz incessantemente o homem comum”. RAMA, Angel. *A Cidade das Letras*. – São Paulo: Brasiliense; 1985.

leituras científicas, evolucionistas e positivistas sobre aquela realidade social, teriam impulsionado a atividade dos letrados cearenses naquele período. Neste sentido, por serem consideradas as forças históricas externas que atuaram naquela realidade (sobretudo em relação ao avanço do pensamento europeu), de nada servirá esta análise se não forem evidenciados os fatores de ordem interna que possibilitaram a inserção intelectual das sociedades literárias cearenses tanto na esfera política local, como nos embates nacionais.

Conforme será identificado, em boa medida, dando-se o grau de ineditismo do presente trabalho, as esferas de atuação destas sociedades de letras consistiram nas atividades sistemáticas aplicadas à literatura e à imprensa na esfera política em que as agremiações apontaram direcionamentos para modelos institucionais propostos, conforme a peculiaridade de cada uma em relação ao conjunto de suas práticas letradas. Com o mapeamento da estrutura social e política, bem como da esfera axiológica das práticas políticas, trocas simbólicas e os meios de reprodução cultural que possibilitaram a inserção dos indivíduos letrados que serão elencados, a seguir, nos seus espaços de ação.

Dentre outras formas de exercício do poder como, por exemplo, as relações de compadrio e apadrinhamento⁹, ao longo da formação e do desenvolvimento da sociedade cearense, a violência física foi a mais habitual tática de domínio e legitimação do poder tradicional, a ação política mais exercida pelos chefes oligarcas locais e senhores de terra¹⁰.

⁹ SAMARA, Enir Mesquita. “Patriarcalismo e Poder na Sociedade Brasileira (Séc. XVI a XIX)”. São Paulo: IN: Revista Brasileira de História. V. 11. Nº 22. P. 07 – 36 e PINHEIRO, Francisco José. *Ceará: Relações de Trabalho na Pecuária (1680 - 1790)*. – Fortaleza: MIMEO; 1993.

¹⁰ Segundo Edgard Carone no seu trabalho de fôlego sobre a República Velha, “*Oligarquia significa predomínio de grupos dominantes*” CARONE, Edgard. *A República Velha (Evolução Política)*. - São Paulo: Difusão Européia do Livro; 1971. P. XI, V. II. Da mesma forma, pontuar alguns momentos da história política do Ceará em que as tradicionais famílias oligárquicas digladiaram-se pelo domínio da máquina pública em favor dos seus interesses de facção, não é tarefa difícil para os historiadores. Como pode ser constatado tanto nas violentas brigas internas entre os chefes políticos locais quanto nos movimentos emancipatórios, os conflitos políticos que se deram ao longo da formação da sociedade cearense ganharam conotação personalista. Ou seja, diante dos momentos de transição e conjunturas - desde os alaridos na emancipação da colônia e nas insurreições durante formação do Estado brasileiro no Primeiro Reinado (1817), no período regencial (1832), na legitimação do Segundo Império (nas tensões políticas cotidianas) ao golpe republicano (sobretudo durante os governos provisórios, em 1891) o favoritismo com a máquina pública em benefício das poderosas famílias levou as facções oligárquicas locais às práticas mais sangrentas, estendendo a sua violenta influência nas demais esferas sociais, angariando apoio político para suas empreitadas, como pode ser constatado, quanto as origens, nos relatos de época dos viajantes estrangeiros (KOSTER. Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. – São Paulo: Editora Nacional; 1942, Coleção Brasileira); nos estudos mais recentes sobre os movimentos emancipatórios de 1817 e 1824 (MONTENEGRO, João Alfredo. Op. Cit. e NOBRE, Geraldo. *Introdução à História do Jornalismo Cearense*. – Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense; 1974 e “A Revolução de 1817”. IN: SOUSA, Simone de. *História do Ceará*. – Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha; 1994. P. 131 – 143, ARAÚJO, Mia. Do Carmo Ribeiro. “A Participação do Ceará na Confederação do Equador” IN: SOUSA. Op. Cit. P. 145 - 154); na revolução regressista de 1832, contra a facção oligárquica

Práticas de terror como, por exemplo, o banditismo, foram legítimos instrumentos da ação política dos chefes e dos coronéis do sertão cearense, mantendo o seu poderio sobre a população. Esses mecanismos, dentre outros como a calúnia, difamação, exonerações dos cargos públicos, saques, empastelamento de jornais, eram antagonicamente utilizados para legitimarem o poder de certas facções na máquina governamental. Ou seja, era promovendo tensões sociais, coerção, violência física e ameaça corporal, que na montagem da política imperial as famílias Alencar, Sousa e Madeira, Feitosa, Bezerra, Fernandes Vieira, Paula Pessoa, Rodrigues, dentre outras, procuravam legitimar o seu domínio na máquina administrativa, acusando a facção adversária que estava no governo de incapacidade para controlar os conflitos cotidianos e restabelecer a ordem local¹¹.

Sob o ódio que alimentou o espírito de facção nas famílias cearenses em suas disputas históricas, as lendas partidárias ou objetivos político-ideológicos esmaeceram frente à sede pelo poder apregoava, visando a posse do governo local¹². Distintamente, percebe-se que, paralelo ao processo político brasileiro, as oligarquias cearenses em

liberal do município do Crato liderada pela família Alencar, levanta-se a oligarquia do município de Jardim sob o comando do comandante de armas Pinto Madeira na disputa pelo controle político da região do Cariri (MONTENEGRO, J. Alfredo. Op. Cit. e “A Revolução de 1832” IN: SOUSA, Simone de. Op. Cit. P. 155 - 164); nas querelas familiares que tomaram conotação partidária durante o Segundo Reinado (MONTENEGRO, Abelardo F. *Os Partidos Políticos do Ceará*. – Fortaleza: Edições UFC; 1980) e após o golpe republicano em que os chefes oligarcas locais submetem-se à autoridade e à articulação política feita pelo “raposa velha” Dr. Nogueira Pinto Accioly, chefe da maior oligarquia no Ceará até então conhecida, a legitimar o golpe de 1889 e consolidar plenos poderes da sua facção (MONTENEGRO, Abelardo. Op. Cit. e ANDRADE, João Mendes. “A Oligarquia Acciolina e a Política dos Governadores”. SOUSA. Op. Cit. P. 213 – 234.). Além destes estudos, inúmeros arquivos da *Revista do Instituto do Ceará* trazem maiores detalhes dos movimentos políticos liderados pelas famílias tradicionais que buscavam a consolidação do poder local.

¹¹ Os bandos armados a serviço dos coronéis e chefes políticos locais com o intuito de promoverem a desordem social, muitas vezes eram presos permanente ou temporariamente pelos seus patrões que queriam provar, através da opinião pública, a sua capacidade para manter a ordem local. Conforme nos aponta J. Alfredo Montenegro, o banditismo tratava-se tão somente de uma extensão do patriarcalismo e da cultura do privatismo que predominou nos grupos oligarcas em relação à máquina governamental: “*Tal a extensão do patriarcalismo, instrumento atroz de geração de antagonismo entre o poder público que forcejava por impor e a ordem privada, cultivando a prepotência, a opressão, e os abusos dos potentados, proprietários poderosos cujos séquitos contribuía por demais para a desestabilização da paz coletiva, infestando os sertões, as vilas de crimes de toda espécie, desde homicídios até afrontas, desrespeito e destituições de agentes da administração (...)*”. MONTENEGRO, João Alfredo. Op. Cit. P. 34.

¹² Neste relatório do presidente da província em 1888, o texto mostra, em destaque, o quanto a violência dos partidos políticos colocavam em risco a segurança pública: “*Em honra do espírito de ordem que predomina na população desta extensa província, e que ainda mais torna-se notável pela vivacidade com que se interessa nas questões de assumpto commum, especialmente nas que se aggitam em rasão dos partidos políticos, tenho a maior satisfação de afirmar a V. Exc. Que, jamais tive necessidade em tempo algum da minha administração de adoptar medidas repressivas contra qualquer pronunciamento attentatorio da segurança e tranquillidade publica*”. **Relatório do Presidente da Província do Ceará, Dr. Enéas de Araújo Torreão, ao passar a administração local ao Dr. Caio da Silva Prado em 21 de abril de 1888**. Material gentilmente cedido pela bolsista do PET de História da UFC, coletado do Arquivo Público do Ceará.

confrontos uniram-se a um ou a outro grupo dominante da esfera nacional como forma de angariar o prestígio político local. Neste sentido, o que caracterizou a ação política das facções tradicionalistas do Ceará em sua evolução política neste espaço social foram os valores personalistas e a “política do bacamarte”, profícuos agentes na manutenção dos grupos dominantes naquela estrutura de poder. O fracasso, no Ceará, quando deu-se a política de conciliação entre as elites regionais promovida pelo Marquês de Paraná, por exemplo, mostrou que o revezamento dos ministérios entre os partidos que direcionavam a política imperial não deu conta de resolver as tensões e os interesses de grupo daquela realidade local¹³.

Entretanto, quando tornou-se parcialmente legítimo, por âmbitos formais e meios lícitos, o revezamento do poder pela maior ou menor influência dos partidos imperiais segundo os pleitos eleitorais, as ações informais, violentas e ilícitas, reverberam com maior intensidade na ação do poder familiar sobre a posse da administração pública. Necessariamente, ao que pode ser vislumbrado no primeiro tópico deste estudo, as quatro maiores facções que disputaram o governo no Ceará apelaram para todos os meios de violência, física e simbólica, no intuito de favorecer e materializar seus interesses com o uso da máquina governamental.

As violências e as fraudes empregadas pelos amigos dos Srs. Rodrigues Júnior [líder de uma facção do Partido Liberal no Ceará, diretor do órgão ‘Cearense’ da mesma facção] e [Barão de] Aquiraz [líder de uma facção do Partido Conservador na província, dono do jornal ‘Pedro II’] na eleição ultima, estão por elles mesmos explicadas. (...)

O crime do Coité [localidade e zona eleitoral] e, com elle, as fraudes e violências praticadas em outros pontos e as que ainda o serão até ficar constituída a assembléia, são, portanto, uma vingança, uma desforra de crimes iguaes que o ‘Cearense’ attribuiu aos seus adversários¹⁴.

¹³ MONTENEGRO, Abelardo F. Op. Cit. P. 26.

¹⁴ *Gazeta do Norte – Órgão Liberal*. – Anno VIII, Nº 06. Fortaleza, 09. 01. 1888 (os jornais analisados neste tópico foram identificados no Setor de Microfilmes da Biblioteca Pública do Ceará Menezes Pimentel, Fortaleza/ Ce). São estes os detalhes finais do episódio narrado: “A desordem foi consummada depois de concluída a eleição: já a mesa tinha o voto do Padre M. Cordeiro, contra o qual os nossos adversarios reclamavam, já por estes havia sido formulado o seu protesto, já a eleição havia seguido todos os seus tramites; quando os caudilhos da liga pretenderam impedir que a acta fosse redigida , consoante á lei e aos factos occorridos; e como o não conseguissem, irritados e furiosos, dilaceráram-na e fizeram o conflictio. Este é o facto; e para a verificação delle abra-se, como disse o ‘Cearense’ um inquerito, mas dirigido por auctoridades insuspeitas e imparciaes: não receiamos o resultado.”.

Os pleitos eleitorais tornaram-se a forma legítima do predomínio dos grupos oligárquicos na presidência da província. Ao que atesta os primórdios da capenga e débil democracia brasileira, a composição das assembléias provinciais por uma maioria de indivíduos comprometidos com os interesses dos chefes locais, possibilitou o domínio dos recursos públicos em favor dos correligionários de determinada facção. Assim, a concessão de cargos, controle da polícia e dos órgãos administrativos propiciariam a manutenção do poder e, por conseguinte, o controle da máquina eleitoral em troca de favores comuns ou pessoais. Esses motivos, de modo geral, justificaram as práticas políticas em voga pelos grupos dominantes no Ceará daquela época. Da mesma forma, cisão e coligações entre famílias, sob as vestes das dissidências ou dos acordos partidários, bem como a aliança com os partidos menores conforme ainda será mencionada, fortalecem a afirmação de que o poder tradicionalista, mesmo que fragmentado por trincheiras facciosas, impunha a ferro e fogo as decisões coletivas para o processo social e político colocado em questão, com a exclusão dos demais setores. Neste caso, à maior parte da população, caberia o conformismo, a obediência e a submissão da vontade aos interesses dominantes, senão para obter proteção moral e material, era também para preservar a própria existência.

Por volta da década de 1880, as famílias Vieira, Freire, Paula Rodrigues e Pompeu lideraram as disputas políticas e, assim, mantiveram ileso a estrutura dominante na província cearense. Cada uma liderou uma facção oligárquica que não poupava esforços para materializar seus interesses. Chegavam até mesmo a superar seu tradicional personalismo, as querelas e intrigas pessoais de uma em relação as outras, quando o que estava em jogo era o domínio da máquina administrativa¹⁵.

Portanto, era da seguinte forma que as respectivas famílias organizavam-se segundo o modelo partidário vigente no Segundo Império. No Partido Conservador, a facção mais antiga era liderada pelo Dr. Gonçalo Batista Vieira, o Barão de Aquiráz, herdeiro político

¹⁵ Conforme registrou o filho do antigo chefe liberal Senador Pompeu, num momento em que até a própria campanha abolicionista no Ceará teria acompanhado as disputas partidária do período, “*A esse tempo, as aproximações dos grupos adversos pela necessidade de luta pela vida; não no pensamento de abdicarem os seus princípios e se recolherem à sombra da bandeira contrária, mas se secundarem pelo voto e formarem colligações eleitoraes, na ocasião dos pleitos representativos. Os Paulas [liberais do jornal ‘Cearense’] ligaram-se aos conservadores do ‘Pedro II’, os Pompeus [liberais do jornal ‘Gazeta do Norte’] aos da ‘Constituição’ [da família Freire, da ala do partido conservador liderada pelo Barão de Ibiapaba]. Foi no convívio dessa união (...) que a ‘Constituição’ e a ‘Gazeta do Norte’ fraternizaram para o fim commum da emancipação dos escravos*”. BRASIL FILHO, Tomás Pompeu de Sousa. *In Memmoriám. Discurso sobre (...) Justiniano de Serpa*. – Fortaleza: Off graph/ Diário do Ceará; 1924. P. 07 e 08.

do antigo líder dos “caranguejos” (como chamavam os conservadores) Miguel Fernandes Vieira, do antigo jornal “Dezeseis de Dezembro” (1837) que após o empossamento do segundo imperador passou a se chamar “Pedro II” (1840). A dissidência deste partido originou o jornal “Constituição” (1863), o órgão do “partido conservador adiantado”, conforme traduziu o Barão de Studart no seu “Catálogo dos jornaes de grande e pequeno formato publicados em Ceará” (“Revista da Academia Cearense de Letras”, 1896, p. 282), liderado pelo opulento comerciante Joaquim da Cunha Freire, o Barão de Ibiapaba. Já no partido liberal, a família Paula Pessoa liderou-o, primeiramente, formando o jornal “Cearense” (1846), que, dentre outros, tinha como redator o Senador Tomáz Pompeu. Com a morte deste último (1877), a ascensão meritória na política local do seu genro Dr. Nogueira Accioly e o apoio familiar dado a este pelo seu filho Dr. Tomáz Pompeu de Sousa Brasil Filho, formou-se uma dissidência provocada pelas “ambições de um grupo que tentavam quebrar a harmonia do partido liberal cearense, usando para isso circulares insinuações na imprensa e na tribuna da Câmara dos Deputados”¹⁶. Com este episódio, fundava-se, em 1880, o “Gazeta do Norte”, órgão liberal da facção Pompeu Accioly. Até a legitimação do golpe republicano, bem como na consolidação do pacto oligárquico local em meados de 1894, as referidas famílias viveram sob a poeira das disputas políticas na ânsia pelo controle do poder local.

Caso não fosse a cultura personalista e o espírito de facção que tão pontualmente denotaram alguns dos aspectos peculiares daquela realidade, ou ainda tivessem os princípios político-retóricos europeus resistido àquela esfera axiológica e estrutura social¹⁷, poderia até se fazer um perfil ideológico-político dos partidos e facções mencionadas linhas acima. Primeiramente, os partidos mais antigos da província, ao jornal “Pedro II”, de acordo com o seu conteúdo semântico, sendo órgão publicitário e herdeiro do antigo “Dezeseis de

¹⁶ MONTENEGRO, Abelardo. Op. Cit. P. 42.

¹⁷ A incompatibilidade dos ideais da democracia burguesa e dos modelos político-filosóficos exteriores à realidade brasileira foi pontualmente colocada por Sérgio Buarque e José Murilo de Carvalho. No primeiro, os fundamentos personalistas e aristocráticos que moldaram os valores de nossa cultura patriarcal, não deixaram-se neutralizar pelo avanço das idéias da liberal democracia, tendo estas que se adequar às peculiaridades da nossa formação nacional, bem como na construção das nossas instituições durante as duas empreitadas maiores da história política brasileira: a constituição do Estado brasileiro no Segundo Império e na Primeira República (HOLANDA. Op. Cit. P. 182). E, no segundo, esta mania por tentar adequar à realidade nacional modelos externos, sobretudo europeus, e, juntamente com a necessidade de construir um princípio de cidadania, um auto governo, consistiram em difíceis tarefas para “construir quase do nada uma organização que costurasse politicamente o imenso arquipélago social e econômico em que consistia a ex-colônia portuguesa”. CARVALHO, José Murilo de. *Teatro de Sombras: A Política Imperial*. – São Paulo: Vértice: Rio de Janeiro: IUPERJ; 1988. P. 107.

Dezembro” (da primeira versão oficial do partido conservador na província), caberia o papel de defender as instituições nacionais mantidas pela tradição, bem como o apoio ao Imperador segundo o centralismo político. Aos liberais cearenses, sob controle da tímida facção que apoiou o empossamento do segundo imperador¹⁸, caberia garantir as liberdades individuais, lutar pela autonomia e zelar para o bom funcionamento do pacto provincial. Em segundo, aos dissidentes conservadores do jornal “A Constituição”, a ressonância nominal do próprio órgão alimentaria a idéia de uma possível monarquia constitucional, defendida segundo os princípios do constitucionalismo fincado no Liberalismo Clássico. Por fim, quanto o “Gazeta do Norte”, como órgão de uma dissidência do partido liberal, poder-se-ia até pensar na possibilidade da profusão de um ideal federalista democrático, e até mesmo de uma esperada campanha republicana, representada por uma facção mais progressista, conforme daria a se entender. Contudo, os interesses personalistas que prevaleceram acabaram por desmistificar qualquer artifício retórico e discursivo; pois, qualquer ação política era direcionada de acordo com os objetivos a serem alcançados.

Conforme mencionou-se em linhas supracitadas, estes grupos tiveram até mesmo de superar seus traços personalistas e tirânicos para congratularem-se em torno de um único objetivo: o governo provincial, a máquina administrativa. Tendo em vista as disputas eleitorais de dezembro de 1887 para a formação das assembléias provinciais no ano seguinte, deu-se a união das famílias Pompeu e Freire, de um lado, e Paula e Vieira, de um outro; ou seja, liberais e conservadores dissidentes uniram-se, formando um grupo ascendente que representava novos interesses na esfera dominante, tendo como adversária a coligação entre liberais e conservadores das famílias mais antigas, representantes dos interesses tradicionais que compunham a sociedade cearense, favoráveis ao jogo parlamentar da política imperial. Como é possível de se notar, concomitante a união das facções, os jornais que as

¹⁸ Por quase duas décadas, pelo que se atesta, entre 1817 até 1837, o grande chefe liberal era o Senador José Martiniano de Alencar e, conseqüentemente, ele e sua família concentravam as decisões políticas e administrativas na província. Em virtude da perda do seu prestígio na política central e a sua saída da presidência com a queda do regente Diogo Feijó no governo central, a oposição à esta facção é fortalecida e funda-se o partido conservador no Ceará, sob o comando da família Fernandes Vieira, do *Pedro II*. Durante o empossamento do Imperador, o partido liberal cearense, liderado pela família Paula Pessoa e pelo futuro senador Tomás Pompeu, ficou coagido pela truculência conservadora (em uma possível vingança à época vivida durante a administração do Senador Alencar), e em 1846, após a sucessão ministerial, lançaram o jornal *O Cearense*. Ver: NOBRE. Op. CIT. P. 82; ARAÚJO, Mía. Do Carmo. Op. Cit. P. 118 e MONTENEGRO, Abelardo. Op. Cit. P. 20 e 21.

representavam também uniram-se na mesma causa, juntamente com suas violentas práticas políticas.

Afinal a Gazeta do Norte e a Constituição, aquella no dia 3 e esta no dia 4 do corrente [quando fez-se a eleição no dia 29 de dezembro de 1887] dignaram-se a dar aos seus leitores e ao publico, os quadros da votação discriminada dos collegios do 2º districto, que dispoem quasi todo elle de telegraphos. Foi uma combinação mais que imediata foi um parto difficil e laborioso. Mas afinal veio a luz o monstruoso feto, depois de tramado o plano de validar a eleição de Coité; nullificar a de Pentecostes: suspeitar a de Pendencia; além da alteração para mais, ou para menos, em alguns collegios, do numero de votos attribuidos a alguns candidatos contendores¹⁹.

Calúnia e alteração dos dados eleitorais, dentre outras práticas, eram costumeiras a qualquer um dos quatro grupos. Afinal, fica até difícil, na análise do discurso, saber quem fala ou não a verdade, o que pouco deve interessar. Neste sentido, só não dá para saber quem foi sacrificado ou beneficiado no acontecimento dos fatos, pois, para a infelicidade dos historiadores da política cearense, além da maioria da população ser impossibilitada de registrar o que teria acontecido durante as eleições provinciais de 1887, os jornais sempre discursavam em interesse próprio. Contudo, sem importância para saber quem foi ou não honesto, é notório que a preocupação com os leitores, ou melhor, com a opinião pública, sobressaiu-se diante os seus interesses em vias de materializar-se.

Ora, tornam-se, portanto, evidentes duas questões significativas para a compreensão das disputas políticas no espaço social estudado. Primeiramente, estando os interesses de facções unidos pelas duas únicas legendas partidárias do período, a disputa nos pleitos eleitorais era facilitada por duas vias de acesso ao poder. Seja os liberais ou conservadores de um grupo mais votados que o outro, a facção que estava coligada seria beneficiada pelos seus aliados em detrimento público, político e moral, dos seus adversários, tornando viável a materialização dos objetivos dos vencedores na partilha dos cargos administrativos. E, em segundo, cabia por conseguinte agir sobre a opinião pública, dominar a vontade dos indivíduos, a legitimar definitivamente os vencedores na gerência oficial do poder local, na frente das decisões coletivas. Logo, a ação dos jornais partidários foi fulminante para

¹⁹ “Eleição do 2º Districto”. *O Cearense – Órgão Liberal*. – Anno: XLIII; N° 04. Fortaleza, 05. 01. 1888, p. 01.

empreender tal objetivo, desvestindo-se de qualquer artefato ou princípio moral e ético para abocanhar o poder pelas vias legítimas²⁰. Durante o governo do presidente Caio Prado, por exemplo, que era apoiado pelo Barão de Ibiapaba e pela família Pompeu, os jornais “Pedro II” e “Cearense” não pouparam esforços para depreciar a sua imagem de homem público e político perante à população.

De dia á dia novos acontecimentos vêm corroborar a nossa opinião, muitas vezes manifestada n'estas columnas, de que a administração do Sr. Caio tem sido a mais inepta, immoral, e reaccionaria que registra a história política d'esta provincia. Ao que parece temos na cadeira presidencial uma verdadeira hydra de Lerne, cujas cabeças renascem ao depois de cortadas, possa prosseguir na sua obra de envenenamento e destruição do nosso organismo moral, político e social.

(...)

Dir-se-ia que estava occupando a presidencia, o typo mais acabado da loucura: taes foram os actos absurdos e iniquos que praticou o administrador. O machado da reacção trabalhou até nos próprios domingos e dias santificados, e aos seus golpes cahirem até 31 de dezembro último, e pelo simples facto de serem nossos amigos, 256 empregados públicos²¹.

²⁰ As calúnias e difamações sofridas por adversários políticos consistia na prática mais comum do jornalismo partidário cearense, em que o perjúrio tornou-se um freqüente instrumento de ação sobre o público leitor em vias de formar a opinião. “Uma Explicação – por acaso, lendo o Pedro II do mez passado, deparei no artigo da redacção, o meu nome, servindo de joguete aos frustrados desejos daquele autor, em uma infeliz analyse que fez os actos do illustrado Administrador da provincia, Exm. Sr. Dr. Caio Prado. Achado-se este altamente collocado, a ponto de não attingir-lhe os insultos ou antes a imprópria linguagem de quem se diz civilisado; em attenção aos meus amigos, especialmente ao partido conservador do qual faço parte, vendo dar uma ligeira resposta ás expressões que a meu respeito publicou aquella folhinha. (...) Por compreender assim, dou a presente explicação fazendo sentir – que conservador como sempre fui, apenas desliguei-me de um grupo para unir-me dedicadamente a um outro maior, que representa as verdadeiras idéas deste partido e que nesta provincia é dirigido pelo Exmo. Sr. Barão de Ibiapaba, verdadeira política que o Império se ufana de ter por chefe o Exm. Sr. Conselheiro João Alfredo”. “Paginas Livres”. A **Constituição**. Anno: XXVI, N° 13. Fortaleza, 16. 01. 1889. P. 02.

²¹ “Administração Inepta”. **Pedro II – Orgão do Partido Conservador**. Anno: XLXIX; N° 05. Fortaleza, 11. 01. 1889. P. 01. Sobre o mesmo incidente, relata seu aliado na imprensa local, o *Cearense* de 09. 01. 1889 (Anno: XLIII, N° 07, p. 01): “‘Duas Crises’ – Desde 27 de Abril de 1888 que peza sobre esta infeliz provincia o governo do Sr. Caio, e apenas resta-nos a esperança de um breve ver-nos livres de mais este flagelo. Inditoso! Ceará quando na difficil quadra que te preparava um anno de desorganizações metereologica [em alusão à seca deste período] devias ter a tua frente um homem reflectido, sensato, prudente e humanitário enviaram o Sr. Caio para o flagelo metereologico acrescentar um outro – o administrativo. Sim. Devias pagar bem caro o crime que havias commetido arrancando do captivo muitas milhares de infelizes que gemiam sob o peso da escravidão. Quando, há ainda bem poucos annos, atiravas ao quatro ventos o brado de liberdade do paiz, uma celeuma terrível levanta-se em outras partes do Império: os mercadores da carne humana clamavam vingança contra o atentado commetido. Soou a vingança terrível, havia chegado o momento de vingar o crime! Mandaram o Sr. Caio administrar o Ceará. Cumprindo ordens do gabinete de 10 de março, que eram entregar a provincia ao grupo Ibiapaba, procurou S. Exc. a princípio, com mostras de paz, illudindo a boa fé da provincia, amolar tudo a seu geito para que fosse forte o seu governo; não pode. Convenceu-se que sua táctica estava burlada e atirou se então franca e cegamente

As demissões dos adversários dos seus respectivos cargos públicos era uma prática política comum a qualquer grupo faccioso que chegava ao governo provincial. Adolfo Caminha em seu romance “A Normalista” narrou acontecimentos deste tipo²². Para angariar apoio da população, os adversários que não estivessem com a máquina administrativa sob o seu mando, utilizavam-se dos fatos, também comuns à sua prática, como forma de atacar seu alvo direcionado formando a opinião. Em boa medida, esta estratégia era parte integrante condicionada do próprio movimento das disputas políticas entre as famílias tradicionais, desde a colonização até a consolidação do regime republicano.

A máquina administrativa era o objetivo maior que as facções almejavam. Para conquistá-la, a articulação com os grupos dominantes da arena nacional, o revezamento ministerial como forma de conter as tensões regionais, enfim, qualquer situação na ordem política era motivo para alguém tirar proveito. Durante a mudança de regimes, por exemplo, no momento de completa indefinição e desarticulação dos grupos dominantes, as facções políticas do Ceará, imbuídas da tarefa de “produzir resultados profícuos” da transição para a população, permaneceram nas silentes articulações políticas até o momento oportuno de abocanhar a sua parcela de poder²³. Em boa medida, o que traduz aquilo que Renato Lessa

contra o partido Aquiraz [conservadores aliados da família Paula]. Cometeu as maiores injustiças contra honrados funcionários, só pelo simples facto de pertencerem aquella parcialidade (...)” O destaque que este registro merece é o concernente à apropriação do discurso que alimentou as idéias abolicionistas no Ceará, no que se refere ao avanço institucional, apregoado pela campanha, da província em relação às demais. Sobretudo, no meio do tiroteio dos jogos de interesses das facções políticas daquele território, tal discurso é apropriado como forma de contestação ao grupo opositor que mantinha um aliado advindo da Corte, acabando, os redatores do jornal em destaque, de mostrar o seu desafeto para com as decisões dos grupos políticos do Centro-Sul. Como forma de ilustrar a plasticidade em transmutar discursos e posturas políticas em relação aos interesses facciosos, vale ser mencionado que, durante a campanha abolicionista, o “Cearense” fez “oposição sistemática” ao “Libertador”, conforme bem lembrou Raimundo Girão em *A Abolição no Ceará*. – Maracanaú: Prefeitura Municipal/ Casa de Cultura Capistrano de Abreu; 1988 (4ª ed.) P. 126.

²² “- Mas, Zuza, eu vou respondendo a cada artigo com a demissão de dez funcionários amigos da oposição. Queres ve uma coisa?... Que dia é hoje?

- Domingo...

- Pois bem, vou mandar lavrar a demissão de alguns empregados públicos, que se dizem miúdos, com a data de hoje. Eis ai está como se resolvem as questões desta ordem. Insultam-me, não é assim? Injuriam-me, acham que sou mau, que não tenho juízo, que sou indiferente à sorte do Ceará... Pois bem, hoje mesmo muita gente vai pagar pelos diretores de tal partido. Nada mais simples, não achas?”. CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. – São Paulo: Editora Tres; 1973. P. 125.

²³ Numa passagem do seu estudo sobre os partidos políticos do Ceará, Abelardo Montenegro discorre e transcreve sobre a conotação dos interesses políticos e objetivos almejados durante a transição entre os regimes monárquico para o republicano no Ceará: “No atual Estado do Ceará em particular, com uma exceção apenas [referindo-se ao antigo jornal abolicionista ‘Libertador’, em relação a um circunstancial posicionamento favorável à causa, nas vésperas do golpe de 1889], toda a imprensa era guarda avançada

chamou de “erosão das lealdades do demos”, ou seja, a desestabilidade do acordo ético-político dos chefes locais em relação à Monarquia, aponta para que objetivos e interesses regionais teceram a trama política daqueles tempos²⁴. Essa ética do oportunismo imediato ainda caracterizaria ainda a lógica do poder tradicional no Ceará e as suas estratégias diante dos demais anseios sociais, na preservação do *statu quo* das elites dominantes, mesmo estando sua estrutura de poder arquitetada por um campo de tensões internas²⁵.

Localizada a dinâmica pela qual se movimentava o poder tradicional no Ceará, cabe agora identificar o movimento dos indivíduos letrados neste território de tensões políticas. Primeiramente, cabe dizer que, em boa medida, os intelectuais atuantes na esfera pública estudada eram, em maioria, oriundos dos grupos e facções que posicionavam-se no topo ou estavam em ascensão na estrutura dominante daquela realidade social e política. Na verdade, esta consideração cabe a uma grande maioria destes homens de letras, sobretudo da Mocidade Cearense, pois, em alguns casos como o de Justiniano de Serpa, de origem humilde, pelo poderoso domínio que tinha da retórica e da eloquência, fora convidado a participar das linhas editoriais de jornais como “Pedro II” e “Libertador”. Pouco a pouco, destacando-se tanto na carreira intelectual quanto política, foi ele arrebanhado pelos grupos dominantes e tradicionais. Entretanto, quanto a outros casos que corresponderam à maioria mencionada, podemos citar Tomás Pompeu de S. Brasil Filho, que teve como genitor o chefe liberal Senador Pompeu, “descendente de abastardos fazendeiros dos sertões de Santa Quitéria e de Sobral, que sofreram fortes abalos com as secas”²⁶; Guilherme Studart, filho de um comerciante inglês que era também agente do consulado britânico no Ceará; Araripe Jr, filho do líder liberal Tristão de Alencar Araripe e sobrinho do Senador José Martiniano de Alencar, em que ambos lideraram a revolução de 1824 na província; Paulino Nogueira, oriundo da poderosa família Borges da Fonseca do município de Russas, que desde o período colonial

das instituições monárquicas. Não há muito a idéia republicana era satirizada atrozmente, a ‘República estava coberta de moscas’, proclamavam inflamados de orgulho e desdém, os que fruíam as regalias do poder’. Vence a idéia. ‘Que era natural sucedesse? Senão a contra-revolta, porque esta seria absurda, ao menos da parte daqueles que estavam no campo oposto o reconhecimento da derrota sem a comunhão total das idéias. O silêncio em tais condições seria o conselho mais nobre; porque é inadmissível tão brusco reviramento de opiniões. Que tão facilmente se amolda aos princípios dominantes ou não era sincero quando apoiava os decaídos ou neutros que triunfavam?’”. MONTENEGRO. Op. Cit. P. 63.

²⁴ LESSA, Renato. *A Invenção Republicana. As Bases e a Decadência da Primeira República Brasileira*. – Rio de Janeiro/ São Paulo: IUPERJ/ Vértice: 1988. P. 24.

²⁵ LEMENHE, Mía Auxiliadora. *Família, Tradição e Poder: O Caso dos Coronéis*. – Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC; 1996.

²⁶ ANDRADE, F. Alves de. *Tomáz Popeu e o seu Tempo*. – Fortaleza: Instituto do Ceará; 1954. P. 12.

exercia autoridade política, chegando o seu bisavô, Antônio José Vitoriano Borges da Fonseca, governador da Capitania do Siará Grande de 1765 a 1781; Antônio Bezerra, filho do político, burocrata, professor e ideólogo do tradicionalismo católico durante a campanha de romanização, Manoel Soares da Silva Bezerra²⁷.

Em virtude das próprias condições materiais das suas esferas sociais, foi possível à grande maioria destes sujeitos a realização da sua formação letrada nos cursos de nível superior, sobretudo, nas principais cidades do Império²⁸. E, inevitavelmente, ao retornarem à sua província de origem, trouxeram consigo o essencial das suas bagagens de leituras para, de alguma forma, aplicarem na realidade política e no espaço social que, inicialmente, encontraram com poucas possibilidades de exercerem seus dotes intelectuais²⁹.

Necessariamente, não cabe à proposta deste estudo identificar qual foi o movimento que de fato propiciou aquilo que habitualmente costumou a ser chamado de “florescimento das letras” ou “a fermentação das idéias no Ceará”. Há de se confessar que esta tarefa rendeu a apreciação de boa parte dos trabalhos, até hoje elaborados, no campo da historiografia literária, social e intelectual cearenses. Contudo, a atenção despendida por algumas análises, mesmo que elencando aspectos de ordem interna fundamentais para compreender a aludida atividade literária e intelectual, veio a sacrificar outros elementos catalisadores de tal produção, seja em nome de uma lógica tecnicista sobre os mecanismos

²⁷ STUDART, Guilherme (Barão de). *Diccionario Bio-Bibliographico Cearense*. - Fortaleza: Typografia Minerva; 1915. Vs. I, II e III (ed. fac-símile).

²⁸ Pode-se mencionar alguns dos intelectuais cearenses do século XIX e as capitais onde realizaram seus estudos superiores: Tomás Pompeu de S. Brasil Filho e Themístocles Machado, Bacharéis da Academia Livre de Direito no RJ; Virgílio Brígido, Xilderico de Farias, Paulino Nogueira e Justiniano de Serpa, Bacharéis em Direito no Recife; Araripe Jr., que iniciou Ciências Sociais e Jurídicas no Recife, porém vindo a receber o título de bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo; Dr. Guilherme Studart e Rodolfo Teófilo, Faculdade de Medicina e Farmácia em Salvador. Ver STUDART. Idem.

²⁹ No artigo “O Nosso Progresso”, Antônio Bezerra argumenta sobre os intelectuais cearenses da sua geração no que concerne às trajetórias intelectuais durante a difícil inserção que inicialmente tiveram na cidade de Fortaleza: “*Cerca de vinte annos atraz (por tanto no final da década de 1860) mais ou menos, poucos, bem poucos dos nossos compatriotas, residentes na provincia, se dedicavam a estudos de litteratura, e ainda menos a especullações scientificas. É certo que para aqui regressavam alguns bacharelizados pela Academia do Recife, mas estes quando muito faziam do direito o alvo de suas locubrações, impellidos pela necessidade de salientarem-se na advogacia, si antes, preferindo a carreira da magistratura, não iam para o interior de apreciar-se mesmo com a ignorancia dos seus jurisdicionados. (... ..) Eu que do Rio e S. Paulo trouxera um poucochinho dessa ancia de saber, communicada pela convivencia de talentosos condiscipulos, tive de ceder ante a indifferença geral, mau grado o desesperado esforço que empreguei para congraçar os poucos que liam, pode-se assim dizer. O mal era geral*”. BEZERRA, Antônio. “O Nosso Progresso” IN: *A Quinzena. Propriedade do Club Litterário*. Nº 07; Anno II. – Fortaleza: 03. 05. 1888. P. 51.

existentes que possibilitaram a reprodução cultural, seja em favor do avanço europeu em que uma força referencial de ordem exterior viria operar naquela realidade social³⁰.

Quanto a própria dinâmica sócio-cultural brasileira, no que se reconhece o fluxo permanente de jovens abastardos oriundos das elites rurais transitando pelos cursos de Direito, Medicina, Ciências, Engenharia, etc, das faculdades do Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife, Olinda³¹, há de ser considerado que este foi um fator de ordem interna que significativamente afetou o universo letrado cearense, em meados do século XIX. Da mesma forma, como um fator de ordem externa, a existência de alguns pontos de acesso à província como, por exemplo, os portos, implica na possibilidade de um contínuo fluxo comercial que permitiu a chegada de livros com as idéias que estruturavam o pensamento europeu naquele espaço³². Contudo, para esta análise, devem sobressair as formas do uso de um corpo de idéias

³⁰ Na historiografia literária e social cearense, cabe elencar as seguintes considerações a respeito deste assunto. Primeiramente, em Leonardo Mota, memorialista e folclorista, aponta como “certo indício intelectual na província” o surgimento da Biblioteca Pública em 1867, que vai intensificando-se pelos idos anos de 1870 com o surgimento da Academia Francesa, bem como a pertinente observação quanto a profusão da cultura letrada na província pela ação dos gabinetes, clubes e grêmios de literatura espalhados por diversos municípios do interior cearense (MOTA, Leonardo. *A Padaria Espiritual*. – Fortaleza: Casa de José de Alencar/ UFC; 1994). Já Dolor Barreira, que brilhantemente pontuou os principais movimentos intelectuais do Ceará, pecou ao considerar a supremacia da influência intelectual estrangeira, tanto no que diz respeito ao conjunto de práticas letradas quanto as formas de sociabilidade, em que, segundo ele, “No Ceará, foi, como se disse [“a força da imitação” sendo a causa imediata e mais remota para o “florescimento das letras na província”], a ação de associações do mesmo gênero [moderno e burguês europeu] e dos jornais e revistas, que lhes serviram de órgãos, se deles dispunham, que as nossas locubrações, no feérico mundo das belas letras, se expandiram, fecundaram e frutificaram” (BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense*. – Fortaleza: Editora do Instituto do Ceará; 1948. T. I. P. 63). Sebastião Rogério Ponte, sobre alguns movimentos literários no Ceará, dentre eles a Padaria Espiritual, ainda que não detido neste fio problemático, reconhece que a partir do desenvolvimento urbano de Fortaleza, capital da província, fatores indicando que “a capital, naquele momento, já não era tão provinciana e acanhada”, pois, “Nas últimas décadas do século XIX, ela atravessou um inédito processo de transformações urbanas, econômicas, sociais e culturais, passando a dispor de novos equipamentos e serviços urbanos (ferrovia, melhorias portuárias, calçamento, iluminação, telegrafia, telefonia etc), de instituições científico-literárias e, paralelamente, de modas/ modismos e anseios de modernização” (PONTE, Sebastião Rogério & SABOYA, Caterina Mia. *O Pão e a Cidade: Cotidiano e Contexto Urbano da Padaria Espiritual*. – Fortaleza: NUDOC/ UFC; 1992. P. 08 e PONTE. *Fortaleza Belle Époque: Reformas Urbanas e Controle Social (1860 - 1930)*. – Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/ Multigraf; 1993. P. 16 - 17). Entretanto, dentre as considerações aqui apresentadas, ao considerar as trajetórias intelectuais dos letrados cearenses que tiveram participação política na década de 1880, Almir Leal aponta precisamente indícios da formação de um universo letrado com práticas culturais distintas, possível pelos “perfis e afinidades intelectuais”, bem como a “circulação de estudantes cearenses por outros universos culturais”, tendo ainda, na formação intelectual, “outros elementos básicos de laços de classe [que] eram reforçados, como obediência, disciplina, organização hierárquica da sociedade e práticas culturais europeizadas” (OLIVEIRA, Almir Leal de. *Saber e Poder: O Pensamento Social Cearense no Final do Século XIX*. – São Paulo: Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Estudos Pós-Graduados em História Social da PUC/ SP; 1998. P. 13 - 34).

³¹ AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: UFRJ/ Brasília/ UNB; 1996 (6ª ed.). P. 273 – 359.

³² PONTE, Sebastião Rogério. Op. Cit. 1993.

exteriores em uma discrepante realidade social, cultural, política e institucional, aplicadas por um segmento social que se propunha a remodelar a ordem dominante a partir de uma ruptura estética e axiológica com os domínios tradicionalistas, caracterizada por um conjunto de práticas políticas distintas. Ou melhor, deve-se entender naquela cartografia quais foram os mecanismos de ordem interna daquela sociedade que possibilitaram o surgimento de uma nova atividade estética e a inserção desta última nas relações de poder que recodificaram a ordem dominante com o discurso moderno.

Ora, já que a volumosa gama documental sobre a atividade literária e intelectual no Ceará deste período não conseguiu oferecer o pergaminho para este “elmo doirado” que se reporta ao desenvolvimento intelectual cearense, exaustivamente especulado pelas inúmeras locuções literárias e historiográficas, de maneira alguma torna-se sacrificante perceber que esta denominada atividade experimentou outros fluxos e canais que possibilitaram uma intensa profusão de idéias, condicionando todo campo subjetivo e material dos elencados indivíduos a aplicarem suas leituras na esfera cotidiana. O que de certa forma causou tanto impacto aos historiadores, memorialistas e estudiosos da literatura desta época, foi o fato desta fermentação de pensamentos ter repercutido-se num pequeno espaço social, sem as vislumbradas condições técnicas, institucionais, econômicas e intelectuais possíveis de se encontrar, com maior aceitação historiográfica, em outras localidades, seja nos centros urbanos mais desenvolvidos do Império ou nas metrópoles européias. Portanto, tem sido boa parte das considerações historiográficas colocadas até então impregnadas de pressupostos teóricos e axiológicos europeizantes.

Desvencilhando-se dos possíveis determinismos históricos, para compreender esse movimento deve-se entender que a potência que materializou o campo de possibilidades de toda produção literária e intelectual no espaço social cearense, foi condicionada por uma distensão de inquietudes nas relações sociais, um abalo semântico no universo das práticas e usos políticos daquela estrutura de poder, em que o discurso moderno fora utilizado como agenciamento estético em favor de uma nova ordem dominante, a permitir a inserção de outros agentes históricos nas transformações político-institucionais colocadas em questão. Sendo pontuados os fatores desta ordem, tem-se a configuração que se segue no sentido das considerações acima. Entre 1873 e 1904 estava pontualmente evidenciada nas paragens nacionais a reorganização da nova ordem política. Diante do impasse e da desorientação de

grupos tradicionais que sustentavam àquela estrutura de poder, tal emergência possibilitou que um segmento “mais esclarecido” destes grupos, detentor de um instrumental político específico do mundo moderno, o discurso, viesse por em prática suas leituras, colocando em uso sua máquina literária, a inaugurar um novo exercício de poder em favor da sua raiz social dominante naquele espaço de tensões. Potencializados por esta configuração social e política, e possibilitados pelas mínimas condições materiais para aplicar o seu instrumental teórico-discursivo (como o circuito de idéias, formas de sociabilidade, aparato técnico-tipográfico, vida pública), a Mocidade Cearense estava diante de um território fértil para o exercício dos seus anseios de grupo, bem como tornar desejante a nova ordem para os sujeitos daquele espaço, a fazer uma opinião pública trabalhada no campo subjetivo pela atividade de manipulação dos enunciados coletivos, e produzir novas relações cotidianas para atender à lógica emergente do capital.

Portanto, deve agora ser mencionado que se trata de um impulso dos interesses e desejos coletivos em vias de tornarem-se objetivados. Ou seja, a soma de diversos desejos individuais em prol de um ideal coletivo que, a partir das experiências cotidianas de cada letrado juntamente com o impacto das suas leituras sobre aquela realidade, empreendera um conjunto de práticas políticas e trocas simbólicas em favor da realização material dos interesses daquele grupo dominante em ascensão. Pois, já que boa parte deste estudo detém-se a identificar, nos ideários das agremiações literárias, os apontamentos e direcionamentos para a reconstrução institucional brasileira naquele tempo de transição política, uma cartografia do que possa ter alimentado determinado tipo de desejo coletivo, mediante as condições materiais de existência, possibilita adentrar sem maiores pretensões no campo subjetivo a fim de perceber outras forças que atuaram silenciosamente nas transformações históricas do período.

A configuração de um ideário ilustrado, conforme será dado a perceber, estruturado de forma orgânica e sistemática, sob a composição de uma máquina discursiva, confere, primeiramente, ao poder das idéias um domínio subjetivo, que pode ser vislumbrado como um exercício de poder sobre a opinião dos indivíduos, segundo o discurso político-moral da filosofia positivista³³. Dantes vislumbrado, sendo outrora as práticas políticas de dominação no Ceará exercidas pela violência física bem mais que simbólica (atentados,

³³ “Comte avança uma nova doutrina: o poder vem do saber”. PAIM, Antônio e BARRETO, Vicente. “Liberalismo, Autoritarismo e Conservadorismo na República Velha”. IN: *Curso de Introdução ao Pensamento Político Brasileiro*. – Brasília: EUNB; 1982. P. 100.

calúnias e difamações), para as transformações ocorridas naqueles tempos, ainda que alimentadas pelos anseios modernos e civilizatórios da democracia burguesa, a manutenção da estrutura de poder deveria ser garantida. Contudo, teria que obedecer o curso dos novos parâmetros ocidentais, de maneira que as outras intensidades atualizadas nas tensões que se deram na esfera social fossem sufocadas. Desta feita, localizada a ação da “nova elite” nas atividades de imprensa, percebe-se que a sua atividade caracterizou-se também por ser um outro domínio, um exercício de poder que perpassava a esfera subjetiva através da enunciação de “idéias inovadoras”, no intuito de formar a opinião pública.

A imprensa partidária, feita à imagem e semelhança da nossa sociedade burguesa e votante, vive (...) quasi a finar-se a mingua de alento, operando milagres de resistência, a metter-se teimosamente pelos olhos do povo que lhe volta as costas e convencidamente afirma que boa política é cada um em sua casa com mulher e seus filhos.

E, entretanto, é a imprensa partidária que abre caminho para os empregos, quem sagra beneméritos os amigos, quem traz pela rua da amargura os adversários, quem institue tenentes-coronéis e desistitue subdelegados.

Ficam, portanto, sabendo os homens práticos, que não somos ingênuos, que não temos peneira nos olhos, que não vemos tudo cor de rosa.

Sabemos d'ante mão que muito caro nos vae custar um desses ephémeros prazeres intellectuaes, deliciosos prazeres que só comprehendel-os e o poder aspiral-os é uma fortuna imensa, um gaudio ineffável³⁴.

A exposição deste texto torna mais precisa o que essa geração de intelectuais estava propondo por volta de 1887. Como é bem sabido, a imprensa no século XIX fora utilizada como importante recurso na mobilização da opinião pública. No Ceará, os jornais partidários atingiam todo o perímetro urbano de Fortaleza, chegando também à boa parte do restante da província. Logo, a inserção política dos intelectuais através da imprensa em favor dos valores da ordem burguesa minaria as bases dos comportamentos típicos locais, como o conformismo e a indiferença da população, diante dos seus administradores. Nota-se que, como enunciado, há um clamor de revolta bem característico dos alardes da ordem burguesa frente ao poder tradicional, o que não viabilizaria a inserção política de todos os setores sociais

³⁴ “Preliminares”. *A Quinzena. Propriedade do Club Litterário*. Anno I; N° 01; Fortaleza: 15/ 01/ 1887. P. 01 (Edição fac-símile BNB/ ACL; 1984)

em confrontar-se com o quadro colocado, já que havia os segmentos letrados donos do novo poder. Seguindo ainda a estrutura discursiva, vê-se uma crítica fulminante em relação ao domínio da máquina administrativa pelos grupos que a controlavam. Por fim, o reconhecimento da ação do poder ilustrado sobre as demais esferas que compunham a sociedade.

A atividade de imprensa tornou público os anseios alimentados no universo de leituras e interesses da Mocidade Cearense. Com o uso da eloquência bacharelesca³⁵, aquela “aristocracia do espírito”, despreendida em termos da realidade que a comportava³⁶, encampou, juntamente com os grupos tradicionais que há décadas digladiavam-se, as lutas políticas na imprensa como forma de mobilizar a opinião pública, fazendo do instrumental letrado seu legítimo exercício frente às decisões coletivas. É interessante perceber que, dentro do “sentimento nobilitante” condutor dos valores da cultura brasileira, esses intelectuais com suas práticas letradas e habilidades retóricas adentraram no campo político, reforçando a exclusão social dos demais setores. Quando é reconhecida a esfera da imprensa como espaço possível de atingir objetivos políticos, desconstruiu-se o uso discursivo do poder simbólico de conservação para reivindicação. Neste sentido, como a maioria da população era iletrada,

³⁵ É Abelardo Montenegro quem discorre e faz uso de José Honório Rodrigues para perceber este movimento no interior da elite dominante. “*A atração pela bela frase e a repulsão pela análise objetiva não seria uma atitude de autodefesa da elite política? A eloquência, a torrente de palavras sonoras, é como uma canção de ninar. É o tratamento reservado a populações que devem permanecer na infância, sem atingir a idade adulta. E a menoridade é incompatível com a participação no Poder. Ou a verbosidade seria uma maneira de suprir a deficiência da elite política? A pompa verbal e o ufanismo, o fascínio pelas drogas e minas cantadas por Antonil supriam as deficiências diante das imensas tarefas visualizadas logo após a Independência. (...) Como afirma José HONÓRIO RODRIGUES (grifo do autor), o primeiro foi entregue aos escravos. E não se formou o capital nacional indispensável ao confronto de riqueza alardeada em discursos (‘Aspirações Nacionais’. São Paulo: Ed. Fulgor; 1965. P. 67 - 68). Ou a verbosidade seria fruto da mentalidade mágica? A ausência de técnicas e a impotência diante da natureza exuberante e dos problemas cruciais levaram os representantes da elite política a apelarem para a magia das palavras encantadas. Transformação que não alterava as relações de classe*”. MONTENEGRO, Abelardo. Op. Cit. P. 55.

³⁶ Para definir esta incompatibilidade entre a objetivação das idéias eurocêntricas apreendidas pela elite intelectual e a realidade social, política e cultural brasileiras, Sérgio Buarque de Holanda foi pontual. “*Ainda quando se punham a legiferar ou a cuidar de organizações e coisas práticas, os nossos homens de idéias eram, em geral, puros homens de palavras e livros; não saíam de si mesmos, de seus sonhos e imaginações. Tudo assim conspirava para a fabricação de uma realidade artificial e livresca, onde nossa vida verdadeira morria asfixiada. Comparsas desatentos do mundo que habitávamos, quisemos recriar outro mundo mais dócil aos nossos desejos ou devaneios. Era o modo de não rebaixarmos, de não sacrificarmos nossa personalidade no contato das coisas mesquinhas e desprezíveis. (...) acabaríamos, assim, por esquecer os fatos prosaicos que fazem a verdadeira trama da existência diária, para nos dedicarmos a motivos mais nobilitantes: à palavra escrita, à retórica, à gramática, ao direito formal*”. HOLANDA, Sérgio Buarque de. Op. Cit. P. 163.

conforme já foi dado a se perceber, qualquer outra forma possível de posicionamento político era inócua, neutra, sem expressão.

É impossível agrupar todas as individualidades à sombra de uma mesma bandeira. Mas é possível (...) ter todas as aptidões ao serviço da Pátria.

Não foi para assistir à política do regime extinto que o país fez a República. Impeliu-o outro sentimento, allentou o mais bello ideal.

*A imprensa, sobretudo, tem obrigação de mostrar-se à altura da sua evangelização sagrada. Em política o momento é tudo.*³⁷

A partir da década de 1880, a atividade de imprensa no Ceará tornou-se mais intensa, sobretudo, pelos interesses de grupo que estavam colocados na eminente transição de regimes, nos anseios professos por remodelarem a nova ordem nacional, a constituir as novas instituições sociais e políticas. Para que se entenda a distinção que se deu entre jornalismo partidário e jornalismo literário, conforme já pode ser considerada mediante a exposição inicial, um certo desprestígio público que vinha recaindo sobre o jornalismo partidário foi outro importante fator que contribuiu para a atividade estética dessa nova elite e sua inserção pública em romper, no campo semântico, com a construção textual dos partidos e facções, ainda que em relação aos interesses e objetivos colocados tivessem suas similitudes. Em boa medida, este desprestígio era concomitante à desestabilidade dos grupos tradicionais dominantes durante aquele período de transição com o avanço da ordem capitalista. Ainda que possa ser considerado a existência de novas condutas e valores que alimentaram a aptidão para o hábito da leitura em virtude dos estrangeirismos que chegaram da Europa³⁸, bem como um trânsito bastante proficiente, sem maiores percalços, entre as duas esferas da imprensa local³⁹,

³⁷ “Política de Paz”. *O Norte*. ANNO: I; Nº 02. Fortaleza, 15/ 04/ 1891. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro/ Setor de Periódicos.

³⁸ PONTE. Op. Cit. P. 145 - 150.

³⁹ Ao longo do seu estudo sobre o jornalismo cearense, Geraldo Nobre discorre sobre as tipografias dos partidos políticos que, além dos seus jornais, publicavam também órgãos de outra natureza, pertencentes a indivíduos que possuíam outras causas. Sobre os anos de 1880, ele escreve que “*Ao que consta, da Tipografia do ‘Cearense’ saíram ‘A Revista’, de 1888, e ‘A Avenida’, do ano seguinte, mas ambas foram publicações literárias, o que prova a elevação mental dos redatores daquele órgão, chefiados pelo deputado Francisco Barbosa de Paula Pessoa. Na ‘Gazeta do Norte’, à frente de cuja redação se encontrava o dr. Tomás Pompeu (2º), foi publicado o ‘Telefone’ (1881), pequeno jornal que circulava aos domingos, sem caráter político. Do lado conservador, a ‘Constituição’ imprimiu, em sua oficina, ‘O Globo’ (1887), redigido por alguns jovens maranguapenses interessados em literatura e charadas*”. NOBRE, Geraldo da Silva. *Introdução à História do Jornalismo Cearense*. Op. Cit. P. 114.

o domínio que estes detiveram do instrumental literário também contribuiu em boa medida para distinguir o perfil dos intelectuais do período nas suas atribuições públicas.

Em meados da década de 1880, enquanto o “Pedro II”, a “Constituição”, o “Cearense” e a “Gazeta do Norte” eram os principais diários do Ceará, a existência de inúmeros outros jornais noticiosos, revistas literárias, pasquins humorísticos e folhetos configuraram o cenário jornalístico do período. Passando a seduzir o público leitor cearense cansado dos “tiroteios” da arena política⁴⁰, o jornalismo de notícias e artes cada vez mais passava a fazer parte do cotidiano cearense. E não era tímida a manifestação destes outros órgãos de imprensa, pois, em boa medida, movimentava uma augusta atividade lucrativa, seja pela facilidade que tiveram para sua publicação, seja pelo meio de vida que foi possibilitado à grande maioria dos intelectuais aqui estudados.

Primeiramente, foi a imprensa partidária que absorveu boa parte dos intelectuais cearenses, uma vez que era raro encontrar indivíduos com instrumental letrado para redigir nas linhas editoriais dos respectivos jornais. O caso de Justiniano de Serpa, o exemplo mais ilustrativo desta situação, mostra como foram dados os primeiros passos da vida pública de muitos homens de letras no Ceará⁴¹. Outros intelectuais do período, como Tomás

⁴⁰ Pelos idos de 1880, o desprestígio público que estava sendo acometido sobre o jornalismo partidário, sobretudo devido aos poucos atrativos de suas linhas editoriais que se resumiam em ataques aos adversários, calúnias, difamações e relatos de violência, possibilitou que uma outra forma de comunicação com atrativos literários, seções de humor etc, abarcasse o público leitor da província. Utilizando-se de artefatos literários e de uma outra linguagem para seduzir a opinião, o jornalismo literário e noticioso foi pouco a pouco conquistando espaço no público cearense, em geral, e, em particular, na capital Fortaleza, como bem mostra Geraldo Nobre: “*Se, nos últimos tempos da Monarquia, o jornalismo cearense se apresentava cada vez mais menos político, embora os principais órgão continuassem com essa orientação, nem por isso se acentuava nele o caráter noticioso, certamente por força dos compromissos do público, em grande maioria, com a imprensa partidária. O número deveras elevado de periódicos estava em relação com outras atividades, sobressaindo a literária*”. Idem. P. 112.

⁴¹ “*Justiniano de Serpa nasceu cercado de todos os obstáculos que se podem opor ao êxito de uma existência (... ..). O humilde e desprotegido menino, que veio ao mundo nesse pacato e sonolento Aquiraz, subiu, mas subiu honestamente, ereto e digno, de degrau em degrau, até a altura em que hoje contemplamos com orgulho e admiração. Para compensar-lhe a falta de audácia, a natureza, além da poderosa inteligência capaz de toda inteligência no domínio do saber, deu-lhe o Dom da eloquência, o gládio de ouro com que ele abria o caminho por onde marchava em rumo da glória. Orador e jornalista, ele teve na campanha abolicionista uma excelente escola da palavra falada e escrita [obs: tanto no jornal ‘Libertador’, da Sociedade Cearense Libertadora, quanto na revista ‘A Quinzena’, órgão do Clube Literário]. E a política logo o seduziu, vendo nele uma força que era preciso aproveitar nas competições da imprensa e da tribuna partidária. Nossa assembléia provincial o teve entre os seus representantes, como deputado do grupo conservador que tinha como chefe o Barão de Ibiapaba, este também um homem feito por si mesmo, e, apesar de inculto, bastante inteligente e sagaz para avaliar os préstimos intelectuais do moço que vinha subindo já aureolado pelas primeiras vitórias do seu talento de orador e jornalista. (... ..) Representante do Ceará na primeira Constituinte (1891), não mais logrou voltar à Câmara, como representante do Ceará, mas levou longos anos se batendo na imprensa, primeiro ainda sob a monarquia, como redator-chefe da ‘Constituição’,*

Pompeu Filho (redator-chefe do “Gazeta do Norte”) e Paulino Nogueira (na “Constituição”) tiveram também atuação nos jornais partidários. No jornal abolicionista “Libertador”, tem-se notícia da pena dos seguintes letrados: Antônio Bezerra, João Lopes, Oliveira Paiva, Antônio Martins e Justiniano de Serpa. Já nos inúmeros jornais, revistas e pasquins, de notícias e artes em geral, que foram muitos entre as décadas de 1880 e 1890, dá-se notícia de “O Domingo”, folha literária, crítica e científica em que participaram Juvenal Galeno, João Lopes, Rodolfo Theófilo, Guilherme Studart e Antônio Sales; “Galeria Cearense”, publicação mensal em que participavam Guilherme Studart e Tomás Pompeu, dentre outros; “Ceará”, que contou com a participação de Antônio Bezerra e G. Studart, dentre outros; “Batel”, jornalzinho crítico e literário fundado por Álvaro Martins; “A Avenida”, jornal literário fundado por Antônio Salles, Virgílio Brígido e Pápi Júnior; “O Jornalzinho”, órgão literário e satírico publicado por João Lopes e Xavier de Castro; “Revista Moderna”, fundada por Adolfo Caminha; o “Meirinho” órgão literário e noticioso que depois passou a fazer campanha republicana, em que destacou-se alguns membros da Padaria Espiritual como Ulisses Bezerra, Lopes Filho, Adolfo Caminha e Sabino Batista.

Na verdade, os jornais e revistas supracitados não conferem a décima parte do número real de jornais, revistas e inúmeros pasquins (esses, na maioria das vezes feitos por indivíduos anônimos sem compromissos com qualquer causa partidária) surgidos durante a transição política. E foi dessa forma, enfim, que a publicação de textos literários passou a se inserir no cotidiano cearense, como deleite e entretenimento para o contingente razoável de público leitor que possuía a província, sobretudo, a sua capital; pois, segundo dados estatísticos de época, a partir de algumas ruas que faziam parte do perímetro urbano de

órgão da facção conservadora chefiada pelo Barão de Ibiapaba, depois na ‘Pátria’, de quem era co-proprietário, no ‘Norte’ [órgão dos “republicanos históricos” do Centro Republicano Cearense] e no ‘Diário do Ceará’” (SALES, Antônio. *Novos Retratos e Lembranças*. – Fortaleza: Casa de José de Alencar/ UFC; 1995. P. 61 – 65). É ainda Antônio Sales que dá depoimento, agora, sobre a sua geração, os “Novos do Ceará”, e o trabalho na imprensa da capital cearense: “*Nós, os novos do Ceará, cheios de uma impaciente curiosidade pelas coisas da inteligência, com uma teimosa chammazinha de Ideal a aquecer-nos os cérebros, alimentando uma aversão desdenhosa pelas chatices do ramerão burguez, e republicanos, ainda por cima, constituímos desde os primeiros dias da República um pequeno grupo de feição bohemia, para trocar impressões de Arte, commentar leituras etc. Para os efeitos da publicidade nós nos distribuimos pelos três diários existentes – ‘Libertador’, ‘Norte’ e ‘Estado do Ceará’ [acrescente-se “O Diário”, onde trabalhava Adolfo Caminha], onde estampávamos trabalhos literários e onde às vezes nos agredíamos mais ou menos energicamente*”. SALES, Antônio. “O Ceará Literário” IN: *Trabalhos (Manuscritos Inéditos)*. – Fortaleza: Setor de Obras Raras da Academia Cearense de Letras (ACL); 1897. P. 245. Mais informações, ver NOBRE. Op. Cit. P. 111 – 128; STUDART. “Catálogo dos Jornaes ...” IN: *Revista da Academia Cearense*. Op. Cit. P. 277 – 314 e *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense*. Op. Cit; MOTA, Leonardo. *A Padaria Espiritual*. Op. Cit.

Fortaleza, sem considerar subúrbios e adjacências, o contingente populacional que habitava entre as ruas da Alfândega, do Chafariz, Travessa da Alfândega, São João, do Sampaio, do Conde D' Eu e Pça. da Sé, perfazia um total de 1283 moradores, em que 647 eram analfabetos e 636 eram alfabetizados. Nota-se que, estando situado este contingente em uma das partes mais centrais da cidade, portanto abarcando um número considerável dos sujeitos que faziam parte das elites emergentes da capital, aproximadamente 49% do número total de cidadãos desta área possuíam algum instrumental letrado⁴². Ao que parece, pelo menos em relação às mediações centrais da capital, onde situava-se a esfera mais abastada da população de Fortaleza, estes dados dão uma boa estimativa do que poderia representar o público leitor da cidade em meados do século XIX. Desta feita, percebe-se que tanto a atividade tipográfica quanto o considerável número de jornais surgidos na década de 1880 tiveram demanda e clientela significativa para atender, ou seja, o seu público leitor situava-se no perímetro urbano de Fortaleza, onde residiam os setores mais favorecidos da população.

Segundo constata-se a partir da catalogação e do mapeamento nos trabalhos de Geraldo Nobre e do Barão de Studart sobre os jornais surgidos na imprensa cearense, a imprensa literária sobressaiu-se à política por volta de 1880. Ainda que constasse nas décadas de 1850, 1860 e 1870 a parca atividade do jornalismo de notícias e de artes⁴³, a partir da década de 1880 determinados aspectos vieram a contribuir tanto para uma maior produção intelectual na imprensa, quanto o sobressalto do veio literário nesta esfera.

A intensa atividade tipográfica, por exemplo, foi um dos fatores que materialmente contribuíram para a difusão literária no meio jornalístico cearense. “Cerca de cento e vinte publicações que circularam na capital cearense no período de 1880 a 1889 foram compostas e impressas na dúzia de tipografias, então existentes na cidade”, dentre outras dezenas espalhadas pelo interior do Ceará⁴⁴. Diante deste depoimento, para uma população de aproximadamente de 130000 habitantes na província⁴⁵, e, tratando-se especificamente de

⁴² “Arrolamentos da População de Fortaleza - 1887”, localizado no Arquivo Público do Ceará (gentilmente cedido pela bolsista Vânia Lúcia do PET/ História - UFC).

⁴³ Contando ainda com a existência da revista “Sempre-Viva”, fundada por Juvenal Galeno e Gustavo Gurgulino em 1849, os folhetins “Alforjes” (1855) de Pedro Pereira, a revista “A Estrela” (1859) de Antônio Bezerra e José Barcelos, a revista “Mocidade Cearense” (1853) da imprensa estudantil, a “Fraternidade” (órgão maçônico) e o “Retirante” de meados da década de 1870, bem como os inúmeros pasquins políticos e jocosos do período, o jornalismo cearense ganhou uma maior diversificação na década de 1880.

⁴⁴ NOBRE. Op. Cit. P. 114 - 118.

⁴⁵ THEÓPHILO, Rodolfo. *Histórias da Seca no Ceará (1877 - 1880)*. – Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa; 1922 e, para o ano de 1884, GIRÃO. Op. Cit. P. 205.

30000 na capital, o trabalho tipográfico, realizado em um ramo de atividades ligadas à política partidária e ao entretenimento, daria conta de abarcar consideravelmente boa parte dos indivíduos que se concentravam no espaço privilegiado da capital, área de maior compromisso com o avanço da ordem burguesa naquela realidade. No primeiro caso, é sabido que vários tipógrafos foram perseguidos, violentados, tendo suas empresas sofrido empastelamento por conta das disputas políticas. No segundo, conforme já foi discorrido e, quem sabe, por conta da inexistência de uma outra atividade de entretenimento que viesse movimentar a jocosa vida de Fortaleza, a literatura passou a consistir em um objeto de consumo. Alguns trabalhos historiográficos, bem como os livros de memorialistas, relatam sobre o que teria sido o parnaso literário na capital cearense, a considerarem que a literatura avançava subtilmente sobre as práticas cotidianas locais, chegando até mesmo a influir no comportamento de alguns indivíduos, sobretudo, dos setores emergentes que quiseram apenas ostentar certa pompa na cidade⁴⁶.

⁴⁶ Conforme será dado a se perceber nos textos a seguir, a sociabilidade de corte bem como a cultura das belas letras foram marcante nos grupos dominantes, tendo também a sua repercussão nos setores menos favorecidos. “*Menino metódico e já curioso de coisas intelectuais eu ia à noite para o Reform Club, contentando-me em assistir ao movimento da Biblioteca, sem ousar pedir um livro que tanto cobiçava. Mas eu não conhecia ali ninguém, os livros sóse davam às famílias dos sócios (... ..) Mas o fato de naquele ano já remoto (1876 a meados da década de 1880) um grupo de homens de outras carreiras que não têm fins culturais, fundar uma biblioteca, construir um belo prédio para agasalhá-la e prestar-se para ir à noite distribuir livros aos seus visitantes, é um caso tão estranho e tão belo que merece ser fixado nas páginas deste livro, em vez de figurar apenas com uma vaga rubrica nas efemérides de nossa terra. Aliás, tanto nesta capital como nas cidades do interior, houve sempre a tendência para fundar gabinetes de leitura, isolados ou como anexos de sociedades literárias. (... ..) Do Reform Club, do Gabinete de Leitura e inúmeras associações deste gênero que surgem em nossa terra, saiu, sem dúvida, a corrente espiritual de que emergiram os vultos literários, científicos e artísticos com que concorremos para o panteão das glórias nacionais*” (SALES, Antônio. **Novos Retratos & Lembranças**. Op. Cit. P. 211 - 212). Sobre o elitismo provinciano e o diletantismo literário de Fortaleza logo após o período deste estudo, dá-nos Raimundo Girão o seguinte depoimento: “*A história elegante e literária de Fortaleza não pode ser feita sem o exato conhecimento da vida da Art-Nouveau, pois, veio ela suprir velha lacuna, propiciando ao mundo chique e aos adoradores de Minerva os mais eufóricos encontros, num deleitoso intercâmbio de amizades, camaradagens e troca de idéias, em boa prosa. Incontestáveis, as rodas que ai sucessivamente, se formaram, numa expansividade ridente. Até os desafetos não coroavam de sentar-se à mesma mesa. Tantas essas rodas, que é difícil enumerá-las. Nelas se ombreavam os já feitos e os plumitivos, os valores reais e os medalhões trepados no seu pedestal de empáfia. Rodas que produziam com vantagem em benefício dos componentes, mas pouco levavam a caixa do estabelecimento. A abertura do Café Riche defronte, abalou sensivelmente o prestígio da Maison, porém ela o retomaria, à medida que aquele fracassava, invadidas as suas mesas por malandros e gente de menor aceitação*” - grifos meus - (GIRÃO, Raimundo. **Geografia Estética de Fortaleza**. – Fortaleza: Casa de José de Alencar; 1997. P. 189. 2ª ed.). Ver também PONTE. Op. Cit. P. 145 – 150; CAMPOS, Eduardo. **Capítulos de História da Fortaleza do Século XIX**. – Fortaleza: EUFC; 1985; NOGUEIRA, João. **Fortaleza Velha**. – Fortaleza: EUFC; 1981 (2ª ed.). Ainda sobre o que seria este “Diletantismo literário” em consonância com os valores cosmopolitas de consumo, atingindo outras localidades do país como, por exemplo, na então capital Rio de Janeiro, ver OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A Questão Nacional na Primeira República**. – São Paulo: Brasiliense/ CNPq; 1990. P. 111 – 126.

Neste sentido, pode-se dizer que a literatura foi o acesso facilitado ao público leitor que os letrados cearenses encontraram para pouco a pouco conseguirem prestígio público e social no cotidiano da capital. Desta feita, mediante considerações já elencadas, o que tornou esta atividade em certa medida ressonante tanto aos homens de letras quanto à sociedade local, foram antigas referências literárias que o público leitor cearense já havia experimentado parcamente pelos anos de 1850 a 1870 em que, evidenciando o nome de José de Alencar, que fez carreira pública na Corte, podem ser destacadas as atividades de Juvenal Galeno e Gustavo Gurgulino na revista “Sempre Viva” (1849), a revista “Estrela” (1859) e as publicações literárias secundaristas que circularam neste período. Estas experiências aos poucos contribuíram para que a profissão de escritor fosse ganhando notoriedade no espaço social cearense. Concomitante as relações que possibilitaram a intensificação da imprensa literária no Ceará por volta de 1880, com o crescimento das atividades tipográficas e o diletantismo em torno da literatura, o abalo sofrido nas estruturas de poder favoreceu a inserção da ação letrada, bem como a distinção entre jornalismo partidário e o jornalismo intelectual, durante o período que se estendeu da tensão entre os grupos dominantes brasileiros na última década do Império até a sua reorganização com o pacto entre as oligarquias regionais e a formação de uma nova ordem política, após a legitimação do regime republicano por volta de 1894.

O trânsito que houve dos intelectuais cearenses entre os dois tipos de jornalismo existentes, possibilitou que estes sujeitos fossem angariando a legitimação do poder que passaram a exercer na esfera pública local. Ao longo do que será analisado neste estudo, acompanhar-se-á, na verdade, a trajetória de duas gerações de homens públicos, intelectuais que se empenharam no labor literário como forma de intervenção direta na sociedade formando suas opiniões entre os indivíduos. Portanto, as trajetórias dos rapazes que integraram tanto a Mocidade Cearense como os Novos do Ceará foram marcadas pelas experiências da vida cotidiana e da realidade social dos seus integrantes, que distingue cada geração. Logo, as afinidades pessoais que foram acompanhando a maioria destes indivíduos durante a sua formação intelectual corroboraram para a identificação de objetivos a serem angariados segundo suas experiências cotidianas.

Pode-se dizer que o fato da maioria dos integrantes da Mocidade terem pertencido às famílias tradicionalistas, exercido atividade na imprensa principalmente nos

jornais partidários, e, principalmente, pelas referências intelectuais e leituras científicas e filosóficas comprometidas com a ordem burguesa, acabaram sendo os principais fatores que contribuíram para estruturar nestes rapazes um pensamento orgânico e sistemático conferido na produção dos textos deixados nos jornais de época, sobretudo, das sociedades literárias que serão analisadas. Da mesma forma, pode-se dizer em relação ao grupo dos Novos, ou melhor, à geração que teve maior atuação da década de 1890 em diante, sua maioria pertenceu aos setores médios e baixos tanto da capital quanto do interior cearense, a consolidar laços de amizade em Fortaleza, onde, alimentados sob o mesmo tipo de expectativas em relação à ascensão social, tiveram participação inaugural no movimento republicano cearense, formando o Centro Republicano em 03 de dezembro de 1889.

Contudo, deveu-se à Mocidade a construção orgânico-sistemática e discursiva das três maiores referências que acabou por alicerçar todo o pensamento político e institucional com anseios de legitimação. Reportava-se aos acontecimentos comuns da experiência cotidiana daquele espaço social, baseado nas realidades da seca, da campanha pela abolição dos cativos na década de 1880 (que fez do Ceará em 1884 a primeira província brasileira a abolir seus cativos) e da nova atividade que ganhava espaço no cotidiano cearense, sobretudo na capital, referente à circulação de idéias, ou como se dizia, o “avanço das luzes do período”. As secas (sobretudo a de 1877), a abolição de 1884 e a chegada das idéias e valores europeus fundamentaram assim a máquina discursiva que a partir da formação de uma opinião pública procurou intervir nas transformações políticas naqueles tempos de transição. Desta feita, será reforçado que as atividades de imprensa, literatura e política consistiram em um corpo de intervenções sociais levadas a diante pelos letrados cearenses naquela transição.

Cabe dizer que a maioria dos trabalhos historiográficos cearenses que problematizaram conteúdos referentes às transformações sócio-históricas e políticas do período não perceberam esta organicidade na ação dos intelectuais cearenses, marcada pelo trânsito existente entre as três instâncias mencionadas⁴⁷. Ou seja, a literatura como sendo

⁴⁷ MONTENEGRO, Abelardo. *Os Partidos Políticos do Ceará*. Op. Cit.; MONTENEGRO, João Alfredo de S. *O Trono e o Altar: As Vicissitudes do Tradicionalismo no Ceará*. Op. Cit.; PIMENTEL, José Ernesto. *Aristocratização Provinciana em Fortaleza (1840 - 1890)*. Dissertação de Mestrado defendida no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco. – Recife: UFPE, 1995 e *Urbanidade e Cultura Política*. – Fortaleza: Casa de José de Alencar/ UFC, 1998; WEYNE, Walda. *Imprensa e Ideologia: O Papel Político dos Jornais Cearenses na Transição Monarquia/ República*. – Fortaleza: NUDOC/ UFC; 1990. CORDEIRO, Mia. Celeste. *Antigos e Modernos: Progressismo e Reação*

campo de expansão subjetiva e de produção de desejos, em que um texto, ao comportar os enunciados coletivos daquele território, procura elaborar no cotidiano, tanto na esfera social quanto nas relações de poder, uma opinião pública. Na imprensa, ao debruçar-se sobre a difusão cultural de determinados pressupostos axiológicos (sociais, institucionais, políticos), a inserção das leituras destes intelectuais sobre a esfera política e social locais procuraram afetar os sujeitos daquela realidade primando por legitimar apontamentos institucionais durante a instabilidade política experimentada, impondo uma vontade facciosa dominante. Por fim, na política, o campo onde as relações de poder materializam-se, as duas outras instâncias viriam propiciar aos segmentos letrados a elaboração de formas de captura simbólica, mais sofisticada que a coerção física da velha política do bacamarte, senão mais eficaz diante dos interesses em voga, operando juntamente com o avanço da ordem capitalista nos espaços sociais brasileiros.

Neste sentido, foi delimitado à análise a compreensão da formação dos espaços literários, sociedades, clubes e agremiações, como espaços políticos urbanos, que caracterizaram uma peculiaridade das letras cearenses diante do cenário nacional por sua presença marcante nas questões de ordem local. Assim, pode-se considerar que o espírito de facção outrora mencionado, agenciou sob outras configurações o conjunto das atividades letradas no Ceará de fins de século passado, no que concerne ao caráter gregário presente nas posturas dos intelectuais aqui estudados. Contudo, antes de reconstruir as formas de atuação deste agenciamento nas agremiações literárias cearenses, deve-se entender a construção do pensamento orgânico a partir dos três enunciados manipulados em forma de matérias desejanças experimentadas naquela realidade social, que deram possibilidade à configuração da máquina discursiva destes sujeitos históricos. O próximo tópico recairá sua análise sobre as razões eleitas pelos intelectuais cearenses em questão, ao recodificarem o conteúdo semântico da seca como fenômeno bio-geológico da evolução social e material, a chegada das idéias eurocêntricas como o conjunto de leis em prol do “aprimoramento moral” da sociedade e, por fim, a abolição de 1884 como realização e exemplo à nacionalidade brasileira de “adiantamento” e civilização, segundo suas retóricas discursivas.

I. 2. Luzes, Seca e Abolição: As Razões de um Pensamento Institucional.

Estando em boa medida cartografado os grupos e as relações de poder no território social cearense de meados do século XIX, com a chegada dos novos usos da comunicação através da atividade tipográfica e de imprensa, bem como a inserção de novos valores advindos da Europa que esfacelavam gradualmente as instituições do antigo regime, tornou-se de fundamental importância trazer para a discussão que se inicia a seguinte idéia: o grupo letrado que originalmente pertenceu aos setores tradicionais rompeu com os meios de dominação outrora usados pela geração anterior, em nuances estéticas. Porém, nas relações sociais cotidianas, primou por aprimorar os mecanismos de dominação da vontade dos sujeitos, com usos do saber que detivera. No período em que avançavam as instituições burguesas no Ocidente, em labor pelos meios de consolidação da sociedade capitalista, os sujeitos da Mocidade Cearense potencializaram sua máquina discursiva apropriando-se de enunciados e conteúdos simbólicos coletivos daquele espaço social como a moral e a força. Recodificando para aquele campo de experimentação subjetiva os enunciados da ordem burguesa como liberdade política e econômica, industrialismo, desenvolvimento tecnológico, progresso científico, produtos de intensidades desejantes do Iluminismo, Romantismo e do Positivismo, aqueles homens tiveram um interesse em comum: integrar-se nas relações de poder daquele espaço a manter o domínio dos grupos tradicionais, ou seja, acompanhar a emergência dos novos setores sociais segundo a manutenção dos antigos setores dominantes na nova ordem mundial⁴⁸.

Neste sentido, o objetivo principal deste tópico é perceber naquilo que Guattari e Deleuze chamaram de “agenciamentos maquínicos”⁴⁹, quais foram as matérias desejantes

⁴⁸ Em uma sociedade mantida pelo trabalho escravo, as origens da cultura letrada na América Latina estiveram ligadas ao projeto colonial e aos setores dominantes tanto para atender à vasta administração colonial como suprir às exigências da evangelização. RAMA. Op. Cit. P. 44.

⁴⁹ Ao discorrer sobre o material “livro” e o campo de expansão subjetiva que este comporta, na introdução sobre o que seria o “rizoma”, Félix Guattari e Gilles Deleuze discorreram sobre o que entenderam quanto à atividade de um agenciamento maquínico: “Um livro é um tal agenciamento e, como tal, inatribuível. É uma multiplicidade – mas não se sabe ainda o que o múltiplo implica, quando ele deixa de ser atribuído, quer dizer, quando é elevado ao estado de substantivo. Um agenciamento maquínico é direcionado para os estratos que fazem dele, sem dúvida, uma espécie de organismo, ou bem uma totalidade significante, ou bem uma determinação atribuível ao sujeito, mas ele não é menos direcionado para um ‘corpo sem órgãos’, que não pára desfazer o organismo, de fazer passar e circular partículas a-significantes, intensidades puras, e não pára de atribuir-se os sujeitos aos quais não deixa senão um nome como rastro de uma intensidade. (...) Considerado como agenciamento, ele (livro/ texto) está somente em conexão com outros agenciamentos, em relação com outros corpos sem órgãos. Não se perguntará nunca o que um livro quer dizer, significado ou

produzidas pela Mocidade Cearense, que no uso de sua máquina literária potencializou uma atividade estética a se apropriar de enunciados coletivos⁵⁰, na tentativa de produzir um modo de vida burguês a ser instituído e legitimado ao longo do raio de ação de suas práticas letradas e narrativas discursivas, o público leitor de Fortaleza.

Dando-se a produção de enunciados numa relação de poder⁵¹, sendo experimentadas matérias subjetivas, relações de afeto e desejo, nas trocas simbólicas dos indivíduos em suas relações cotidianas, no espaço social cearense entre as décadas de 1870 e 1880 os letrados da Mocidade apropriaram-se dos conteúdos simbólicos que ficaram impregnados nos campos subjetivos daquela realidade, como forma de manipular a opinião pública em favor dos seus interesses facciosos. Para tal empreendimento, fizeram uso de sua máquina discursiva, originalmente literária, colocando seus instrumentais teóricos, repertórios de leituras, a serviço de seus interesses de grupo, e impulsionaram uma potência estética⁵² que colaborou para manutenção do poder tradicional com a roupagem da modernidade.

significante, não se buscará nada compreender num livro, perguntar-se-á com o que ele funciona, em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ele se introduz e metamorfoseia a sua, com que corpo sem órgãos ele faz convergir o seu (...)". DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia, V. I.* – Rio de Janeiro: Ed. 34; 1995. P. 12.

⁵⁰ Pelo que pode ser entendido, os enunciados movimentam-se nas cadeias semióticas que comportam os sentidos. Estes são produtos de uma relação de poder entre os sujeitos sociais que, nas trocas simbólicas cotidianas, se empenham para realizar seus desejos. O objeto da comunicação (fala, texto, imagem) evoca-os e entram em conflito para atualizar uma vontade, um desejo experimentado. Apresentando-se no ato da enunciação (portanto são experimentados), incorporam-se no sentido (onde se estabelece a comunicação), conectam-se a outros campos desejantes e produzem o discurso. A este último cabe, em uma seqüência de enunciados que se conectam numa relação de força, a experimentação das intensidades subjetivas ou produzem as relações de poder no campo simbólico, como as narrativas na imprensa, nos livros. Logo, a enunciação, a atividade discursiva, utiliza-se do domínio dos conteúdos semânticos, operando os agenciamentos maquímicos que conecta os enunciados, produzindo desejos, ideários, como por exemplo, a ação da máquina literária do Romantismo produzindo o sentimento de emancipação. Assim, pode ser afirmado que o Saber, o qual se instituiu no Ocidente, é a legitimação subjetiva e material de uma experimentação desejante que se sobrepôs às demais numa relação de poder. Ver DUCROT, Oswald. "Enunciação". (Trad. Isabel Almeida). IN: ROMANO, Ruggiero (Org.). *(Linguagem e Enunciação) – Enciclopédia Einaudi.* – Rio de Janeiro: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda; 1984. P. 368 – 393. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder.* – Rio de Janeiro: Graal; 1979, *Vigiar & Punir* (Trad. Raquel Ramalheite). – Petrópolis: Vozes; 1987 e GUATTARI, Félix & ROLNIK, Sueli. *Micropolítica. Cartografias do Desejo.* – Petrópolis; Vozes; 1986.

⁵¹ DELEUZE, Gilles. *Foucault.* – São Paulo: Brasiliense; 1988.

⁵² A produção literária, como sendo campo de expansão subjetiva, pode capturar a vontade, condicionando a opinião dos sujeitos a partir dos conteúdos simbólicos que ela possa vir utilizar, e estes a despertarem a experimentação de um desejo. Por tanto, dentro de um campo de tensões onde dão-se as relações de poder, o agenciamento maquímico da Literatura, ou a composição de uma máquina literária, captura os enunciados no sentido de produzirem uma estética potencial, uma atividade estética sobre os enunciados coletivos, reproduzindo os conteúdos simbólicos através de narrativas; no caso estudado, leituras sociais. Sobre Estética ver: BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética. A Teoria do Romance.* – Op. Cit.

Mas como, no emaranhado caótico das trocas simbólicas que comportam as moléculas de desejos, apropriar-se da forma de enunciação mais estratégica para o exercício de um poder, diante dos diversos interesses e modos de experiência em um território social? Do modo mais experimentável, e não poderia ser de outra maneira. As intensidades em comum experimentadas pelo território social cearense, vivenciadas pelos sujeitos daquela realidade, poderiam perfeitamente ser lidas, narradas, bem como recodificadas. Para uma comunhão de indivíduos que não dominavam o uso dos mecanismos modernos de produção de desejos, as práticas letradas foram os instrumentos dos filhos da velha elite, capazes de formar uma opinião coletiva, pública e aceitável no convívio social, de um modo mais moderno ou civilizado que o uso da força e do bacamarte, conforme exigiam naqueles tempos a democracia burguesa na preservação da vida segundo a lógica do trabalho.

Desta forma, é pensável que se os sujeitos produzem, no âmbito das trocas simbólicas, conteúdos semânticos em que os enunciados conectam desejos atualizando uma relação de poder, um sentido pode ser reproduzido e, dentro de um campo de expansão subjetiva, a intensidade experimentada estaria pronta para entrar em atividade de cristalização numa relação de forças, ou seja, entrar num processo de aceitação coletiva (a instituição)⁵³. Por tanto, neste tópico, serão analisados também os agenciamentos de enunciação, ou as estratégias discursivas, que possibilitaram a produção de uma narrativa referendada nos pressupostos teóricos europeus, experimentados pela Mocidade Cearense, já apresentada, em vias de legitimar o uso de sua máquina discursiva na esfera social, política e institucional naquele processo de transformações históricas da sociedade brasileira.

Alguns aspectos ainda carecem ser elencados para que se compreenda aonde entra a discussão que se colocou inicialmente sobre os níveis de experiência daqueles sujeitos sociais, o espaço ou o campo de tensão e as relações de poder que propiciaram a atividade intelectual estudada. Trata-se de uma estética potencial, utilizada pelos letrados

⁵³ José Murilo de Carvalho (*A Formação das Almas. O Imaginário da República no Brasil*. – São Paulo: Cia das Letras; 1990. P. 129 - 140) já discorrera sobre a manipulação de determinados símbolos pelos discípulos de Comte no Brasil durante os primeiros anos de República. Como haverá de ser percebido no decorrer do presente estudo, a manipulação do conteúdo imagético-narrativo e simbólico das intensidades subjetivas experimentadas já era bem aplicada pelos grupos letrados cearenses ainda no Império, sobretudo com o uso particular da produção literária.

da Mocidade, que será analisada como forma de compreender as razões que impulsionaram a ação de sua máquina discursiva, bem como a sua produção literária durante as primeiras décadas do regime republicano.

A Mocidade Cearense, ou a geração dos jovens que pertenceram ao mais novo segmento social em ascensão naquele período, ainda que oriundos dos setores tradicionais, combateram as práticas do poder tradicional e para isso exerceram plena atividade intelectual em Fortaleza, a capital cearense. Sobretudo entre as décadas de 1870 e 1890, a cidade experimentou a confluência de enunciados que pairavam entre o promissor, o trágico, o empreendedor, o forte, resistente, o dignificado. Acontecimentos daquela realidade como o comércio intenso com as nações industrializadas desde meados de 1860, sobretudo com os portos de Lisboa e Liverpool, o surgimento de casas comerciais em que se destacaram as lojas inglesas⁵⁴, a necessidade de urbanizar aquele espaço tanto em virtude do seu crescimento populacional⁵⁵, bem como disciplinar o espaço das ruas para atender os anseios industriais, e incentivar o consumo dos produtos estrangeiros, fizeram com que Fortaleza experimentasse o sentido do progresso, o ideário mais eloqüente daqueles tempos em que o capitalismo emergente procurou alastrar-se perante os povos da Terra⁵⁶.

Naquele momento de afirmação das elites de Fortaleza sobre o restante da província, um episódio trágico veio para marcar a vida dos cearenses: a seca de 1877, que dizimou juntamente com a peste de varíola um pouco menos que a metade da população total do Ceará. Pobres, ricos, casas, fazendas, famílias, gados, plantações, fortunas, enfim, quase toda província fora consumada pelo flagelo da seca; um prejuízo material e humano

⁵⁴ GIRÃO, Raimundo. *Geografia Estética de Fortaleza*. – Fortaleza: Casa de José de Alencar/ UFC; 1997. P. 101 – 106.

⁵⁵ Foi de muito cedo que Fortaleza experimentou a disciplina urbanística. Por volta do início do século XIX, quando ainda com as características de uma pequena vila e “o comércio menor do que o Aracaty”, o Tenente Coronel de Engenheiros Silva Paulet, sob as ordens do Capitão-Mor Governador Sampaio, planejou a primeira planta urbanística para “a elaboração do plano urbanístico, da mais alta ressonância para o progresso”, em 1812. Com a mesma preocupação, o Boticário Ferreira, assim conhecido o comerciante, farmacêutico e político Antônio Rodrigues Ferreira, quando passou pela Câmara dos Vereadores entre as décadas de 1830 e 1840, trabalhou por tornar a capital mais urbanizada, alargando as suas ruas, e assim, atender a demanda do crescimento comercial que já se anunciava. Mas, foi sobretudo o Engenheiro Adolfo Herbst com a sua já bem conhecida “Planta Topográfica da Cidade de Fortaleza e Subúrbios”, de 1875, que deram-se de fato as obras públicas para esquadrihar a cidade, segundo o modelo de Paris, abrindo *boulevards*, novas ruas e avenidas, tanto para propiciar um melhor fluxo de pessoas e posicionamentos dos espaços destinados ao comércio, bem como definir a área urbana destinada às elites fortalezenses. GIRÃO. Idem. P. 73 – 98.

⁵⁶ PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque. Reformas Urbanas e Controle Social (1860 - 1930)*. – Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha; 1993 e TAKEYA, Denise Monteiro. *Europa, França e Ceará*. – São Paulo/ Natal: HUCITEC/ Editora da UFRN; 1995.

que os cearenses tardaram a esquecer. Contudo, superados os anos de estiagem (1877 - 1879), sobretudo em Fortaleza as classes emergentes passaram a alimentar uma imagem de progresso. Ao serem retomadas as atividades comerciais da capital com maior intensidade, bem como o comércio com as nações européias e o contato com os anseios imperialistas, uma nova onda de urbanização alastrou-se pela cidade. A idéia de progresso que pairava sobre a cidade e os cidadãos, não poupou esforços das autoridades locais para implementar políticas de controle social, sobretudo pelo inchaço populacional ocorrido com a emigração de retirantes do sertão para o litoral, sendo Fortaleza o principal atrativo na província.

Da mesma forma em que cresceu a população, acelerou-se as atividades comerciais e o processo de urbanização em Fortaleza. Acompanhando esse processo, os sujeitos que faziam uso dos instrumentos letrados intensificaram suas atividades intelectuais, identificadas com o desenvolvimento da cidade. O circuito de idéias nunca esteve antes tão agitado naquela capital, pois, muito deveu-se à uma maior intensificação das atividades tipográficas sobretudo com a campanha abolicionista nos primórdios da década de 1880⁵⁷ - este último acontecimento sendo decisivo para que se entenda a máquina discursiva dos sujeitos históricos estudados neste trabalho. Outro fator que merece ser mencionado na breve cartografia que aqui foi exposta, reporta-se à ascensão da facção política Pompeu-Accioly que rompeu com o antigo Partido Liberal da província e, desde a fundação do seu órgão de imprensa, o “Gazeta do Norte”, sempre procurou aproximar-se dos interesses dos grupos em ascensão, tanto da política local quanto nacional, ainda que se afirmando na esfera de poder dos segmentos tradicionais.

Em virtude dessa atmosfera de progresso, em boa medida eloqüentemente anunciada pelos segmentos das elites em ascensão, uma série de enunciados passaram a ser manipulados no sentido de fazerem ressonante seus valores, códigos, leituras e interesses que passaram a ter repercussão naquela realidade. Como não poderia deixar de ser, o termo *moderno* foi o primeiro conteúdo semântico-discursivo que logo impregnou-se na subjetividade ou o campo desejante daquela cartografia social. Com o avanço da política

⁵⁷ “O decênio 18880 – 1889 foi o último sob governo monárquico, apresentando-se a imprensa cearense, no seu decurso, com vitalidade realmente notável, como prova o fato de terem surgido cento e setenta e cinco publicações, segundo o Catálogo Geral do Barão de Studart. No entanto, o aspecto mais importante a considerar refere-se ao aparecimento dos jornais ‘Gazeta do Norte’ e ‘Libertador’, que renovaram o jornalismo na província (...)”. NOBRE, Geraldo S. *Introdução à História do Jornalismo no Ceará*. – Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense; 1974. P. 141.

econômica do imperialismo europeu sobre os mercados latino-americanos, os setores da nova elite, que visavam manter o seu poder conservando a tradicional estrutura, trabalhou por criar a necessidade em consolidar as instituições burguesas favoráveis à economia dos mercados⁵⁸. E, por deter o instrumental letrado, fez do conhecimento das novas idéias, das “luzes do século”, as teorias que chegariam d’além-mar para impulsionar o avanço desta nova sociedade.

Para os cearenses, de um modo geral, o fato da província ter resistido à seca de 1877/ 1879 ficou a impressão, ou melhor, tornou-se intensidade experimentada a idéia de força e resistência às intempéries do meio físico e natural. Da mesma forma, especificamente a Mocidade Cearense apropriou-se dessa experimentação aplicando as teorias do evolucionismo para mostrar que o tipo cearense detinha força capaz de superar as condições cósmicas. Daí, em contato com as teorias do progresso, poderia essa geração conhecer as leis do universo possíveis de ser identificadas nas ciências naturais, bem como na sociologia, e superar todos os agravos da sua realidade, seja de origem natural ou humana.

Por fim, unindo-se à idéia de *forte*, resistente ao meio físico-natural, e *moderno*, por conhecer as leis da evolução e estar concatenado com os valores da civilização, à enunciação derradeira sobrecaiu ao termo *emancipado*. Este, foi o maior suporte discursivo das elites fortalezenses, de um modo geral, e da Mocidade, em particular, durante as campanhas políticas e intelectuais que foram empreendidas por quase três décadas. A idéia de liberdade repercutida pela inserção de leituras do Liberalismo Clássico bem como dos filósofos do Iluminismo, no Ceará tomou conotação moral, conforme será analisado, pois, segundo o que era experimentado pelos segmentos dominantes de Fortaleza, não era possível que os indivíduos conhecendo as leis do progresso, sendo capazes de resistir a qualquer agravo, sujeitasse a sua vontade aos domínios do atraso, da tradição, do poder senhorial que se conhecia na sociedade brasileira. Foi tão somente essa intensidade experimentada no espaço social cearense que não tardou em mobilizar, na década de 1880, inicialmente, em Fortaleza, alastrando-se pelos outros municípios, a campanha em prol da civilização e da “regeneração social”: o movimento abolicionista, sobretudo com a emancipação dos cativos em 1884. O resultado destes agenciamentos de enunciação foi a confecção narrativa-discursiva de um tipo social que

⁵⁸ GRAHAN, Richard. *Grã-Betanha e o início da modernização no Brasil*. – São Paulo: Brasiliense; s/ r.

conhecendo as teorias do progresso, por tanto moderno, e capaz de resistir às intempéries climáticas mais trágicas, seria dotado de virtude moral – artifício de legitimação de um poder - apto para alcançar o progresso material e espiritual, conforme o desenvolvimento da sociedade européia, daí realizar transformações na sua realidade marcada por instituições rechaçadas de atrasadas como a escravatura, e atingir, por fim, o “grau da civilização”.

Convém afirmar que a repercussão destes enunciados recodificados deveu-se sobretudo à atividade de imprensa, bem como a conexão arquitetônica dos conteúdos semânticos deveu-se ao papel que desempenhou a máquina literária e discursiva na manipulação dos agenciamentos maquímicos, a operar nas cartografias subjetivas a produção de desejos coletivos. Por tanto, faz-se necessário recorrer aos registros históricos que mais comportaram este tipo de agenciamento, e que caracterizou os primórdios da confecção de uma potência estética, posteriormente tornando-se suporte para legitimar uma prática intelectual e política no espaço dos grêmios literários cearenses de 1887 e 1904, como bem será analisado.

Indiscutivelmente, o intercâmbio comercial com as “nações civilizadas” possibilitou um fluxo mais intenso de leituras que chegavam ao Ceará. Como pode ser atestado no trecho deste artigo de Antônio Bezerra, uma variedade de revistas, livros e jornais da Europa circularam pela capital cearense:

Por toda a parte se fundam sociedades com o fim de propagar o ensino entre os sócios; possui esta capital magnificas bibliothecas particulares, em cujas estantes se encontram os livros mais valiosos e mais modernos da sciencia europea, e não faltam amadores que sondam-lhe os segredos com a avidéz de um avarento.

Têm aqui varios assignantes os jornaes estrangeiros, que não importa sejam escriptos em francez, inglez, italiano, allemão etc com tanto que divulguem as descobertas modernas, sobretudo da anthropologia, de cuja solução pendem os mais importantes problemas sobre o homem.

O mutismo de outr'ora succede lisongeira tendencia para as publicações⁵⁹.

O texto reportou-se às décadas de 1870 e 1880, momento em que o Ceará, sobretudo Fortaleza, experimentou um intenso fluxo de idéias e leituras modernas. Até

⁵⁹ BEZERRA, Antônio. “O Nosso Progresso”. IN: *A Quinzena. Propriedade do Club Litterário*. – Nº 07; Anno II; Fortaleza, 03. 05. 1888. P. 52.

então, pelos idos de 1850 e 1860, o “menosprezo aos productos da intelligencia” era o que imperava, conforme já constatou-se no tópico anterior. Com o retorno de alguns intelectuais à terra natal, e, sobretudo, pela iniciativa de Rocha Lima⁶⁰, Capistrano de Abreu, Araripe Júnior, Xilderico de Faria, João Lopes e Thomás Pompeu Filho, dentre outros, em 1872 fundaram aquela que seria a primeira congregação de letras cearenses, após o grupo dos “Oiteiros”, segundo os valores modernos. A Academia Francesa, grupo que atribuíram como sendo literário, mas, na verdade era filosófico⁶¹, nasceu em Fortaleza num momento marcado pela primeira experimentação de progresso antes da seca e a inquietação social que as idéias da Escola do Recife já propagava no início da década de 1870, com Sílvio Romero e Tobias Barreto à frente da campanha. Cabe dizer que estes anseios por romper, no campo do conhecimento, com as instituições que “atrasavam” a sociedade brasileira foram em boa medida difundidos por este espaço da *intelligênzia* tupiniquim. A denominada “Geração de 1870” pregava a salvação da nação brasileira através da ciência, e a Academia Francesa foi o principal expoente dessa geração no Ceará⁶².

⁶⁰ “Rocha Lima era o mais jovem de todos e entretanto o mais profundo: fadado para morrer cedo, a sua intelligencia tomou um desenvolvimento extraordinariamente precoce, alando-se ousadamente ás mais altas abstracções da Critica e da Philosophia. Todos os grandes pensadores e artistas de então lhe eram familiares, e n’esse superior convívio o seu espirito scientifico assumiu proporções assombrosas para a sua idade e para o meio, como o demonstram os seus trabalhos ora enfeixados com o título de ‘Critica e Literatura’”. SALLES, Antônio. *Trabalhos (Manuscritos Inéditos)*. – Setor de Obras Raras da Academia Cearense de Letras; 1898. P. 223. Ver também BEZERRA, Antônio. “O Nosso Progresso”. IN: *A Quinzena – Propriedade do Club Litterario*. Anno: II; Nº 07. – Fortaleza: 03/ 05/ 1888. P. 51; BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense*. – Fortaleza: Edições do Instituto do Ceará; 1948. P. 86 – 90 e OLIVEIRA, Almir Leal de. *Saber e Poder. O Pensamento Social Cearense no final do Século XIX*. Op. Cit. P. 50 – 52.

⁶¹ Ver VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. – São Paulo: Letras & Letras; 1998. P. 342; BARREIRA. Op. Cit. P. 85 – 98. BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. – São Paulo: Cultrix; 1994 (33ª ed.). P. 246; AZEVEDO, Sânzio. “Grêmios Literários do Ceará”. IN: SOUSA, Simone de. *História do Ceará*. – Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha; 1994 (2ª ed.) P. 185 e 186; BEZERRA. Op. Cit e LINS, Ivan. *História do Positivismo no Brasil*. – São Paulo: Companhia Editora Nacional; 1967 (Coleção Brasiliana, V. 322) P. 115 – 130.

⁶² “Percebe-se uma suada agitação no paiz, factos occorrem que denunciam uma revolução subjacente. A sociedade brasileira encarreirada nas vias do seu aperfeiçoamento moral, como que se retrae! (...) Há uma estupefacção geral, o calafrio agita e entorpece as extremidades do corpo social. Que accidente experimentou a paz, ou que temorasas visões do futuro o preoccupam n’este mommento? O passado, envoltto em seu sangrento sudario assoma das trevas, agita a discórdia e vem bradando-a postos! É a reacção sacrilega. São erros batidos a tomarem sua desforra, o blasphemo mentindo a Deus, em honra de quem a intelligênciá trabalhará a um sécculo. Pela Sciência somente, penetrando a lei universal o horror aprende a conhecer-se, adquire a consciência, o eqüilibrio de uma força, a plenitude, a certeza de si mesmo. Uma lei misteriosa, cujo o segredo possui o regedor dos mundos, determina taes acontecimentos. É constante a vicissitude do bem e do mal. Aos secculos de civilisação succedem os secculos de barbaria, os erros vem apos as grandes conquistas do espirito humano, o dia tem por térmios a noite. É que a verdade brilha de uma luz tão viva, que nunca o homem se approximarâ d’ella demasiadamente. Quando indusidos da grande máxima: - saber é poder, a Mocidade brasileira procurava penetrar os arcanos da sciência para

Mais que o “berço das idéias inovadoras”, a Academia Francesa pode ser entendida como sendo um pacto político e estético. No primeiro caso, deu-se pela união de forças entre os intelectuais que não encontravam espaço de inserção naquela realidade marcada por sentimentos e valores tradicionais, e que não podendo aplicar seu conhecimento ingressaram nas linhas editoriais dos jornais partidários, participando das lutas políticas. Em segundo, por estes realizarem a conexão das leituras⁶³ positivistas e evolucionistas aos interesses dos setores emergentes de Fortaleza, lançando uma leitura de progresso para a ação dos sujeitos ligados à atividade comercial. Este período que denotou um momento de tensão entre os grupos dominantes da sociedade brasileira, começou com a ascensão dos grupos médios urbanos, a introdução do pensamento europeu ligados ao positivismo, ao evolucionismo, bem como um recrudescimento das idéias liberais, passando pela abolição dos cativos em 1888, golpe de 1889 até a legitimação republicana por volta de 1898, com a legitimação do governo das oligarquias⁶⁴.

Conforme foi percebido em considerações já elencadas, os integrantes da Academia Francesa estavam impregnados das leituras e teorias eurocêntricas já proficuamente repercutidas nas faculdades donde haviam realizados seus estudos. Ao chegarem ao Ceará, encontraram uma sociedade marcada pelos valores e instituições tradicionais no domínio daquela estrutura de poder. Para garantir sua inserção social e política, não pouparam esforços: empenharam-se no mesmo intuito dos grupos urbanos que também lutavam por romper com os segmentos tradicionalistas e dominantes. Assim, apegaram-se ao messianismo do século XIX, em que as enunciações razão, ciência e liberdade - a tríade religiosa daqueles tempos emergentes – pregavam a emancipação dos indivíduos dos domínios da tradição.

um dia illuminar a sua pátria (...)!”. Fraternidade – Órgãõ da Aug.: Loj.: Ma.: Frat.: Cear.: – Anno: I; N° 01. – Fortaleza: 04/ 11/ 1873. P. 01.

⁶³ “Cada um de nós lia e tomava nota de uma obra de Comte, Darwin, Spencer ou Littré, os autores mais autorizados da época, e reunidos, expunhamos o resultado dessa leitura, submetendo-o à crítica e análise dos demais (...). Dir-se-ia que ali estavam universitários alemães a controverterem os mais árduos problemas científicos ou filosóficos (...)”. STUDART, Barão de. “Tomaz Pompeu de S. Brasil. Notas sobre a sua Vida”. IN: *Revista Trimestral do Inst. Do Ceará*. – Fortaleza: Typ. Minerva; 1929. P. 12 APUD ANDRADE. *Tomáz Pompeu e o seu Tempo*. Op. Cit. P. 17.

⁶⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História da Civilização Brasileira*. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1997 (5ª ed). P. 289 – 360; MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira V. IV (1877 - 1896)*. – São Paulo: T. A. Queiroz; 1996; CARONE, Edgard. *A República Velha V. II (A Evolução Política)*. Op. Cit. e FAORO, Raimundo. *Os Donos do Poder. A Formação do Patronato Político Brasileiro, V. II*. – São Paulo: Globo; 1995 (10ª ed.) P. 501 – 577.

O secculo XIX assignala-se pelas suas tendências a positividade dos conhecimentos humanos, a concretisação dos sentimentos religiosos.

Quando a autoridade do mestre não faz fé na sciência, não é muito que a palavra de posse do jesuíta seja submetida a crítica da razão.

Hoje o livre exame estabelece o processo dos tempos idos, e pelas indagações históricas desmorona o velho edifício de surpetições⁶⁵.

As leituras das idéias liberais e iluministas já eram conhecidas e subjetivamente experimentadas no território social cearense, pelo menos por parte dos segmentos letrados, instância dos setores abastados da capital⁶⁶. A idéia de emancipação dos valores tradicionais casava muito bem com os interesses de mercado dos segmentos emergentes de Fortaleza. Liberdade para negociar, liberdade para fazer investimentos, liberdade para consumir, enfim, a Academia Francesa surgiu num momento em que a estrutura tradicional se desestabilizava com o avanço da ordem capitalista. Mas, ainda era preciso convencer os indivíduos daquela realidade, sobretudo os próprios segmentos dominantes tradicionais, a aceitarem as transformações daqueles tempos. E para isso, o reconhecimento do discurso científico como legitimador de um saber sobre a dinâmica da sociedade foi incisivamente empregado na remontagem da estrutura dominante, e, conseqüentemente, formular novas relações e a aceitação de novos exercícios de poder naquela realidade.

O maior titulo da Enciclopedia para a posteridade é ter congregado os espíritos, chamando-os para o estudo da humanidade em sua evolução civilizadora através dos secculos.

Debaixo d' este ponto de vista muito lhe deve a sciencia actual. A crítica religiosa sobretudo deve-lhe o seu nascimento.

⁶⁵ “Passado e Presente”. IN: *Fraternidade. Órgão da Aug.:. Loj.:. Frat.:. Cearense*. Anno I; N° 01. – Fortaleza: 04/ 11/ 1873. P. 01. BPCMP. M. 105.

⁶⁶ No mesmo artigo, percebe-se que os teóricos e personagens políticos do Iluminismo francês eram lidos e conhecidos pelos homens de letras cearenses bem como aqueles que lutavam por romper com a esfera axiológica tradicionalista que perdurava durante a década de 1870 naquela realidade política e social: “*O secculo XVIII, é verdade, já havia tocado na arca sancta das tradições, mas nem Voltaire, (...), nem Condorcet com a sua theoria algebrica do progresso, nem Diderot (...), nem D’Alambert com o calculo frio de pensador poderam derrocar as crenças arraigadas nos espíritos por tantos secculos, de uma maneira durável e moralizadora. A obra da Enciclopédia, como todo producto da actividade humana veio a tempo. Nas épocas de de completa transformação do senso moral, a violência feita aos principios naturaes gera, como no mundo phisico, reacções perigosas, em que todo excesso se autorisa em sentido opposto*”. Idem.

É por esse longo labor intellectual que as nações chegam a emancipação humana e formulam o caráter definitivo de sua civilização.

O Jesuitismo, porém, pretende absorver a vitalidade dos povos na condenação eterna ao jugo romano, e inconsciente do descrédito em que tem caído na opinião pública, estorce-se como louco na lama da rua, procurando avassalar a razão.

Felizmente para o mundo, as leis geraes que regulam o desenvolvimento moral do individuo [liberdade, ciência e razão] não podem ser apropriados por ninguém, nem aproveitadas especialmente para negócios da Cia. de Jesus.

A marcha necessária das idéas para a libertação completa do pensamento é hoje um facto que amedronta os tíbios, desespera os ultramontanos e enche de esperanças as intelligencias convencidas da necessidade de uma renovação social.⁶⁷

A Academia Francesa empenhou-se no combate discursivo às estruturas de valores mais conservadoras do poder tradicional. O conhecimento científico foi o discurso empregado como renovador da sociedade, no sentido de romper com os grilhões da tradição e lançar a coletividade nos rumos do progresso. Detalhe importante a ser percebido, é que o reconhecimento do trabalho intelectual haveria de formar uma nova nação e levá-la ao curso da civilização⁶⁸. Neste aspecto, o discurso da Academia Francesa aponta para o comprometimento dos seus integrantes com os interesses dos grupos emergentes de Fortaleza, em que o saber científico e filosófico empenharam-se para dar um novo sentido à recém formada nação brasileira. Uma nova nação, pensada nos princípios da liberal-democracia; era o ideal difundido pelos setores que ligavam seus interesses à sua inserção completa naquela estrutura de poder, frente à nova ordem econômica e política mundial. Neste sentido, há de se perceber que, como fora nos empreendimentos dos setores burgueses europeus, a idéia de liberdade legitimava-se no conhecimento filosófico, reforçando a idéia de progresso material e humano, no intuito de consolidar uma coletividade nacional voltada para os interesses do mercado e o avanço das instituições

⁶⁷ Idem. Ibidem.

⁶⁸ As historiografias política e literária, por exemplo, foram duas frentes de ataque em que os intelectuais brasileiros empenharam-se por compreenderem o sentido da nacionalidade brasileira, assim como ocorreu em outros países europeus durante a formação dos Novos Estados Nacionais. Ver GUIMARÃENS, Manoel Luís Salgado. “Nação e Civilização nos Trópicos: o IHGB e o projeto de uma História Nacional”. IN: *Estudos Históricos I. Caminhos da Historiografia*. – Rio de Janeiro: Cpdoc/ FGV; 1988. P. 05 – 27; WEBER, João Ernesto. *A Nação e o Paraíso. A Construção da Nacionalidade na Historiografia Literária Brasileira*. – Florianópolis: Editora da UFSC; 1997. P. 25 – 52 e SALIBA, Elias Tomé. *As Utopias Românticas*. – São Paulo: Brasiliense; 1991. P. 54, 55 e 59.

burguesas. Assim, torna-se preclaro que as elites fortalezenses experimentaram os interesses dos novos Estados-Nacionais europeus, bem como almejavam articular-se àquela demanda da ordem capitalista. Qualquer ameaça a estes interesses sofria fulminante ataque por parte dos que propagavam a marcha do progresso, como foi o caso da repercussão do comunismo no Ceará, bem após a Intentona de Paris⁶⁹.

Outro aspecto notório citado no texto de época acima, reportou-se à ojeriza que fizeram aos domínios clericais. Além de exercer um significativo poder na sociedade cearense, o Clero sempre combateu as idéias liberais, emancipatórias ou revolucionárias, no sentido de submeter a vontade dos sujeitos aos domínios do poder tradicional, leigo ou religioso, tanto da Igreja quanto do patriarcalismo⁷⁰. A reforçar essa rivalidade entre positivistas e o Clero, era a Igreja ainda quem detinha o controle sobre a educação e instrução dos indivíduos, com o Jesuitismo atuando nas instituições de ensino secundário⁷¹. Não poupando ataques, os membros da Academia Francesa centrou o seu combate na tradição tendo como alvo a Cia. de Jesus, pois, era esta também um forte empecilho para o exercício profissional e intelectual desses letrados na esfera do ensino⁷². Característico da

⁶⁹ “No velho continente a sociedade civil para manter a sua athonomia, encarece os meios preventivos e arma-se para a lucta com a internacional vermelha, que proclama a expropriação geral em benefício da comunidade e aniquila os fundamentos da actividade humana pela negação da propriedade e com a não menos celebre internacional negra, que faz o nihilismo humano a lei suprema de seu desideratum e eleva á altura de dogma social, a negação da liberdade de pensar e a abdicação das almas ante a prepotência cezariana do papado. Ultramonthanismo e comunismo se abraçam e se unem para um mesmo fim: Bock estende a mão Max (sic) que retribue o comprimento com o sublevamento Carthagena; Félix Pyat sorri á Luiz Veillot que marcha á vanguarda das forças clericas e ameaça perturbar a tranqüilidade e a paz na França; os Carlistas se confraternizam com os Cantonaes e erguem um alto de fé contra os ideaes liberaes da constituição hespanhola de 1869 (...). Os extremos se tocam, o petroleiro veste a sotaina do jesuíta, este enverga a blusa do comunista. As ideas que pareciam distanciadas aparentemente, convergem para um mesmo fim – reduzir a razão ao obscurantismo pela sêde de raciocínios a capitular ante a palavra do mestre e a autoridade do sacro collégio romano, ou o amordaçar a consciência e a vontade para que elles não protestem contra o regimem, que proscreve a família, a propriedade e a dignidade humana. E porventura, haverá diferença essencial entre as douctrinas jesuítas e os princípios socialistas da communa?”. **Fraternidade**. Anno: I; Nº 18. – Fortaleza: 10/ 03/ 1873. P. 01.

⁷⁰ MONTENEGRO, João Alfredo. **O Trono e o Altar. As Vicissitudes do Tradicionalismo no Ceará**. Op. Cit.

⁷¹ CASTELO, Plácido Aderaldo. **História do Ensino no Ceará**. – Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará; 1970.

⁷² “Os seminários lhe foram exclusivamente confiados, para formar o coração da mocidade brasileira, que se dedica ao althar, e dar direcção ao seu espírito. Um dominio absoluto se lhe assegurou sobre a consciência dos neofitos, e quando os homens mais previdentes reclamaram contra uma (obs: trecho danificado) tão perigosa, já ia mui adiantado o processo de assimilação; o mal tinha deixado profundamente raizes. A educação é o ponto fixo do universo, que Archimedes pedira para ver a terra; e sentia Leibnitz que será o senhor do mundo quem poderá senhorear-se d’ella. (...) Com effeito, o padre dos últimos tempos tem o coração tão ermo d’essas nobres affeições, que engendram a Pátria, como lazzarista disperso sobre a terra. Antes seus olhos passa e repassa somente a visão de Roma reconquistada; mas nem um só mommento o seu espírito se preoccupa d’essa Nação, que quer romper a immensa crysálida, para um dia tratar de igual aos grandes povos da terra! (... ..) Não se pode admittir clero que não seja nacional, sob pena de perder a

doutrina positiva, careceria por tanto que os sujeitos, “necessitados de saber”, tivessem acesso ao conhecimento que haveria de ensiná-los as “leis morais”, a emergência para emancipá-los dos domínios estáticos e obscurecidos impostos pela tradição, e, conseqüentemente, levar a nação aos rumos do progresso atingindo o “grau da civilização”⁷³.

Formular a lei do desenvolvimento civilizador de cada povo é mostrar o grau de conhecimento a que elle tem chegado intellectualmente.

Foi esse theorema histórico que o sábio englêz Buckle desenvolveu brilhante em sua obra intitulada – História da Civilisação da Inglaterra.

Para elle as idéas moraes [pautadas nos princípios da liberdade, razão e ciência] são antes instituições invariáveis da razão humana, do que postulados científicos que se completam e desenvolvem nos períodos históricos.

É assim, diz elle, que a moral de hoje é mais ou menos o que foi nos tempos primitivos, aparte o elemento intellectual que a desenvolve e dá-lhe uma feição actual..

Pensamos também como o sábio historiador, que differença anotar entre as acções moraes de um povo em diversas épocas é resultado do adiantamento intellectual que se opera n'elle através dos secculos⁷⁴.

Já que era pelo labor intelectual que as nações emancipavam-se da tradição, rumando para o objetivo maior que era atingir o grau de civilização, o apoio da Grande Loja Maçônica do Ceará aos membros da Academia Francesa não poderia ter sido mais estratégico para ambos os lados. É sabido que a Maçonaria participou tanto na Europa quanto no Brasil de agitações políticas, sobretudo combatendo o poder dos grupos tradicionais em que reis e papas não foram poupados⁷⁵. No Ceará, através do jornal “Fraternidade”, a Loja Maçônica do Ceará - composta por comerciantes locais, bacharéis e

*nação alguma cousa dos seus traços moraes. A elle cabe a guarda dos costumes na inspecção da família, a segurança do estado na sustentação das doutrinas, que são o fundamento de sua lei. (...) Que povo já foi tão imprudente que confiasse os seus althares aos estrangeiros? Ou que conquista já se firmou que não começasse pelo aniquilamento do padre nacional?”. **Fraternidade**. Anno: I; Nº 03. – Fortaleza, 18. 11. 1873. P. 01 e 02.*

⁷³ ARANTES, Paulo Eduardo. “O Positivismo no Brasil. Breve Apresentação do Problema para um Leitor Europeu”. IN: *Novos Estudos*. – São Paulo: CEBRAP; 1988. P. 185 – 194.

⁷⁴ **Fraternidade**. – Anno I; Nº 06. – Fortaleza: 09/ 12/ 1873. P. 01.

⁷⁵ Ver PARTNER, Peter. *O Assassinato dos Magos*. – Rio de Janeiro: Campus; 1991 e GOMES, Manoel. *A Maçonaria na História do Brasil*. – Rio de Janeiro: Editora Aurora; 1970 (2ª ed.).

médicos⁷⁶ - investiu no conhecimento dos rapazes que integravam o grupo dos positivistas que “bebiam das idéias da França”, e aproveitou carona com a questão religiosa, na tensão vivida quanto deu-se o rompimento do Estado Imperial com a Igreja, devido a excomunicação de padres que eram maçons assim como inúmeros estadistas brasileiros⁷⁷. Para os maçons do Ceará, sobretudo os pertencentes à Mocidade, nem mesmo a política imperial ou mesmo as disputas locais ficaram ilesas no combate, podendo ganhar apoio ou repúdio quando o assunto era relacionado à Igreja⁷⁸. Como não poderia deixar de ser, o ataque ao domínio clerical na imprensa foi inevitável frente à “Tribuna Catholica”, que era

⁷⁶ NEVES, Berenice Abreu de Castro. *Intrépidos Romeiros do Ceará: Maçons Cearenses no Império (1870 - 1880)*. Dissertação de Mestrado Defendida no Programa de Sociologia da Universidade Federal no Ceará; 1998.

⁷⁷ “Remontando-se a seculos esta lueta entre Jesuitismo e Maçonaria, tem aquelle (diocesano local) em nome da egreja lançado sobre esta diversos anathemas todos fundados em origens, que não resistem a uma seria argumentação. A Maçonaria nunca combateo a egreja, pelo contrario sempre livrou-a das garras do perverso jesuitismo da morte do seu fundador Ignacio Loyola, o sucessor Diogo de Laynez, abuzando do cargo de que foi revestido, entendeo que devia prender os destinos do mundo christão aos designios de suas doutrinas, filhas da ambição e da vaidade”. – *Fraternidade*. Nº 04. – Fortaleza, 25/ 11/ 1873. P. 03. “A curia romana, sempre inimiga da liberdade dos povos, apresentou as armas e sahio á campo em defesa da ignorancia, da superstição e velhos preconceitos religiosos. (...) A maçonaria não se arreceiou da lueta; ergue a luva atirada no solio de suas officinas por esses homens da sombra e foi batel-os nos seus proprios intricheiramentos. Acompanhou-os á seus esconderijos para melhor estudal-os e tentou a luz do sol, a torpeza e corrupção d’esses corvos, que pretendem dominar a família, o estado, o mundo inteiro. A lueta tornou-se de vida ou morte para a civilização. Se triumpha a liberdade, estão salvos os direitos da consciencia; se succumbe, a tyrannia da curia há de reduzil-a ao regimen da Companhia (...). (...) É ardua a nossa tarefa, sabemos, mas o nosso devotamento a causa da moralidade dos povos, da liberdade de consciencia e de todos os interesses legitimos da humanidade, nos permitirá supportar com firmeza e satisfação as provanças da lueta!”. *Fraternidade*. Anno: I; Nº 05. – Fortaleza: 02/ 12/ 1873. P. 01. Ver também: ROMANO, Roberto. *Brasil: Igreja Contra Estado*. – São Paulo: Kairós; 1979.

⁷⁸ Como pode ser percebido neste artigo, a questão religiosa foi apoiada pelos maçons e positivistas do Ceará frente à influência do poder clerical: “Na falla com que S. Magestade o Imperador abriu a sessão da Assembléa Geral, lê-se o seguinte trecho, relativo a magna questão religiosa. O procedimento dos bispos de Olinda e do Pará sujeitou-os ao julgamento do Supremo Tribunal de Justiça. Muito me penalisa este facto, mas cumpria que não ficasse impune tão grave offensa á Constituição e ás leis. Firme no propósito de manter ilesa a soberania nacional, e de resguardar os direitos dos cidadãos contra os excessos da autoridade ecclesiastica, o governo conta com o vosso apoio, e, sem apartar-se da moderação até hoje empregada, há de conseguir pôr termo a um conflicto tão prejudicial á ordem social, como aos verdadeiros interesses da religião”. *Fraternidade*. Anno: I; Nº 28. – Fortaleza: 26/ 05/ 1874. P. 04. Desde o início da campanha da Ilustração no Ceará que a política partidária local sofreu ataques por conta de suas posturas comprometidas com os valores tradicionalistas: “A Constituição – o jornal do governo, que não tem a seu serviço uma penna capaz de discutir as questões da actualidade ou que não tem coragem e lealdade bastante para defender o gabinete; (...) ‘A Constituição’, dizemos, procura, as vezes, entoar com a ‘Tribuna Catholica. (...) Lhe responderemos como Appelles: Ne sutor ultra crepidam, declarando que, si quer entrar na liça, primeiro nos deve dizer quem é, e donde vem, para collocar-se no estadio com os outros combatentes vestidos de armas taes, como é de costume nos torneos da intelligencia”. *Fraternidade*. Anno: II; Nº 30. – Fortaleza: 09/ 06/ 1874. P. 03.

o jornal da Aquidiocese de Fortaleza⁷⁹; o que leva a crer que os maçons cearenses estavam comprometidos com os interesses emergentes de época.

Tornar-se então preclaro que no discurso do jornal “Fraternidade” a idéia de uma nação é definida pelo atributo de um princípio moral, que é conhecer e aplicar as idéias emancipatórias produzidas na Europa para acompanhar o desenvolvimento das sociedades capitalistas. Por tanto, dever-se-ia romper com os valores e as instituições como o Clero, o maior representante do poder tradicional e religioso que ainda imperava no Ocidente, e investir no conhecimento científico, no desenvolvimento e aprimoramento intelectual dos indivíduos, para que o Brasil, sendo uma nova nação, pudesse alcançar o seu desenvolvimento moral correspondente aos anseios daqueles tempos⁸⁰. Logo, o periódico utilizado pela Academia Francesa propagava o discurso nacionalista segundo a lógica dos setores da elite emergente de Fortaleza, em que o discurso científico, minando o poder

⁷⁹ A luta entre o jornal maçônico “Fraternidade” e a “Tribuna Catholica” chegou a utilizar-se dos bastidores da política nacional, como forma de combater posturas ligadas ao pensamento político tradicional, como pode ser percebido no trecho do artigo que se segue: “*A Tribuna Catholica, órgão da caixa pia, publicando sobre os immediatos auspícios do deocesano, acaba de fazer uma importante descoberta. O Conselheiro Zacharias, diz ella, chefe liberal, deffendeu a causa da religião no senado e é presidente da associação catholica na corte; o Dr. Dias da Cruz, influencia liberal também é membro dessa sociedade; o conselheiro Paranaguá, um dos chefes liberaes pronunciou-se em favor da egreja. Logo, conclue sabiamente, os liberaes são catholicos, apostolicos romanos! Logica irresistivel! Em primeiro lugar, ainda ninguém lembrou-se de pôr em duvida a orthodoxia do partido liberal do Brazil; mas admittida a hypothese contraria, os tres cidadãos indicados pela folha episcopal podem constituir o partido, e resumir o seu programma? Não por certo. Os partidos militantes no paiz são catholicos, por ora não appareceu ainda o schisma; os seus membros apenas divergem no modo de encarar questões de direito (... ..). Combater os abusos, não é combater a religião, é antes procurar dar-lhes maior esplendor, maior realce embora os raios despeitosos do Vaticano. A religião não se impõe pelo Knot, senão pelos exemplos, pela pratica das virtudes evangelicas. O crê ou morre deixou-se embora para os sectários de Mahomet*”. **Fraternidade**. Anno: I, Nº 03. – Fortaleza, 18/ 11/ 1873. P. 03.

⁸⁰ “*As ideias e não os factos são que dirigem o mundo (F. Laurent). Quando ellas tornam-se as aspirações geraes de uma época, quando são a expressão das necessidades de um povo, força é, que se traduzam nas leis e costumes do paiz que as vio nascer. Comprimil-as ou oppor-lhes barreiras é crear resistêcia, que pode formular-se em revolução. As ideias nascem com o desenvolvimento intellectual de cada povo, e desde que cahem no dominio publico tornam-se o patrimonio de uma Nação, uma, como que alimentação moral de cada individuo. (...) Para as velhas nacionalidades da Europa a Liberdade de consciencia é hoje um facto. Após longos annos de lucta entre egreja e o estado, este conseguiu um triumpho assignalado nos annaes históricos da humanidade, dando os direitos de cidade a consciencia universal. (...) Entre nós a liberdade de consciencia foi garantida imperfeitamente na carta constitucional. O legislador constituinte, rodeado de uma população sinceramente orthodoxa, curou bem pouco de dar legitima satisfacção ás crenças heterodoxas que então apareciam como lampejos. O brasileiro teve de recitar o credo em cada acto de sua vida civil, sob a pena de ser despojado de seus direitos políticos, e limitar-se a viver como estrangeiro no sol que vio nascer. O direito de intervenção nos negócios publicos, o de fiscalisação directa sobre o emprego dado aos dinheiros dos contribuintes (trecho danificado)*” **Fraternidade**. Nº 05. – Fortaleza: 02/ 12/ 1873. P. 01.

tradicional, vinha no sentido de legitimar a consolidação dos interesses de um novo grupo dominante, concomitante os rumores da nova ordem que se instaurava⁸¹.

Ao ser identificado este aspecto fundamental, no que diz respeito ao comprometimento moral com a nova ordem, cabe agora identificar o outro importante veículo de propagação das idéias, além da imprensa, utilizado pela Academia Francesa. Para capturar a opinião dos indivíduos e da mesma forma estabelecer uma relação de poder com o uso do saber letrado, os integrantes do grupo empenharam-se em tornar conhecida a doutrina positiva, que aludia ao conhecimento das leis do progresso. A filosofia comtiana era, na verdade, a pilastra mor dos integrantes da Academia, que passaram a trabalhar na elaboração de um modos de subjetivação, a incorporar conteúdos simbólicos e enunciados da cultura científica, a fim de tornar necessário o engrandecimento moral e intelectual do sujeito no último estágio da evolução: a era positiva, o século XIX, conforme acreditavam.

August Comte (I – Cours de Philosophie Positive) estabelecendo as leis do desenvolvimento civilizador da humanidade através dos séculos, assignala três períodos, ou phases por que tem de passar toda a sociedade humana.

(... ..)

Comte estuda os elementos phisicos, moraes e intellectuaes de cada epoca, e chega a conclusão consoladora que o sécculo XIX é o terceiro periodo [Positivo].

Independente de juízo tão authorisado, parece-nos, que a história em si fornece os dados mais precisos para uma tal conclusão.

(... ..)

As investigações scientificas tornam-se geraes, o solo é revolvido em proveito da Sciência, as inscrições são decifradas, a história dos povos antigos é analysada segundo um método mais racional de accordo com os progressos scientificos.

Neste vasto campo de actividade intellectual nada se salva da crítica moderna.

A humanidade não caminha pela senda das abstracções; quando lhe falta a terra corre o perigo de cahir em estranhas allucinações e perde-se nos desvios tortuosos de algum princípio absoluto. Entregue exclusivamente ás ideas religiosas, produz a inquisição; ás ideas philosophicas gera a Encicoplédia (sic); os programmas políticos de um partido produz o terror.

O cosmos, como o mundo moral, é derigido por leis geraes que completam seu desenvolvimento no tempo e no espaço.

⁸¹ HOBBSAWN, Eric J. *Nações e Nacionalismos desde 1780*. – São Paulo: Paz & Terra; 1998 (2ª ed.). P. 51.

Pretender pois, que, pelos esforços individuaes, os povos acelerem sua marcha civilisadora através dos séculos é desconhecer que essas vidências ás leis geraes só produzem perturbações que dá testemunho a história.

O movimento gradual e necessário das sociedades humanas determinam o característico de uma época, melhor que as indagações ousadas de ainda mais ousados pensadores.

O mundo antigo, a idade média e o século XVIII marcam as duas primeiras phases ou evoluções historicas, o século XIX pelo industrialismo popular como lhe chamma Taine marca o período positivo⁸².

Diante dessas conclusões e expectativas, a Escola Popular foi então o veículo de contato mais profícuo entre os membros da Academia e os cidadãos de Fortaleza⁸³. Meio de ação pedagógica e demarcação territorial na cidade, ela foi um espaço onde se pretendia, na esfera local, doutrinar moralmente os sujeitos na compreensão das transformações científicas e filosóficas daquele tempo, bem como para prepara-los ante a formação da nova nação que haveria de ser o Brasil. Neste caso, a romanização, uma iniciativa da Igreja bem menos sangrenta que a Inquisição, na tentativa de perpetuar seu poderio era uma ameaça para o avanço dessa geração empreendedora do avanço dos ideais emancipatórios com a legitimação do discurso científico ao seu favor⁸⁴.

Cursos, palestras e conferências eram realizadas neste espaço noturno, inicialmente, dedicado ao ensino do conhecimento científico para operários, bem como

⁸² “Passado e Presente”. IN: *Fraternidade*. Anno: I; N° 03. – Fortaleza: 18/ 11/ 1873. P. 02.

⁸³ BARREIRA. Op. CIT. P. 90 – 92.

⁸⁴ “Tenebrosa propaganda jesuítica se estende por toda a província. O nosso diocesano, não satisfeito ainda com a sua legião (trecho ilegível); sahidos do grao de viveiro, onde bebem os perigosos principios da Companhia, importa da Europa missionários allemães, francezes, italianos, os quaes manda evangelizar os povos, innocular nos espíritos o virus do fanatismo, que corrompe, que embrutece. (... ..) A reforma dos costumes, eis o ponto capital de que se deviam occupar principalmente. Mas não entra isto no programma de sua missão. O povo deve permanecer no obscurantismo, pregam os arautos da curia romana; porque um povo illustrado, comprehende os seus deveres, e portanto não se submeterá facilmente aos embates; não acceitará o inferno conforme pintam elles, com caldeiras e espetos quentes. (...) E o povo continua embrutecido, os costumes cada vez mais derroucados, e por conseqüência o crime triumphante por toda a parte. (...) Padres illustrados, cheios de abnegação, de reconhecida moralidade, como um frei Seraphim de Catanea, padres José Thomaz, Ibiapaba, exemplos vivos de piedade, não agradam ao nosso prelado porque são desabusados, combatem o fanatismo e dispoem o espirito do povo contra os embustes e superstições!”. “Diversos” IN: *Fraternidade*. N° 04. – Fortaleza: 25/ 11/ 1873. P. 02. “Nunca houve alli proposito de pregar a doutrina de Christo, ensinar a humanidade, induzir os homens á prática de caridade. A Tribuna Catholica é, como os outros órgãos do romanismo, o que fôra outr’ora a tenez e a grelha, um signal de exercicio, apenas modificado pelas circunstancias, que não são as mesmas do tempo, em que o frade queimava seus inimigos, ou queimava os ricos para lhes haver os bens, de cruz alçada, e orando a Deus, para que se amerciasse de suas armas”. “Os insultos da folha episcopal”. *Fraternidade*. Anno: I; N° 23. – Fortaleza: 21/ 04/ 1874. P. 01.

doutriná-los nos princípios de Comte. Mas, sobre o que era de fato a Escola Popular, tem-se o registro no “Fraternidade” do dia 09. 06. 1874, quando deu-se a realização de uma conferência, cujo o tema tratava da religião. De ante mão, ao que parece, não eram pessoas simples, operários ou populares, que freqüentaram este espaço, mas cidadãos “de bom grado” pertencentes às elites de Fortaleza.

Conferência – Quinta-feira, 4 do corrente, realizou-se no salão da Eschola Popular, a conferência do nosso illustrado e intelligente Ir.: Dr. Manoel Quintiliano da Silva.

O auditorio numeroso e contando em seu seio as pessoas mais gradas desta cidade, ouviu com a mais profunda e religiosa attenção á palavra de luz do prolector e retirou-se nada tendo a desejar de uma intelligencia orvalhada pelo estudo, fortificada por convicções profundas e empregnada da fé sacrossancta de uma regeneração social.

O dia 4 de junho tornar-se-há legendario em nossa história, pois neste dia a nossa população dispertou dos clarões radiantes de uma aurora nova, que trazia em seus véos o orvalho vivificante de uma esperança, capaz de alimentar o espirito humano, em sua lucta gloriosa contra as emboscadas do jesuitismo⁸⁵.

Permanece a impressão que vem acompanhando esta análise desde que ela reportou-se à circulação de idéias e à atividade tipográfica em Fortaleza. É mui notório que a Mocidade escreveu, publicou seus textos, promoveu a repercussão das suas idéias e leituras entre os setores dominantes da cidade. Não diferente, no caso da Escola Popular as conferências foram assistidas pelo mesmo grupo social do qual eram oriundos. Era um retorno *per si*, ou seja, suas idéias circulavam entre seus párias emergentes, entre as elites de Fortaleza, o que facilitou muito o pacto estético e político outrora mencionado. É notório que a preocupação com a “regeneração social”, em instruir os cidadãos para conviver no processo de consolidação das relações capitalistas, era de caráter urgente para os segmentos que remontavam a nova ordem econômica, política e social. E neste sentido, dever-se-ia precaver contra qualquer agravo tendo como uso os instrumentos do saber científico. É importante perceber que pouco depois, entre 1874 e 1886, os cidadãos de Fortaleza aceitavam sem maiores temores as realizações do saber médico-científico e psiquiátrico, sobretudo na

⁸⁵ “Diversos” IN: *Fraternidade*. Anno: II; Nº 30. – Fortaleza: 09/ 06/ 1874. P. 03.

construção de asilos para debilitados mentais, mendigos, pedintes – formas que as elites da cidade encontraram para conter o avanço naquele território das “classes perigosas”⁸⁶.

Como não poderia deixar de ser, entre os conteúdos abordados nas conferências, a religião sempre foi um assunto muito discutido⁸⁷. E foi o assunto da religião que sempre chamou a atenção dos cidadãos, como bem poderia ser esperado de uma sociedade arraigada e sustentada nos valores e códigos tradicionalistas. Porém, outros temas que apareceram como eletricidade, educação, democracia, astronomia, família, viriam para mostrar aos cidadãos de Fortaleza as novas leituras daquela ordem que surgia⁸⁸. A idéia de liberdade, por exemplo, proferida na conferência de Xilderico de Farias, na Escola Popular, em que o texto fora publicado no “Fraternidade” do dia 19. 06. 1874, procurou mostrar a vontade individual emancipada dos interesses da Religião e do Estado, chegando até mesmo a um posicionamento mais extremo do pensamento liberal.

Liberdade de Pensamento, liberdade de crenças – foi a these desenvolvida na ultima conferencia da Escola Popular pelo nosso illustrado Ir.: Dr. Xilderico de Farias.

O nosso Ir.: Com aquella elevação de pensamento que devassa os vastos domínios do espirito humano, com aquella logica severa que estabelece o processo da consciencia social, elevou a questão a altura de uma larga synthese sociologica, em que desaparecem todas as affeições politicas e particulares, para só deixar ver o lado humanitario e philantropo.

(... ...)

A authopsia feita nos argumentos da sachristia deixou bem patente a sem razão e caduquice dos immobilistas, d’aquelles que supõem deter a força evolucionista do espirito, do progresso e da liberdade, quando apenas a tem abafado e comprimido.

⁸⁶ PONTE. Op. Cit. P. 91 – 96.

⁸⁷ “Conferencia – No dia 28 de junho teve lugar a 3ª conferencia da Escola Popular, sendo o seu orador o Sr. Amaro Cavalcante, que tomou para thema do seu discurso a Religião. Cabe ao illustre prelector a gloria de ter iniciado entre nós o systema de conferencias. A já firmada reputação do Sr. Amaro, a vastidão e importancia do assumpto de sua conferencia atrahiram-lhe um numeroso auditorio. Apesar da energia, da fluencia e do vigor de sua palavra e de sua erudicção, o orador, algumas vezes, parecia affogar-se na immensidade do assumpto, sem poder elevar-se a um ponto de vista donde podesse dominar-o. Para isso concorreram duas couzas: 1º. A profundeza quazi insondavel do thema, que por sua importancia e difficuldade, tem exaurido quazi que o vigor intellectual de nosso secculo; 2º. A pretensão utopica de conciliar a fé com a razão, a revelação com a sciencia, ecclietismo amphibio e superficial, que extinguiu-se até mesmo na França, onde a corrente de idéas philosophicas e litterarias, no principio d’este secculo, foi dirigida por J. Cousin, Jouffroy, Royer-Colard, Chateaubriand, B. Constant, Lamartine, etc. Comtudo o orador foi calorosamente applaudido e todos ficaram maravilhados das facculdades intellectuaes e oratoriaes com que o Sr. Amaro jogou para uma conciliação comodadora, quanto chimerica”. **Fraternidade**. Anno: II; N° 33. Fortaleza: 07/ 07/ 1873. P. 02 e 03.

⁸⁸ BARREIRA. Op Cit. P. 91 – 94.

Por uma lei da dynamica social todas as ideas, todos os sentimentos contidos ou perseguidos tendem a procurar o seu centro de gravidade no curso incessante da vida, e quando os homens ou as facções buscam esmagal-os antes de haverem cumprido a sua missão progressiva, um abalho terrivel como o dos grandes terremotos se faz sentir na humanidade.

*As revoluções políticas e religiosas não tem outra cauza. Quando o homem triumpho, impera o despotismo; quando a idéa reina, a humanidade caminha para diante*⁸⁹.

⁸⁹ “O tiro de Morte”. IN: *Fraternidade*. Anno: II; Nº 31. – Fortaleza: 19/ 06/ 1874. P. 02 e 03. Nas páginas a seguir, o periódico publica o texto da conferência realizada em que aqui transcreve-se alguns trechos na coluna “Escola Popular”: “*Meus Senhores - Não julgueis que vai morrer a idéa das conferencias publicas por ter ella de encarnar-se hoje em pessoa menos competente. (...) Venho fallar-vos da liberdade religiosa, que Laboulaye chamava - a grande questão do futuro, e que é entre nós uma grande questão do presente, um assumpto palpitante de actualidade.(...) Si as idéas que vou expender não forem as vossas, ou de alguns de vós, além, da imprensa livre, além da palavra livre, qualquer de vós tem para combatel-as a cadeira que estou occupando e que a Escola Popular põe a vossa disposição. Pertenço ao numero d’aquelles que pensam que a diversidade no modo de pensar está muito longe de ser uma especie de linha sanitaria que torna incommunicaveis os membros de partidos oppostos, os sectarios de diferentes douctinas. Ao contrario, quero enxergar a diversidade de idéas; nos pontos de vista diferentes por que se encara a verdade, uma das mil maravilhas pelas quaes a variedade infinita do universo forma uma harmonica e mysteriosa unidade. A vida da intelligencia seria uma monotonia atrophiante sem as disputas dos homens de que já fallava o Evangelho. (...) Não há, meus senhores, sentimento mais profundamente gravado no coração que o sentimento religioso. A homenagem que a creatura rende ao Creador, homenagem que nasce da idéa da nossa imperfeição e da concepção racional de um ente perfeito, é uma especie de solidariedade que liga o finito ao infinito, que liga a terra ao ceu. A religião – o complexo dos deveres do homem para com Deus, é o amor, - o amor na sua mais elevada e sublime manifestação porque é o amor eterno e profundo que nasce da humildade, mas que vò para a immensidade, elevando o coração a Deus. (...) E se vos convirdes que a consciencia é livre, em que cada um no seu foro intimo concebe e adora o Creador, como lhe inspiram a consciencia e o coração, como podereis negar a mesma liberdade á manifestação da crença e da adoração, como querereis tolher a liberdade do culto? (...) Fallo-vos, meus senhores, no homem no ponto de vista individual, no estado de natureza, como dizia a philosophia do secculo XVIII, si é que existe um estado social; fallo-vos no direito encarnado no individuo, abstracção feita no meio social em que vive, abstracção feita do estado organizado; e, ahi nessas eras anti-historicas, n’esta vida extra-social, quando o direito era a força, quando a lei era o sic volo, quando a natureza material esmagava sob o pezo de seus esplendores o homem destituído das energias da associação, nesse chaos inconcebivel, si alguma cousa sobrenadava a treva immensa, era sem duvida o sentimento religioso, era, como diz a Biblia, o espirito de Deus boiando sobre as aguas. Mas pergunta-se: entrando o homem para a sociedade, organizado o estado por essa troca mutua de direitos e obrigações, por essa cessão que cada um faz de certa porção de sua liberdade natural em beneficio da segurança, da ordem, da liberdade de todos, deverá perder a sua natural expansão o sentimento religioso, deverá ser tolhida a liberdade de cultos? O que é o Estado? O Estado, a sociedade politica não é mais do que a união, a justaposição, a coexistencia dos individuos com os seus direitos e deveres. O Estado tem por fim a ‘garantia dos direitos e das liberdades de cada um, salvas as restricções que a liberdade de cada um faz a liberdade de todos’; donde se vê que em vez de comprimir, o dever do Estado é proteger, alargar e desenvolver esses direitos naturaes que constituem a personalidade humana, e entre as quaes está itoel dire de adorar a Deus. Os direitos do Estado são a somma dos direitos individuaes; a sua missão é garantir a vida social do individuo. O Estado não se compõe de crenes, compõe-se de cidadãos. Em que é que o modo porque o meu visinho concebe e adora a Deus pode quebrar o laço necessario para a solidariedade social? O fim do Estado é a justiça e a justiça é o cumprimento dos deveres e o respeito aos direitos alheios.Tem-se dito, meus senhores, que o Estado não pode ser atheu. Isto é um erro. ‘O Estado, dizia Royer Collard, não é indifferente, o Estado não é neutro: elle não é mais que incompetente’. Seria conceder a infallibilidade aos homens que fazem leis, o dar-lhes o direito de conhecer e proclamar a verdade em materia religiosa. Uma assembléa legislativa não é um concilio, nem a religião pode ser uma instituição*

Segundo o texto, a liberdade de pensamento viria no sentido de favorecer ao homem o caminho da emancipação dos poderes tradicionais, a adequá-lo ao avanço da ordem capitalista. Assim, a crítica religiosa em nome da liberdade, por um lado, combatia a tradicional estrutura de poder. Por outro, dava liberdade de ação para que os grupos emergentes, em ascensão política, econômica e social, detivessem livre iniciativa para a montagem e controle das novas demandas sociais, das instituições que haveriam de nascer. Neste caso, pensar as formas de governo ou apontar metas para a organização da coletividade, alicerçando-se no pensamento positivista, na tese sociológica, não tardou ser tratada por aqueles que detiveram, além do poder do conhecimento, influência política genealógica naquela realidade social.

Como pode ser percebido no artigo “Soberania Popular”, a conferência publicada no “Fraternidade” de 29. 07. 1874 de autoria do Dr. Thomás Pompeu Filho, em que o Senador Pompeu era seu genitor, discorreu nitidamente sobre o que seria a marcha do progresso alimentada pelos anseios da liberal democracia, tendo como fundamento a filosofia positiva.

Penso que esta expressão – soberania popular – deve ser traduzida pela formula mais larga e comprehensiva – de soberania da sociedade, porque verdadeiramente – o povo ou a parte activa de uma nação é a que se denomina – sociedade -.

E como o desenvolvimento social é correlacto ao individual, tem razão o Sr. Fouilleé (‘L’ ideé moderne du droit dans l’Allemagne, pag. 521 de la Revue des deux mondes, 15/ 07/ 1874’) quando diz que – o desenvolvimento do homem é uma expressão da necessidade suprema; suas obras são, segundo Kant, symbolo de seu character individual; este character é um symbolo da humanidade, a humanidade um symbolo da divindade. Tudo se encadeia como os signaes e as equações de uma algebra expressiva; ou como esses accordes das grandes symphonias allemãs, ligados indissolvelmente por uma sciencia occulta, de modo que cada um d’elles, resumindo o que precede, annuncia o que vai conseguir.

Na natureza tudo é lógico e comprehensivel; desde a avalanche que se desprende da culmiada da montanha, até a concha que a marêta sacode nas praias do mar; desde o homem até o animal parasita.

politica, uma questão administrativa. Perante a sociedade todos os cultos são iguaes, porque todos traduzem um direito: e o dever do Estado é proteger o direito (... ..)”.

N'esse elo sublime em que está presa a intelligencia humana á materialidade mais possante, há uma secção de história e um ensino para nós, porque faz-nos participar na obra do progresso revelando-nos a nossa condição em face da natureza⁹⁰.

Segundo o texto acima, torna-se necessidade suprema o princípio de liberdade ser cultivado pela sociedade. Porém, na coletividade dos sujeitos, inúmeras vontades individuais emergiriam, e por sua vez, cada uma era expressão do social, sobressaindo, assim, uma lei geral. O conhecimento científico, portanto, a lei que sobressairia aos vários interesses, haveria de conectar todas as vontades individuais, subjetivas, em torno daquilo que ele discerniria como sendo favorável ou não ao desenvolvimento para o progresso, rumo à civilização. E, como uma equação algébrica, bem à maneira dos positivistas, a sociedade, a comunhão de sujeitos, a idéia de nação, haveria de ser regida por um princípio norteador, uma necessidade legitimada pelo conhecimento.

Pode-se entender como o discurso da ciência, do saber legitimado, colaborou para o avanço e consolidação das instituições burguesas na sociedade brasileira. Mais: pode-se entender como autoritarismo positivista favoreceu os segmentos tradicionais no Brasil a manterem o seu poder, estendendo os seus domínios na montagem de um sentimento nacional que passou a congrega toda a diversidade dos tipos que a compunha. E ainda, pode-se entender porque esta mesma nação tornou-se espoliada por uma máquina administrativa a serviço dos interesses facciosos daqueles que pregavam a liberdade. A lembrar que o Dr. Thomáz Pompeu Filho, proferindo a garantia das liberdades individuais em 1874, foi mui beneficiado com a formação do Estado republicano, entre 1889 e 1894, no Ceará o uso do seu saber legitimou-se com a ação da sanguinária máquina política da conhecida oligarquia acciolina⁹¹. Assim o moderno tornou-se arcaico, pelo fato da avoenga estrutura de poder ter

⁹⁰ “Escola Popular – ‘Soberania Popular, conferencia pelo Dr. Pompeu Filho, na reunião de 16 de agosto’”. *Fraternidade*. Fortaleza: 29/ 09/ 1874. P. 02 e 03.

⁹¹ “Reconhece ao bacharel Thomaz Pompeu de Souza Brasil o direito de continuar a perceber o ordenado de professor aposentado do Lyceu do Ceará, cumulativamente com os vencimentos de professor effectivo da Escola Militar – O povo do Estado do Ceará, por seus representantes, decretou e eu promulgo a seguinte lei: Art. 1. Fica reconhecido ao bacharel Thomaz Pompeu de Souza Brasil o direito de continuar a perceber o ordenado de professor aposentado do Lyceu do Ceará cumulativamente com os vencimentos de professor effectivo de professor da Escola Militar deste Estado; Art. 2. Revogam-se as disposições em contrario. O Secretario de estado dos Negocios da fazenda a faça publicar. Palacio do Presidente do Ceará, em 31 de outubro de 1898, 10 da República. Antônio Pinto Nogueira Accioly”. *A República*. Anno: VII; Nº: 258. - Fortaleza: 11/ 11/ 1898. P. 01. (BNB, Edição fac-símile)

expandido os seus domínios, incorporando novos segmentos dominantes da sociedade. Na verdade, esse fato é uma parte integrante do que fora o sentido da modernidade no Brasil.

O que se desenvolveu como sendo moderno no Ceará deste período, teve haver com a legitimação do discurso científico, no sentido de garantir o avanço das instituições burguesas bem como das relações capitalistas naquela realidade social. Ufana e euforicamente, este foi o atributo que a geração aqui estudada sempre retomou como forma de legitimar o discurso em prol do empreendimento civilizatório. Reconhecido, pelo menos entre seus párias, tal atributo moral haveria de se conectar com outros, esteticamente não tão suaves de lidar com a experimentação subjetiva.

Quem estuda attentamente o homem cearense em relação ao seu território, a sua educação, sua inteligência, sua coragem, vida aventurosa, tendência para as letras, meios de que se serve para impor-se onde quer que se ache, selvageria das suas paixões, actos de abnegação e grandeza d'alma na realização de nobres commettimentos, inexcedível resignação ante os rigores de seu clima e estragos das seccas, estranhando amor á terra do berço da qual jamais se esquece, conclue que é elle uma excepção no paiz, isto é, que tem características diferentes entre os demais filhos do Norte e do Sul⁹².

Este texto de Antônio Bezerra, escrito em 1900, comporta em sua narrativa certos conteúdos semânticos que constantemente repetiram-se na produção literária e periódica da Mocidade Cearense, ao longo dos seus empreendimentos em prol da civilização e da “regeneração social”. Como bem já foi discorrido, o apreço às “letras”, portanto, o conhecimento das teorias e leis do saber científico, fez com que as leituras produzissem uma intensidade em que o tipo cearense teria um certo “pendor natural” para o alcance do progresso. Mas, além deste ponto explorado, um outro aspecto reportou-se a um enunciado bastante especulado, que haveria de deixar o povo cearense em evidência perante a comunhão brasileira, segundo desejaram os sujeitos aqui estudados.

É a inexorabilidade das seccas que traz para o cearense a sua distincção, a sua superioridade, a sua glória; pois que, não tendo que confiar nos recursos da natureza, vae procurá-lo por toda a parte do universo!⁹³.

⁹² BEZERRA, Antônio. “O Ceará e os Cearenses”. IN: *Revista da Academia Cearense*. Anno: V; Nº 05. – Fortaleza: 1900. P. 170.

⁹³ Idem.

O fenômeno das secas foi um dos enunciados mais estratégicos utilizados pela Mocidade Cearense na montagem de sua máquina discursiva. Experimentado por todo aquele território social, este fenômeno passou a compor a narrativa dos beletristas no sentido de manipular os enunciados coletivos para criar a significação de que o povo cearense era forte e resistente, capaz de desbravar-se no meio físico e social, superando qualquer dificuldade. A escolha dos intelectuais por esse acontecimento da história local, justificou-se por, além de ser uma intensidade experimentada naquela realidade, foi também um ancoradouro do seu repertório de leituras científicas e evolucionistas. Aqui, na manipulação deste agenciamento de enunciação, as idéias de Darwin e Lamarck sobre a afirmação da vida a partir da seleção natural ganharam contextualização, ou melhor, conectaram-se mais fácil como leitura a uma dada realidade social. E, casando-se às teorias de Taine e Buckle, a sociedade haveria de elaborar suas próprias instituições e empenhar-se na legitimação destas, pelo conhecimento das leis sociológicas que direcionariam a ação daqueles que detivessem o saber, levando a coletividade à civilização.

Mas, ao contrário do que fizeram em relação a elaboração do termo moderno, aos de resistente e forte não houve o mesmo processo de manipulação dos enunciados nas narrativas discursivas. Se no primeiro caso a intensidade foi benevolante à dinâmica social, conforme as leituras da época, em virtude do comércio com o estrangeiro e do aceleração urbano, o que haveriam colocado o Ceará junto às nações civilizadas, agora a resistência ao meio físico e natural viria agir sobre os indivíduos de forma violenta, catastrófica e trágica.

Ontem até uma hora da tarde da tinha fallecido 34 pessoas e o numero de obitos até essa dacta n'esse mez, eleva-se já a 130, o que corresponde a 26 por dia.

D' estes pertencem aos miseros que deixarão seus lares acossados pela fome!

É hora da grande - mortalidade⁹⁴.

Como é bem percebido nos relatos do cotidiano local pelos jornais “O Retirante”⁹⁵ e o “Cearense”⁹⁶, durante a seca de 1877 - 1879 a sociedade cearense

⁹⁴ “Mortalidade na Capital”. IN: *Cearense*. Fortaleza: 06/ 12/ 1877. P. 02.

⁹⁵ “Infeliz Creança – Em dias do mez passado, na povoação da Canôa, o Sr. Luiz Gonçalvez da Justa ao levantar-se e abrindo a porta da sua casa, encontrou morta uma creança, que só tinha ossos e pele, tal era o seu estado de margem. Julga-se pelos trapos vestidos no corpo e das averiguações particulares procedidas, ser essa victima da fome filha de algum retirante em trajeto para esta capital”. “Relatório que o ‘Retirante’

experimentou uma horrenda estiagem que dizimou quase a metade do seu capital material e humano. Inevitavelmente a catástrofe não deixou de afetar todos os cearenses; uns mais, sobretudo os da zona rural, e outros não tão assolados pela fome ou escassez d'água, como os setores das elites fortalezenses. Contudo, as elites da capital, temeram com o avanço dos retirantes moribundos e maltrapilhos, que, segundo discursavam, era gente “degenerada e desprovida de qualquer conduta moral”, avançando sobre o território da cidade, o espaço destinado às elites. Esta intensidade experimentada viria afetar a Mocidade Cearense na confecção de suas narrativas discursivas, sobretudo nos textos dos órgãos durante as décadas de 1880 e 1890. No momento em que se dava a formação das instituições do regime republicano, aquele segmento letrado viria propagar em sua máquina literária o sentido que após a desgraça do flagelo, o povo cearense haveria de tornar-se um tipo ideal, um exemplo de força e virtude à nação brasileira por ter sobrevivido às forças naturais. Percebe, por exemplo, em artigos de órgãos literários/ científicos como “A Quinzena”⁹⁷,

apresenta ao Exm. Sr. Conselheiro João José Ferreira de Aguiar, sobre o estado geral da provincia, com relação ao flagello da secca”. *O Retirante*. – Fortaleza: 07/ 12/ 1877. P. 03.

⁹⁶ “Eis como o Rev. Scaligero, vigario de Quixadá, nos descreve o estado de sua freguesia em 29 do passado - ‘Hontem aqui cheguei e não sei como lhe escrevo, imprecionado com os quadros de lastimas que aqui encontrei. É horrivel viajar para o centro. Pelas estradas encontrei uma procissão interminavel de retirantes, nús, inchados, cadavericos e tirricantando de frio e fome! Muitos já cahidos, quasi inanidos, como succedeu no Riacho do Castro, onde cahindo um pobre homem e 3 filhos teriam morrido se o Sr. Moura, alli morador, não os accudisse com algum alimento. Aqui desapareceram as esperanças do povo que vae tocando ao desespero. Todos os recurssos do governo me parecem insufficientes. Cheio de dor e contrariado dou-lhes noticia de que aqui já tem morrido de fome, rigorosamente falando cinco pessoas e isso dentro da villa!!! Já se encontra gente cahida pelas calçadas! (...) Além da fome, a nudez é completa, muitos desgraçados não tem um trapo com que cubrir o pudor para sahirem a pedir uma esmola! (... ..) Os que não morreram de fome, morrerão com certesa da alimentação das raizes bravas, de que muitos além de inchados, estão com a boca cortada, como se soffressem de escorbuto, por causa do gravatá. (... ..). Ainda agora sahiu de nossa casa uma pobre mulher, mãe de familia, que deixou os filhos cahidos de fome, vem pedir uma esmola e dice-me que os tem alimentado dando-lhes um pouco d’agua com sal! Uma mulher retirante pede para seu pae que ficou cahido de fome n’areia do rio! Um pae apresenta-me seis filhos pequenoz, nús e magrinhos, com fome, pedindo uma esmola (...). Tendo ido ver um doente encontrei n’essa casa um quadro horrivel: a miséria, a dor, a fome! Sobre uma immunda encherja jazia uma desgraçada mulher quasi esqueleto, nua da cintura para cima, com uma creança tão mirada como ella no peito! Basta, basta de miséria’”. *Cearense*. Anno: XXXI. – Fortaleza: 07/ 10/ 1877. P. 03. BPCMP, Setor de Microfilmes. M. 84.

⁹⁷ Sobre o quadro de misérias que o Ceará sofreu com a seca de 1877 a 1879, Abel Garcia teceu a sua narrativa atribuindo à mulher cearense a superação dos sofrimentos humanos ocorridos com as intempéries através de sua “solidariedade moral”: “N’uma phase de desventuras para o Ceará, em que as energias mais viris quebravam-se contra a rigidez da fatalidade cosmica, vibravam, como as tonalidades d’uma orquestração de cristaes, no ouvido do pobre, umas notas harmonicas e entusiasticas, um canto electrisador da coragem abatida. Sahiam da alma da mulher aquelles sons. Com o coração a transbordar de amor e labios que traduziam pelos sorrisos, vinha ella vasar n’alma do desgraçado o tonico da esperança. Rememorar essa passagem tristonha e por vezes sulcada de luminosos rasgos de humanitarismo, é tentar na linguagem da poesia aljofrada de imagens scintillantes como alvas estalactites ao sol a pintura do quadro de desolação, que por momentos ameaçou partir a estreita solidariedade moral do povo cearense”. GARCIA, Abel. “A

“Revista da Academia Cearense”⁹⁸ e “Revista do Instituto do Ceará”⁹⁹, que a tragédia, semelhante ao *mythos* de quem inspirou-se Tocqueville¹⁰⁰, compôs a estética potencial, em que a intensidade experimentada da seca faria do homem que sobreviveu ao martírio um ser dotado de um virtuoso senso moral. A idéia do povo mártir, passou então a compor a narrativa discursiva da máquina literária de muitos espaços de letras da Mocidade Cearense.

*Nasceste soffrendo as inclemências de um clima vario,
predestinada ao martyrio, ora calcinada pelo sol, ora afogada
nas águas que caem do céu.
Martyres são os teus filhos desde os tempos dos caboclos nús*¹⁰¹.

Mulher Cearense”. IN: *A Quinzena: Propriedade do Club Litterario*. Anno: I; Nº 04. – Fortaleza: 28/ 02/ 1887. P. 01.

⁹⁸ “Um dos factos em que mais se notou a coragem e resignação desse povo excepcional, foi na terribilíssima secca de 1877, 1878 e 1879. Descrever as luctuosas scenas dessa quadra de dores e agonias de uma população inteira, seria serviço superior á nossa capacidade. Perderam-se para mais de trezentas mil vidas naquelle período angustioso, mas dentro de poucos annos, não se lembrava mais a antiga provincia dos seus ainda recente padecimentos. No tempo em que se grassou a variola, houve dias em que morreram para mais de mil pessoas. Foi doloroso o quadro da fome e da peste, e, no entanto, o povo manteve-se revestido de immensa coragem para defrontar com todas as calamidades. Habitou-se á desgraça”. BEZERRA, Antônio. “O Ceará e os Cearenses”. Op. Cit. P. 147.

⁹⁹ Necessariamente, este artigo na *Revista do Instituto do Ceará*, de Joaquim Catunda, não alude ao tema específico da seca no Ceará. Porém, sendo um estudo de climatologia, e admitindo pressupostos ocorridos seja pelas trocas simbólicas ou intensidades experimentadas durante as secas, reconhece-se que a referida evolução das forças cósmicas, por sua própria lei natural, haveria de condicionar a terra a uma constante retomada dos períodos de intempéries - como a estiagem ou tempos glaciais - se não tivesse o homem dominado o conhecimento científico. Por tanto, conclui-se que a catástrofe, a tragédia estética na narrativa textual, é componente da forma arquitetônica do presente discurso: “É o clima immutabil, como pretendia Aragon, ou obedecendo á lei que rege todas as realidades evolue, é vir a sêr? Foi sempre, desde os primeiros ensaios da vida na superficie do planêta, o que actualmente é, ou se-há modificado gradualmente até assumir as feições de hoje? Nessa ultima hypothese, qual o termo da evolução, e si o clima virá a desaparecer em remoto futuro, arrastando em suas modificações e morte dos organismos? Stará a terra, como sepulkchro enorme, condemnada a rolar indefinidamente nas congeladas e lobregas regiões do vasio as cinzas da humanidade, depois que com o derradeiro homem se-extinguir para sempre o labor do pensamento? Impossivel a solução d’essas questões, antes que as sciencias de observação se-houvessem enriquecido d’essa prodigiosa somma de factos de que tanto se-orgulha hoje o spirito humano, e que, no dominio das sciencias, hão feito surprehendentes revelações, derrocado preconceitos seculares e corrigidos erros sanctificados pelas tradições religiosas. (... ..). Continúa, porem, a condemnação do sol, largas manchas que apparecerão em sua superficie se transformarão em crosta. Antes d’essa extincção final, o calôr e a luz irão diminuindo progressivamente; a vida acanhará sempre mais a sphaera de suas manifestações, na direcção do Equador. A zona glacial transportará os tropicos, determinando a extincção e a transmigração dos organismos para a zona equinocial. A humanidade, exaustas as suas energias evolutivas, se-aquescerá, envelhescida, debaixo do Equador nos dous hemispherios, aos raios de um sol palido e sem calôr, que afinal se apagará no espaço, deixando a terra alumida somente da luz sideral”. CATUNDA, Joakim. “As Evoluções do Clima”. IN: *Revista do Instituto do Ceará*. Anno: II; T. II. – Fortaleza: Typographia Economica; 1888. P. 15 – 23.

¹⁰⁰ WHITE, Hayden. *Meta-História. A Imaginação Histórica do Século XIX*. São Paulo: EDUSP; 1995. P. 204 – 205.

¹⁰¹ THEÓPHILO, Rodolpho. *Scenas & Typos*. – Fortaleza: Assis Bezerra; 1919. P. 03.

Rodolfo Teófilo, intelectual de compromisso popular, realizando campanhas de vacinação contra a varíola e outras moléstias, foi um dos literatos que melhor absorveu e potencializou em sua narrativa a estética da seca. “A Fome”, romance que relata de forma poética as desgraças dos sertanejos cearenses em 1877, comporta em sua estética potencial a manipulação dos enunciados coletivos, em que o seu conteúdo imagético compôs uma narrativa permeada pelo trágico e o mórbido impostos àquela realidade social. Porém, após os suplícios, haveria de surgir um sujeito dotado de força física e virtude moral por resistir ao flagelo¹⁰². Como não poderia deixar de existir, no romance, as presenças da moral virtuosa e da resistência ao meio natural detiveram enunciações comprometidas com as teorias evolucionistas, utilizadas também na máquina discursiva dos intelectuais cearenses nas lutas travadas na esfera da imprensa. Da mesma forma, cabe dizer que outros literatos, como Juvenal Galeno, no poema “A Secca no Ceará”, datado de 1878, utilizou-se desse tipo de agenciamento na confecção de sua poética narrativa¹⁰³.

¹⁰² Nestas cenas do romance, percebe-se que o darwinismo estético do autor preocupava-se com a resistência do homem em relação ao meio e a virtude do corpo e da mente que superando às intempéries naturais contrapuseram-se à imagem da decadência moral: “*Uma onça pintada, tão grande, que media quase dois metros da ponta do focinho à extremidade da cauda, de pé no fundo da gruta, balançando o rabo, como fazem os gatos, olhava para Freitas [que estava em busca de água e alimento para saciar as necessidades da família]. Os olhos do fazendeiro fitaram os da fera ordenando-lhe que se rendesse. O animal e o homem não perdiam um movimento do seu contrário. Manuel de Freitas tinha a luta como travada. Em tais condições era a vida pela vida. Teve uma idéia, cuja elaboração foi rápida e o absorveu com todos os seus sentidos. Dessa saiu a resolução de atacar prontamente a fera. Anima-o a convicção de que a onça não resistirá á sua musculatura e ao seu terçato, e prepara-se para ataque, que deve ser súbito e terrível. (...) Tendo em uma das mãos o terçato e na outra o chapéu, corre sobre a fera. Esta encabrita-se, escancara a boca mostrando as compridas e aguçadas presas. Freitas agride a onça, com agilidade pasmosa, introduz-lhe o chapéu na boca, cravando-lhe ao mesmo tempo o terçato no coração*”. P. 19. “*(...) Do chão alevantou-se o esqueleto, que media mais de um metro e meio, e tinha a hediondez dos espectros. O tronco largo e bem desenvolvido mostrava ter sido vestido de uma carnação vigorosa, que havia consumido a fome e deixado nuas as vértebras e as costelas. O espinhaço, como uma coluna de nós, apenas coberto de pele, deixava contar todos os ossos. A ele se articulava a cabeça, um pouco mais vestida do que uma caveira, com um rosto esquelético, a fisionomia carregada de ferocidade de animal faminto. (...) Manuel de Freitas, temendo pelo pudor da filha, cuja virgindade moral se macularia percebendo as formas de um homem todo nu, levantou-se e pôs-se à frente do faminto. (...) era necessário retirar já dali aquele homem, fazê-lo sair enquanto o sono da filha impedia que fosse vista a figura impudica do retirante. O fazendeiro aproximando-se do faminto fitou-o com energia e com um gesto ordenou-lhe que saísse. O infeliz coçou-se, roeu as unhas com gula e desespero, rangeu os dentes, mastigou a saliva e articulou com dificuldade – fome – mas em um som abafado e todo gutural*”. THEÓPHILO, Rodolpho. *A Fome*. – Fortaleza/ Rio de Janeiro: Academia Cearense de Letras/ José Olympio; 1979 (primeira edição 1890). P. 33 - 34.

¹⁰³ Aqui transcreve-se parte do poema que comportou no seu conteúdo imagético-narrativo a intensidade experimentada pela estética trágica da seca: “*Minha patria! Lar querido.../ Qu’immensa desolação!// No lucto do coração;/ Que a minha terra adorada,/ Por fera sêcca assolada,/ Ora vejo amortalhada,/ N’amargura, n’afflicção!// Meu Deus!... que scenas d’horror!// Misericordia, oh Senhor!// (...) O gado que nédio outr’ora/ Urrava escarvando o pó.../ É múmia que geme e chora.../ Nos ossos a pelle só!// De sêde e fome expirando,/ Penoso a vista espraiando.../ Vai a campina lastrando.../ Em vão de seu dono o dó!// (...) A lavoura desaparece,/ Como foge a criação;/ Já o abastado empobrece,/ O pobre supplica o pão;/ E todos nivêla a*

A circulação dos respectivos enunciados através dos livros publicados, jornais e revistas corroborou para que tal intensidade fosse significativamente experimentada pelos segmentos da elite de Fortaleza. A idéia de que as intempéries do meio físico e natural foram superadas pelo fato do povo cearense ter a “força física e o espírito apto para o progresso” agradou os segmentos emergentes da capital. Como pode ser observado neste artigo de 1903, da “Revista da Academia Cearense”, uma das Repúblicas das Letras Cearenses que será melhor estudada, este tipo de discurso era o que precisava para sacudir o ânimo e os anseios civilizatórios das elites fortalezenses, abatidos com as mazelas da seca.

A crueza do meio cósmico creou o instinto – que faz do cearense – o luctador intemerato.

(...)

As seccas formam a espinha dorsal do Ceará. Não é isto um paradoxo. O estóico Seneca (...) escreveu o panegyrico da adversidade, que é posso assegurar, o rijo molde do carater, da coragem, das supremas energias.

(...) Em solo inclemente – de vez em varrido de sopros quentes – sob um céu incendiado – que o cobre – nada consegue sem esforços inauditos – é trabalhador, enérgico, pertinaz. Tem no phenômeno a escola de sua actividade. O meio crú, a lucta é violenta, mas o seu desfecho deixa-o de pé e mais forte. Não o escarneçam os seus irmãos – felizes em meios amigos, mansos e benfazejos. (...) Mas o destino que o desabriga na briga com as agruras do meio physico – o favorece no lance final. É o seu lenitivo.

O fado cearense não é a fatalidade dos romanos – sempre malvada – é a figura desenhada por Homero com duas urnas – a das amarguras e a da felicidade. Enreda-o a desgraça despediosa, enche-o de afflicções, sacode-lhe pesadas nuvens

sorte.../ Vem a peste, surge a morte,/ Ninguém se julga mais forte.../ É tudo – consternação!!/ (...) Os sertanejos descendo/ Em bandos ao litoral.../ Sem mantimentos... comendo,/ Bravia raiz lethal.../ Ai, choram... são retirantes.../ Andrajosos, mendigantes.../ Esparsos... agonisantes.../ Perdendo o sopro vital!!/ (...) Transforma-se em necroterio/ O meu amado torrão;/ Da morte no vasto Império/ Só reina a – putrefacção!/ Os corpos sem sepultura.../ Ao tempo... sem compostura.../ Do bruto, da creatura/ Os restos em confusão!!/ Negreja o feral recinto/ Nuvens de vis urubús.../ Coveiro imundo e faminto,/ Qu’ apenas deixa ossos nús;/ E quando baixa ao relanto,/ Eis o morcego cedento/ A sugar minguido alento/ Dos moribundos... Jesus!!/ Aqui loucos, esfaimados,/ Cruéis filhos, cruéis paes!/ Entre os seres desalmados,/ Virtudes celestiaes!.../ A mãe que delira e freme,/ Se o filho com fome geme/ Por que seus peitos espreme.../ E os peitos não vertem mais!!/ (...) Alli devora vê-se radiando/ Os affectos filiaes.../ Fracos entes carregando/ Os seus amigos leaes!/ E da casa no terreiro/ Uivando o fiel rafeiro.../ N’outra parte, o bandoleiro/ Devora restos mortaes!!/ (...) E ahm... o casal deserto!/ Que a família abandonou.../ Velho pai de passo incerto/ E embreve á campa baixou;/ Após a consorte... o filho.../ Qu’ importa do moço o brylho?/ Tudo cahiu sob o trilho,/ Que o infortunio rojou!!/ (...) Revogai tamanha pena.../ Clemencia, Senhor, perdão/ Se a culpa não foi pequena,/ Grande há sido a expiação!/ Em ruínas sepultadas/ Eis minha patria adorada.../ Escutai a malfadada/ Que vos pede compaixão!/ Não mais tanto horror!/ Misericórdia, oh Senhor!”. APUD **Revista Trimestral do Instituto do Ceará**. Anno: I; T. I. _ Fortaleza: Typografia do Cearense: 1887. P. 65 – 68.

pretas, tenta afogal-o em torturas seu nome, depois... sopra o vento da bonança, vão-se os vapores escuros, faz-se límpido o firmamento e o destino derrama a cornucópia dos dias felizes.

É na secca – repito a disciplina do trabalho e do caráter, o apanágio do Ceará – á quem se pode aplicar o conceito francez – ‘a quelque chose malheur est bon’. Em seus revezes periódicos – apura todas as suas energias – para triumphar na lucta da vida.

(...)

É o que nos ensina a velha experiência das edades pela penna do superno mestre Herbert Spencer – ‘há uma alma bôa nas cousas más, como há uma alma de verdade nas cousas falsas’.

A actividade do cearense se estimula no endurecimento do meio physico que lhe augmenta o gráo de tensão. Apoz a força da retracção – vem a força da expansão – que multiplica todas as faculdades. É o segredo maravilhoso da grande lei das compensações.

(...) A secca nos dizima, nos reduz a crises formidáveis – para fazer-nos grandes, os descobridores da grandeza da Amazonia, os primeiros e mais procurados colonos do Norte e do Sul do Pais.

Não poderá d’este trecho escapar-se como de um subsolo – o broto a fazer-se a nossa fórmula histórica?

Não estarão alli dentro os filetes da enfibradura do cearense?

O Cearense é o que é – principalmente pelo condicionalismo topographico – que o amolda – um forte de todas as refregas no turbilhão da vida¹⁰⁴.

Nada mal para alimentar o vigor de sujeitos que outrora pregaram a idéia de progresso material e espiritual, com o labor voltado para o avanço das instituições burguesas e comprometimentos com interesses ligados ao capital internacional. A seca acabou não resultando no fim das empreitadas da civilização. Pelo contrário, condicionaria ao povo cearense pendor à disciplina, ao trabalho, resistindo às intempéries, acabando por moldar o seu caráter em prol do progresso, que era o compromisso moral dos novos tempos que não poderia ser esquecido. Logo, “triumfar nas lutas da vida”, esta enunciação darwinista e lamarckiniana, conectou-se precisamente com os anseios dos grupos emergentes de Fortaleza, no sentido de aprimorarem-se na afirmação e legitimação dos seus interesses, assim como o spencerianismo viria para justificar, segundo os princípios da heterogeneidade, a expansão de tais anseios, a estender seus domínios e o interesse do

¹⁰⁴ QUERÓS, Pedro de. “A Evolução Cearense”. IN: *Revista da Academia Cearense*. T. VIII; Nº 08. – Fortaleza: 1903. P. 07 – 09.

capital em capturar todas as alteridades sociais daquela sociedade fadada pelos domínios da tradição.

Estando os setores letrados empenhados na manipulação dos enunciados coletivos, por agenciar os modos de subjetivação da sociedade em favor dos interesses de uma classe emergente, às elites fortalezenses, através da máquina administrativa, couberam os esforços para conter o avanço dos retirantes e manter a imagem de progresso na cidade. É nesse momento de fato que se percebe Fortaleza como sendo o espaço cobiçado das elites emergentes; pois, a vinda para a cidade dos imigrantes do interior, vítimas do flagelo, da fome e da exploração fundiária, era ameaça na certa para aquele espaço dominado por interesses maiores, destinados à imagem sã do progresso urbano e comercial, conforme exigia a demanda do mercado¹⁰⁵.

Para abrigar a grande população de immigrants que vem pedir recursos n'esta capital tem o Senhor Desembargador Estellita mandado construir choupanas nos arrebaldes da cidade.

Existem hoje arraiaes na Logoa Secca, Tejubana, Meirelles, entrada da Florista e Boulevard do Duque de Caxias!

(...)

Nos dois ultimos pondo os que forão recentemente construídos e hoje que se acha ainda em construção, são até superiores ao necessario.

Julgamos que domicilios provisorios como esses não deveriam passar de simples palhoças.

Fazer casas de barro e telha é muito dispendioso e quando é necessario construir barracas em muito maior numero do que os que existem e deveriam antes acelerar a construção de todas de que melhorar algumas¹⁰⁶.

Em verdade, a construção dos abarracamentos foi uma prática que se tornou costumeira, quando os grupos dominantes de Fortaleza, sob a ameaça de invasão das “classes perigosas”, procuraram conter o seu avanço sobre o espaço privilegiado da capital¹⁰⁷. Como

¹⁰⁵ “De dia para dia se torna mais critica e dollorosa a situação das classes pobres, em virtude da secca que assola tão duramente essa infeliz provincia”. “Editorial”. *O Retirante – Órgam das victimas da secca*. Fortaleza: 08/ 08/ 1877. P. 03.

¹⁰⁶ “Obras Públicas”. IN: *Cearense. Órgam do Partido Liberal*. – Fortaleza: 14/ 10/ 1877. P. 02.

¹⁰⁷ “Segunda-feira a tarde visitamos os arraiaes de immigrants do terceiro districto, á cargo do Sr. Capitão Santos Neves, nos bairros do Calçamento e São Sebastião e então tivemos de assistir quadros bem dollorosos. Para mais de 4 mil infelizes, muitos delles acometidos de febres e outras enfermidades, pobres mulheres nos ultimos dias do periodo gestativo, debaixo de cajueiros e moitas, expostas a toda a sorte de imtemperies”. “Barracas para immigrants”. *O Cearense*. Fortaleza: 01/ 11/ 1877. P. 03. Para maiores detalhes sobre esta prática de conter o avanço dos setores despossuídos na capital cearense ver: RIOS, Kênia Sousa.

é dado a ser percebido, foi nesse momento de ascensão das elites emergentes da cidade que se iniciou esta prática. No romance “A Fome”, por exemplo, o autor reconstrói em trechos da sua narrativa as cenas do cotidiano da capital cearense durante a estiagem de 1877/ 1879.

*Havia muita miséria na população adventícia da capital. As mesmas cenas da fome nos ermos caminhos do interior tinham lugar nas ruas e praças de Fortaleza. Quase cem mil infelizes de todas as idades viviam miseravelmente nos abarracamentos do governo, nas praças públicas e nos passeios das casas! (...)*¹⁰⁸.

No mesmo romance de Rodolfo Teófilo, a partir das intensidades experimentadas bem como das enunciações presentes no texto, é percebido que a narrativa possuiu conexões com a atualização dos agenciamentos do poder. Ou seja, não fazendo uso da análise da literatura apenas para ilustrar as realizações humanas na vida social, mas, observando que a máquina literária produz uma potência estética sobre as intensidades subjetivas experimentadas, observa-se que a manipulação dos enunciados é uma forma de capturar a vontade dos sujeitos, produzindo e fazendo-os experimentar desejos. O desfecho da narrativa de “A Fome”, por exemplo, deixa evidente os anseios alimentados pelos grupos emergentes de Fortaleza, que destes pertenceram também os intelectuais aqui estudados. A personagem principal, Manuel de Freitas, fazendeiro de fortuna dizimada pela seca, sofre as agruras do flagelo, juntamente com a sua família, durante toda a emigração para a capital. Acompanhando também os suplícios vividos por milhares de flagelados, seres humanos “degenerados de qualquer virtude”, a família de Freitas, ao chegar à capital, encontra-se com outras personagens que durante a seca perderam também suas fortunas e suas famílias, sumidas na luta pelo pão. Por fim, na capital, quando a estiagem começa a ceder vez para “as nuvens carregadas”, uma série de acontecimentos vêm marcar um final ditoso para quem havia superado a ação violenta do meio. Dão-se os reencontros com os amigos e parentes, outrora dados como mortos, bem como o casamento da filha de Freitas e o seu retorno próspero ao sertão, agora lavado pelas chuvas da bonança¹⁰⁹. Mais uma vez a narrativa discursiva da máquina literária apela para a imagem da prosperidade, da plenitude e do

Isolamento e Poder: Fortaleza e os Campos de Concentração na Seca de 1932. Dissertação de Mestrado Defendida no Programa de Estudos Pós Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. – São Paulo: 1999 e SILVA, José Borzachiello. ***Os Incomodados não se retiram: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza.*** – Fortaleza: Multigraf Editora; 1992.

¹⁰⁸ THEÓPHILO, Rodolpho. *A Fome*. Op. Cit. P. 98.

¹⁰⁹ Idem. P. 228 – 233.

progresso para os que resistiram à seca. Como se vê, o darwinismo estético da narrativa caminhou junto da manipulação dos enunciados que pairavam sobre a imagem da capital.

Vê-se então no romance que as mazelas sofridas na província acompanharam as personagens durante toda a peregrinação rumo à Fortaleza, desfechando o enredo na capital (lugar do progresso), onde coincidentemente acaba-se a seca com a chuva, dando-se logo o retorno das personagens para o campo que estaria em bonança. É interessante como este mesmo movimento chega a acontecer também nas atualizações de intensidades e realizações materiais dos sujeitos aqui abordados. Muitas vezes sendo da mesma forma utilizado na luta entre as facções políticas locais¹¹⁰, o discurso das elites fortalezenses, quanto à resistência ao flagelo da seca bem como o seu pendor para o progresso, sendo intensamente experimentado no espaço da capital, chegou a causar agitação em outros espaços da província. A repercussão da campanha abolicionista em Fortaleza, por exemplo, veio a operar no município do Acarape que acabou por desencadear um processo político-intitucional naquela realidade, levando a emancipação dos cativos em 1º de janeiro de 1883 (um ano antes da abolição na província, 1884) em nome da civilização¹¹¹. Desta feita, nota-se que a atualização das intensidades subjetivas experimentadas em uma dada realidade sobre as realizações materiais de outros territórios sociais, ilustra a potência da ação discursiva no empenho por operar em favor de uma vontade dominante em uma relação de poder, a estender os seus domínios sobre outros grupos sociais.

¹¹⁰ *O Retirante* foi, no período, o periódico que se atribuiu “órgão das vítimas da seca” para combater a administração do presidente da província, o Conselheiro Ferreira de Aguiar, conforme pode ser percebido neste artigo de época: “*Percorre-se os arrebaldes d’esta capital, como especialmente as estradas, e ahi se encontrará a miséria entrelaçada com a fome! E o governo, de braços cruzados, conserva-se innabalavel: nada vê, nada ouve; ao nosso que faria por certo um acto de verdadeira caridade mandando, dar abrigo a essa legião de moribundos e socorendo-lhes com o necessario para lhes mittigar a fome (...)*”. “Distribuição de Esmolas”. *O Retirante*. – Fortaleza: 01/ 07/ 1877. P. 03.

¹¹¹ “*Manuel Fernandes de Araújo, escrivão das rendas gerais no Município, tivera que vir a Fortaleza recolher saldos na Tesouraria da Fazenda. Na Capital viu como avançava o movimento emancipador e, ao voltar comunicou ao coletor Joaquim Agostinho Fraga o que observara e ambos transmitiram ao coletor provincial Antônio da Silva Matos a intenção de fazer algo mais positivo em prol dos escravizados. E deram os passos iniciais, o próprio Matos alforriando os três que possuía, exemplo imitado, espontaneamente, pelos outros senhores – Simeão Teles de Menezes Jurumenha, Gil Ferreira Gomes de Maria, Emiliano Cavalcante... A visita de membros da Cearense Libertadora completou o resto, pois o que faltava aos acarapenses de boa vontade – dinheiro para algumas manumissões, ela pressurosamente forneceu. (... ..) A mensagem de fé e de igualdade, como de São Paulo aos coríntios, levando-lhes a essência dos novos evangelhos, iria ser trazida para o rosal virente pelos inquietos apóstolos da Libertadora, nos vagões da estrada de ferro puxados pela ‘Sinimbu’, que era também um símbolo de primazia, a número-um das locomotivas da empresa, e repletos de flores, de música, de perfumadas damas e cavalheiros de distinção*”. GIRÃO, Raimundo. *A Abolição no Ceará*. – Maracanaú: Prefeitura Municipal de Maracanaú/ Casa de Cultura Capistrano de Abreu; 1988 (4ª ed.) P. 160.

A emancipação dos cativos no município do Acarape, antes de ser a expansão dos interesses de mercado das elites fortalezenses sobre as localidades interioranas, foi, portanto, a atualização de um modo de subjetivação em favor da consolidação das instituições burguesas numa realidade fortemente marcada pelos grupos tradicionais. Ou seja, na relação de poder entre os interesses dos segmentos emergentes da capital e a política oligárquica baseada somente nos valores tradicionais, o segundo cedeu em favor do primeiro, o que tornou isso um argumento significativo nas “empreitadas civilizatórias” para reforçar o discurso moderno. Após este breve ensaio cartográfico, parece tornar lúcido o fato que possibilitou a Mocidade Cearense, concomitante a expansão dos anseios dos grupos em ascensão de Fortaleza, montar em sua máquina discursiva a fórmula que tornaria atual as intensidades desejanças já experimentadas com os enunciados dos termos moderno e resistente/ forte, conforme é dado a ser percebido.

O Ceará acabava de atravessar a hedionda quadra de secca, nos annos de 1877 a 1879, tres annos de soffrimento e de misérias, e um em 08. 12. 1880 fundou a sociedade ‘Libertadora’, e deu um resultado a liberdades captivos em número de 85. 508.

Com o coração a sangrar ainda pela lembrança das luctuosas scenas da terrivel calamidade, e já sorria de contentamento pensando que dentro de pouco iria ombrear com as nações livres e cultas.

Victor Hugo, o maior génio do secculo das lettras, saudou de modo esplêndido a Terra da Luz, e prophetizou que o exemplo do Ceará havia de passar ao resto do Brazil¹¹².

Na década de 1880, logo após a estiagem, intensificou-se o fluxo de idéias com a retomada significativa das transações comerciais. Sobretudo, graças em boa medida à imprensa literária, solidificaram-se as teorias evolucionistas e positivistas na esfera das práticas sociais letradas, em que a experimentação da seca, desenvolvendo a idéia de resistência ao meio, contribuiu para tornar mais tênue a distância entre sociedade material e sociedade ideal. Neste caso, a sociedade lida, ou a leitura social da Mocidade, ganhava o seu ponto de materialização; pois, já havendo o Positivismo preparado o estado de espírito das elites fortalezenses juntamente com as idéias liberais e iluministas, o evolucionismo foi investido na afirmação dos valores desses novos segmentos, dando legitimidade moral e

¹¹² BEZERRA, Antônio. “O Ceará e os Cearenses”. IN: *Revista da Academia Cearense*. Anno: V; Nº 05. – Fortaleza: 1900. P. 191.

material ao seu modos de subjetivação através de um ato instituído. A emancipação dos cativos no Ceará em 1884, foi significativamente garantida pela forma de convencimento que a sociedade cearense experimentou com a manipulação dos enunciados já mencionados, e que os intelectuais cearenses de 1880 precisavam para dar legitimidade à ação de sua máquina discursiva nas lutas durante a transição entre a Monarquia e a República.

A abolição na provincia, por exemplo, foi uma grande revolução patricia; grande e nobre pelos seus elevados intuitos, generosa e pacifica como um prestito de heroes antigos, diante da civilização moderna. Mas, essa revolução foi feita pela mocidade cearense, que teve no seu sangue bastante energia para lavar da nodoa infamante do captiveiro uma das maiores e mais populosas conscripções do Imperio americano, nas aguas lustraes da egualdade dos direitos de um povo, diante da patria, fóra das leis civis e humanas.

E dessa revolução contra os mais seculares e arraigados preconceitos e mais titulos de propriedade constituída, não há uma pagina de sangue!

Pois bem: diante d'esse deslumbramento de heroismo, a maioria dos homens do poder ergueu o seu odio e o odio dos apologistas da escravidão dos brasileiros rendidos ao trabalho! A provincia ficou odiada dos grandes fazendeiros do sul e dos pontifices politicos de todas as greys, enquanto recebia dos confins do mundo civilizado as oblações da humanidade agradecida e dos homens admirados!

Em que pese nossos antagonistas, que são os antipodas da civilização – a terra livre do Ceará após todos os desastres da ultima secca de cinco annos, e, mesmo, dos constantes obstaculos que lhe antepõem a politica e o governo floresce a olhos vistos diante do estrangeiro e diante do Paiz¹¹³.

Pelo fato de ter a província abolido seus escravos em 1884, a construção apoteótica desse “heroísmo” do Ceará deveu-se em longa medida à ação da máquina discursiva dos intelectuais, ou melhor, da Mocidade Cearense. Como bem mostra este artigo de “A Quinzena”, órgão do Clube Literário, agremiação literária que congregou boa parte dos intelectuais abolicionistas, com a emancipação dos cativos em 1884 os integrantes da Mocidade apropriaram-se da realização deste ato e o fez como sendo uma conquista moderna, após ter sobrevivido às intempéries evolução natural. Pela realização deste fato,

¹¹³ “Os Quinze Dias”. *A Quinzena – Propriedade do Club Litterario*. – Anno: I; Nº 01. – Fortaleza: 15/ 01/ 1887. P. 07.

dessa “revolução sem derramar sangue”, segundo o discurso, a Mocidade teria causado a ira dos que lutavam pela manutenção da escravidão na Corte, nas províncias do eixo centro-sul. A especulação deste fato, sobretudo na manipulação de enunciados coletivos, teria a sua repercussão mais gritante anos depois, quando deu-se a emergência pela formação das instituições republicanas, em que as agremiações literárias do Ceará surgidas na década de 1890 travariam os seus debates na arena da imprensa literária, direcionando seus interesses de grupo ao campo político-institucional brasileiro, como bem é notado neste trecho da “Revista da Academia Cearense” já mencionado.

*Foi energica, renhida mesmo aquella batalha contra o direito de um homem sobre o outro, propriedade amparada por lei, protegida pelo governo, pelos interesses de todos; mas por fim a força do direito domou ao direito da força, a civilização aos preconceitos em triumpho igualou todos os homens sem derramar-se o sangue de irmãos.
O glorioso feito de 25 de março de 1884 apressou o de 13 de maio de 1888 (...)¹¹⁴.*

Como bem pode ser percebido também neste soneto do padre mineiro Corrêa de Almeida, publicado em “O Pão”, órgão da Padaria Espiritual em 1895, vê-se que em boa medida a repercussão da narrativa produzida pela máquina literária da intelectualidade cearense deu à abolição de 1884 certa repercussão em outras províncias, ou melhor, agenciou enunciados em outros espaços sociais do país. Pode-se dizer que, neste caso singular, a atualização das intensidades produzidas naquela relação de poder impregnou-se naquele sujeito, em sua cartografia subjetiva.

*No intuito de livrar do captiveiro
Os homens de côr prêta e de côr parda,
O heroico Ceará foi o primeiro
A collocar-se afoito na vanguarda.*

*Exemplo humanitario verdadeiro,
A redempção completa lá não tarda;
Realisa-se o facto lisongeiro,
Sem fumaça de tiro de espingarda.*

*Quem sabe se tambem ao Cearense,
Intelligente raça, hoje pertence
Nas lettras alcançar a primasia?*

¹¹⁴ BEZERRA. Op. Cit. P. 192.

*De espirito e criterio alguns rapazes
Entregam-se ao estudo e são capazes
De incentar a illustrada Padaria¹¹⁵.*

A cartografia subjetiva do autor do texto acima citado, sofreu a ação da máquina discursiva dos beletristas cearenses, atuando nas esferas do desejo, direcionando-lhe a lançar uma leitura sobre aquela realidade social, a operar sobre ele um conteúdo mimético. A construção de uma memória sobre o que foi habitualmente chamado de “heroísmo da Terra da Luz”, tornou-se então a grande preocupação que os intelectuais cearenses procuraram realizar, no sentido de dar legitimidade ao seu discurso na esfera social, o que em boa medida trabalhou para esse fim o Instituto do Ceará.

Outro facto incontestado é que a abolição do trabalho servil teve no Ceará o seu factor preponderante, mais decisivo e energico dando ainda uma lição de vida civica ás suas co-irmãs mais ricas e mais poderosas, por isso mesmo mais adiantadas, capazes de conjurarem a escravidão com maior parcella de abnegação que a legenda Terra da Luz!¹¹⁶.

Como não poderia deixar de ser, as elites emergentes de Fortaleza, sobretudo comerciantes ligados às atividades de exportação com os centros europeus, lideraram a campanha abolicionista no Ceará nos primórdios da década de 1880¹¹⁷, em que logo foram engrossadas as fileiras com a participação dos intelectuais, mulheres, jangadeiros, libertos etc. Desde o início, interesses de mercado nortearam a campanha, sempre sustentada nos princípios da democracia burguesa, proferidos na Europa e nos EUA¹¹⁸. Na capital cearense, sociedades abolicionistas como a “Perseverança e Porvir”, “Cearense Libertadora”, “Centro Abolicionista”, “Democracia e Extermínio”, “Cavalheiros do Prazer”, “Cearenses Libertadoras”¹¹⁹, “Clube Abolicionista Caixeiral”, “Clube dos

¹¹⁵ ALMEIDA, Pe. Corrêa de. “A Padaria Espiritual do Ceará”. IN: *O Pão... da Padaria Espiritual*. Anno: II; Nº: 09. – Fortaleza: 01/ 02/ 1895. P. 02.

¹¹⁶ SOUZA, Euzébio. “O Ceará e a Abolição”. IN: *Revista do Instituto do Ceará*. Anno: XXXVIII; T. XXXVII. – Fortaleza: Typographia Minerva; 1923. P. 385.

¹¹⁷ “É preciso confessar que a idéa partiu de uma associação comercial, da ‘Perseverança e Porvir’”. BEZERRA. “O Ceará e os Cearenses”. Op. Cit. P. 191.

¹¹⁸ GIRÃO. Op. Cit. P. 113, 122, 185 e 254.

¹¹⁹ Logo no início da Sociedade Cearense Libertadora, as mulheres começaram a exercer significativa participação no movimento abolicionista do Ceará. E, sobretudo, pela sua permanente atuação, bem como por serem em sua maioria as esposas, mães, filhas e familiares dos abolicionistas de outras sociedades, elas uniram-se em uma facção distinta do abolicionismo local, as “Libertadoras Cearenses”. Como não poderia

Libertos” e “Clube Abolicionista Militar” surgiram gradualmente, à medida que alardeava-se cada vez mais urgente a marcha civilizatória naquela realidade. Muitas vezes elas trabalhavam juntas, ou isoladas, conforme a afinidade do seu espírito de facção¹²⁰, segundo a sua postura, ou de acordo com os meios de ação em que se distinguiram os moderados, fervorosos e carbonários¹²¹.

deixar de ser, o discurso civilizador é empregado e reforçado com enunciados que se reportaram à idéia de patriotismo e caridade no sentido cristão: *“Mimosas filhas de Moema, e santa seiva do coração cearense! A vós que tendes a virtude de crear em vossos regaços de mães, varões illustres como Alencar – o espelho de vossa alma plena de poesia e amor; ou Sampaio – a apothose do vosso coração viril e esforçado de heroísmo, a vós viemos depor aqui em face do mundo sobre o altar das liberdades publicas – a imprensa – um voto de sincera gratidão, um brado de jubiloso entusiasmo pelo modo extremamente patriótico com que acudistes ao reclamo da bemdita idéa da emancipação dos escravos que gemem ainda sob o nosso esplendido ceo, nos ferros dos captiveiros! Sim! Que o vosso congresso patriótico demonstrado tantas vezes na paz e na guerra, na afflicção ou no prazer, é sempre um escudo formidavel, um estimulho entusiastico para os luctadores da patria. É do calor diviao dos vossos olhos cheios de doçura inefavel que so infiltram n’alma dos nossos heroes com a virtude da electricidade – a coragem e o valor, a abnegação e o entusiasmo, nas justas do progresso, da liberdade e da civilização. Santelmos da patria, anjos tutelares dos seus heroes, vós sois tambem na quadra dos combates, das luctas reaes ou materiaes – a vivandeira ou a heroína”*. “As Senhoras Cearenses”. IN: **Libertador – Órgão da Sociedade Cearense Libertadora**. Anno: I; Nº 01. - Fortaleza: 01/ 01/ 1881. P. 02. *“Na cruzada humanitaria que o Ceará levantou em prol da mais santa das causas, a mulher cearense tomou a posição mais nobre – collocou-se na vanguarda. Seu nome figurou logo na primeira pagina do livre que recolhia os suffragios abolicionista. Seus servicos tambem não se fizeram esperar- e ellas prestaram-n’os com extremos de amor e dedicação. Já consignamos, cheios d’esse orgulho que dá o amor da patria, o muito que fizeram as senhoras cearenses no Bazar expositor. A mesma dedicação nos veio ainda pinhorr no concerto que teve lugar em beneficio da Sociedade Cearense Libertadora. (...) Ella saudou ao povo heroico do dia 27 de janeiro, desferindo-lhe o canto de sua adhesão na mimosa poesia que corre impressa no Cearense, nº 23. Foi ella ainda que trouxe á lembrança publica a data memoravel da abolição da escravatura em Cuba. Mas modesta, como a violeta do val, exhala seu perfume ao longe, e esconde-se á sombra que a subtrahé á apreciação. É assim o coração da mulher cearense”*. “O Coração da Mulher Cearense”. IN: **Libertador**. Anno: I; Nº 04. – Fortaleza: 17/ 02/ 1881. P. 02.

¹²⁰ GIRÃO P. 73 – 77 e 170.

¹²¹ Ainda que houvesse outras sociedades abolicionistas no Ceará, a Cearense Libertadora e o Centro Abolicionista foram as que tiveram maior repercussão, tanto pelo número e posição social das pessoas que as pertenceram, bem como ao número de alforrias que conseguiram. Foram também as que mais se distinguiram uma da outra; notoriamente, a Libertadora como sendo a “carbonária” (como sempre fizeram questão os seus sócios de se auto denominarem) e o Centro a de postura conciliadora, por isso, taxada de forma pejorativa inúmeras vezes por seus comparsas abolicionistas de “legalistas”. *“O ‘Centro’ queria a liberdade do escravo pela ordem juridica, pelo regimen de paz, pelos meios suasorios, pela persuasão affectiva, pela palavra evangelica, pelo equilibrio das forças existentes e do porvir com interesses creados e dominantes. A ‘Libertadora’, ao contrário, a queria pelos meios revolucionarios, sem escolher armas na panoplia dos elementos tumultuarios, desconhecendo tudo e todos. Era um clarão rubro querendo ser a aurora – annunciadora do sol. (...) O ‘Centro’ queria que a libertação fosse uma festa de concordia, uma symphonia de amôr, e não um producto da discordia, uma pocema selvagem; queria que todos os brasileiros, irmanados e confundidos n’uma união cordial, abrissem uma nova era, um cyclo aureo á luz do Cruzeiro do Sul, fazendo do nosso patriotismo um monumento perene de grandeza moral. As cartas de liberdade, que elle conseguiu, contam-se por centenas, muitas centenas. A ‘Libertadora’, não se pode contestar, era um organismo forte, mas mal equilibrado, na pura expansão de uma super-actividade asynergica. Era um soberbo núcleo de acção indisciplinada, de orientação norteada por estímulos irreflectidos. Contava com factores de alta valia, mas desviados de uma conveniente directriz”*. FONSECA FILHO, Júlio César da. “Em torno da Abolição”. IN: **Revista do Instituto do Ceará**. Anno: XXXVIII; T. XXXVIII. – Fortaleza: Typographia Minerva; 1924. P. 355 – 357.

Diante de toda agitação abolicionista que se repercutiu por todo o Império, nota-se que neste momento as elites do país sofreram um momento de tensão entre os grupos regionais que deveriam nortear os futuros implementos institucionais, após um provável abalo na política brasileira com a prevista queda definitiva da escravatura. Pois, segundo o que pode ser constatado neste artigo do jornal abolicionista “Libertador”, órgão da “Sociedade Cearense Libertadora”, de alcance notório tanto na capital quanto no interior da província, os setores urbanos em ascensão de Fortaleza estariam empenhando-se para angariar prestígio nacional.

Oh! Liberdade, a que doces transportes nos arrebatas tu com o magico encanto da tua palavra!

Inspirados na inviolabilidade de teus dogmas seductores, trabalhando em commum para o engrandecimento da terra, que és protectora, e imbalados na magia de teu nome, que nos faz palpitar de entusiasmo o coração, poderemos exclamar cheios de prazer aos nossos irmãos do sul: vinde aprender conosco a ser livres! – vinde ver como um povo acabrunhado de mil calamidades naturaes, encara os perigos, e a despeito de todas as desgraças, só sonha com as grandezas que lhe inspira o esforço de sua constancia.

Não há negal-o; o Ceará está destinado a representar grande papel na historia deste imperio¹²².

A emancipação dos cativos no Ceará que ainda tardaria três anos, proferiu no texto um discurso ufanista perante às outras províncias, ou melhor, aos grupos dominantes de cada realidade local. Este tipo de argumento utilizado de modo geral pelas elites brasileiras, que tem como bardo a preocupação em fazer do Brasil um país moderno¹²³, fora empregado pelos setores emergentes da capital cearense, em que se destacaram os comerciantes, no sentido de combater o centralismo político e econômico do eixo centro-sul, onde concentrava-se à economia nacional voltada para o cultivo do café, mantido pelo braço escravo.

¹²² “O Novo Anno”. IN: *Libertador – Orgão da Sociedade Cearense Libertadora*. Anno: I; Nº 01. - Fortaleza: 01/ 01/ 1881. P. 02.

¹²³ “Em quanto a liberdade não congraçar-nos no mesmo amplexo, como irmãos que somos perante Deus e a humanidade, perante a civilização e o progresso, seremos um povo sem athonomia, sem consciencia do nosso valor, por quanto amesquinha a nossa grandeza, as instituições liberaes que nos governam, o desequilibrio de acção, o poderio do forte contra o fraco, do senhor contra do escravo, cuja permanencia criminosa, a despeito dos brados de indignação a repetição de scenas de horrores, praticadas a sangue frio e em pleno seculo XIX”. “Abaixo a Escravidão”. IN: *Libertador*. Anno:I; Nº 02. – Fortaleza: 15/ 01/ 1881. P. 01.

Grande é o açodamento com que os escravagistas do sul, principalmente do Rio de Janeiro, reúnem-se e levantam captaes, com o decidido proposito de neutralisar os ataques dos abolicionistas.

O Cruzeiro, jornal de grande circulação e altamente considerado pelo criterio de seus antigos collaboradores, vendeu-se, emmudeceu-se e trocou a devisa de batalhador do progresso pela mascara do sicario de emboscada.

(...)

Aquella linguagem altaneira que lhe ia tão bem, quando discutia as magnas questões de interesse geral, trocou-a pelo phraseado chulo dos correctores de escravos que malbarateam a dignidade da nação, antepoendo seus interesses aos interesses dos que sonham com a grandeza da patria.

Outros jornaes fazem ainda restricções deshonorosas e ageitam-se subtilmente a retardataria idéa dos vampiros escravagistas, porque o seu dinheiro vae-lhes trazendo vantagens lucrativas.

E tudo isso se passa na capital do Imperio, no seio da mais populosa e mais adiantada cidade da America do Sul.

Cobrimos o rosto para não vermos a hediondez de tamanha miseria¹²⁴.

Os grupos emergentes de Fortaleza, preocupados com os interesses que afetavam diretamente à sua realidade política e econômica, não tiveram maiores receios em confrontar-se com o governo central. A própria abolição de 1884, por exemplo, não desagradou aos chefes políticos tradicionais da província, sobretudo por seu poderio econômico não estar calcado no trabalho escravo. O fato da política imperial estar abalada acirrava as lutas internas pelo poder local e interessava muito mais às oligarquias cearenses. E

¹²⁴ Continuando o texto acima, transcreve-se ainda o seguinte trecho elucidativo quanto o assunto: “(...) Ah! Que do intimo d’alma sentimos não termos delles cá no norte para atirarmo-lhes á face a bofetada do desprezo e mostrarmo-lhes que nem sempre é o dinheiro quem decide das questões de honra, principalmente quando se tracta de uma nacionalidade que pretende-se aviltar. Que os filhos do norte, ardentes em suas aspirações, como o sol que nos encandece, não se bandiam tão facilmente ao esplendor do metal – elles que aprendam a arcar até contra as iras da propria natureza. Habitados ao trabalho livre, só almejam a liberdade que ennobrece os povos. Porque o povo livre muitas vezes tem feito cahir a seus pés os thronos mal seguros. (... ..) Abolida a escravidão no norte, haveis de sujeitar-vos a lei dos vencedores, que a liberdade há de impor-vos. Apanhamos a luva e nesta peleja em que temos empunhado honra e vida, não longe está o dia em que conhecereis de que lado há de pender a victoria, á despeito dos vossos milhões que a liberdade repelle como obra da infamia”. Nas últimas linhas, percebe-se que há certa tentativa de tornar análogo, ou como intensidade experimentada subjetivamente, o processo de emancipação dos cativos no Brasil e a sua consequente inserção ao progresso com o trabalho livre e o industrialismo, conforme foi lido quanto ao processo ocorrido nos Estados Unidos. Afinal, não é à toa o discurso impregnado de alusões ao atraso advindo do Sul e os laivos de progresso que emanariam do Norte, conforme atesta-se no texto. “Aos poucos escravagistas do sul e ao jornal que se vendeu”. IN: *Libertador*. Anno: I; N° 04. – Fortaleza: 17/ 02/ 1881. P. 01.

neste momento, cabia aos homens de letras, contagiados pelos mesmos interesses emergentes, caírem na batalha com as suas armas.

Argumentos de natureza filosófica do direito natural, baseado no iluminismo francês, reforçados nos princípios da moral cristã, bem como no discurso evangelizador dos abolicionistas norte-americanos¹²⁵, sustentaram na imprensa engajada as razões não tão preclaras da campanha abolicionista cearense, em que se seguiu os interesses políticos dos grupos emergentes de Fortaleza. Parte da Mocidade Cearense que operava na campanha, como Guilherme Studart, João Lopes, João Cordeiro, Abel Garcia, Oliveira Paiva, Justiniano de Serpa e Antônio Bezerra, dentre outros, em boa medida haveria de deter a manipulação de enunciados em favor da construção de um sentimento pátrio que legitimasse as conquistas do seu povo e, sobretudo, da facção (letrada) que estaria direcionando tal empreendimento, segundo suas leituras.

Em vista da attitude magestosa que haveis tomado na festa que hontem teve lugar no Passeio Publico para extirpar do solo cearense a nodoa da escravidão, é-nos lizongeiro pensar que em futuro proximo cantaremos de um extremo a outro da provincia o hymno da liberdade, da igualdade e da fraternidade!

Todos animados do mesmo pensamento, estimulados no mesmo empenho, não longe está o dia em que ufanos possamos dizer: a terra das carnaubeiras, fadada para grandes commettimentos não tem mais um escravo em seu seio!

A liberdade conciliará todos os seus filhos sob a mesma bandeira, e empenhados na idéa de engradecimento da terra querida, as artes, as lettras, a industria, a lavoura e a agricultura desenvolver-se-ham, nascidas e animadas ao bafejo de livres instituições.

Seremos grandes perante as nações cultas, porque somos livres¹²⁶.

Pressupondo que haveria uma marcha evolutiva para as nações, a força das teorias da evolução, como sendo as leis do progresso, travaria combate com o imobilismo dos grupos tradicionais que estariam mantendo uma instituição no país como a escravatura. A razão abolicionista no Ceará, que se alimentava tanto dos ideais iluministas e liberais,

¹²⁵ CARVALHO, José Murilo de. “Escravidão e Razão Nacional”. IN: *Dados. Revista de Ciências Sociais*. Vol. 31, nº 03. – Rio de Janeiro: IUPERJ; 1988. P. 287 – 290.

¹²⁶ “O Novo Anno”. Op. Cit. P. 02.

inspirou-se nos implementos jurídicos do pós-abolição norte-americano¹²⁷, bem como das teorias do evolucionismo e do positivismo, tornando-se dessa forma a ação discursiva das elites de Fortaleza contra o domínio dos grupos que direcionavam a política imperial.

Toda a vez que um paiz está abalado pela acção evolutiva de uma idéa, por uma força impulsiva e organisadora, é impossivel deter a marcha triumphal dos acontecimentos.

(... ...)

É a voz inextinguivel da consciencia humana.

Ao antro negro das almas é preciso levar a lampada augusta da verdade.

Quer na mentalidade, quer na sentimentalidade da nação produz-se uma agitação renovadora.

Sejamos por tanto, ousados e resolutos em affirmar os principios de uma pura e radical democracia, clamando sem cessar pelo resgate dos captivos.

Diante do progresso, que é o dynamismo universal das sociedades constituidas, abatem-se todas as muralhas do immobilismo tradicional, que tem gerado a raça dos novos Cains (...).

Cada um de nós não vive para si mesmo, mas para todos, e não há progresso isolado independente do progresso geral.

A principal virtude é o sacrificio.

Elle consiste em pensar, obrar, soffrer, si fôr preciso, não por nós mesmos, mas pelos outros, para o triumpho da liberdade, que é o bem, sobre a escravidão, que é o mal.

O progresso, como religião da humanidade, tem por scopo supremo a fraternidade dos homens e dos povos, commungando todos no mesmo agape os mesmos direitos e os mesmos deveres.

¹²⁷ “Para convencer esta predicção dos vergalhistas não passar de uma perniciosa especulação [sobre a opinião dos escravocratas em relação aos emancipados se entregarem à preguiça, à vadiação, ao roubo e à embriagues], - mais para conservarem o poder dominical e satisfazerem ao habito hediondo de dar vergalhadas (há senhores que tem escravos, por que não podem passar sem o uso diario desse barbaro e sanguinario vicio) do que por amor dos seus proprios interesses, basta-nos considerar nos effeitos da emancipação dos escravos nos Estados Unidos, da qual, não obstante ter sido effectuada de chófre, resultaram grandes beneficios para aquelle paiz. Alli, os antigos escravos tem feito extraordinarios progressos em sua educação moral, scientifica e industrial como se acha perfeitamente demonstrado em alguns artigos sobre a epigraphe ‘Educação dos libertos’ publicados em o Novo Mundo de Junho e Julho de 1879. (... ..) o relatório official dá algarismos demonstrando positivamente que as principaes villas e cidades do Sul estão augmentando de população. Durante os tempos eram rarissimas as fabricas no Sul. Há uma répulsão providencial entre a industria manufactureira e a escravidão: é possivel lavar a terra com escravos; mas é impossivel fabricar usurpando o trabalho dos nossos semelhantes. Disso resultou que depois da emancipação os Estados do Sul estão se tornando manufactureiros; cada dia erguem-se novas fabricas, e em breve acabará o perigo em que estava a Republica, tendo em confederação Estados exclusivamente agricolas e Estados sómente manufactureiros. Á vista desse exemplo magno; em presença desta pratica, é inexplicavel a tibiesa dos estadistas do Brazil (continua o Novo Mundo) em decretar a completa emancipação dos escravos”. “Consequencia da Emancipação I”. IN: *Libertador*. – Nº 02; Fortaleza: 15/ 01/ 1881. P. 02.

Inauguremos o apostolado quotidiano e incessante da liberdade.

É preciso dizer e redizer a verdade aos nossos concidadãos, por mais inexhoravel que ella seja.

E eis aqui a verdade:

*Deve-se abolir a escravidão!*¹²⁸.

Conforme vê-se no texto acima, pode-se dizer que os setores emergentes aqui estudados aproveitaram este momento de tensão na política nacional para alardearem seus interesses imediatos, e com isso proporem novos rumos institucionais. Por sua vez, esta iniciativa coube aos espaços das sociedades literárias e seus órgãos de imprensa, como há de ser visto nos próximos tópicos.

Das experiências literárias existentes no movimento abolicionista cearense¹²⁹, identifica-se boa parte dos beletistas que tiveram atuação nas campanhas pela “regeneração nacional” durante os primeiros anos do golpe republicano. Inúmeras poesias, odes e estrofes foram redigidas por poetas como Antônio Bezerra¹³⁰, Justiniano de Serpa, Lúcio de Mendonça, Oliveira Paiva, Antônio Martins, Barbosa de Freitas e tantos outros que derramaram suas ânforas condoreiras nas páginas do jornal “Libertador”. Portanto, com exceção de Guilherme Studart que era do Centro Abolicionista, todos participaram da Sociedade Cearense Libertadora. Estes espaços foram para os respectivos intelectuais campos de experimentação subjetiva, bem como a atualização das intensidades experimentadas, a lerem a instituição da abolição em 1884 como conquista de sua ação política. Sendo a Sociedade Cearense Libertadora uma criação da Perseverança & Porvir, conclui-se mais uma vez que houve de fato investimento dos comerciantes sobre a geração

¹²⁸ “Jornada Promissora”. IN: *Libertador*. Anno: I; Nº 02. – Fortaleza: 15/ 01/ 1881. P. 02 e 03.

¹²⁹ GIRÃO. Op. Cit. P. 91 – 93, 110 – 113, 173 e 232.

¹³⁰ Nenhuma ode foi tão expressiva e distintamente característica desta geração de escritores, literatos e empreendedores dos segmentos letrados pela abolição no Ceará, quanto estes versos que foram dedicados à sociedade Perseverança & Porvir durante a fundação da Sociedade Cearense Libertadora: “*Moços! Uma grande idéa/ Vos anima os corações/ Quereis erguer no futuro/ O mais bello dos padrões!/ Sim, que vos sobra energia/ E tendes n’alma a magia/ Que gera as revoluções;/ Se a turba não vos entende/ Dos moços é que depende/ O destino das nações.// Sois poucos, mas resolutos/ Cheios de crença e valor/ São nobres os vossos esforços/ E nobre mais vosso amor:/ Amor á causa sublime/ Daquelles a quem opprime/ O estigma da escravidão/ A quem só coube por sorte// Miseria e dor (trecho danificado) que a morte.// Avante, pois, que este seculo/ É o seculo de grande acção/ Repugna a luz do progresso/ A idéa de escravidão;/ Bem firme no vosso posto/ Oh! Nunca volteis o rosto/ Aos inimigos da luz;/ Si vos é dura a prova/ Tende no ceu confiança/ Que a gloria ao fim vos conduz;/ Eia, moços, attonita/ Vos contempla a multidão/ Vinde aqui lançar as bases/ Da mais santa instituição;/ Cheios de nobre coragem/ Deixais na vossa passagem/ Um sulco immenso de luz;/ Luz que derrama victorias,/Que illustra inda mais as glorias/ Da terra da Santa Cruz (...)*” “Versos offerecidos a sociedade – Perseverança e Porvir – por ocasião da fundação da Sociedade Cearense Libertadora”. IN: *Libertador*. Nº 01. P. 07 e 08.

dos moços letrados, entusiasmados com as novidades cosmopolitas e emancipatórias daqueles tempos.

Estando assim apontados os três maiores agenciamentos de enunciação que potencializaram a atividade estética da Mocidade Cearense em suas realizações, bem como os fatos que marcaram as cartografias subjetivas daquela realidade social entre as décadas de 1870 e 1880, cabe agora identificar as ações das associações literárias cearenses com os rumores da transição entre os regimes monárquico e republicano. Nas campanhas pela regeneração das instituições nacionais naquele período, a ação da máquina discursiva dos espaços letrados trabalhou em prol da aceitação do tipo cearense como sendo um “sujeito inovador” perante à comunhão nacional. A construção de uma referência nacional frente as demais províncias do país¹³¹, experimentada em boa medida pelas elites urbanas emergentes de Fortaleza, veio caracterizar-se nas práticas letradas da intelectualidade cearense que se empenhara por difundir, tanto naquela realidade local bem como nas paragens nacionais, o modo de subjetivação potencializado pelo agenciamento estético analisado neste tópico. Na manipulação dos enunciados como o moderno, por conhecer as leis do progresso, forte, por resistir às intempéries do meio e por isso, dotado naturalmente de uma moral emancipatória, no sentido de tornar-se exemplo frente o processo de transformações político-institucionais da sociedade brasileira com a queda da Monarquia, a montagem dos agenciamentos maquínicos que potencializaram naquele campo estético-discursivo especularia nas práticas letradas do período os ideários institucionais profusos no

¹³¹ É freqüente o número de textos de jornais e personagens ilustres re-publicados em diversos periódicos cearenses, quando o que estava sendo tratado em outras paragens reportava-se aos “feitos heróicos da Terra da Luz”, como, por exemplo, a abolição. Conforme pode ser percebido até então neste estudo, as elites cearenses, no campo de tensões políticas frente o domínio das elites centralizadoras do eixo centro-sul, utilizaram-se do recurso da imprensa como estratégia e forma de legitimar o seu discurso referendado nos enunciados civilizatórios, utilizando-se de sua narrativa empregada, sobretudo, a partir da campanha abolicionista. “*Passamos hoje para nossas columnas o que á nosso respeito disse o Diario de Noticias da Bahia, nº 152 de 9 de julho ultimo, no artigo ‘Movimento Abolicionista no Ceará’ e o que disse a Pacotilha, jornal da tarde, do Maranhão no seu nº 78 de 8 do referido mez, no artigo ‘Pacotilha no Pará’.* Queremos com isto provar uma vez aos nossos adversarios que, ao passo que, contra nós movem a arma da intriga e da calumnia; os escriptores mais sinceros daquellas provincias occupam-se em elevar mais o nosso movimento e para elle chamam a attenção de todo o Brazil, considerando esta provincia a primeira no impulso da liberdade. Não são negreiros abjectos que sabem presar devidamente o nosso trabalho e que tem sempre para nós uma palavra de animação. São cavalheiros que sabem presar devidamente o nosso trabalho e que tem sempre para nós uma palavra de animação. Por nossa parte lhes agradecemos as lisongeiros expressões de encorajamento, garantindo-lhes que não retrocedemos um passo da linha de conducta, que nos imposemos, ainda a custo de muito sacrificio (...)”. **Libertador**. Anno: I; Nº 16. – Fortaleza: 08/ 08/ 1881. P. 03.

beletrismo cearense, em busca de garantir a opinião e consolidar um público leitor. Essa discussão caberá ao próximo tópico.

I. 3. Modelos e Instituições para a Nova Ordem: Apontamentos para Estado e Nação no Beletrismo Cearense

No período compreendido entre as décadas de 1870 e 1890 a intelectualidade cearense teve marcante participação em seu território social, nas lutas que caracterizaram a transição política brasileira no final do século XIX. Ainda que a ação das suas práticas letradas tenha se dado basicamente no cenário local, a fragilidade das instituições monárquicas e a emergência para o início do novo Estado brasileiro deu margem para que a Mocidade Cearense elaborasse ao longo da sua trajetória intelectual e política modelos institucionais correspondentes às transformações históricas ocorridas.

Neste tópico, será feita a análise da revista “A Quinzena” (1887 - 1888) que, sendo órgão do Clube Literário, comportou no bojo de suas práticas discursivas as matrizes de um pensamento institucional que teve repercussão nos espaços letrados, sociedades e agremiações literárias, durante a década de 1890 no Ceará. Dessa forma, o órgão possui características peculiares que o define como matriz intelectual e referência para os demais periódicos das associações literárias posteriores, bem como o Clube Literário caracterizou-se como modelo de sociedade ilustrada, liberal e científica/ literária segundo parâmetros europeus, com práticas intelectuais e políticas que se contrapuseram à estrutura político-institucional brasileira predominante no final do Império.

A primeira e mais concisa das razões de congratulação dos ideais político-morais que permitiram a formação do Clube Literário e, conseqüentemente, a existência da sua revista, deveu-se, sobretudo, à própria trajetória dos seus integrantes em movimentos políticos e intelectuais já elencados: a Academia Francesa (1873 - 1875)¹³² e o Movimento Abolicionista (1881 - 1884)¹³³. Indubitavelmente, esses dois movimentos deixaram de herança

¹³² Dos intelectuais presentes nas linhas editoriais do jornal maçônico *Fraternidade* – órgão da imprensa por onde escreviam membros da Academia Francesa – temos João Lopes presente em “A Quinzena”, no mesmo engajamento em prol da marcha “civilizatória”. Ver: BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense*. – Fortaleza: Edições do Instituto do Ceará; T. I; 1948. P. 86.

¹³³ Grande parte dos sócios do Clube haviam participado da Campanha Abolicionista de 1880, sobretudo, o próprio João Lopes, Justiniano de Serpa, Guilherme Studart, Antônio Bezerra, Virgílio Brígido, Antônio

para “A Quinzena”, além do legado das teorias eurocêntricas em voga, níveis de experiência social e a postura política marcadas no território cearense pelos contrastes sócio-políticos brasileiros que orientaram essa geração de letrados.

Conforme é sabido, a Academia Francesa representou o foco precursor - por iniciativa autônoma, não governamental - das idéias científicas, evolucionistas e positivistas. Na formação do Clube Literário, ocorrida em 1886, tais matrizes intelectuais, outrora difundidas no jornal maçônico “Fraternidade” bem como na antiga “Escola Popular”, congratularam-se em “A Quinzena”, de tiragem quinzenal que atingia toda a capital e o interior da província por assinaturas. Este fato, juntamente com a ocorrida participação da maioria dos sócios do Clube no Movimento Abolicionista, fundiram-se num empreendimento político e intelectual. Através do conhecimento científico, conforme sua leitura sobre o espaço social e político cearense, a Mocidade teria o conhecimento das leis morais e científicas que possibilitariam o progresso (material, tecnológico, científico, intelectual) para aquilo que seria, segundo parâmetros europeus, o “grau da civilização”.

*Lamarck, o precursor de Ch. Darwin (...), já havia assinalado a influência da acção do meio na transformação (...) do homem, modificando-o em suas disposições physio-psychicas. Aplicado à história das sociedades por Begehot, Comte, Buckle, Taine e outros, o processo crítico-naturalista pode explicar certos phenomenos da vida humana até então não compreendidos em sua origem*¹³⁴.

Em meados da década de 1880, os letrados da Mocidade Cearense empenharam-se na feitura de uma máquina discursiva que pudesse angariar determinada legitimidade política, através da ciência, a atuarem na esfera social. As leituras científicas e evolucionistas que alimentaram as paixões alaridas dos jovens de 1873, no Clube Literário procuravam legitimar a sua leitura social a partir dos pressupostos deterministas que haveriam de condicionar o desenvolvimento positivo da sociedade pela força dos fenômenos naturais e sociológicos. O que tem mostrado a gama de artigos de “A Quinzena” é que diversas áreas do conhecimento (etnografia, sociologia, geologia, biologia e história) vinham para legitimar a

Martins e Oliveira Paiva. Ver ADERALDO, Mozart Soriano. “Renascimento Literário Cearense” (Prefácio da edição fac-símile). *A Quinzena. Propriedade do Club Litterário*. - Fortaleza: Academia Cearense de Letras/BNB (edição fac-símile).

¹³⁴ “A Mulher Cearense”. *A Quinzena. Propriedade do Club Litterário*. - Fortaleza: Academia Cearense de Letras/BNB (edição fac-símile). - Anno I; Nº 02; 30/ 01/ 1887. P. 02

sua leitura social. Percebido que a leitura daqueles beletristas cearenses referendara-se nas teorias que apreciavam uma outra realidade social, política e institucional, senão a européia, deve-se compreender que o movimento impulsionador das transformações históricas na Europa, seus fluxos da experiência cotidiana e institucional fossem agentes na dinâmica da realidade brasileira. Ou melhor, que os capitais simbólicos da ordem burguesa fossem cultivados naquele território social, onde a cultura letrada passaria a elaborar uma nova linguagem em que os usos de poder favoreceram os filhos da velha elite com a manutenção renovada da ordem senhorial.

Sendo a atividade de imprensa um recurso em que poderiam atuar na opinião dos indivíduos, o jornalismo literário cearense partiu para o confronto político-institucional, no âmbito das práticas políticas e discursivas, frente às antigas formas de domínio dos grupos tradicionalistas, senhores de terra e chefes políticos locais. Conforme considerações já elencadas, oriunda do mesmo grupo social, essa elite letrada dos fins da década de 1880 elaborou, através de uma forma mais sofisticada de dominação, o uso do discurso ilustrado e científico com notório impulso de coação política. Contudo, para o empreendimento civilizatório encaminhar-se, através de práticas sociais modernas como, por exemplo, a cultura letrada e a ilustração, a velha política do bacamarte deveria ser substituída pela ação das letras que mesmo tendo pouco espaço mediante seu escasso público leitor, utilizou-se da recodificação de enunciados coletivos a produzir desejos que viessem atender e legitimar seus interesses de grupo dominante naquela cartografia social.

Criada com a intenção de ser uma “publicação puramente litterária”, sendo órgão de uma agremiação de letras que “atendia à pouca intensidade da vida litterária em nós (os cearenses)”, os autores de “A Quinzena” entenderam, de fato, a atividade de imprensa como sendo o recurso de extensão pragmática e captura subjetiva dos indivíduos no território da cidade. Em nome dos ideais e objetivos para os quais foram criados sua revista e seu clube, o empreendimento civilizatório em curso no Ceará precisava ser retomado, e para isso a Academia Francesa, que utilizou-se outrora do mesmo meio de atuação política, o uso do intrumental letrado foi referência como agente do processo em favor da nova ordem.

Outro facto de muita significação (depois do surgimento na arena jornalística local dos jornais “Gazeta de Notícias” e “O Município”) é a existência próspera e gloriosa que teve a Fraternidade, folha de combate, mais do que litterária, na

acepção commum do vocábulo, pois que era philosóphica, crítica, científica.

(...) Ora, nada mais natural do que, sobre os factos que ahi ficam apontados (disputas políticas locais, conformismo da população, eliminação do trabalho servil, indiferença para com as Letras), constituir A Quinzena o castello de suas esperanças, de sua confiança mesmo no meio cujo gosto vae tentar, apresentando-se-lhe como publicação puramente litterária¹³⁵.

Como pode ser percebido, propusera-se, nas linhas editoriais do referido órgão, a fomentação do gosto literário para um determinado espaço social marcado por contrastes e rarefações culturais gritantes. A razão dos textos científicos, suportes teóricos herdados da máquina discursiva da Academia Francesa, alicerçava a necessidade de construir novas instituições baseadas em práticas sociais do universo letrado como espaços de leitura, circulação de idéias, formas novas de sociabilidade, etc. Era pensado que essa gama de valores e hábitos modernos possibilitaria o conhecimento da evolução natural e sociológica no cotidiano da província cearense que permitiu, diante as demais províncias do país, a extinção da Escravidão (instituição que correspondia ao atraso social). Incompatível com o marasmo político, as lutas entre os grupos partidários liderados pelas famílias tradicionais que se digladiavam pelo poder administrativo, assim como o provincianismo da sociedade em relação às aptidões literárias e à resistência a esta cultura moderna, faziam com que toda esfera de valores e hábitos tradicionais fossem discursivamente depreciados como resquícios de um tempo avoengo em detrimento, a ceder território para as leis da evolução e para o progresso moral, material e humano. Diante de tal circunstância, os artigos literários e a própria natureza pela qual se repercutiu no surgimento do Clube e da sua revista, são dados como assuntos de uma “Caixa de Pandora” aos estudiosos da Literatura e da História.

Sendo o Clube Literário formado por espíritos que se empenharam pelo “florescimento das letras” na sociedade cearense, que dotavam de “labores isolados”¹³⁶, o seio dessa *congregata* literária comportou interesses pragmáticos que denotam uma postura política distinta. Saídos do eloqüente Movimento Abolicionista Cearense (seja da Sociedade Cearense Libertadora ou do Centro Abolicionista Cearense), muitos dos sócios do Clube que circularam pelo jornal abolicionista “Libertador” lançaram indícios quanto a preocupação em

¹³⁵ “Preliminares”. *A Quinzena*. – Fortaleza: Anno I; N° 01; 15/ 01/ 1887. P. 02.

¹³⁶ BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense*. – Fortaleza: Edições do Instituto do Ceará; T. I; 1948. P. 115 e 119.

elaborar um modelo nacional de bio-tipo cearense, segundo uma construção literária. O que de fato ocorreu de forma mais definida somente na década de 1890 com o surgimento da Padaria Espiritual e do Centro Literário, conforme será analisado, a ousadia maior do Clube foi tentar consolidar um público para a leitura que os seus sócios estavam levando a diante. Desta feita, o que se entendeu como sendo os “gostos literários do grupo [que] requeriam, porém, uma arena particular e mais selecta”¹³⁷, não deve ser compreendido como exclusivismo dos sujeitos da Mocidade Cearense por não encamparem as lutas políticas do período. Mas, foi o momento em que eles propuseram em sua produção intelectual, de acordo com os princípios da ilustração, um modelo-tipo nacional referendado na leitura que elaboraram sobre a evolução sociológica cearense ante seus desejos políticos locais. Se houve algum distanciamnto foi meramente semântico, no que condiz à sua leitura sobre a sociedade brasileira, segundo parâmetros do pensamento europeu que dizia manter distância das decisões político-institucionais levadas a cabo pelas legendas partidárias contemporâneas.

O tipo nacional, resistente às intempéries do meio físico, detentor de um labor humanitário e apto às idéias e inovações do mundo moderno, conforme pensavam, haveria de portar força e resistência físicas fomentadoras de um caráter que se voltava para as preocupações da época. Assim, as leituras científicas e evolucionistas repercutidas entre as décadas de 1870 e 1880, possibilitaram que se elaborasse as linhas discursivas no Clube Literário que apontaram a índole moral da sociedade cearense, em que acontecimentos da história local, como a seca de 1877 e a abolição de 1884, foram adequados às teorias que reforçavam a idéia de progresso positivo. Essa leitura repercutida nas práticas letradas dos órgãos da Mocidade, entre 1887 e 1904, lançou apontamentos discursivos para a idéia de um “sujeito inovador”; uma leitura daqueles sujeitos sociais que aludia às conquistas daquela sociedade, em que haveria de ser constituído um novo tipo nacional. Tratava-se tão somente de tornar legítimas no campo letrado sua ação política com uso de um poder que se afirmava no território social de Fortaleza.

Na verdade, em vias literárias, “A Quinzena” trouxe textos que comportaram uma carga concisa daquilo que se entendeu por regionalismo literário. Esse regionalismo, por sua vez, compreende-se que estava previsto na construção de um protótipo modelar cearense como sendo um sujeito inovador, que se ampliou numa coesa organicidade intelectual

¹³⁷SALES, Antônio. *Trabalhos (manuscritos inéditos)*. – Fortaleza: Arquivo de Obras Raras da ACL; 1897. P. 228.

abarcando várias áreas do conhecimento. Necessariamente, na Literatura, os contos naturalistas de Rodolfo Teófilo intitulados “História Natural” deram uma idéia de como esse modelo estava sendo elaborado na produção literária de “A Quinzena”. O conto “O Cafeeiro”, por exemplo, mostra as características naturais de uma região onde se cultivava o café no Ceará, que teve o mérito (e a imortalização na poética do autor) de ser a primeira a abolir os escravos no Brasil. Em sua narrativa, o progresso social fazia-se acompanhando o curso do processo natural¹³⁸.

A maioria dos textos da revista é de caráter literário. Laivos do romantismo surgem como potência estética, tecendo a forma arquitetônica da narrativa, que reforça a leitura científica com a paixão ebrifensiva pelo progresso. Com a emergência da civilização, o discurso científico como mecanismo legitimador da ação letrada vem agir sobre a dinâmica do social, afirmando-se como um novo poder. Nos estudos de Abel Garcia, sobretudo, os artigos intitulados “A Mulher Cearense”, em que se encontra o veio das idéias evolucionistas e teorias científicas de Darwin, Lamarck, Taine, Buckle e Begehot, o caráter da mulher cearense é apontado como distinto biologicamente das demais de sua espécie devido a sua resistência às intempéries do meio físico e geográfico (alusão à seca de 1877), condicionada a deter uma índole peculiar (“espírito apto ao progresso”), o que haveria determinado o heroísmo de sua participação nas frentes abolicionistas na década de 1880¹³⁹. Assim, percebe-se que em “A

¹³⁸ “Fazia-se a colheita do café. Às cinco horas da manhã eu despertei ao ecoar do busio pelas quegradadas da serra. Era o toque de reunir. O feitor convidava assim os trabalhadores para a festa do trabalho, mas do trabalho livre! (...) A nevoa como um immenso lençol envolvia tudo. Uma brisa preguiçosa a osculava a temperatura baixa da monhtanha. No páteo da vivenda o feitor distribuia cestos à genta da apanha. Homens, mulheres, meninos ainda somnolentos affrontavam a humidade vestidos de roupas leves. Era um quadro esplendido! Todos livres, sem receio do tronco, do chicote, acudiam ao primeiro signal de alerta para a festa do trabalho. Senti uma consolação que me foi até a alma, recordandome que nós tinhamos sido também soldados da cruzada da abolição! E além, na raiz da serra, dormia ainda a Pacatuba o plácido somno da primeira comarca livre do território brasileiro! (...) E que emoções não senti quando depois de quinze dias de um trabalho insano recebi da repartição de fazenda a certidão de que n’aquelle pedaço do Brazil não havia mais um homem escravo! Chorei de alegria! (... ..) Em breve desapareceram entre os alcantis e eu do pateo da casa ainda admirava! Recolhi-me commovido e depois de termos tomado café sahimos a passear pelo sitio. O sol já estava alto e a serra ainda se conservava embuçada em seu manto de névoa! Caminhavamos devagar admirando a variedade da (trecho danificado, ilegível), o luxo da vegetação. Os ‘piroas’ excediam em parte as mais altas palmeiras. Muitas ‘parasitas’ e ‘lianas’, floresciaam agarradas às hastes das grandes árvores. As ‘aristolochias’, as ‘orchideas’ coloriam com suas corollas multicores parte da floresta (...) Alguns fetos, entretanto, destacavam-se do tapete que cobria a terra pelo fino arrendado de suas folhas pennadas. Admirando os tinhamos entrado em um caramachão feito naturalmente por ‘passifloraceas’ enredadas a um grupo de cafeeiros”. THEÓPHILO, Rodolpho. “História Natural”. IN: *A Quinzena*. – Fortaleza; Anno I; N° 17; 17/ 09/ 1887. P. 132 e 133.

¹³⁹Os textos que melhor expressam a resistência da mulher cearense às intempéries do meio físico e geográfico enquanto aspectos formadores do seu caráter e a sua índole moral, tendo por manipular enunciados

Quinzena” a Mocidade Cearense aproximou as preocupações científicas da época com o deleite que a literatura propiciava ao público leitor, o que caberia dizer que estes sujeitos letrados tinham em mente interesses definidos, interligados com os apontamentos institucionalizantes levados a diante em sua máquina literária.

Quanto aos outros textos em que se sobressaiu o campo científico, vale a pena serem mencionados os estudos folclóricos e etnográficos de Paulino Nogueira, que discorreu sobre as lendas e os tipos cearenses, e o precioso texto historiográfico de Antônio Bezerra que aludiu ao suposto progresso social do Ceará, referente ao engajamento de sua geração, a Mocidade Cearense, na imprensa partidária, na Academia Francesa e no Movimento Abolicionista¹⁴⁰. Os artigos desta natureza sugerem ao público leitor a construção de uma memória histórica em relação a estes sujeitos em suas campanhas, como sendo eles os legítimos responsáveis pelo “adiantamento moral” da província.

Assim, percebe-se que aquilo que se entendeu por surgimento de uma “nova corrente estética”, ou seja, os “primeiros sinais concretos do Realismo no Ceará”¹⁴¹, caracterizou-se na ação das leituras científicas destes sujeitos históricos que se empenharam por lançar apontamentos enunciativos daquilo que aqui será entendido por sujeito inovador: a leitura social arquitetada pela máquina literária e discursiva da Mocidade Cearense, como mecanismo de um poder simbólico que visava angariar a opinião pública local, a contribuir com a manutenção das elites letradas no topo da estrutura social e política. Este sujeito ideal, arquitetado por um corpo discursivo, orgânico e sistemático, procurou tornar legítimo o engajamento dessa geração de intelectuais na década de 1880 em “A Quinzena”, a afirmarem seus interesses sobre o campo de experimentação subjetiva de suas leituras, o público leitor cearense.

O papel da Academia Francesa, uma iniciativa liberal não ligada à política patriarcal do Estado provedor¹⁴², bem como o engajamento político da maioria dos sócios do Clube Literário na campanha abolicionista, tornaram-se as fortes referências para a experiência política e intelectual desses letrados. A sociabilidade resultante dessas práticas

em favor da sua participação na campanha abolicionista, encontram-se nos números 02 (30/ 01/ 1887. P. 02) e 04 (28/ 02/ 1887. P. 02) d’A *Quinzena*.

¹⁴⁰ “O Nosso Progresso”. IN: *A Quinzena*. Fortaleza, 03. 05. 1888. P. 51 – 53.

¹⁴¹ AZEVEDO, Sânzio de. “Os Grêmios Literários do Ceará” IN: SOUSA, Simone de (Coord.). *História do Ceará*. – Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha; 1994 (2ª ed.). P. 187.

¹⁴² AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*. – Rio de Janeiro: UFRJ/ Brasília: UNB; 1996. (6ª ed.). P. 383 e 384.

políticas e intelectuais cotidianas, juntamente com os seus repertórios de leituras, deu organicidade a um discurso sobre o progresso da sociedade cearense e os possíveis aspectos institucionais viáveis à nação, o que esta deveria seguir para o curso do progresso moral, político e material, segundo o conhecimento das leis naturais e sociológicas. Vê-se então naquelas duas posturas de outrora as frentes de ação política da Mocidade adentrando nas relações de poder do território social onde os intelectuais eram sujeitos. Primeiramente, visavam garantir um público leitor na capital cearense que legitimasse seus desejos de grupo; no caso, os setores burgueses de Fortaleza absorvendo os conteúdos de suas leituras. Em segundo, que aqueles sujeitos detentores de um saber tomassem posição frente às elites de outras províncias e centros urbanos do país, a reagirem naquela conjuntura contra o centralismo político.

Neste momento, deve ser entendido que a “leitura/ visão de mundo” do Clube Literário, foi senão a ação das suas práticas discursivas e leituras atuando naquele espaço social como máquina política. A intervenção das “questões científicas vinculadas as questões políticas do período”¹⁴³, foi portanto a elaboração de um suporte teórico-científico que caracterizou a postura daquele grupo, que através da imprensa procurou mobilizar a opinião pública das elites cearenses em reação à política do Estado centralizador. Houve então a tentativa de produzir um agenciamento coletivo de enunciação¹⁴⁴, “A Quinzena” como uma máquina literária produtora de desejos, fazendo com que atualizassem a vontade daquele segmento letrado, em que suas leituras tivessem participação tanto nas relações sociais e cotidianas bem como nos processos políticos e institucionais brasileiros. Logo, estar de acordo com a análise do crítico literário Afrânio Coutinho, que tem a produção intelectual “determinada e condicionada por fatores histórico-sociais”¹⁴⁵, peca por não considerar o conjunto de forças e intensidades que atuaram sobre os repertórios de leituras, espaços de sociabilidades da cultura letrada cearense, atividades da produção letrada e matrizes intelectuais que deram origem aquele texto, àquela máquina literária. É anuviar a tessitura de um discurso político que elaborou a sua própria leitura a partir de desejos em comum daqueles

¹⁴³ OLIVEIRA, Almir Leal de. *Saber e Poder: O Pensamento Social Cearense no final do Século XIX*. – São Paulo: Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Estudos Pós-Graduados em História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 1998. P. 74.

¹⁴⁴ DELEUZE, Gilles & GUATARRI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo & Esquizofrenia V. I*. – Rio de Janeiro: Edições 34; 1995.

¹⁴⁵ WEBER, João Hernesto. *A Nação e o Paraíso. A Construção da Nacionalidade na Historiografia Literária Brasileira*. – Florianópolis: EDUFSC; 1997. P. 91.

indivíduos em grupo, a conectar seus campos de experimentação de segmento dominante, que fizeram uma releitura das matrizes teóricas européias para preservar a antiga estrutura de poder naquele território, e ainda contrapor-se aos aspectos sociais e políticos colocados no campo de tensões com as mudanças intencionais daquele período. Logo, ao investigar a inserção de um texto literário em uma relação de forças, percebe-se que jogo não é dialético, pois os desejos humanos mesmo sendo contraditórios orientam-se sob uma lógica que os conectam: a sua afirmação sobre outros desejos colocados nos embates sociais, atualizando o exercício de um novo poder, atuante no campo da linguagem sobre os enunciados coletivos, níveis de experiência, temporalidades e modos de vida existentes naquele território.

Perceber o engajamento político e social daqueles intelectuais diante da emergência para novos projetos nacionais estando a ordem política abalada, não carece desmerecer os artifícios poéticos, a metalinguagem¹⁴⁶ e as estruturas narrativas do discurso¹⁴⁷ existentes nas suas práticas letradas, nem tão pouco as intensidades puras, experiências cotidianas e subjetivas dos conteúdos semânticos presentes nos seus textos¹⁴⁸. Na estrutura dos textos, por exemplo, percebe-se a verve romântica tecendo a cadeia discursiva a tornar dinâmico o movimento dos conteúdos cientificistas e evolucionistas nos diversos níveis da experiência social para atender a lógica do progresso. Logo, sobre as práticas discursivas da Mocidade, aquela leitura elaborada para uma determinada realidade social e política (a província cearense progressista, abolicionista e moderna) dentro de uma conjuntura maior (o Brasil no final do Segundo Império), seria a manipulação dos desejos coletivos na produção de outros agenciamentos que viessem legitimar o poder ilustrado naquela estrutura de poder local, frente aos processos políticos brasileiros, a traduzir as “articulações com as leituras sociais de cunho cientificista e a idealização do Ceará em proposta de reorganização da Nação”¹⁴⁹.

O Movimento Abolicionista, conforme mencionou-se, foi também uma importante referência política para atuação intelectual dos sócios do Clube Literário. Aliás, mais que referência, um agenciador de intensidades subjetivas experimentadas em que, sendo

¹⁴⁶ WHITE, Hayden. “O Texto Histórico como Artefato Literário”. *Tópicos do Discurso*. s/ r. P. 97 – 116.

¹⁴⁷ LACAPRA, Dominick. “História & Romance” IN: *Revista de História – Dossiê: História/ Narrativa*. – s/ r. P. 107 – 124.

¹⁴⁸ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Kafka. Por uma Literatura Menor*. Rio de Janeiro: Imago Editora; 1977.

¹⁴⁹ OLIVEIRA, Almir Leal de. Op. Cit. P. 211 e 212.

os sócios do Clube ex-combatentes da campanha emancipadora no Ceará, fizeram a leitura da libertação dos cativos na província como uma conquista moral dos seus esforços intelectuais no campo político. Pode-se até entender que a manipulação dos desejos naquela cartografia social, com a ação do jornal “Libertador”, foi a intensidade experimentada das leituras que construíram o mito de 1884, ainda que a soma de dados estatísticos tivesse interpretado outra forma de configuração da emancipação dos cativos na província¹⁵⁰.

A fragilidade das instituições nacionais no final do Império e a possibilidade de uma transição política com a eminência da queda do Segundo Reinado, favoreceram aquilo que se entendeu por elaboração de uma narrativa histórica e literária para o Ceará motivadas por um “nacionalismo regional com a construção de uma poética libertária” durante a campanha abolicionista¹⁵¹, agenciando um desejo moralizador nos textos de “A Quinzena”. Merece ser compreendida que tal construção narrativa esforçou-se por elaborar um modelo institucional discursivo do qual o Clube Literário colocou-se como propagador e porta-voz, após a abolição. Esta realização foi profusamente articuladora dos apontamentos sistemáticos e orgânicos para Estado e Nação brasileiros no final do Império, vindo a ter repercussão até nos primeiros anos do regime republicano.

O caráter político e moral dos textos literários da revista “A Quinzena”, foi componente narrativo para a ação de um discurso que pretendeu legitimar-se segundo as teorias científicas e leituras sociais no campo desejante que envolveu os sócios do Clube Literário, preocupados com a elaboração de um modelo institucional de Nação diante da realidade histórico-política da sociedade brasileira na derrocada do Segundo Império.

A nação toma banho também, como o dono da nação, com uma diferença apenas: o rei lava nas águas thermaes, o resquício que lhe ficou d' aquella exquesita moléstia chamada – estado satisfactório, em quanto a nação banha-se... em pranchadas de

¹⁵⁰ Como pode ser constatado em alguns estudos historiográficos, como, por exemplo, em MELO, Josemir Camillo de. *Ceará: Abolição Precoce ou Crise Econômica?*. – João Pessoa: MIMEO: s/ d., sabe-se que fatores estruturais de ordem sócio-econômica, que possuem raízes históricas, apontam para as relações de trabalho no Ceará que, desde o período de sua colonização, desenvolveram-se a partir de relações de compadrio e sub-serviência, a desfavorecerem o trabalho escravo. Contudo, este aspecto foi de fato terreno propício para que as teorias evolucionistas e liberais, a partir da campanha político-moral abolicionista, tivessem ação catalisadora como máquina produtora de desejos no território social que legitimou a emancipação dos cativos na província cearense.

¹⁵¹ OLIVEIRA. Op. Cit. P. 121.

*sabre, para lavar-se da hedionda nódoa de querer considerar livres os pretinhos ilegalmente matriculados em Campos*¹⁵².

O atraso da Nação era justificado pela “nódoa” que a Escravidão deixava, vista como empecilho ao progresso social. O Estado Imperial, aos sopros da decadência institucional, mantinha-se ainda sustentado pelo escravismo que “impossibilitava o Brasil de acompanhar o rumo das nações civilizadas”, e o trabalho livre era entendido como importante conquista para o empreendimento civilizatório, conforme viu-se nas páginas do “Libertador”.

Fictícia ou não, pois, mesmo estando livre do fardo escravista ainda que longe de ser necessariamente uma terra próspera, a imagem de progresso na pequena província fora alimentada por outros fatores que também contribuíram para justificar o seu destaque diante das demais províncias, pelo menos em vias retóricas e discursivas. Conforme já fora em certa medida vislumbrado, desde a Guerra de Secessão norte-americana (1861 - 1865), o Ceará passou a ser uma região importante no fornecimento de matéria prima, o algodão, para as nações européias e seus interesses industriais¹⁵³. Logo que findou aquela guerra, a sua importância no rol das nações civilizadas foi estritamente comercial, ou seja, sendo mercado consumidor dos produtos industrializados, sobretudo, da França, Prússia e Inglaterra, as três maiores expressões do imperialismo europeu na América¹⁵⁴. Isso tornou-se eloquente para os beletristas encantados com a imagem do progresso.

*Em que pese aos nossos antagonistas, que são os antípodas da civilização (referindo-se às demais províncias, em geral, e à política imperial, em particular) – a terra livre do Ceará após todos os desastres da última secca de cinco annos, e, mesmo, dos constantes obstáculos que lhe antepõem a política do governo floresce a olhos vistos diante do estrangeiro e diante do país. Agora mesmo – o seu depósito de algodão, somente em Liverpool, praça estrangeira com quem commercia em maior escala, cobre o de todas as outras províncias do Império*¹⁵⁵.

O discurso intelectual sobre o progresso cearense, que teve a seu favor a “ação das leis naturais e biológicas” superando a tenebrosa seca de 1877 e as teorias evolucionistas e

¹⁵²“Os Quinze Dias”. *A Quinzena. . Propriedade do Club Litterário*. – Fortaleza: Ano I; Nº 15; 26/ 08/ 1887. P. 113.

¹⁵³ TAKEYA, Denise. *Europa, França, Ceará*. – Natal: HUCITEC; 1995.

¹⁵⁴ HOBBSAWN, Eric J. *Era dos Impérios (1875 - 1914)*. – Rio de Janeiro: Paz & Terra; 1988 (3ªed.). P. 95 – 99.

¹⁵⁵ “Os Quinze Dias”. *A Quinzena*. - Fortaleza: Ano I; Nº 01. 15/ 01/ 1887. P. 07.

sociológicas para explicar a Abolição feita em 1884, procurou estabelecer uma relação de discrepância entre a província cearense e o restante do país. Um modelo de nação brasileira que tivesse como exemplo o Ceará, onde o trabalho livre estava instituído¹⁵⁶, mantendo relações comerciais com os principais mercados europeus, segundo a Mocidade Cearense, era destaque diante do modelo de nação a que se submetiam as demais províncias, assentadas sobre a “nódoa” da escravidão e economia centrada no ruralismo. Afinal, para uma elite letrada ascendente, referendada nos padrões europeus, desde as teorias do liberalismo clássico, das idéias evolucionistas e cientificistas ao industrialismo e o cosmopolitismo¹⁵⁷, o arcaico modelo romântico de nação, imaginado ainda nos primórdios da Independência, segundo as relações sócio-culturais fincadas no poderio senhorial e de valores e sentimentos eminentemente lusitanos como elementos identitários do povo brasileiro¹⁵⁸, haveria então de ser superado pela força evolutiva dos “novos tempos”; das novas relações de trabalho, dos novos recursos técnicos, formas de produção, modelos políticos e da nova estrutura social com a inserção dos setores médios urbanos e emergentes. Contudo, não podendo deixar de perceber as permanências das relações de poder naquele território social, os enunciados do mundo moderno proferidos pela Mocidade foram utilizados como artifícios meta-lingüísticos e discursivos de uma nova retórica, uma nova forma de manipulação dos desejos coletivos. Com o nascimento da “força da palavra”, o poder do discurso visava selecionar interpretações e transferir o grau de realidade, fazendo 1884 ser lido por aquele segmento da elite local como sendo “feito de adiantamento moral”, tentando assim apagar a má consciência da “nódoa” que ela até bem pouco tempo compactuava.

A imagem de progresso profusa no discurso letrado contrastava com os aspectos estruturais da realidade social cearense, pois, em boa parte da província, práticas como o mandonismo, a violência, as relações de compadrio eram as que compunham o terreno das relações sociais que em boa medida eram sustentadas pelos pais dos sujeitos da Mocidade. Era então dessa forma, que se definiam as instituições na vida prática e cotidiana dos

¹⁵⁶ Ainda que o trabalho escravo não fosse essencial para a economia cearense, as relações de compadrio e de apadrinhamento - que sempre foram predominantes na configuração das relações de trabalho no Ceará - permaneceram, sobretudo, na pecuária, como principal fonte econômica do estado desde a sua colonização. Ver: PINHEIRO, Francisco José. *Ceará: Relações de Trabalho na Pecuária (1680 - 1790)*. – Fortaleza: MIMEO; 1993.

¹⁵⁷ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. – São Paulo: Brasiliense; 1995 (4ª ed.). P. 78 e 79.

¹⁵⁸ WEBER. Op. Cit. P. 28.

indivíduos naquele naco da nação brasileira. Porém, o desdobramento da leitura cientificista dessa elite ilustrada sobre as instituições que sustentavam o “atraso” brasileiro, na tentativa de adequar a nova ordem à arcaica estrutura social, confrontava-se com uma política fadada por um modelo que não mais se adequava às transformações sócio-políticas e econômicas daqueles tempos. Passo a passo a releitura da nação destoava frente o quadro institucional, em que se entendia a comunhão brasileira sendo renovada pelos espíritos em prol da evolução e do progresso, a geração dos que resistiriam à decadência.

(...) as instituições que felizmente nos regem estão seguras como casa velha e quando a parca implacável quizer cercear a vida do nosso sábio monarca é não fazerem cerimônia, porque não nos apanha desapercibidos para resistir a tamanho desastre. (...) E, pois, vivam as instituições, ainda que não possamos com o mesmo entusiasmo dizer – Viva ao Rei! Porque o rei não está lá muito para que digamos, o que sentimos deveras¹⁵⁹.

Indubitavelmente, o modelo político em voga encontrava-se débil, capenga, à míngua. Previa-se, sobretudo, por simples razões como as condições físicas do velho e último monarca brasileiro, que o Segundo Império haveria de ruir a qualquer momento com o seu modelo político avoengo, o campo de tensões existentes entre o centralismo político e as disputas regionais. Entretanto, os rapazes do Clube Literário, em sua campanha letrada, lançando as vias para a construção de um novo paradigma nacional, acreditavam que estavam preparados para reagirem contra o grande abalo político-institucional que a qualquer momento haveria de ocorrer. Seja por vias discursivas, literárias ou científicas, o sujeito inovador, o novo tipo nacional, já estaria sendo pensado e elaborado para propor uma nova ordem, conforme é dado a se perceber nas páginas de “A Quinzena”. Era tanto o desânimo diante da situação do país, que praticamente cousa alguma traria o revigoramento do povo diante daquelas instituições e daqueles que representavam o governo.

Há oito mezes enfermou o Sr. D. Pedro II e há oito mezes que se passa no paiz uma curiosa scena de empurra. A nação debruça-se interessada e aprehensiva sobre o leito do monarca e seu governo, o governo da augusta filha de S. Magestade, a desviar a nação, a cerrar as cortinas que cobrem o venerado enfermo. (...) O divórcio do Brazil com o povo brasileiro é um facto sabido que já não é preciso demonstrar por escusado e sedição¹⁶⁰.

¹⁵⁹“Os Quinze Dias”. A *Quinzena*. – Fortaleza: Ano I; Nº 11; 15/ 06/ 1887. P. 85.

¹⁶⁰ “Os Quinze Dias”. A *Quinzena*. – Fortaleza: Ano I; Nº 18; 15/ 10/1887. P. 141.

Em boa medida, com a opinião pública desfavorável, o Estado patriarcal e provedor do Segundo Império já não concentrava tantos méritos políticos que garantissem a sua popularidade perante a Nação. O povo brasileiro, lançado ao acaso, à ausência de representatividade, já sentia-se órfão daquele que há quarenta anos de reinado manteve a estabilidade política do país com seus avanços e retrocessos ¹⁶¹. É certo que a possibilidade do país ser governado por uma imperatriz submissa às ordens de um nobre estrangeiro preocupou, boa parte dos setores sociais que já estavam bastante descontentes com a Monarquia¹⁶². Contudo, a crítica à fragilidade política do Segundo Reinado, deveu-se mais ao descaso do governo imperial, à sua imagem descrédita perante o personalismo como valor histórico do povo brasileiro, que, necessariamente, ao regime de governo. Nas páginas da revista “A Quinzena”, a concepção política estampada quanto ao modelo de Estado que deveria ser implantado, não ressonou nenhum eco sobre a contestação do regime de governo até então instituído. Nem mesmo do republicanismo já emergente na Corte e em algumas províncias como São Paulo¹⁶³.

Dizemos a confiança do Imperador e não da coroa, porque este bom povo, por ora ao menos, não compreende a existência e estabilidade da única coroa illuminada pelo sol da América, si não cingindo a fronte augusta do velho D. Pedro II.

O jogo de empurra de que fallávamos, acabou infelizmente. A curiosidade pública, si não está saciada, está satisfeita quanto é preciso para saber que acabou o 2º Imperador.

E ingloriamente por desgraça. Abrindo caminho para a morte que se aproxima, a moléstia soprou traiçoeiramente a luz d'aquelle grande cérebro e d'aqui a mezes ou dias o maior dos Braganças será representado apenas por alguns despojos mortuários dentro de quatro táboas de esquite esguio, onde não haverá mais do que o cadáver de um demente! ¹⁶⁴.

Deveras, o modelo de Estado que vigorava no Segundo Reinado já não mais se sustentava. O centralismo político, o estado provedor e o escravismo, ruíam frente o avanço dos anseios liberais que alardeavam as livres iniciativas, o sistema parlamentar ou federativo, a democracia. Por sua vez, este aspecto que alimentou os anseios modernos nos setores emergentes brasileiros, nos intelectuais da Mocidade Cearense, em uma esfera menos retórica,

¹⁶¹ CARVALHO, José Murilo de. *Teatro de Sombras: A Política Imperial*. – Rio de Janeiro: IUPERJ; 1988.

¹⁶² CASTRO, Celso. *Os Militares e a República: Um Estudo sobre Cultura e Ação Política*. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; 1995.

¹⁶³ SEVCENKO. Op. Cit. P. 46 – 51.

¹⁶⁴ *A Quinzena*. – Fortaleza: Ano I; Nº 18; 15/ 10/1887. P. 141.

porém mais pragmática, as articulações políticas deste grupo favoreceu significativamente com o avanço das forças retrógradas do mandonismo local. D. Pedro II, já nos últimos suspiros do seu poder, deixou uma nação completamente desgovernada e entregue aos líderes políticos locais que se entrincheiravam nas legendas partidárias, liberais e conservadores, para garantirem a sua parcela na esfera pública, nos poderes administrativos provinciais. Diante dessas tensões, a Mocidade não aliou-se de forma visível e imediata às facções tradicionalistas, mas às teorias que prometiam regenerar a nação e lançar os povos no curso da civilização, tendo a atividade de imprensa literária como porta-voz, já que o campo das disputas partidárias definia-se como “uma dolorosa semelhança da comédia burlesca da ‘Torre em Concurso’[o poder]”¹⁶⁵.

O Estado Imperial encontrava-se ameaçado. Facções republicanas e contra os Braganças já se preparavam para dar o golpe final. Senhores de terras, cafeicultores, militares, intelectuais, ex-abolicionistas, enfim, vários setores da sociedade, sejam aqueles comprometidos com a legitimação do seu poder das facções tradicionalistas locais, sejam os mais ansiosos com as promessas do progresso, articularam-se na arena política nacional para a última cartada. Nesta ocasião, todas as idéias fervorosas no campo intelectual ou político, como o positivismo, o evolucionismo, liberalismo, democracia, constitucionalismo, federalismo, etc, confluíram-se na sacralização de uma força política para a derrocada daquele Estado em decadência, e a possível construção de um outro regime governamental. Nasceram as diversas “repúblicas” e seus caóticos modelos que ajudaram a compor as instituições dos Estados Unidos do Brasil¹⁶⁶.

Do autoritarismo comteano, da sociocracia (não intelectual, mas da opulência) positivista, ao “federalismo às avessas”, nasceu um Estado comprometido com os interesses das facções locais, sobretudo, de uma elite agro-exportadora autoritária e concentradora das decisões políticas, que legitimara o seu pacto de apoio político ao centralismo do eixo centro-sul, segundo o seu favorecimento com o poder autônomo nas mãos dos chefes políticos regionais. O constitucionalismo tornou-se fachada instituída para as assembleias legislativas locais, poderosos aparelhos político-jurídicos a beneficiarem os grupos oligárquicos nos

¹⁶⁵ “Os Quinze Dias”. A *Quinzena*. - Fortaleza: Ano I; Nº 01. 15/ 01/ 1887. P. 08.

¹⁶⁶ CARVALHO, José Murilo de. A *Formação das Almas: O Imaginário da República no Brasil*. – São Paulo: Cia das Letras; 1990. P. 35 – 54.

pleitos eleitorais¹⁶⁷. A evolução positiva do progresso social resultou numa sociedade amorfa, sem expressão política e, quando contrário, sufocada pela fulminante ação coerciva, seja do exército ou das milícias estaduais¹⁶⁸. O federalismo traduziu-se em discurso legítimo do poder das oligarquias locais, tradicionalmente ruralista e conservadora, herdeiras de um passado tão presente do período colonial¹⁶⁹. O liberalismo e a democracia deram força e expressão para a materialização dos interesses econômicos de uma classe social que manteve o seu poderio, seja manipulando as rendas da Nação em favor da sua repartição às assembleias legislativas, seja a entregá-la à ação especulativa dos interesses do capital estrangeiro¹⁷⁰.

No Ceará, até as vésperas do golpe, no cenário letrado e, sobretudo, no espaço do Clube Literário, os possíveis indícios do que poderia ser um modelo de Estado após a queda do Segundo Império, pode subtilmente ser identificado na tônica de um discurso em “A Quinzena” que tinha como matrizes políticas e intelectuais a missão literária.

Começa o anno (...) das doiradas utopias que vão pelo cérebro da mocidade cearense, sempre inclinada aos tentamens do progresso (...).

Distanciada de todos os favores do governo e dos poderes políticos, a província lueta sempre!

Nenhuma tão prompta nem tão sollicita como ella os alarmas da civilização e do progresso.

A abolição na província, por exemplo, (...) generosa e pacífica como um prestígio (...) diante da civilização moderna.

A província ficou odiada dos grandes fazendeiros do Sul (...) enquanto recebia do mundo civilizado as oblações da humanidade agradecida e dos grandes homens admirados.

O cearense é, como justifica-se, o povo mais laborioso, mais activo, de toda a comunidade brasileira porque tem por legenda o Liberta quaes era tamen.

¹⁶⁷ A oligarquia de Nogueira Pinto Accioly (1896 - 1912), no Ceará, é um dos exemplos mais expressivos da máquina do Estado a serviço dos interesses de um determinado grupo político, controlando desde as decisões legislativas às disputas nos pleitos eleitorais. VER: ANDRADE, João Mendes de. “A Oligarquia Acciolina e a política dos Governadores” IN: SOUSA, Simone de (Coord.). *História do Ceará*. – Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha; 1994 (2ª ed.). P. 213 - 233.

¹⁶⁸ CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. – São Paulo: Cia das Letras; 1996 (3ª ed.) e OTTEN, Alexandre. “*Só Deus é Grande*”: *A Mensagem Religiosa de Antônio Conselheiro*. – São Paulo: Edições Loyola; 1990. P. 182 – 189.

¹⁶⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. – São Paulo: Cia das Letras; 1995 (26ª ed.). P. 176 – 179 e MONTENEGRO, Abelardo. *Os Partidos Políticos do Ceará*. – Fortaleza: edições UFC; 1980. P. 94 e 95.

¹⁷⁰ SEVCENKO. Op. Cit. P. 26 e 46 – 51.

*Este tentamen das letras, não é uma chimera nem uma utopia.
Elle tem o seu grande alcance em toda a sua latitude da evolução
do espírito moderno¹⁷¹.*

Convém a se pensar que, diante da crise governamental no final do Império, em nenhum momento houve menção ao regime republicano nas linhas acima. Havia sim, a idéia de um progresso social “garantido” pelas pequenas conquistas institucionais que um grupo de letrados interpretou. Não deixou de florescer o ideal federalista de uma província ufana que após ter realizado uma empreitada institucional como a emancipação dos cativos, seguiria o curso das leis naturais e sociológicas rumo ao progresso positivo. Por sua vez, a oposição às decisões centrais era uma forma de reagir ao modelo vigente e propor uma nova ordem, ainda que mantivesse fluxos desejantes de anseios que alimentaram os movimentos emancipatórios locais, dissidências entre a oligarquia dos Alencar e a política central, consistindo também numa emanção política bastante comum das facções tradicionalistas provinciais. Por fim, a conquista da abolição, os ideais do liberalismo clássico e as inquietações federalistas/ constitucionalistas reagindo ao centralismo político e ao Estado patriarcal, eram legitimados no seu discurso segundo a ação missionária das letras.

Ao contrário do que se pensou, no Ceará, o modelo republicano-federalista mais orgânico e elaborado segundo inspiração norte-americana, surgiu somente no último suspiro às vésperas do golpe de 1889¹⁷². Até então, as idéias republicanas eram distintas; seja em pequenos núcleos espalhados pelo interior da província (Clube Republicano do Aracati, 1870), seja em posturas políticas isoladas como no caso de alguns intelectuais, como, por exemplo, João Brígido, João Cordeiro, Joaquim Catunda e Antônio Bezerra, dentre outros. Foi somente em meados de 1889, com a fundação do Centro Republicano Cearense, que o movimento republicano efetivou-se no Ceará, na tentativa de tornar aceito pela população o

¹⁷¹ “Os Quinze Dias”. *A Quinzena*. - Fortaleza: Ano I; Nº 01. 15/ 01/ 1887. P. 07 e 08.

¹⁷² Em CORDEIRO, Mia. Celeste. *Antigos e Modernos: Progressismo e Reação Católica no Ceará Provincial* (Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC. – Fortaleza; 1997), ao ser considerado que desde a campanha intelectual da Academia Francesa (1873 - 1875) contra as facções do tradicionalismo católico no Ceará já estava pragmaticamente pensando-se em “edificar uma nova simbólica de poder republicano (P. 300)”, não cabe quando é percebido que o republicanismo cearense, até 1889, era identificado somente em posicionamentos escassos e distintos. Não houve, portanto, uma organicidade intelectual e política que acompanhou os letrados cearenses desde às críticas ao sistema de padroado patrocinado pelo Estado provedor - não tolerante às iniciativas liberais educativas -, ao movimento abolicionista, até chegar a proposta institucional e literária no final da década de 1880 com o surgimento do Clube Literário.

novo regime. Por sua vez, o Centro Republicano tornou-se um núcleo político-partidário que passou a congrega boa parte dos homens de letras da capital cearense¹⁷³.

Ainda quanto a existência de uma organicidade política sobre a consolidação do republicanismo na produção intelectual da Mocidade Cearense, sobretudo no íterim das sociedades literárias, uma leitura das revoluções liberais (1817, 1824) e da campanha abolicionista¹⁷⁴, que teriam contribuído para uma elaboração orgânica e sistemática do regime republicano no Ceará, anuvia os interesses e as posturas políticas que se diferenciavam distintamente entre os intelectuais. Bem pouco antes da queda do regime monárquico, o jornal abolicionista “Libertador”, por exemplo, congregou jornalistas do partido conservador como Justiniano de Serpa, republicanos moderados como Antônio Bezerra, até os abolicionistas mais exaltados, no caso João Lopes. Estes, pertencentes ao Clube Literário, bem como o católico e monarquista constitucional Guilherme Studart, são indícios preclaros que apontam as diferentes posturas que se congregavam em um mesmo espaço unindo-se, portanto, à causa letrada. Logo, a referência aos movimentos e revoltas emancipatórias estava sendo pensada como forma de reforçar o discurso da Mocidade sobre os progressos isolados da sua província, mais que uma propaganda republicana, anti-monárquica.

Dessa forma, pode-se entender que a preocupação com os modelos de Estado e Nação brasileiros surgiram, na produção intelectual da Mocidade Cearense, com o abalo da estrutura centralizadora, patrimonialista e provedora do Segundo Império, e não com a possível predominância dos ideais republicanos. Contudo, diferentemente da causa ilustrada, na esfera político-partidária, outros interesses foram empreendidos uma vez que já havia todo um discurso que deu suporte para a construção de uma “mística republicana”¹⁷⁵. Porém, como será percebido, ambas as esferas que fizeram uso dos instrumentos letrados tiveram algum compromisso com a legitimação do poder das facções tradicionalistas no território social cearense.

Até às vésperas do golpe de 1889, pode-se dizer que, destacando cada enunciado apontado pela elite letrada cearense, sobretudo nos espaços dos núcleos letrados, tinha-se um modelo de Estado parlamentar-constitucional (no caso da Monarquia perdurar),

¹⁷³ SALES, Antônio. *Novos Retratos & Lembranças*. – Fortaleza: Casa de José de Alencar/ UFC; 1995. P. 86 e 87.

¹⁷⁴ OLIVEIRA. Op. Cit. P. 124 – 127.

¹⁷⁵ WEINE, Walda Mota. *Imprensa e Ideologia: O Papel Político dos Jornais Cearenses na Transição Monarquia/ República*. – Fortaleza: NUDOC/ UFC; 1990.

ou federalista (dando-se a República), de instituições liberais-democratas que viessem a garantir as liberdades individuais e a participação dos cidadãos na vida pública do país, pelo menos em vias retóricas.

Como chegar então a essa sociedade institucionalmente perfeita, segundo se pensava? Bem, conforme já mencionado anteriormente, os intelectuais de “A Quinzena” teceram uma leitura sobre a evolução social cearense que, segundo eles, teve início com a abolição de 1884. Tendo como suporte teórico as doutrinas científicas e naturalistas, tal discurso procurou legitimar o curso do progresso social e moral cearense que haveria de ser o exemplo a todo o restante da nação brasileira mergulhada no atraso. Uma vez superadas as intempéries e ações do meio bio-físico e geológico (a catastrófica seca de 1877), o processo natural haveria de condicionar, dentro da escala evolutiva das espécies, determinada resistência que acabaria por formar o caráter do biotipo social cearense, o sujeito inovador atuante nas transformações políticas e institucionais da época.

(...) o cearense foi avigorado o poder da vontade, a inteligência, e adquiriu esse pendor característico para as aventuras e facilidade de assimilação de todas as inovações, que se lhe apresentam. Producto do cruzamento de raças pouco adiantadas (...) não possuía ainda, o cearense, há quatro séculos, o poder da civilização, da arte, que consegue utilizar em proveito do próprio homem as forças cósmicas, as leis da natureza e, muita vez, apagar traços climatéricos¹⁷⁶.

Nota-se que o conhecimento e o domínio das leis naturais e sociológicas, através das teorias científicas, elaboraram um sujeito inovador em que a sua índole era detentora da força física e intelectual, capaz de resistir ao meio natural e caminhar no sentido de promover o progresso moral e material da sociedade. A construção do caráter cearense, que resiste aos agravos climatéricos do meio e promove as empreitadas civilizatórias, está assim alicerçada numa vasta produção de artigos da revista “A Quinzena”, abarcando diversas áreas do conhecimento, desde estudos etnográficos, sociológicos, biológicos (Paulino Nogueira e Abel Garcia) e historiográficos (Antônio Bezerra). Logo, a idéia da Nação brasileira a ser formada haveria de obedecer o curso das leis sociológicas que propiciaram o Ceará a chegar no seu grau de evolução. Ou seja, que os fenômenos bio-geológicos fossem compreendidos como moldadores do caráter, em que as leis morais capazes de ordenar o curso da evolução

¹⁷⁶ “A Mulher Cearense”. *A Quinzena*. Anno I; N° 02; 30/ 01/ 1887. P. 02

social e política da nação pudessem ser apreciadas quando realizou-se a emancipação dos cativos naquela província. A organicidade e sistemática deste pensamento que teve forte repercussão ainda na produção periódica, literária e científica, das sociedades literárias na primeira década do regime republicano, foram as pilastras retóricas que sustentaram o discurso justificador do poder das idéias, a legitimar a ação da Mocidade Cearense que lançou a sua pequena província nos rumos eurocêntricos da civilização.

A tônica deste discurso ufanista e legitimador, procurou destacar os feitos desta elite intelectual como exemplo moral de ação política e de empreitadas institucionais diante dos outros grupos dominantes que compunham a nação. Daí se compreender que de forma alguma não houve “elitismo/ exclusivismo” por parte dos intelectuais cearenses nas vésperas do golpe republicano, ou mesmo depois, estando eles afastados das questões políticas¹⁷⁷. Pelo contrário, percebe-se que na revista do Clube Literário, em relação à política, houve uma preocupação com os rumos tanto da Nação quanto do Estado brasileiro que se colocou não nos combates políticos partidários, mas nas vias retóricas e discursivas que propuseram através da atividade letrada os modelos institucionais elaborados de acordo com suas leituras. Seria, segundo eles, a ação da “Inteligência” sobre os “provincianismos” de como se fazia a política no período.

(...) cérebro vazio de idéias e o coração atrofiado por contemplação mística, do quietismo oriental de fakir diante do disforme fetiche – a política; as pretendidas classes dirigentes do pensamento nacional (...) em realizar o ideal hindu do nirvana espiritual¹⁷⁸.

Portanto, o Clube Literário foi o núcleo letrado precursor de um modelo institucional para a Nação e Estado brasileiros, na composição narrativo-discursiva do sujeito inovador que ajudou a organizar a produção periódica e literária das sociedades letradas cearenses durante a década de 1890. Para legitimar essa configuração arquetípica desse sujeito que foi tão somente uma leitura da própria Mocidade, o Clube Literário baseou-se nas teorias científicas e evolucionistas, que assim determinaram a natureza de “A Quinzena”, uma revista de caráter filosófico, científico e literário. O processo político nacional, que era

¹⁷⁷ PIMENTEL FILHO, José Ernesto. *A Aristocratização Provinciana em Fortaleza/ 1840 – 1890* (Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Estudos Pós-Graduados da Universidade Federal de Pernambuco) – Recife: 1995. P. 229 – 233.

¹⁷⁸ *A Quinzena*. Fortaleza: Anno: I; N° 14. P. 110.

acompanhado não com exclusivismo, mas com ação intelectual, possibilitou a construção da narrativa discursiva dos textos ufanistas que evidenciaram o sujeito inovador possível no Ceará, “progressista e civilizado”, diante do Brasil “atrasado”. Assim, o trajeto feito neste tópico procurou mostrar a construção de tal discurso em textos literários e científicos, que interpretaram o processo histórico-social de acordo com a inserção dos sujeitos que elaboraram a referida narrativa, consistindo na sua ação política sobre as relações de poder entre os grupos sociais do território cearense.

Proclamada então a República, o modelo científico-literário de “A Quinzena” adentrou nas relações de poder do espaço social cearense entre as leituras que se preocuparam em “reconstruir a nova ordem”. Diante do debate político-institucional colocado para o novo período, diversos núcleos de atuação letrada imbuíram-se da campanha regeneradora e da ameaça de “convulsão social” com o desmoronamento das antigas instituições. Daí, a emergência de várias práticas discursivas e sociais ligadas à atividade intelectual nos espaços literários, bem como na imprensa. No próximo tópico, a investigação recairá sobre as razões das sociedades literárias cearenses durante os primeiros anos do regime republicano. Tentar-se-á identificar e perceber a distinção de suas práticas de discurso conseguinte ao modelo institucional proposto pelo Clube Literário através das linhas editoriais do seu órgão “A Quinzena”; suas formas de atuação, práticas discursivas, posturas políticas e as leituras que fizeram dos segmentos sociais.

I. 4. Parnasos, Agremiações e Sociedades de Letras no Ceará: As Ações de um Pensamento Político e Institucional

Instaurada a República, diversos setores da sociedade brasileira comprometeram-se com a reconstrução da nova ordem nacional frente o caos e a desordem social e política¹⁷⁹. Os modelos institucionais surgidos, seja para o Estado ou para a Nação, obedeceram as mais variadas premissas interpretativas segundo os grupos que se articularam com a construção do novo regime. Intelectuais, militares, republicanos das mais

¹⁷⁹ SEVCENKO. *Literatura como Missão*. P. 41 – 68.

variadas correntes, e monarquistas¹⁸⁰, digladiaram-se nas linhas de batalha política e institucional para darem uma imagem ao novo Brasil.

Desde os modelos mais condizentes às idéias do período como o evolucionismo-cientificista de Sílvio Romero¹⁸¹, Alberto Sales e da Geração de 1870¹⁸²; o positivista dos jacobinos aos sociocráticos¹⁸³; o federalista, das alas “mais progressistas” como a de Quintinho Bocaiúva¹⁸⁴ ao tradicionalismo ideológico de posturas mais conservadoras¹⁸⁵; enfim, todas as linhas de frente – intelectual, jurídica, política ou partidária – encontraram-se comprometidas com os mais diversos grupos e campanhas regeneradoras orientadas segundo os interesses mais imediatos a angariar as fatiotas de poder.

Nesse período, necessariamente entre 1889 e 1894, momento em que civis, liderados pelos cafeicultores paulistas e chefes políticos provinciais, militares florianistas e deodoristas, grupos que entrincheiravam-se por entre as facções políticas disputando a máquina do Estado republicano, a desorientação na esfera política nacional das forças empreendedoras para a construção da nova ordem permitiu o surgimento de posturas diferenciadas diante dos modelos institucionais propostos, segundo as referências de determinados segmentos sociais e suas trajetórias políticas. Neste sentido, no tópico presente serão pontuadas as razões e ações discursivas das sociedades literárias cearenses, na década de 1890, diante do campo de tensões no cenário político e institucional brasileiros durante a conturbada primeira década do regime republicano.

¹⁸⁰ JANOTTI, Mia. de Lourdes Mônaco. *Os Subversivos da República*. – São Paulo: Brasiliense; 1986.

¹⁸¹ O modelo de um Estado Moderno, *in stricto sensu*, em Sílvio Romero, seria aquele que promovesse o industrialismo e a imigração européia para o desenvolvimento técnico-econômico do país e o enbranquecimento da nação; portanto, uma Nação institucionalmente civilizada. ROMERO, Sílvio. *Teoria, Crítica e História Literária. Seleção e Apresentação de Antônio Cândido*. – São Paulo: EDUSP; 1978.

¹⁸² O modelo científico-jurispudente de Alberto Salles compreende um Estado regido pelas leis sociológicas e científicas do Direito Positivo para a garantia da fisiologia social da Nação, que se organiza segundo os fenômenos biológicos. VITTA, Washington Luis. *Alberto Salles: Ideólogo da República*. – São Paulo: Cia Editora Nacional; 1965. P. 126 – 127 e MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira (1877 - 1896) V. IV*. – São Paulo: T. A. Queiróz; 1996. P. 137.

¹⁸³ CASTRO, Celso. *Os Militares e a República*. Op. Cit. P. 52 – 84 e CARVALHO, José Murilo. *A Formação das Almas*. Op. Cit. 40 – 48.

¹⁸⁴ CARVALHO. Op. Cit. P. 50 – 51.

¹⁸⁵ Sobretudo na Literatura, alguns dos homens de letras simpatizantes da Monarquia como Afonso Celso, Eduardo Prado e até mesmo Joaquim Nabuco - que eram radicalmente contra o militarismo republicano dos jacobinos e o modelo constitucional norte-americano dos republicanos federalistas – são representantes da corrente ufanista nacionalista que via o Brasil legítimo segundo a manutenção das suas tradições lusitana e católica. Ver OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Op. Cit. P. 23 e 102 – 104.

Leituras a parte, que de uma forma ou de outra propuseram, mediante as suas referências, os aspectos institucionais para a imagem da nação, os intelectuais brasileiros de um modo geral estavam acampados no espinhoso terreno do “remodelar o novo país”. E não foram escassos os modelos que surgiram: um Brasil das “possibilidades históricas”, foi interpretado por Machado de Assis, em que tanto o conservadorismo romântico dos monarquistas quanto o cosmopolitismo evolucionista dos republicanos exaltados não trariam as melhores viabilidades para a Nação. A justificativa pelas vias etnográficas e deterministas de Sílvio Romero, em que o Brasil haveria de tornar-se uma nação moderna segundo o embranquecimento do povo brasileiro com a imigração europeia articulada ao modelo federalista e descentralizador norte-americano; ou a crença de uma “nova nação” que surgia da diluição ideológica pelas mudanças ocorridas, e que se concretizaria nas conquistas já garantidas pelas condições “estáveis” da sociedade brasileira com a implantação do novo regime, segundo o conformismo/ conservadorismo “estetizante” de José Veríssimo¹⁸⁶. Ou ainda, dentre os modelos para a maior das instituições político-jurídicas, a idéia de um Estado incentivador da ciência, indústria e do direito, conforme imaginava Euclides da Cunha, organizado segundo um modelo Federalista que viesse garantir a evolução condicional dos diferentes grupos sociais da nação brasileira¹⁸⁷.

Enfim, conforme constatou-se mediante a análise do tópico anterior, mesmo mantendo alguma semelhança em um ponto ou outro com os supracitados modelos propostos pelos intelectuais da então Capital Federal, basicamente um aspecto discursivo e emergente sobressaiu-se dentre alguns dos modelos políticos já pensados nas paragens literárias e jornalísticas do Rio, naquilo que foi caracterizada a produção periódica e literária cearense daqueles tempos de transição. A literatura haveria de ser a instituição eleita para regenerar e reconstruir as instituições civis e jurídico-políticas dos novos tempos, sobretudo em aspectos políticos-morais.

*Nada é tão capaz de fomentar o patriotismo e accender os brios
de uma nação, como a Litteratura*¹⁸⁸.

Justificada pelas teorias científicas correntes na Etnografia, Sociologia, Biologia, História, e pela trajetória política e libertária da eufórica campanha abolicionista,

¹⁸⁶ ROMERO. Op. Cit. P. 13 e WEBER, João Ernesto. *A Nação e o Paraíso*. Op. Cit. P. 64 – 67, 78 e 86.

¹⁸⁷ SEVCENKO. Op. Cit. P. 136 – 152.

¹⁸⁸ “As Conferências do Club Litterário”. *A Quinzena*. Anno I; Nº 14; 31/ 07/ 1887. P. 01.

a ação missionária da Mocidade Cearense no final da década de 1880 foi, em vias discursivas, legitimadora do papel político e moral que estes intelectuais estariam a propor para a regeneração de uma sociedade que se mostrava indiferente com as transformações do período. Conforme haviam evidenciado a sua causa, “as letras”, das trincheiras políticas e partidárias, nada mais eficiente do que uma instituição em que pudessem doutrinar a sociedade segundo as suas premissas teóricas, sem que fossem expostos aos ataques das lutas políticas, tendo como meio de ação as suas práticas discursivas em palestras ou na produção periódica. E, para realizar tal empreendimento, nada melhor que materializar tais objetivos na própria produção literária, em vias editoriais.

O Livro acompanha o indivíduo onde quer que elle vá. Custa-lhe barato.

Que mais? Deve ser uma arma para o cearense. Esta é a idéa do Club Litterário: - o Livro e a Palavra em acção.

É por isso que, tendo iniciado a publicação da Quinzena, vae inaugurar brevemente as suas conferências; e assim, iremos derrocando, de bastilha em bastilha, a indiferença, - indigna e baixa até para os animaes.

Que o povo não seja rebelde á voz dos seus melhores amigos; que a sociedade cearense corra a ouvir as palavras sinceras arrancadas á parte mais nobre da nossa alma; que a província lembre-se de que é feita para um futuro de glórias e de bem-estar; (...) que os cearenses (...) busquem (...) o que só se consegue pela cultura de si próprio; que o verdadeiro meio de satisfazer a nossa hiante aspiração aos gozos do Empyreo, que é a civilização, é desprendermos da ignorância.

(...) Avante pelo trabalho assíduo! – é o nosso bardo¹⁸⁹.

Mais que um veículo editorial de circulação de idéias, o livro torna-se-ia um agente institucional doutrinário. Uma espécie de “Bíblia” ou “Alcorão”, arma de “palavra em ação” para regenerar o caráter moral dos sujeitos. “Pois, a religião cívica é, sobretudo, a religião do livro”¹⁹⁰, conforme estariam imaginando em um outro contexto histórico e social, onde a ação da leitura foi imprescindível para dar bases às mudanças políticas e institucionais de uma nação que nada mais era que o seu horizonte-espelho, a França. Como é bem sabido, a literatura foi senão a maior máquina de guerra do capitalismo contra os domínios onicentes da tradição bem como a grande máquina moderna produtora de desejos

¹⁸⁹ Idem. P. 01 e 02.

¹⁹⁰ DARNTON, Robert. *Edição & Sedição: O Universo da Literatura Clandestina no Séc. XVIII*. – São Paulo: Cia das Letras; 1992.

que, sobretudo com o advento do Romantismo¹⁹¹, deu expansão ao campo subjetivo do indivíduo, para poder capturá-lo no domínio da vontade sobre os enunciados coletivos que o seu agenciamento maquínico viria codificar. Na própria França, por exemplo, essa ação virulenta do capitalismo já vinha sendo denunciada por Flaubert, Baudelaire e Huysmans, que se rebelaram com o campo da arte que primava pelo avanço da ordem burguesa¹⁹². Assim, a indiferença dos cidadãos, legada pelos conflitos partidários, seria vencida pela ação missionária das letras que, pouco a pouco, haveria de lançar a sociedade nos rumos da civilização instaurando a ordem capitalista.

Contudo, somente o livro ou as conferências proferidas para doutrinar o seu público não permitiriam as “vias de fato” para a concretização dos seus ideais. Era, pois, necessário, além do engajamento e da militância intelectual, a união de forças para a garantia do seu empreendimento. E, uma vez sendo a grande maioria desses letrados adeptos do positivismo, estavam convictos de que o saber era poder, e por isso não poderiam ficar ausentes de participação política frente a situação que o país atravessava¹⁹³.

Neste estudo, acredita-se que, diante da necessidade de tornar ressonante o seu discurso nos cenários intelectual e literário nacionais, tenha sido propiciada a formação dos espaços letrados no Ceará em fins do século XIX. Pois, “distanciada de todos os favores dos irmãos do Sul”, onde decidia-se o jogo político nacional, a Mocidade Cearense na sua realidade local construiu a sua “autonomia” intelectual mediante os feitos da sua trajetória política e a crença no empreendimento literário sendo instituição regeneradora das demais instituições. A congratulação nos pequenos núcleos letrados, agremiações, sociedades e clubes, seria a forma de congregar forças para angariarem maior expressão e notoriedade no circuito literário nacional, bem como ensaiar o exercício de um novo poder naquele território social, os espaços de saber e sociedades literárias de Fortaleza. Vale lembrar que no período colonial, por volta de 1815, surgiu o grupo dos Oiteiros, “uma plêiade de poetas em torno do governador Manuel Inácio de Sampaio, (...) reuniões literárias onde Costa Barros, Pacheco Espinosa, Castro e Silva e outros recitavam poemas

¹⁹¹ HOBBSAWM, Eric J. *Era das Revoluções. Europa 1789 – 1848*. – Rio de Janeiro: Paz & Terra; 1977. P. 275 – 299.

¹⁹² BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte. Gênese e Estrutura do Campo Literário*. – São Paulo: Cia das Letras; 1996. P. 63 –120.

¹⁹³ BARRETO, Vicente e PAIM, Antônio. “Liberalismo, Autoritarismo e Conservadorismo na República Velha” IN: *Curso de Introdução ao Pensamento Político Brasileiro*. Op. Cit.

em louvor ao Governo”¹⁹⁴. Como pode ser percebido, desde a primeira experiência de sociedades literárias no Ceará, sobretudo no espaço hegemônico político de Fortaleza, essa iniciativa sempre esteve atrelada ao poder. Da mesma forma, a influência maçônica e iluminista das arcádias ou sociedades ilustradas, que teve notória participação política na queda do Antigo Regime em algumas nações européias, sobretudo na França, bem como influenciou os incondidentes de Minas Gerais em 1789, veio repercutir-se no Ceará quando este manteve estreito contato com aqueles povos do Velho Mundo¹⁹⁵.

Percebe-se que entre os séculos XVIII e XIX literatura e política estavam juntas a participarem das transformações sócio-históricas, políticas e institucionais no Ocidente. Em grande parte pelo esforço de manter correspondências fora da província, foi considerável a repercussão que a literatura cearense teve, sobretudo, na década de 1890, na Capital Federal. Conforme pode se constatar nas linhas editoriais dos órgãos das agremiações surgidas na última década do século XIX, o envio dos seus programas de instalação, periódicos e publicações de seus sócios tanto para os jornais do Rio quanto das demais províncias, traduziu-se na tentativa de efetivar-se uma “República das Letras” segundo as suas referências intelectuais¹⁹⁶. Logo, a forma mais prática de tornar o seu brado eloqüente foi, indubitavelmente, as correspondências que mantiveram com os escritores,

¹⁹⁴ AZEVEDO, Sânzio de. “Os Grêmios Literários do Ceará”. Op. Cit. P. 185. Ver também: GIRÃO. *Geografia Estética de Fortaleza*. Op. Cit. P. 68 e BARREIRA. *História da Literatura Cearense*. Op. Cit. P. 67 – 73.

¹⁹⁵ Como bem discorreu Augusto de Lima Júnior, na Europa do século XVIII, sobretudo em França, havia sociedades secretas, adeptas do Iluminismo e da Maçonaria, em que congregavam-se homens letrados no sentido de combater o Antigo Regime com idéias emancipatórias: “Em 1784, José Álvares Maciel [que iniciou Tiradentes na Maçonaria] recebia o grau em Coimbra, partindo para a França e Inglaterra, sendo certo que se demorou em Montpellier por longo tempo. Andavam em moda as Lojas Iluminadas, centros secretos de reuniões onde as doutrinas da liberdade e melhoria de condições de vida para a espécie humana, constituíam a preocupação principal dos espíritos. Entre os postulados mais importantes, estavam a do que o bem-estar fosse de todas as camadas sociais, libertadas, ainda, pela instrução. Mais tarde, conforme se verificou, fundiram-se as instituições da maçonaria e dos iluministas que, por volta dos fins do século dezoito, já constituíam uma e mesma coisa. Em Coimbra, o movimento iluminista ia em franco progresso, não obstante a atenção [do] chefe das Polícias Régias, que de Lisboa exercia uma severa vigilância sobre os então mal afamados centros de estudos. Na França, núcleo de expansão do movimento, Maciel ligou-se aos outros brasileiros que lá estudavam, filiados às lojas maçônicas e que quase todos acabaram figurando nas páginas das devassas da Inconfidência de Minas Gerais”. LIMA JÚNIOR, Augusto de. *História da Inconfidência de Minas Gerais*. P. 73 a 75 APUD D’ALBUQUERQUE, A. Tenório. *A Maçonaria e a Grandeza do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Espiritualista; 1959. P. 93 e 94.

¹⁹⁶ Sobre a repercussão da Literatura cearense no âmbito nacional, ver VERÍSSIMO, José. *Que é Literatura e Outros Escritos*. – Rio de Janeiro: Garnier; 1907 e CARVALHO, Aderbal de. *Esboços Literários*. – Rio de Janeiro: Garnier; 1907 APUD MOTA, Leonardo. *A Padaria Espiritual*. – Fortaleza: Casa de José de Alencar/ UFC; 1995. P. 26.

sociedades, gabinetes, institutos e jornais, dos vários lugares do Brasil e até de outros países¹⁹⁷.

Art. 08 – Para a realização de seu programma, o Club manterá um órgão na imprensa, promoverá conferências públicas, procurará relacionar-se com os vultos da litteratura, das artes, e da sciência, corresponder-se-á com as corporações congêneres do Império e do estrangeiro, e intervirá perante os poderes públicos quando assim for necessário¹⁹⁸.

Estabelecer contato com os demais “correligionários” ou “confrades” do mundo intelectual seria a emergência do ideal maior dessa geração, a “República das Letras”. Nota-se também que as atividades prescritas nos estatutos, imprensa, conferências, correspondências mantidas com personalidades nacionais ou associações, deram uma noção organizacional utilitarista quanto o papel que deveriam realizar na sociedade, legitimando a sua intervenção na esfera dos poderes públicos. Portanto, em relação às agremiações literárias cearenses, os seus sócios propuseram-se a fiscalizar as esferas administrativas das instituições como tarefa diante dos cidadãos.

A essência e os fundamentos político-morais das cláusulas e diretrizes presentes nos estatutos do Clube Literário perduraram, em boa medida, nos programas de instalação e leis orgânicas das principais sociedades literárias cearenses na primeira década do regime republicano. Em linhas discursivas, as propostas que estavam contidas nos seus artigos preservaram a ação letrada das questões político-partidárias tão ressonantes no período. Por outro lado, o discurso letrado favoreceu a permanência dos grupos tradicionais no poder, sobretudo com a legitimação do regime republicano, veio favorecer os sujeitos da Mocidade quando estes passaram a ocupar cargos nos poderes públicos locais, conforme será analisado. Contudo, a fisiologia burocrática desses estatutos e programas procuraram seguir os modelos de uma legislatura para a atividade letrada sendo as diretrizes de uma ação político-moral e institucional no seio da nova sociedade que nascia com a queda do Império.

O combate às antigas estruturas de poder, em nível retórico, foi em longa medida o aspecto mais característico e eloquente dessa máquina discursiva, uma vez que as forças tradicionalistas fortaleceram-se com a reorganização da arena política nacional

¹⁹⁷ Sobre as correspondências, ver a coluna “Correspondência” d’*O Pão* (órgão da Padaria Espiritual – 1892/1896), *Revista da Academia Cearense* (1894 - 1904) e a revista *Iracema* do Centro Literário 1895/ 1904.

¹⁹⁸ “Estatutos do Club Litterário”. *A Quinzena*. Anno I; Nº 17; P. 126. – Fortaleza; 17/ 09/ 1887.

mediante a legitimação do pacto oligárquico. Desta feita, após a implantação da República, algumas peculiaridades foram mantidas pelas agremiações de 1890 em relação aos letrados do final da década de 1880.

*Art. 2º - Os assuntos político-partidários são absolutamente defesos à sociedade (Academia Cearense), e nenhum sócio, seja qual for o pretexto, poderá ocupar-se deles nas sessões*¹⁹⁹.

Conforme analisado no tópico anterior, ao evidenciar a causa ilustrada do jogo político que estava então colocado com a formação da nova ordem, a Mocidade Cearense e os Novos do Ceará, congregados nos seus respectivos núcleos, tentaram legitimar o ideário civilizador em curso, tendo as suas referências, sobretudo a abolição dos cativos, como as matrizes morais justificadoras da sua ação intelectual. Pois, para uma nação que se organizava conforme as lutas políticas entre os interesses dos grupos oligárquicos locais, excluindo, assim, a ação letrada da arena político-institucional²⁰⁰, a maneira de fazer política, ainda que seja por fundamentos retóricos, era propiciar o progresso social segundo os ideais daqueles que mais lutaram pela sua plenitude.

A geração dos novos, a plêiade inteligente da Mocidade, que vem surgindo como o clarear esperançoso do arrebol de um bello dia, segue por acaso o roteiro desconhecido arrastado pela torrente impetuosa de tantas idéas que parecem chocar-se n'um conflicto de tempestades para desempenhar o pino do século, que expira convulsionando talvez o mundo?

É bem provável.

*Mas, uma cousa consola-me n'este momento; é ver a Mocidade congregada n'um mesmo pensamento, unida pelo mesmo affecto generoso (...)*²⁰¹.

Os idos entre o final da década de 1880 e início da década de 1890, apontavam as cartas que no jogo político nacional pareciam já definidas, pois, os grupos que trabalhavam por lançar as decisões diante da sociedade procuravam obter o quanto antes as suas regalias nas esferas de poder. O turbilhão de idéias e teorias especulativas sobre os rumos institucionais que a sociedade deveria seguir para alcançar a civilização, começava a diluir-se no arrebol dos

¹⁹⁹ “Estatutos da Academia Cearense, 1894”. GIRÃO, Raimundo. *A Academia de 1894*. – Fortaleza: Academia Cearense de Letras (ACL); 1975. P. 219.

²⁰⁰ SEVCENKO. Op. Cit. P. 94 e 95.

²⁰¹ “Discurso do Dr. José Lino em Homenagem à Memória de José de Alencar”. *Iracema – Revista do Centro Literário*. – Fortaleza: Anno II; Nº 07; 1895. P. 11. (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro/ Setor de Periódicos e Obras Raras. M. PR. SOR. 4460 – 4494. 1).

novos tempos que se definiam conforme as articulações mais tradicionais que pudessem caracterizar o governo dos “democratas” civis.

No Ceará, a República inaugurou-se em meio a poeira das disputas partidárias que marcaram os tempos desde 1834²⁰². Até o final do Império, as poderosas famílias tradicionalistas de senhores de terras e comerciantes que se entrincheiravam nas fileiras dos partidos liberal e conservador, disputavam o poder administrativo local – que dispunha “da polícia, do pessoal administrativo, dos magistrados, das mesas eleitorais e das Câmaras apuradoras”²⁰³ – para firmarem, através da política do bacamarte, o seu domínio sobre a máquina do Estado. Os liberais, divididos entre as famílias “Paula” e “Pompeu”, que ora se afrontavam ora se uniam à ala conservadora, dividida entre os “Ibiapabas” e os “Aquirazes”, encontraram a partir da década de 1880, sobretudo com o advento de 1884, um novo segmento político. Tratava-se tão somente da “nova elite”, “empreendedora do progresso e da ciência”, sendo que muitos dos seus integrantes, além do estreito grau de parentesco ou de apadrinhamento, eram egressos ou trabalhavam nas linhas editoriais dos jornais das velhas famílias que há tempos disputavam o poder local²⁰⁴. Contudo, a sua maneira de fazer política distinguia-se das disputas na base da violência ou nos pleitos eleitorais, dos atos caluniosos e das carnificinas promovidas pelas práticas políticas mais retrógradas. Ainda que um tanto quanto inócua ou indiferente para boa parte da população, era na arena periódica e jornalística, no circuito das idéias e no debate discursivo, que a distinção se dava, mesmo estando os interesses dominantes interligados.

²⁰² Nomeado pelo regente Antônio Feijó, José Martiniano de Alencar, em que sua família teve forte participação nas revoluções emancipatórias de 1817 e 1824, fora nomeado em 1834 como presidente provincial. Mesmo com o Ato Adicional do referido ano, os chefes políticos locais não seguiram “ao pé-da-letra” o pacto entre as elites que entrincheiravam-se nas legendas partidárias das alas Liberal e Conservadora. Contudo, somente com a instalação da República, sobretudo em 1892, com a formação do Partido Republicano Federalista, empreendido por Nogueira Pinto Accioly, é que legitima-se, até a queda da sua oligarquia, o pacto entre as elites locais. VER: ARAÚJO, Mia. Do Carmo R. “O Poder Local no Ceará” IN: SOUSA, Simone de (Coord.). *História do Ceará*. Op. Cit. P. 105 – 119 e WEINE, Walda Mota. *Imprensa e Ideologia: O Papel Político dos Jornais Cearenses na Transição Monarquia/ República*. Op. Cit. P. 26 – 31.

²⁰³ MONTENEGRO, Abelardo F. *Os Partidos Políticos no Ceará*. – Fortaleza: Edições UFC; 1980. P. 27.

²⁰⁴ Os casos do Dr. Tomás Pompeu de S. Brasil Filho (antigo membro da Academia Francesa, redator chefe do órgão liberal “Gazeta do Norte”, membro fundador da Instituto do Ceará e Academia Cearense) e de Justiniano de Serpa (redator do jornal conservador “Pedro II” e durante a campanha abolicionista, do jornal “O Libertador”, e ainda, nos primeiros anos do golpe, sendo um dos redatores-chefe do órgão republicano “O Norte”) são típicos, dentre muitos outros, de intelectuais cearenses que transitavam entre o partidarismo político e o partidarismo ilustrado. VER STUDART, Guilherme. *Dicionário Bio-bibliográfico Cearense*. – Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC; 1980. V. I, II e III (edição fac-símile).

No início da década de 1890, instalada a República, os interesses dos “raposas velhas” abalaram-se com a efervescência das idéias mais exaltadas que pudessem comprometer o seu domínio político. Os grupos militares que em certa medida foram a expressão maior da legitimidade do golpe republicano, encontravam-se desorientados quanto a reorganização do novo regime no território cearense. Facções deodoristas e florianistas se revezavam no poder provisório, em meio a insurreição das quarteladas e conspirações partidárias sob distintas frentes, a colocarem em prática a já habitual política do bacamarte ou do fuzil²⁰⁵. Inúmeros partidos e associações políticas surgiram com a finalidade de angariar prestígio político e disputar o que seriam as primeiras eleições republicanas²⁰⁶. Posteriormente, dada a consolidação do regime republicano, bem como a legitimação da facção oligárquica liderada pela família Pompeu Accioly no poder administrativo, os partidos menores e emergentes com a nova ordem, sem prestígio público ou força política, aliaram-se aos grupos tradicionais que se digladiavam outrora no intuito de angariarem seus objetivos, como acontecera, por exemplo, com o Partido Operário sendo apoiado em 1890 pela facção Rodrigues Júnior em oposição ao grupo Pompeu Accioly e Ibiapaba²⁰⁷. Tornava-se, portanto, mais dificultosa a estabilidade política e, sobretudo, a regeneração dos grupos sociais que passo a passo buscavam a sua representatividade pelas “vias democráticas”, ou seja, através dos pleitos eleitorais.

Além do *big-ban* político que ocasionou o surgimento de diversos partidos, na arena jornalística surgiram periódicos de grupos autônomos, anônimos ou sem filiação

²⁰⁵ Entre os anos de 1890 e 1891, os governos republicanos provisórios no estado federativo cearense sofreram diversos golpes e deposições que caracterizaram a embaraçada “República da Espada” dos militares. Dois exemplos distintos podem ser evidenciados dentre os demais: a demissão, em 04. 04. 1891, do major Liberato Barroso e do civil João Cordeiro (“republicano histórico” do antigo jornal abolicionista “Libertador”) pelo governo florianista, nomeando os militares Gal. Clarindo de Queirós e o Cel. Feliciano Benjamin; e, o mais sanguinário, a deposição destes últimos à bala por uma reação deodorista, liderada pelo Cel. Bezerril Fontenelle e a Escola Militar do Ceará, em 16. 02. 1892, retomando o cargo o governador deposto major Liberato Barroso que ao assumir dissolveu o Congresso Cearense. Ver STUDART, Guilherme. *Dactas & Factos para a História do Ceará*. – Fortaleza: Typographia Commercial; 1924.

²⁰⁶ Diante das disputas eleitorais, os partidos recém formados, que angariavam prestígio político, explicitavam à população os seus interesses mais imediatos diante da nova ordem vigente: “*Já não vos é estranho (ao interventor da presidência no Ceará) que estão constituídos ou em via de se constituírem em punjante agremiação por toda a República aquelles que desejão defender e zelar os legítimos interesses, os direitos inauferíveis da Religião e da Pátria*” (Manifesto do Partido Católico, 08/ 07/ 1890) “. “*(...) pleiteamos umma eleição no intuito de – como as demais classes sociais, - também tomarmos parte nos altos problemas da Pátria(...)*” (Manifesto do Partido Operário do Estado do Ceará, 22/ 08/ 1890). APUD STUDART. Op. Cit. P. 16 – 18.

²⁰⁷ MONTENEGRO, Abelardo. Op. Cit. P. 73.

“congenita”, que igualmente procuraram articular os seus interesses político-partidários à nova ordem.

(...) O Brazil precisa pois conquistar a sua legítima soberania, isto é, subtrahir-se do poder de classe, (...) universalizar o direito pelas regras práticas, abrir mãos longas da proteção que exige a instrução de suas diversas formas: agricultura, indústria e todas as artes liberais (...).

Isso é muito difficil, porém mais dolloroso é o soffrimento da Pátria e do descrédito das instituições pelos bandos de caramurus (conservadores) mystificados²⁰⁸.

Combatendo as antigas posturas dos tradicionais chefes políticos locais, alguns grupos que se congregaram no intuito de representarem a sua força, passavam a utilizar a imprensa para expressarem os seus anseios institucionais e administrativos. Seus interesses, porém, sempre, preocupados com a “regeneração da pátria”, sem revelar algum pendor à qualquer que seja a causa partidária ou facciosa, que “na imprensa absolve tudo”, adentraram nas lutas políticas através da “grande empresa” que é o jornalismo e o seu papel com a construção da nova ordem. Contudo, os interesses velados logo se expuseram diante da emergência social e política, revelando, por vezes, as posturas mais autoritárias.

É para essa missão sublime, grandiosa, que o governo na sociedade tem o sacrossanto dever, cujo o cumprimento é a justiça, o povo um sentimento, cujo o brilho é o patriotismo.

Através dos tempos e das idades estão os vultos como Sócrates, Aristides, Camillo, Fabrício, Southey, Schiller, Eliot, Fox, Washington, Tiradentes, Franklin, (...), J. Peregrino (...), Caneca (...), P. Ivo (...). Finalmente a de Silva Jardim [ideólogo da república jacobina, sobretudo, no governo florianista], o intemerato republicano, o ídolo da velha escola, cujos serviços em defesa de uma mesma, trouxe-lhe o sacrifício de seu fatal aniquilamento (...)²⁰⁹.

Porém, diante da emergência em relação à restauração e manutenção da nova ordem política e social, foi no âmbito dos núcleos e associações partidárias que as facções tradicionais empenharam-se por conservar a antiga estrutura de poder, materializando as “linhas de fato” da sua legitimação pública. No Ceará, foi assim que o regime republicano e o

²⁰⁸ “A Voz da Justiça”. IN: *A Voz do Povo*. - Fortaleza: Anno I; Nº 01. 05/ 02/ 1893. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro/ Setor de Obras Raras. PR. SOR – 4460 – 4494 (1).

²⁰⁹ “A Sombra de 93”. *A Voz do Povo*. – Fortaleza: Anno I; Nº 01; 24/ 02/ 1893. P.02.

pacto entre as elites locais garantiram a sua consolidação. Repudiados pelo Centro Republicano, núcleo dos “republicanos históricos” fundado em 26. 07. 1889 por antigos abolicionistas e novos intelectuais oriundos dos sertões, os tradicionais chefes políticos mobilizaram-se, primeiramente, em duas frentes: no Clube Democrático, fundado em 12. 02. 1890 por Rodrigues Jr., da facção liberal “dos Paulas”, e na União Republicana, fundada em 19. 07. 1890, liderada pelo chefe oligarca Nogueira Pinto Accioly. Desta última é que surge o empreendimento que consolidou o pacto entre as elites cearenses, entre os chefes políticos tradicionais e os membros da “nova elite”.

As demarches políticas a nível nacional como a renúncia de Deodoro da Fonseca, repercutem no Ceará, ocasionando dissidências no Centro Republicano em duas facções: a dos ‘cafinfins’ liderados por João Cordeiro e fiéis ao Deodorismo. Esta facção ortodoxa veicula suas idéias através d’O Libertador’. A outra facção, os chamados ‘Maloqueiros’ tendo por chefe Martinho Rodrigues e J. de Serpa e outros, fundam o jornal ‘O Norte’(...).

Com a ascensão de Floriano Peixoto à presidência da República, os ‘Maloqueiros’ passam a ser prestigiados e fazem oposição com o grupo Acciolyno. Era a oportunidade para que os grupos tradicionais se consolidassem no poder sob a égide da nascente República.

Nesse contexto, a fusão do Centro Republicano e da União Republicana propicia a criação do Partido Republicano Federalista em 1892, que vai divulgar suas propostas político-partidárias através do jornal ‘A República’²¹⁰.

É à figura de Nogueira Accioly (cunhado de Tomás Pompeu de S. Brasil Filho) que se deve a consolidação do pacto oligárquico e, sobretudo, a definitiva legitimação do governo republicano no Ceará, na campanha pela difusão e a plena consolidação do republicanismo no interior de todo o estado, conforme foram sendo feitas as articulações políticas em troca de benefícios da máquina administrativa em acordo com os chefes locais²¹¹. A criação do jornal “A República”, órgão do Partido Republicano Federalista, da união dos jornais “Libertador” e “O Estado do Ceará” (antigo “Gazeta do Norte”, da família Pompeu), em 1892, veio no sentido de tornar aceita a idéia do regime republicano no espaço social e político cearense formando a opinião pública.

²¹⁰ WEYNE, Walda Mota. Op. Cit. P. 28.

²¹¹ Idem. P. 29.

Contudo, diferentemente dos republicanos que estavam ao lado de João Cordeiro e João Lopes do jornal “Libertador”, que foram cooptados pelas forças tradicionalistas a favor do golpe, uma ala dissidente do Centro Republicano formada por Justiniano de Serpa (antigo abolicionista membro do Clube Literário) e Martiniano Rodrigues opôs-se em um primeiro momento à articulação com os “raposas velhas”, discursando em favor dos anseios ilustrados que outrora empreenderam os “mais laboriosos frutos do progresso”, engrossando o número das facções político-partidárias surgidas após a proclamação de 1889. Salvos os traços mais peculiares do partidarismo ilustrado do final da década de 1880 (sobretudo, a proclamação da literatura sendo instituição regeneradora da sociedade), nas linhas editoriais de “O Norte” pode-se identificar a emergência da construção de uma nova ordem atrelada às posturas centralizadoras do poder, referente ao novo Estado brasileiro, justificadas pelo patriotismo-nacionalista presente nos diversos segmentos republicanos.

Uma única política é possível no momento actual: uma política de paz, bem orientada e digna.

Chegamos ao período difícil da organização do Estado. É mister encetar-a assegurando plena garantia a todos os direitos e tendo a maior tolerância para todas as opiniões.

O maior bem da Civilização, diz Victor Hugo, é a paz. E esta só pode ser o resultado de uma política vigorosa em seus princípios, mas bastante moderada em sua aplicação.

O Ceará, mais do que qualquer outro Estado, precisa do concurso de todos os seus filhos para a obra duradoura e digna da sua organização.

É impossível agrupar todas as individualidades à sombra de uma mesma bandeira. Mas é possível (...) ter todas as aptidões ao serviço da Pátria.

Não foi para assistir à política do regime extinto que o país fez a República. Impeliu-o outro sentimento, allentou o mais bello ideal.

*A imprensa, sobretudo, tem obrigação de mostrar-se à altura da sua evangelização sagrada. Em política o momento é tudo.*²¹²

“O Norte”, até então o jornal mais progressista entre as legendas republicanas que surgiram no Ceará, defendeu as idéias mais próximas da causa ilustrada, sobretudo nos seguintes aspectos: defesa de uma razão progressista que viesse ordenar e reger a sociedade

²¹² “Política de Paz”. *O Norte*. ANNO: I; Nº 02. Fortaleza, 15/ 04/ 1891. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro/ Setor de Periódicos.

baseada na conciliação dos diversos grupos, e, subtilmente, uma leve menção aos ensinamentos doutrinários da cultura letrada sob um aspecto político-moral. Por fim a crença religiosa positivista no poder da imprensa como órgão disseminador das novas idéias. Mas, por outro lado, rompeu naquilo que correspondera à garantia das liberdades individuais, das alteridades sociais que experimentavam a transição, professando o discurso patriótico e autoritário da República com o Estado emergente que deveriam prevalecer. Neste sentido, fica mais evidente que os interesses políticos que, em boa medida, nortearam a Mocidade Cearense estavam concatenados, no campo das relações sócio-políticas cotidianas, aos mesmos interesses dos “raposas velhas” que apoiaram o golpe em troca de benefícios jurídico-políticos. Na verdade, o gerenciamento bem como os benefícios da máquina estatal estavam sendo disputados no “tiroteio” entre práticas tradicionalistas, mais próximos da realidade nacional, e retóricas discursivas civilizatórias, referendadas no pensamento eminentemente europeu, querendo tirar alguma vantagem com a nova ordem.

Por sua vez, assim como pôde ser percebido na inserção de diversos grupos sociais nas lutas políticas do período – chefes políticos tradicionais, comerciantes, intelectuais, operários, religiosos – a ação dos letrados cearenses foi caracterizada por distintos posicionamentos e práticas culturais e discursivas alocadas em diferentes associações literárias.

Para além de uma organicidade intelectual e político-institucional que já se elaborava desde o final da década de 1880, sobretudo, nas páginas de “A Quinzena”, ao ressonar os ecos da República no Ceará, uma nova intelectualidade cearense, os Novos do Ceará, ganhava notoriedade como o grupo dos letrados que atuaram em Fortaleza formando o Centro Republicano. Contudo, concernente às posturas distintas dos intelectuais de 1890 a 1900 - que serão analisadas no próximo capítulo – devem, primeiramente, ser levados em conta os pontos que caracterizaram o conjunto das práticas discursivas presentes em cada periódico e sua respectiva sociedade literária.

Tanto “O Pão” (periódico da Padaria Espiritual), a “Revista da Academia Cearense” quanto a revista “Iracema” (órgão do Centro Literário), encontraram-se devidamente engajados numa ação missionária, ora combativa, ora conciliadora, dos empreendimentos legados pela cultura letrada cearense daquele período. A índole e o caráter político-moral construídos na produção literária e periódica das gerações Mocidade Cearense e

Novos do Ceará, calcada tanto nas referências teórico-científicas em curso com o ideal do progresso social e positivo como na preservação da experiência popular, tornaram-se eloqüentes na medida em que o papel da literatura comprometera-se com a reconstrução das instituições nacionais.

*(...) promettemos nada poupar para que o Ceará figure na vanguarda do movimento litterário que presentemente se desenrola no Paiz de par com os generosos esforços para a nossa regeneração política*²¹³.

*

*Nos dias agitados, de transição política, que atravessa a nossa Pátria, não há lazer, nem despreocupação bastante nos corações patrióticos para se entregarem aos prazeres puramente intellectuais, às satisfacções refinados do sybaritismo litterário. Sem desconhecer os mil cuidados que reclama o momento presente da nossa collectividade social, eu creio que os solitários dessa thebaida, que se chamma - Sciência -, segregados as fascinações políticas, não prestam menos serviços á Pátria do que os batalhadores activos, incansáveis, que remodelam as suas instituições*²¹⁴.

*

*Assim, o nosso despretensioso apparecimento entre os combatentes nas luctas da intelligência, quer dizer mais uma parcella no grande número dos que se esgrimem pela Civilização e pela Pátria*²¹⁵.

Foi neste momento de emergência que a ação letrada, sob variadas formas e posturas, adentrou nas relações de poder mediante a distinção das suas práticas discursivas, frente aos demais exercícios de poder utilizados setores da sociedade comprometidos com seus interesses de grupo na reorganização da nova ordem política e institucional. Para aqueles sujeitos, era o momento de legitimar o seu exercício intelectual e definir os seus papéis perante os novos tempos. Entre eles, era reconhecido que somente às letras caberia o papel de ser a instituição capaz de direcionar o processo político à plenitude positiva da sociedade. Desta feita, o significado pelo qual os intelectuais estudados elegeram a literatura como objeto de

²¹³ *O Pão... da Padaria Espiritual*. – Fortaleza: ACL/ Banco do Nordeste do Brasil (BNB); 1982 (Edição Fac-Símile). Nº 07; AnnoII; 01/ 01/ 1895. P. 01.

²¹⁴ “Discurso lido perante a Academia Cearense na Sessão Magna, do 1º Aniversário, pelo seu presidente, Dr. Tomáz Pompeu de Souza Brasil Filho”. *Revista da Academia Cearense*. – Fortaleza: Anno: 03; T. II; 1897. P. 03

²¹⁵ “Só a Arte immortaliza!”. *Iracema – Revista do Centro Litterário*. – Fortaleza: Anno I; Nº 01; 02/ 04/ 1895 (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro/ Setor de Periódicos e Obras Raras. M. PR. SOR. 4460 – 4494. 1).

compreensão do real, capaz de fornecer o sentido epistemológico do conhecimento, tem haver com o papel que o século XIX atribuiu à criação literária, bem como a Filologia e a Historiografia Literária²¹⁶. Tanto a ficção como o estudo da literatura foram meios de ação político-intelectual que ajudaram os grupos letrados a produzirem sentimentos identitários e ensaiarem a organização da língua oficial. Sobretudo, em relação ao circuito de leituras e leitores, a circulação de romances, folhetins etc, a experiência deixada pelo romantismo, na crítica do relativismo com a exarcerbação da vontade individual e coletiva, atribuiu-se à literatura também o papel de máquina produtora de desejos, a exercer sobre o público leitor entre os séculos XVIII e XIX certas experimentações interpretativas do real. Ora, neste sentido, nada mais doutrinador do que algo que tonificasse o “Espírito”, distanciando-o das “cousas efêmeras e dos interesses menores”. Portanto, tratou-se de um discurso de nítido teor moral herdado das ortodoxias religiosas positivistas²¹⁷, a inaugurar um novo poder que viria agir de forma mais rápida sobre a vontade dos sujeitos, em que a literatura passaria então a ser uma “Religião” a serviço do grande “Templo”, a Humanidade.

Art. 48 – Independente das disposições contidas nos artigos precedentes(num total de 48, em que 17 estão relacionados às letras) a Padaria tomará a iniciativa de qualquer questão emergente que entenda com Arte, com o Bom Gosto, com o Progresso e com a Dignidade Humana²¹⁸.

*

Art. 1º: - c) fomentar o gosto artístico e literário pelos meios a seu alcance²¹⁹.

*

Art. 1 - a) difundir o gosto literário e artístico no seio da sociedade em geral; - b) realizar conferências públicas e sessões literárias, sendo aquelas de preferência de índole nacional (...);²²⁰.

A ortodoxia doutrinadora comtiana aliou-se, no beletrismo cearense, à teoria da heterogeneidade social do spencerianismo. E para aqueles tempos em que as teorias democráticas também crepusculavam sobre a multiplicidade dos indivíduos que compunham os grupos da sociedade brasileira, os letrados cearenses basearam-se nas idéias correntes,

²¹⁶ SALIBA. Op. Cit e WEBER, João E. Op. Cit.

²¹⁷ COSTA, Celso. *Os Militares e a República*. Op. Cit. P. 64 – 68.

²¹⁸ “Programa de Instalação da Padaria Espiritual” APUD MOTA, Leonardo. Op. Cit. P. 46.

²¹⁹ “Estatutos da Academia Cearense, 1894”. GIRÃO, Raimundo. Op. Cit. P. 219.

²²⁰ “Estatutos da Lei Orgânica do Centro Literário”. APUD BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense*. – Fortaleza: Edições do Instituto do Ceará; T. I; 1948. P. 234.

sobretudo comtianas e spencerianas²²¹, para interpretar a complexidade social que pululava com a queda da estratificação que perdurou durante o Império. Em boa medida, pode ser entendido que os grupos dominantes comprometidos com a ordem capitalista utilizaram-se da força da palavra, do saber científico e seu poder simbólico como agente político dominador da vontade e da subjetividade do homem moderno.

Outra preocupação que foi mantida pelos intelectuais da década de 1890 nas suas agremiações, foi a atenção com a instrução pública. Este aspecto mostra o quanto as teorias do período influíram na compreensão dos núcleos literários e sua ação na sociedade.

Partidários do spencerianismo pedagógico²²², acreditavam que a educação utilitária e o pragmatismo pedagógico seriam as formas mais estratégicas de preparar o indivíduo para o convívio social, conservando a sua existência, a constituir uma moral civilizatória nos sujeitos para atender a emergência daqueles tempos. Naquele período de indefinição institucional, é bem verdade que a sua preocupação deu-se no sentido de realizar o controle social por vias pacíficas, através da regeneração do “espírito”. E somente com a educação seria possível doutrinar a sociedade “degenerada” entregue à decadência. O ensino das teorias científicas, o valor à arte e a função da leitura estavam, portanto, no rol primordial das suas ações.

*Art. 1º: - b) acompanhar o movimento intelectual dos povos cultos por meio de exposições escritas das principais teorias, problemas ou questões tratadas em revistas especiais ou obras nacionais e estrangeiras*²²³.

*

²²¹ Ao que nos parece, num primeiro momento, August Comte fora introduzido na cultura letrada cearense com a Academia Francesa (“*Constitui-se perfulgente fulcro dessa associação, tradicionalmente conhecida, na história das nossas letras, pela significativa designação de Academia Francesa [...], então estrênuo adepto das doutrinas de August Comte*” – BARREIRA, Dolor. Op. Cit. P. 86 e 87). Já no caso de Herbert Spencer, ainda que lido por Rocha Lima da Academia Francesa, foi na década de 1880 – juntamente com as leituras de Darwin e Lamarck - que as suas teorias tiveram maior repercussão, sobretudo, como tentativa de explicar a evolução moral e psicológica do povo cearense através da heterogenia social operando na construção do caráter dos seres (“*Nesse crescendo de aperfeiçoamento moral do povo cearense, acumulou a mulher principalmente novos capitais de potência cerebral e flexibilidade de sentimento. Em concorrência com o homem, nas fases de agitações physico-sociais por que tem passado esta província (em relação à seca de 1877) a mulher conquistou, por sucessivas acumulações, hereditárias qualidades superiores d’espírito, que habilitaram-n’a mais tarde a representar uma figura distincta na história da civilização brasileira. A aproximação mental e moral entre o homem e a mulher na sociedade moderna é um facto excepcional. No Ceará, onde a mulher revela uma privilegiada organização psicologica, isso verifica-se de modo admirável*” – “A Mulher Cearense”. A *Quinzena*. Anno I; N° 02; Fortaleza, 30/ 01/ 1887. P. 10).

²²² VITA, Luís Washington. *Alberto Sales, ideólogo da República*. Op. Cit. P. 141 – 143.

²²³ “Estatutos da Academia Cearense, 1894”. GIRÃO, Raimundo. Op. Cit. P. 219.

*Art. 1 - a) difundir o gosto literário e artístico no seio da sociedade em geral (...);*²²⁴.

*

*Art. 39 – A Padaria representará ao Governo do Estado contra o actual horário da Bibliotheca Pública e indicará um outro mais consoante às necessidades dos famintos de idéias*²²⁵.

Da forma que foi compreendido o papel das idéias no período, o ensino clássico, escolástico e retórico, teria dado até então suporte à estratificação social que vingou durante o Império. Na verdade, tal postura que evidenciava o papel do homem de letras diante da sociedade, representava um aspecto peculiar da “República dos Bacharéis”, que não rompeu laços tanto com a retórica do ensino clássico e escolástico quanto em relação a manutenção do poder tradicional na estrutura social. Mas, pelo contrário, tornava assim mais aristocrática a posição social dos letrados que acabariam por compor, em sua maioria, a máquina excludente do Estado republicano²²⁶. Contudo, as teorias evolucionistas e científicas, sobretudo do spencerianismo pedagógico, em contraposição ao ensino clerical, partiram do princípio de que estando superado na escala evolutiva um determinado nível/estado da sociedade – do menos complexo (sociedade imperial) para o mais complexo (a república, supostamente o regime das liberdades plenas) – deveria preparar o cidadão para um melhor convívio social.

Portanto, segundo o que se pode perceber, os núcleos letrados cearenses possuíram diante dos problemas cruciais do período a sua razão pragmática de existir. Dessa forma, deve-se entender que a formação das sociedades literárias cearenses deveu-se à preocupação dos letrados atuantes na imprensa literária de Fortaleza em relação ao papel social e político do intelectual sendo agente de elaboração e difusão de modelos institucionais necessários na fase de transição da Monarquia para a República, momento da reconstrução da nova ordem nacional. Mediante à conjuntura política e social do período abordado nesse estudo, este seria então o misterioso “caráter gregário” e o traço peculiar do “perfil cultural” das letras cearenses²²⁷.

²²⁴ “Estatutos da Lei Orgânica do Centro Literário”. APUD BARREIRA, Dolor. Op. Cit. P. 234.

²²⁵ “Programa de Instalação da Padaria Espiritual”. APUD MOTA, Leonardo. *A Padaria Espiritual*. – Fortaleza: Casa de José de Alencar/ UFC; 1995 (2ª ed.). P. 45.

²²⁶ AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*. Op. Cit. P. 276 – 284.

²²⁷ AZEVEDO, Sânzio de. “O Ceará e os Grêmios Literários” IN: *Revista da Academia Cearense*. – Fortaleza: ACL; 1982. P. 123 – 126.

Na década de 1890, portanto, os apontamentos para o Estado e Nação elaborados em vias discursivas pela Mocidade Cearense ao longo de sua trajetória política e intelectual, foram difundidos nas linhas editoriais dos periódicos das principais sociedades literárias da época. Contudo, em “O Pão” (1892 - 1896), órgão da Padaria Espiritual, observa-se um modelo de nação a partir de elementos dos costumes e tradições populares, em sua proposta literária. Na “Revista da Academia Cearense”, porém, identifica-se um modelo para a nação brasileira e o Estado republicano baseado na organicidade de um pensamento fundado nas vias científicas baseadas nas concepções etnográficas, historiográficas e sociológicas de época, propondo-se a conhecer as leis morais do progresso social brasileiro. Por fim, na revista “Iracema”, órgão do Centro Literário, a narrativa dos seus textos propôs-se a dar legitimidade política para uma nação reorganizada segundo a cultura dos aspectos morais inerentes à ortodoxia republicana e aos elementos da historiografia literária cearense.

Necessariamente, no seio das gerações intelectuais cearenses deste período, durante os primeiros anos de República, surgiram distintas leituras e práticas frente os modelos nacionais propostos ao longo da sua trajetória política, tendo ambas em comum a formação dos espaços literários. Sobre este aspecto, quanto às gerações dos letrados que compuseram a cultura de letras cearenses na virada de século, seja a Mocidade Cearense ou os Novos do Ceará²²⁸, serão portanto analisadas no capítulo seguinte.

* * *

²²⁸São da “Mocidade Cearense” alguns dos antigos integrantes da Academia Francesa, empreendedores da Abolição no Ceará, sócios fundadores do Instituto Histórico-Geográfico e Antropológico do Ceará, Academia Cearense, e ainda alguns do Centro Literário. Quanto aos “Novos do Ceará”, temos os literatos de origens menos abastadas, “republicanos de última hora” e, sobretudo, a maioria dos integrantes da Padaria Espiritual, como Waldemiro Cavalcanti, Lopes Filho, Anto. Salles, Adolfo Caminha e outros. Ver: SALES, Antônio. *Trabalhos (Manuscritos Inéditos)*. Op. Cit.

CAPÍTULO

II

As Repúblicas das Letras Cearenses: A “velha” Mocidade e a Padaria Espiritual diante das Emergências Nacionais

“Arte e Ciência, portanto, não nos conduzirão ao sólio de homens civilizados. Resta indagar si as Letras poderão servir de aias a este povo infante”(“A Quinzena. Nº 11, Fortaleza, 31 de Julho de 1887).

Conforme observou-se, até a implantação da República a Mocidade Cearense participou dos movimentos políticos e intelectuais locais congregando-se nos mesmos núcleos de atuação. Foi o que se constatou em momentos distintos como a Academia Francesa (1873/ 1875) na campanha contra o ensino clerical, realizando aulas sobre teorias científicas e evolucionistas para a população, tendo como veículo de divulgação das suas idéias a Escola Popular e o jornal maçônico “Fraternidade”. O Movimento Abolicionista (início da década de 1880), na campanha empreendedora pelo progresso e pela civilização, tendo como órgão o jornal “Libertador”. O Clube Literário (1887 - 1889) na construção de um modelo nacional baseado nas teorias evolucionistas e científicas, legitimando em vias discursivas a literatura como a instituição regeneradora das demais instituições nacionais na sua revista “A Quinzena”. Por sua vez, essa trajetória contribuiu para que essa geração auto-proclamasse como sendo alavanca do empreendimento civilizatório que lançava a sociedade cearense nos rumos do progresso e, dessa forma, a garantir seus espaços de poder com o advento da República.

Porém, na década de 1890, a ação política e intelectual dos letrados cearenses subdividiu-se em outros direcionamentos, que, em certa medida, demonstraram uma diversificação dos seus interesses políticos e ações institucionais com a emergência da nova ordem estabelecida. É o que se pode perceber com o surgimento de um número maior

de sociedades literárias congratulando os diversos interesses de grupo, de maneira que as suas posturas intelectuais apresentassem propostas que atuassem na regeneração política e social diante da formação do regime republicano.

Desta feita, neste capítulo será feita a análise da ação intelectual na produção periódica das três principais agremiações literárias cearenses surgidas entre 1892 e 1904. A Padaria Espiritual (1892 - 1896), Academia Cearense (1894 - 1903) e o Centro Literário (1895 - 1904), identificando suas posturas políticas, propostas institucionais para a implantação do novo regime, as relações que mantiveram entre elas, em que serão distingüidas as duas gerações de intelectuais que se alocavam nas legendas dos referidos espaços: a Mocidade Cearense (Academia e Centro) e os Novos do Ceará (sobretudo, a Padaria Espiritual). A princípio, é válido salientar que o principal diferencial entre as três sociedades de letras deveu-se ao conteúdo temático de suas máquinas discursivas para os projetos nacionais, e, entre as duas gerações, a diferença encontra-se nos anseios políticos que cada uma trouxe mediante a sua trajetória intelectual e experiência social.

Vários elementos podem ter contribuído para as diferentes posturas presentes no seio da cultura letrada cearense, referente às sociedades letradas da década de 1890. Contudo, três aspectos, aparecem nitidamente diante das posturas políticas e das práticas discursivas que distinguiram e determinaram o aspecto gregário dos respectivos sócios de cada espaço literário. As referências intelectuais, trajetórias políticas e a origem social, podem apontar indícios de que os movimentos intelectuais e literários existentes no espaço cearense possuíram, na verdade, uma diversidade maior do que determinados modelos propostos no âmbito da historiografia literária nacional²²⁹.

²²⁹Como é apontado por Dolor Barreira, Tristão de Athaíde afirmou ter o Ceará três movimentos intelectuais: “o movimento filosófico de 1870, a Academia Francesa; o movimento político de 1880, em torno do qual se fez todo o Movimento Abolicionista (com o jornal ‘Libertador’ e com a revista ‘A Quinzena’); e o movimento literário de 1890, com a fundação da Padaria Espiritual e do seu órgão ‘O Pão’ (APUD BARREIRA. Op. Cit. P. 83). Na verdade, se os movimentos intelectuais e literários cearenses foram elencados conforme suas propostas políticas, literárias e institucionais, tem sua distinção da seguinte forma: a Academia Francesa - sendo movimento filosófico - na difusão das teorias evolucionistas e cientificistas, encabeçando a campanha política segundo a iniciativa liberal dos intelectuais cearenses frente o Estado Imperial provedor; o Movimento Abolicionista na campanha pela emancipação dos cativos no Ceará, em que, diante do curso das idéias difundidas na década de 1870, o progresso e a civilização seriam empreendimentos legítimos do povo cearense; o Clube Literário - vertente intelectualizada do Movimento Abolicionista - em que a Literatura seria eleita como instituição nacional, uma vez que seu empreendimento político-moral e doutrinador baseava-se na trajetória política e intelectual da “Mocidade Cearense”, justificada pelas teorias científicas e o curso do progresso em andamento. Por fim, a Academia Cearense, o Centro Literário e a Padaria Espiritual,

Pode-se dizer que as referências intelectuais, foram fundamentais para caracterizarem a ação discursiva dos espaços letrados cearenses. Sobretudo, no que diz respeito às posturas políticas e o seu papel social, inerente à regeneração e reconstrução das instituições nacionais, o empreendimento maior procurava por vias retóricas dar legitimidade às práticas discursivas que buscavam adentrar no jogo político nacional. Daí, o objetivo deste capítulo em identificar as justificativas teóricas que deram suporte para as ações políticas do seu pensamento orgânico diante das emergências do período.

II. 1. Leis Morais e Científicas na construção da Nova Ordem Social: A Academia Cearense e a Soberania do Conhecimento

Na Academia Cearense a força evolutiva do processo social e o conhecimento das leis científicas estruturaram o pensamento orgânico dos seus sócios, como sendo agentes fundantes do processo civilizador cearense, os próprios sócios da agremiação. Motivados por um darwinismo político e intelectual, acreditavam que de acordo com as conquistas obtidas mediante o conhecimento das leis naturais (que determinaram a superação dos traços climatéricos relativos à seca de 1877) e a realização político-institucional de caráter civilizatório outrora garantida em 1884, poderiam identificar as leis morais e sociológicas que melhor condicionariam a regeneração nacional, sobretudo, a construção do novo regime mediante o desenvolvimento político-moral alcançado sobre o poder das elites conservadoras e dos demais seguimentos que digladiavam-se nas arenas políticas e partidárias.

D'ahi o princípio consolador, que é o segredo de todas as conquistas na peleja santa da solidariedade humana o mystério de todos os triumphos na guerra sagrada contra as forças da natureza (...)

A 'Academia Cearense' lucta para fazer honra a nossa terra, lucta para ser digna do nosso tempo.

(...) Porque o punhado de obreiros da Academia não poderá embryonar o valor vindouro de uma legião, a maya de uma importante instituição científica e social?

Quem sabe? Modesta e pequenina, (...) tem sido a eclosão de muita associação do mundo culto, que mais tarde se tem feito cada uma glória da Nação!

*Não preciso dizer: nós da Academia estamos de pé no posto de combate, que espontaneamente escolhemos. Todos de pé!*²³⁰.

Estavam dispostos, dessa forma, os sócios da Academia Cearense, a darem os rumos para a nova ordem nacional. Ora, sendo, em sua grande maioria, os seus sócios, antigos empreendedores da abolição de 1884 e da campanha lítero-regeneradora de “A Quinzena”, estavam intencionalmente prontos para entrarem na luta e garantirem a configuração das instituições nacionais, direcionando os rumos políticos para a reconstrução do Estado²³¹. Pois, já que combateram, em meados retóricos e estéticos, o processo de regeneração política e de reconstrução das instituições nacionais que se elaborava segundo os interesses das oligarquias locais, o darwinismo político, o qual acreditavam, haveria de garantir-lhes as esferas administrativas do poder que almejavam conforme a efetivação da sua missão.

O combate empreendido pela Academia Cearense ao jogo político das oligarquias locais deveu-se, sobretudo, ao modelo de Estado prescrito na sistematização e organicidade das suas idéias e pressupostos teóricos apontados nas diversas áreas do conhecimento. Esse modelo diferiu dos modelos institucionais jurídico-políticos em vias de realização. Não obstante, foram sobretudo as práticas políticas das diversas facções partidárias e ideológicas que disputavam a máquina administrativa o motivo da sua contestação intelectual, naquele momento. Dessa forma, era com o conhecimento científico que os sócios da Academia haveriam de adentrar nas lutas do período, uma vez que acreditavam deter o conjunto de leis que regiam o curso da evolução positiva e natural da sociedade.

Diferente é o campo de acção, as armas outras; alli (no campo da política partidária) a lucta contra as ambições pessoas que ameaçam a cada momento subverter os grandes intuitos do Estado, o attricto dos interesses, o patriotismo asphixiado pelas contingências do partidarismo: aqui (no espaço da Academia Cearense) – a serenidade de investigadores da verdade, a convicção de que leis moraes governam os homens, as sociedades, os povos, não havendo mais nobre e súbito ideal do que procurar descobril-as, desmeadal-as da multiplicidade dos factos nos quaes se enreda e occulta.

²³⁰ “Discurso do Vice-presidente da Academia Cearense, dr. Pedro de Queiróz”. *Revista da Academia Cearense*. - *Revista da Academia Cearense de Letras*. – Fortaleza: Typographia Universal; T. II; Nº 03; 1897. P. 12.

²³¹ “Sim. Si nesta vasta extensão do paiz há um abatimento das energias, podemos afirmar a existência, neste recanto do Norte, de um povo vigoroso, a que falta somente conveniente cultura intellectual para revelar o seu poder de iniciativa em todos os problemas políticos-sociaes”. – *A Quinzena*. Anno I; Nº 04; Fortaleza: 28/ 02/ 1887. P. 26.

Mas haverá realmente, como ensinam Quelet e Buckle, leis que presidam a formação e existência dos sentimentos e das idéas humanas, como a coesão mantém a idissolubilidade ou aderência das moléculas, a atração, o movimento isochromo dos astros?

Respondel-o-há porventura a sociologia, quando da observação dos phenómenos humanos, tão incompleta, como tem sido, se poder tirar illações geraes, systemáticas que comprehendam em syntese grandiosa o complexo do nosso ser, no passado e no presente, nas suas relações altruístas ou de puro egoísmo²³².

A evolução positiva da sociedade seria determinada, segundo a leitura de Buckle da Academia, não somente por leis naturais, mas, sobretudo, por leis morais que deveriam reger a humanidade e suas instituições. E seria através do conhecimento científico dessas leis que o desenvolvimento social poderia ser garantido. Portanto, as próprias leis da sociologia tornariam possíveis aos grupos sociais identificar nas realizações e fenômenos humanos (como a proclamação da República, por exemplo) o conjunto sistemático das leis morais que determinaria o progresso social. Logo, a legitimar era induzida para que a sociedade confiasse suas instituições aos agentes que em suas práticas políticas detivessem o saber sobre o curso natural da existência. Pode-se neste momento identificar que no caso da Academia Cearense, os seus sócios atribuíram à ciência, ao domínio de suas leis positivistas, o sentido epistemológico do real e poder de intervenção política aos sujeitos que fizessem uso cotidiano desse conhecimento.

O modelo de um Estado regido por setores que detivessem o domínio das leis científicas e morais, baseava-se em uma organicidade complexa que abarcava diversas áreas do conhecimento. Nos artigos de sua revista, os sócios da Academia Cearense deixaram às claras as razões do empreendimento político-moral e social que o Estado haveria de obter com o exercício do saber científico. Aos estudos etnográficos, historiográficos, sociológicos e geográficos (conforme a predileção dos sócios) aqueles sujeitos deram atributo de ferramentas essenciais no desenvolvimento da nação e sociedade brasileiras, para auxiliar o exercício político do Estado.

Os estudos sobre Geographia (...) constituem, no momento actual, uma predilecção para o número extraordinário de

²³² “Discurso lido perante a Academia Cearense na sessão magna do seu primeiro aniversário, pelo seu presidente Dr. Tomás Pompeu de S. Brasil Filho”. *Revista da Academia Cearense de Letras*. – Fortaleza: Typographia Universal; T. II; Nº 03; 1897. P. 03 e 04.

homens de letras; mais que isso; não preocupam só o círculo dos estudiosos, chegam a impor-se às animações e applausos das sociedades e aos cuidados dos governos.

A política também tomou a si o assumpto.

Essas tentativas de expansões coloniaes (...) não são mais que a causa ou a resultante do grau de desenvolvimento a que tem attingido o estudo da geographia em si e das sciências, que com ella se entrelaçam.

(...) Até as artes dam-se as mãos para diffundir o gosto, amenisar ou arredar os tropeços, interessar os povos mais adiantados nas diversas empresas tendentes a alargar as noções adqueridas sobre regiões, em que mal ou nada há penetrado a civilisação, noções que a imprensa se encarregará de divulgar scientificamente interpretadas e utilitariamente aproveitadas (... ..)

Nós brasileiros, porém, quasi cerramos os ouvidos a esse prodigioso ruído, a esse entortecedor movimento²³³.

Na coluna “Bibliografia” da sua revista, vê-se os anseios imperialistas norteando eloqüentemente a produção científica da Academia Cearense. A importância das ciências para a nação era de preocupar-se com o desenvolvimento técnico e a expansão dos interesses comerciais em voga no período. Ora, nada mais poderia alimentar tais anseios imperialistas, senão com as trocas simbólicas durante as relações comerciais que as elites de Fortaleza mantiveram com nações colonialistas (como França e Inglaterra). Portanto, a emergência de um Estado que pudesse ser constituído segundo os moldes do progresso industrial e científico haveria de garantir à nação brasileira a realização material e moral da civilização, conforme desejavam as elites urbanas uma vez que o Império havia fracassado em alimentar instituições como a escravidão e o ruralismo na economia.

Dessa forma, ciência e poder articularam-se numa ação pragmática que haveria de restaurar as instituições do novo regime, promover o desenvolvimento técnico e científico, expandir os interesses nacionais e adentrar no conjunto dos países que compunham as “nações civilizadas”. De fato, com seus avanços retóricos e retrocessos sócio-institucionais, a Mocidade Cearense pensava para além do Brasil conforme as leis positivas e científicas do período e a mentalidade imperialista que norteou as ambições eurocêntricas.

²³³ Sessão “Bibliographia”: “Licções de Geographia Geral” (comentário bibliográfico do Dr. Guilherme Studart ao livro do seu correligionário de ideal Dr. Tomás P. de S. Brasil Filho). *Revista da Academia Cearense de Letras*. – Fortaleza: Typographia Universal; T. II; Nº 03; 1897. P. 213 e 214.

A emergência das ciências para o desenvolvimento da Nação tornaria a ação dos intelectuais na política uma forma de garantir o seu legítimo exercício no poder. Conforme desejavam, após a recente derrocada do Estado Imperial e das suas instituições políticas, nada mais seria legítimo ao curso positivo do processo social, na superação de um regime centralizador para um outro em que a liberdade e a democracia haveriam de prevalecer, senão a inserção daqueles que detivessem o uso do conhecimento científico para designar as decisões nacionais. Na verdade, essa elite em ascensão, e em grande parte oriunda da aristocracia rural decadente, propusera-se a tomar frente do país e lançá-lo no curso da civilização, segundo pressupostos eurocêntricos. Pois, seguindo a mesma lógica de raciocínio, com o Estado brasileiro entregue nas mãos dos tradicionais chefes políticos desde o pacto feito nos primórdios do Segundo Reinado, o retrocesso das instituições nacionais haveria de ser superado com a República, que romperia com a estratificação social assentada sobre o escravismo, inaugurando a sociedade das liberdades individuais e do progresso científico. Contudo, o ideal positivo e spenceriano de progresso e evolução heterogênea dos níveis político, social e intelectual, almejado pela Mocidade Cearense, não chegou a superar os campos da retórica.

A luta política, nas práticas discursivas, dos sócios da Academia contra os chefes tradicionais em vias de legitimarem o pacto das oligarquias locais, ilustra perfeitamente que durante a montagem da máquina republicana as elites nacionais não tinham ainda conciliado seus interesses. No momento em que a representação executiva e legislativa dos chefes oligarcas nos diversos estados da nação brasileira articulava-se para dar o golpe definitivo, a fim de garantir o seu poderio nas assembleias estaduais e no judiciário, a ação intelectual presente no artigo da “Revista da Academia Cearense” intitulado “Unidade Processual” fez-se combativa frente os interesses do federalismo “às avessas” que veio caracterizar o modelo jurídico-institucional do Estado brasileiro.

O actual momento histórico da política brasileira, em que a reconstrução não está perfeitamente solidificada, traz á vida jurídica da nação uma certa anomalia, uma falta de equilíbrio, como a de se ressentir o corpo mutilado de súbito em diversos órgãos.

O substituir-se de xofre a unidade política pela federação absoluta, e concomitantemente a vida judiciária fragmentada, como se vê; determinou essa falta de condições státicas, á manifestar-se em todos os phenómenos da vida nacional.

A sonhada revisão constitucional; a aspiração de tornar-se a justiça una; e agora a projetada unidade processual; não passam de syntomas dessa falta de adopção do regimen federativo.

(... ..)

*Os maiores juristas pátrios condemnão essa anomala diversidade de leis estadoaes que alteraram até a mais respeitável das instituições – o jury(...)*²³⁴.

Foram, indubitavelmente, quatro os pontos questionados na discussão estabelecida sobre o corpo de leis do modelo legislativo que deveria reger o país. Primeiramente, a democracia, representada nas assembléias legislativas estaduais, estaria ameaçada pela súbita mudança da unidade política ao federalismo imediato. Em segundo, a fragmentação jurídica ou a inócua jurisprudência que perdurou nos primeiros anos da República, haveria de ser substituída pela unidade processual proposta pelos estados que davam as cartas para as decisões nacionais. Dessa forma, como fora inexpressiva a revisão constitucional após a “república da espada”, projetava-se a unidade processual conforme o centralismo político dos estados que lideraram a “política dos governadores”, garantindo, por outro lado, a autonomia das máquinas legislativas locais em favor dos seus respectivos chefes políticos²³⁵. Logo, estariam ameaçadas as instituições nacionais sob o pleito dos poderes judiciários estaduais.

No decorrer do artigo do Dr. Rodrigues de Carvalho, conforme é dado a se perceber, a crítica ao modelo de união processual estava em menor destaque frente à maneira como a referida unidade jurídica e constitucional haveria de ser feita. Contudo, mais por marcar uma posição política ao jogo que se fazia, a preocupação maior referiu-se aos elementos que haveriam de ser considerados para tal empreendimento e, sobretudo, quem haveria de realizá-lo. Mais uma vez, foram as referências intelectuais que

²³⁴ CARVALHO, Rodrigues de. “Unidade Processual: Memória lida perante a Academia Cearense pelo sócio Rodrigues de Carvalho”. IN: *Revista da Academia Cearense de Letras*. – Fortaleza: Typographia Universal; T. IX; 1904. P.102 - 106.

²³⁵ Na carta do então governador do estado do Rio de Janeiro, Nilo Peçanha, para o presidente da República Rodrigues Alves, é nítida a articulação entre os estados da federação mais interessados que lideraram a campanha pela unidade processual no país: “*Considerando que dia a dia mais se impõe a necessidade de uma lei commum de processo para todos os Estados do Brazil, submetto ao alto exame de V. Exc. A idéa de um congresso de representante dos 20 governadores da República, no qual fiquem firmadas as bases do projeto da unificação que será proposta às legislaturas de cada Estado. Congresso de 20 delegados que se poderá reunir em B. Horizonte, S. Paulo ou Petrópolis, a escolha de V. Exc., terá a presidência do Sr. Ministro da Justiça ou procurador da República do Supremo Tribunal (...)*”. IN: *Revista da Academia Cearense*. 1904. Op. Cit. P. 102.

predominaram como discurso legitimador a aclamar o poder ilustrado, detido também pelos sócios da Academia, a orientar o processo político juntamente com os grupos tradicionais que definiam os rumos institucionais.

Essa diversidade não afecta só as relações jurídicas, dissemelhantes de Estado para Estado como se fosse nação a nação: mas os elos ethnográficos e sociais. Um povo de uma mesma origem, crendo pela mesma religião, externando idéas por uma língua commum, preso pelo mesmo destino, não pode estabelecer o equilíbrio de seus direitos por essa multiplicidade de normas processuaes.

E Tocqueville, (...) syntethisou neste juízo tendo quanto em outros termos constitue o theoria do meio, raça e momento, expedida por Montesquieu e ampliada por Taine: ‘Os povos resentem-se eternamente de sua origem. As circunstâncias que os acompanharam ao nascer e os ajudaram a desenvolver-se influem sobre toda a sua existência. – Se fosse possível a todas as nações remontar á origem de sua história, não duvido que ahi poderíamos descobrir a causa primaria das prevenções, dos usos e paixões dominantes, - de tudo em fim quanto compõe e que se chama de carácter nacional’.

(... ..)

Em syntese: A uniformidade processual no Brazil é uma necessidade palpitante; mas o meio de praticá-la sem receios e tiversações futuras da parte de algum Estado, não é aviltado pelo Illustrado Presidente do Rio de Janeiro (na época Nilo Peçanha); só o Congresso Nacional pode estabelecê-la coactivamente, de modo que de dia para dia não tenhamos a triste decepção de ver um mesmo assumpto tratado no motu continuo das máchinas legislativas dos Estados²³⁶.

Conforme pensava o sócio Rodrigues de Carvalho da Academia Cearense, a unidade processual feita sem o conhecimento das leis sociológicas, garantia os interesses políticos das máquinas legislativas dos estados negligenciando a “forma mais coerente” para determinar uma ação jurídico-institucional. Ou seja, propunha-se um modelo jurídico-político baseado no conhecimento científico – sobretudo, historiográfico, sociológico e etnográfico - para combater uma prática política feita com acordos entre os interesses imediatos de um centralismo institucional que daria autonomia às máquinas legislativas locais em favor das

²³⁶ CARVALHO, Rodrigues de. “Unidade Processual: Memória lida perante a Academia Cearense pelo sócio Rodrigues de Carvalho”. IN: *Revista da Academia Cearense de Letras*. – Fortaleza: Typographia Universal; T. IX; 1904. P.102 - 106.

decisões dos chefes oligarcas - modelo que na prática perdura até os dias hodiernos. Afinal, a idéia de Estado no Brasil durante todo o período imperial sofrera com o impasse jurídico-político quanto a sua gerência e o poder das decisões políticas, pois, as tensas discussões entre o centralismo e a autonomia provincial havia gerado há quase sete décadas conflitos internos que diversas vezes ameaçaram a organização nacional. Não obstante, com a queda do Império e a formação do regime republicano, os grupos tradicionais articularam-se no sentido de reconhecer um poder de decisões centrais que, paralelamente, propiciasse a autonomia dos estados abrindo mão dos aparelhos administrativos locais em favor dos grupos dominantes. Logo, afirmando o seu espírito de facção, as elites tradicionais passariam a ganhar legitimidade e reconhecimento jurídico e institucional na montagem do Estado republicano brasileiro. De fato, percebe-se que esse foi um processo conservador no sentido sócio-político, pois em momento algum procurou romper com a formação histórica das instituições brasileiras e sua herança colonial, baseada no poder personalista da elite senhorial.

Compreende-se que o arcabouço científico da produção periódica da Academia Cearense que se contrapôs à formação do Estado republicano, a organizar-se de acordo com o que ficou conhecido como “federalismo às avessas”, serviu de instrumento político em dois sentidos: primeiramente, a reagir ao autoritarismo das elites do eixo centro-sul e, em segundo, para mobilizar uma opinião pública em favor daqueles que detinham o poder letrado como capazes de orientar aquele processo com os usos do saber científico. Segundo a leitura daquele sócio, era a instituição científica, bem mais que a instituição literária empreendida por outras agremiações contemporâneas, que haveria de orientar a construção de uma nova sociedade, regida pelos detentores do conhecimento de suas leis naturais. Seria este tipo, conforme desejavam em sua leitura orgânica, o sujeito inovador pensado pela Mocidade que haveria de interpretar as elaborações da geografia, história, sociologia, etnografia e outros campos do conhecimento, servindo ao dogma da ciência em favor da reconstrução nacional.

A completa submissão da nossa época ás leis e ás descobertas científicas é a nossa glória.

*(...) Todos os meios de análise, fornecidos pela *Physiologia*, a *Zoologia*, a *Chimica*, a *Phísica*, a *Medicina*, *sciências conquistadoras e inovadoras na expressão de Richet (L' Homme et l'Intelligence, 1884)* – têm sido postos ao serviço da verdade na investigação das profundezas mais misteriosas do espírito humano (*Taine – La Théorie de l'influence du milieu professé á l'École des Eaux- Arts*). As noções *theológicas e metaphysicas**

hãõ succedido em Litteratura, na Arte (P. Alex – Du Droit et du Positivisme), em philosophia, na política, na vida econõmica, em fim, em todas as manifestações da existência social e individual, as noções científicas; e a própria Religião, como si quizesse render uma solemne homenagem ao espírito do tempo e ao progresso da cultura humana, procura por meio dos seus mais zelosos e mais devotados servidores harmonizar com as verdades da sciência os insondáveis mystérios dos seus dogmas (Revue Scientifique, 1895)²³⁷.

Ora, nesta situação emergente, nada mais evidente que duas forças políticas e seus respectivos modelos institucionais digladiando-se para garantirem o domínio do Estado brasileiro. De um lado, chefes políticos tradicionais representantes da aristocracia rural decadente, articulando-se conforme os seus interesses mais imediatos condizentes à própria estrutura sócio-política do país, moldando o Estado segundo um centralismo político em favor dos interesses maiores das oligarquias cafeeiras e que, por outro lado, garantia da mesma forma a autonomia das assembléias legislativas locais a serviço dos “raposas velhas” regionais. De um outro, uma elite intelectual ascendente, europeizada, que, mesmo oriunda dos setores tradicionais, alimentava uma idéia de progresso tecnológico e social baseado no conhecimento científico e nos pressupostos democráticos do liberalismo clássico. Deveras, tanto a politiquice ruralista e tradicional quanto a retórica filosófica e cientificista negligenciavam a heterogênea realidade social brasileira que destoava frente aos dois modelos autoritários. Logo, ambos segmentos ignoravam as diversidades da sociedade, a maioria dos indivíduos que até os dias hodiernos ainda não tomam parte nas decisões institucionais. Naqueles tempos, os modelos interpretativos elaborados pelos segmentos dominantes procuravam uniformizá-los conforme seus interesses pragmáticos à manutenção da ordem.

Diante do que pode ser constatado, a Academia Cearense procurou legitimar, retoricamente, o conhecimento científico como sendo a ferramenta política para a realização dos empreendimentos nacionais emergentes, durante a formação do regime republicano. Por sua vez, tais anseios visaram lançar o Brasil no conjunto das nações civilizadas em que as ciências tornar-se-iam, segundo uma mentalidade imperialista, os instrumentos necessários para a realização de um Estado empreendedor dos interesses nacionais. Assim, a cientocracia haveria de reconstruir as novas instituições brasileiras e direcioná-las no curso positivo do

²³⁷ “Discurso do Orador oficial da Academia Cearense, Dr. Justiniano de Serpa” – Fortaleza: Typographia Universal; T. II; Nº 03; 1897. P. 15 e 16.

progresso social. A crítica à unidade processual sugerida pelo governador do Rio de Janeiro, por exemplo, ilustrou perfeitamente a ação política deste modelo cientificista proposto pelos sócios da Academia frente a formação do pacto das oligarquias que se consolidava de acordo com os interesses dos tradicionais chefes políticos, o que acabou por atualizar as forças que perpassavam as relações de poder em favor das classes dominantes. Logo, tal modelo tornou-se instrumento de contestação política dos acadêmicos cearenses, imbuídos da missão de sujeitos inovadores, na tentativa de legitimar o conhecimento detido como o exercício de um poder no seu território social, contrapondo-se aos grupos que lançaram-se na frente das decisões nacionais.

*O descontentamento é uma grande força, que precisa ser aproveitada, poupada, acumulada para certas crises sociais, [que] representa na política o que a dúvida faz na ciência*²³⁸.

Sendo a instituição política e social que haveria de reconstruir a nova ordem, a ciência também possibilitaria através dos seus métodos que os sujeitos utilizassem os instrumentos necessários de ação prática em suas vidas cotidianas. Sobretudo na vida política, em que a preocupação maior seria com a participação e o direito à cidadania dos indivíduos nas esferas institucionais da nova ordem sócio-política nascida com a República, segundo os pressupostos do spencerianismo, o bem-estar social haveria de ser garantido pelos detentores do saber científico, aqueles que conhecendo o curso das leis naturais e morais levariam o Estado, a Nação, a sociedade brasileira ao desenvolvimento condizente às transformações da época moderna, ainda que velado por uma retórica doutrinária e provedora.

As conquistas da Ciência vão depressa como os mortos da lenda germânica. O vapor, a eletricidade não gastaram um século para percorrer e penetrar as últimas camadas das sociedades civilizadas. Não assim as idéas moraes; os mais belos preceitos, as predicas evangélicas de Chisto, quão longe estão de ser compreendidos e objectivarem-se em actos da vida ordinária. É que as idéas, como a boa semente, precisam de terreno apropriado, adubado, para produzir, para frutificar. Laborar esse solo, prepará-lo, mandá-lo, eis a tarefa dos sonhadores – philótophos, poetas, litteratos – que como os modestos e obscuros sócios da – Academia Cearense – nutrem a

²³⁸ “Discurso lido perante a Academia Cearense na sessão magna do seu primeiro aniversário, pelo seu presidente Dr. Tomás Pompeu de S. Brasil Filho”. *Revista da Academia Cearense de Letras*. – Fortaleza: Typographia Universal; T. II; Nº 03; 1897. P. 05.

*grata esperança de facilitar a adaptação d'aquellas idéas ao meio em que vivem, ás intelligências que os rodeiam*²³⁹.

A doutrina cientificista da Academia Cearense para a construção tanto de um novo Estado quanto de uma Nação elegeu as leis naturais como sendo a força das transformações humanas. Conhecendo-as, poder-se-ia administrar a sociedade e suas instituições conforme o curso do progresso. As idéias matrizes e o uso do saber científico possibilitariam a prescrição de leis morais para os grupos sociais que haveriam de alcançar o estado positivo. Portanto, “evangelizar” os indivíduos para estarem a par desses princípios da positividade humana, orientando-os de acordo com a evolução sociológica, seria a tarefa incessante dos acadêmicos cientocratas. Doutrinar para o progresso, eis a sua missão.

A atividade missionária da Academia não resumiu-se apenas ao âmbito da esfera cearense. As correspondências foram igualmente responsáveis pela circulação das idéias produzidas no periódico do referido núcleo. Era, na verdade, a tentativa de divulgar na “República das Letras” brasileira a organicidade dos seus pressupostos científicos e teorias para a nova ordem que se estabelecia. Logo, manter contato com institutos, academias, jornais, sociedades literárias e científicas espalhadas não só na esfera nacional mas também de outros países, seria uma das maneiras mais estratégicas de prover a disseminação do seu ideal no mundo letrado, bem como dar legitimidade local ao reconhecimento daquela sociedade como espaço de saber em Fortaleza.

Dentre as correspondências expedidas às instituições letradas pela Academia Cearense em que foram enviados números de sua revista de publicação anual, conforme constata-se nas linhas editoriais entre 1895 e 1904, podem ser destacadas a Sociedade de Geografia do RJ, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, Instituto Geográfico da Argentina, Academia de História de Caracas, Real Academia de Ciências de Madrid e outras associações, revistas e jornais²⁴⁰.

²³⁹ Idem. P. 07 e 08.

²⁴⁰ Na revista de 1900 – Nº 05; P. 02 e 03 – encontramos na “Lista de Associações e Estabelecimentos donde são enviadas as revistas da Academia Cearense” os principais núcleos letrados e seus respectivos estados, capitais e países receptores dos artigos publicados por seus sócios: “ CE: Instituto do Ceará, Centro Literário, Phénix Caixeiral, Iracema Litterária, Bibliotheca Pública; PA: Museu Paraense, Instituto do Pará; PE: Instituto Archeológico de PE; Academia de Direito do Recife; BA: Academia de Medicina, Instituto Geog. e Histórico da BA; Escola de Livre Direito; RJ: Biblioteca Nacional, Archivo Público, Academia de Medicina, Escola de Livre Direito, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Instituto Polytechnico

Contudo, a partir de 1904, o discurso em prol do empreendimento beletrista civilizador cearense extinguiu-se à míngua. O padecer da retórica sobre um ideal ufano erigido ao longo da trajetória progressista e civilizatória, segundo a narrativa da Mocidade, pode ser percebido com dois fatos distintos: primeiramente, com a gama de artigos da “Revista da Academia Cearense” passando a abordar temas biográficos, homenagens póstumas e esparsos registros historiográficos²⁴¹, e não mais estudos sistemáticos e orgânicos, etnográficos, historiográficos ou sociológicos, em torno do suposto progresso do Ceará. E, em segundo, a extinção do Centro Literário, por onde alguns acadêmicos transitaram, que havia eleito a literatura sendo a instituição regeneradora segundo o seu patriotismo nacional-regionalista, conforme ainda será visto. A quietude da eloquência política e intelectual daquela geração, deveu-se, dentre outros fatores, a determinação empreendida no pacto que solidificou a estrutura político-jurídica e institucional brasileira segundo o modelo das oligarquias regionais, que em boa medida favoreceu a permanência dos letrados nos espaços de saber do Ceará. Proporcionalmente, entre 1896 e 1912, deu-se a manutenção do poder local nas mãos do chefe oligarca Nogueira Accioly, cunhado do primeiro presidente da Academia Cearense Tomáz Pompeu Filho²⁴².

No período compreendido entre os primeiros anos do regime republicano durante a sua carduosa implementação, a Academia Cearense foi a sociedade de letras do Ceará que reconheceu um modelo institucional para o Estado brasileiro. Fundamentado em vários campos do conhecimento, este modelo alicerçou-se nos pressupostos das teorias

Brasileiro, Sociedade Promotora de Instrução; SC: Instituto Histórico e Geog. De SC; SP: Academia de Direito, Instituto Histórico e Geog. de SP, Bibliotheca Pública, Museu Paulista; Lisboa: Academia Real das Ciências, Sociedade de Geographia; Paris: Societé Bibliographique de France; Washington: Smithsonian Institution”. Quanto aos jornais e revistas, temos na “Lista das Revistas e Jornais das quais é remetida a Revista da Academia Cearense”: “CE: *A República, O Jornal e o Século XX*; AM: *Federação, Comércio do Amazonal*; PA: *O Jornal, Folha do Norte, Gazetta de Belém*; AL: *Guttemberg*; RJ: *Jornal do Comércio, O Paíz, Diário do Brazil, A Notícia, Gazetta de Notícias, Cidade do Rio, O Dia, A Imprensa e Revista Brasileira*; PE: *Estandarte Cathólico, Diário de PE, Jornal do Recife, Era Nova*; SP: *Cidade de Santos, Correio Paulistano, Revista do Brazil*; Paris: *Revue des Deux Mondes*; London: *The Review of Reviews*”. E, porfim, dentre os sócios-correspondentes, temos as seguintes personalidades nacionais do período: Cons. Tristão Alencar Araripe, Visconde de Taunay, Capistrano de Abreu e Clóvis Beviláqua, dentre outros viscondes, cônegos e homens de letras na Capital Federal.

²⁴¹ A partir da *Revista da Academia Cearense* de 1904, percebe-se que os artigos e discursos que dantes faziam alusão às empreitadas civilizatórias de 1870 e, sobretudo, 1880 vão cedendo espaço a outra natureza de textos e estudos, conforme pode-se constatar pelo índice da revista: “Criminologia. Cifras Criminaes do Ceará; Pequeno Dicionário Bio-bibliográfico Cearense; Irrigação no Ceará; Unidade Processual; A Primeira Ocupação Holandesa no Ceará; Duas Memórias do Jesuíta Mel. Pinheiro; A Secca do Norte”.

²⁴² ANDRADE, João Mendes de. “A Oligarquia Acciolina e a Política dos Governadores” IN: SOUSA, Simone de (Coord.). *História do Ceará*. – Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha: 1994 (2ª ed.). P. 218 – 222.

cientificistas a fim de legitimar a ação política e discursiva dos acadêmicos cearenses frente às articulações das oligarquias regionais na consolidação do novo regime. Na retórica da Academia, era a ciência a razão moral que deveria direcionar os projetos institucionais da nova ordem nacional. Logo, era preciso identificar as leis morais da civilização, através do conhecimento científico, para colocar a sociedade no curso do progresso. Essa distinção cientocrática foi herdada tão somente da antiga retórica e práticas discursivas que se fizeram presente na Academia Francesa, aprimorando-se no final década de 1880, sobretudo, nas páginas da revista “A Quinzena” do Clube Literário.

Enquanto a Academia Cearense apegava-se à matriz cientificista do Clube Literário, o veio que elegera a literatura como a instituição regeneradora da nova sociedade foi herdado por outras agremiações literárias cearenses contemporâneas. Dessa forma, foram o Centro Literário e a Padaria Espiritual que distanciaram-se da ciência para legitimar suas práticas discursivas e políticas de acordo com a função regeneradora da instituição literária diante das emergências nacionais. A distinção de suas propostas que tinham como empreendimento a literatura, caberá na discussão dos tópicos a seguir.

II. 2. O Alencarianismo Ortodoxo por um tipo nacional: A Leitura político-moral do Centro Literário

Baseando-se na “Literatura e Artes” como empreendimentos morais para direcionarem a sociedade na formação das novas instituições, tanto os “centristas” quanto os “padeiros” apropriaram-se de distintas metas retóricas e discursivas para empreenderem os seus respectivos ideais. Nas suas especificidades, foram as trajetórias políticas, bem mais que as referências intelectuais, e, sobretudo no caso da Padaria, a origem social, que caracterizaram o perfil da produção periódica de ambas sociedades em prol da causa letrada. Há de ser lembrado também ainda a passagem da grande maioria dos seus sócios no emergente movimento republicano cearense²⁴³.

²⁴³ Dos militantes do Centro Republicano Cearense, temos os padeiros Antônio Sales, Jovino Guedes, Adolfo Caminha, Waldemiro Cavalcante, Antônio Bezerra; e os centristas João Lopes, Justiniano de Serpa, Álvaro Martins (padeiro dissidente), dentre outros. Ver SALES, Antônio. *Novos Retratos & Lembranças*. Op. Cit. P. 63 e 86 – 87.

Mesmo sendo ambos núcleos devidamente voltados à causa literária, as práticas letradas divergiram-se entre as duas agremiações nas interpretações sobre as emergências nacionais e os modelos propostos no período. Suas diferenciações bifurcaram-se no mesmo veio discursivo do nacionalismo regionalista que comportavam duas posturas distintas: a do Centro Literário, ortodoxa e moral-doutrinadora e, a da Padaria Espiritual, romântico-culturalista com traços do sertanismo e do cosmopolitismo urbano. Vale ser lembrado que essas características peculiares do Centro e da Padaria renderam linhas e mais linhas de especulação na historiografia literária cearense, tanto quanto a rivalidade entre os dois grupos²⁴⁴.

Ao eleger a literatura como instituição regeneradora da sociedade, o Centro Literário conferiu às letras o caráter de condutora moral para a constituição da civilização brasileira segundo a sua referência regional. Ao herdar do patriotismo republicano o ufanismo nacionalista que nas páginas da revista “Iracema” consolidou-se num caráter regional, sua produção periódica literária, permeada dos valores morais que marcaram a trajetória da Mocidade Cearense, acabou por aclamar José de Alencar como o baluarte literário que tão bem compreendeu a “alma nacional”.

²⁴⁴ A divergência entre padeiros e centristas deu-se, sobretudo, no ano de 1895, período em que ressurgiu na arena jornalística e literária “O Pão”, periódico da Padaria Espiritual, e publicou-se o primeiro número da revista do Centro Literário, “Iracema”. Apesar da dissidência de Álvaro Martins e Themístocles Machado da Padaria - que logo em seguida fundaram o Centro - a crítica em relação aos padeiros remeteu-se, dentre outras cousas, a tentativa de divulgar “O Pão” e tornar sócios-correspondentes diversas personalidades do cenário letrado nacional (“*Padaria Universal*”: *não aceitamos anúncios; uma folha meramente litterária illude a boa fé dos leitores, impingindo-lhes um cartapácio de anúncios. Basta a outra parte, ou faça como certa ‘padaria’ que conhecemos: anuncie suas brôas pelo correio: isto é, mande cartas, cartas, mais cartas (...)*” ***Iracema – Revista do Centro Litterário***. – Fortaleza; Anno I; Nº 01, 02/ 04/ 1895; P. 06). Quanto a crítica dos padeiros em relação aos centristas, a proposta de alguns integrantes do Centro Literário em mudar o nome da capital cearense – Fortaleza para “Iracema” – foi jocosamente ridicularizada e interpretada pela Padaria como um desaforo às tradições cearenses (“*Os Quinze Dias: (...) Dissemos – Fortaleza – e não Iracema, como se quer algures, porque não nos conformamos com a idéa de mudança do nome da nossa ex-salubre capital. O nome - Fortaleza - vae muito bem a esta cidade – cabeça de um Estado, cuja energia e resistência são proverbiais. (...) No estandarte da Câmara Municipal seria o forte symbolico substituido pela figura da lendária cabocla, e em vez da legenda Fortitudine análoga aquelle symbolo, se escreveria Fragilitate, a única palavra que pode acompanhar a effigie de uma mulher, - a incarnação das fraquezas humanas*”. ***O Pão... da Padaria Espiritual***. – Fortaleza: Anno: II; Nº 10; 15/ 02/ 1895. P. 01). Na verdade, essas intrigas não deveram-se às rivalidades pessoais, já que padeiros e centristas transitaram de um para o outro grêmio. Tratavam-se tão somente das práticas letradas que se distinguiam de uma em relação à outra. Ver ainda: MOTA, Leonardo. ***A Padaria Espiritual***. Op. Cit. P. 62; BARREIRA, Dolor. ***História da Literatura Cearense***. Op. Cit. P. 229 e 230; AZEVEDO, Sânzio de. “Grêmios Literários do Ceará”. IN: SOUSA, Simone de (Coord.). Op. Cit. P. 193 – 195, “O Ceará e os Grêmios Literários” IN: ***Revista da Academia*** Cearense. Op. Cit. P. 124 e 125, e ***A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará***. – Fortaleza: Casa de José de Alencar; 1996 (2ª ed.) P. 142.

*Que cada anno vele-se de crepe a Litteratura Brasileira ao relembrar a dacta em que tombou fulminado seu mais vivaz representante (José de Alencar); que cada anno se agite uma alma nacional para perpetuar as gerações, que se succedem, o nome do genial homem de letras; ainda hoje sem successor. (...) para esse preito de justiça jamais recusarão seu contingente, embora diminuto, os moços enthusiasts do Centro Litterário*²⁴⁵.

Para os centristas, José de Alencar seria o grande representante da Literatura Nacional. A preservação de sua obra, comprometida com a construção da nacionalidade brasileira no período imperial segundo a altivez garbosa do Romantismo²⁴⁶, haveria de ser empreendimento para a produção de desejos a garantir o caráter nacional da sociedade brasileira, ameaçada com a indefinição dos novos tempos que se inauguravam com a República. E, dentro da instituição literária, em relação a obra de Alencar, o papel doutrinador dos centristas deveria tomar distintas posturas políticas quanto à restauração nacional da “alma brasileira”, que desvanecia-se com a regeneração política e social promovida pelos caóticos rumores da nova ordem. O sugestivo título de sua revista – “Iracema”, obra que retrata a origem lendária do Ceará – já aponta o que haveria de ser a “alma nacional” perdida entre a poeira da reconstrução das novas instituições.

O positivismo religioso foi a postura que distintamente caracterizou o veio político-moral do Centro Literário. Referendados pelo universalismo comteano da plenitude humana, sua ação missionária consistiu em “aperfeiçoar o espírito” com a literatura, o alimento doutrinador da regeneração moral dos indivíduos. Assim, a sua produção periódica almejava conduzir a complexa sociedade brasileira a solidificar-se em um sentimento comum, que acabaria por tornar universal a realização do empreendimento encampado por seus anseios em promover uma nacionalidade pensada por sua leitura.

²⁴⁵ “Homenagem a José de Alencar (palavras proferidas pelo Dr. Guilherme Studart – presidente do Centro litterário – ao abrir a sessão do Centro Litterário commemorativa do 18º anniversário do passamento de José de Alencar)”. *Iracema – Revista do Centro Litterário*. – Fortaleza: Anno II; Nº 07; 1896. P. 04.

²⁴⁶ Sabe-se que José de Alencar foi nas vias retóricas e discursivas da Literatura Nacional um dos romancistas mais comprometidos com a formação da nacionalidade brasileira. Alguns de seus romances como *O Guarani* (1857), *Iracema* (1865), *O Sertanejo* (1875) e *O Gaúcho* (1870), procuram através do seu nacionalismo literário exaltar as paisagens naturais e os tipos nacionais brasileiros como os senhores de terras, índios, sertanejos, capitães, donzelas casadoiras etc, com personagens e seus respectivos cotidianos tipicamente representados conforme a estrutura social do Império. Os traços conservadores de seu romantismo indianista/sertanista reforçavam a estratificação social imperial, assim como procuravam construir um caráter nacional baseado nas tradições, lendas e costumes da nossa composição social e étnica. Ver: CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. – Belo Horizonte: Editora Itatiaia; 1993. V. II (2ª ed.). P. 200 – 211 e BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. – São Paulo: Cultrix; 1994 (33ª ed.). P. 134 – 140.

Unidos pelo mesmo pensamento batalhamos por um ideal único – o aperfeiçoamento do espírito no campo da litteratura em busca da arte e do bello.

Qual mensageiro das nossas emoções, do nosso sentir, da nossa concepção – sinão este veículo mysterioso – a imprensa – renovada de pássaros (os homens de letras) que leva por toda a parte o ramo de oliveira e a semente fecunda do pensamento humano.

Assim, o nosso despretençioso apparecimento entre os combatentes nas luctas da intelligência, quer dizer mais uma parcella no grande número dos que se esgrimem pela Civilização e pela Pátria²⁴⁷.

Exposto às claras, dois “despretençiosos” empreendimentos estavam na mira da ação máquina discursiva doutrinadora dos centristas. Primeiramente, a civilização, conforme acreditavam, que em longa medida já estaria em curso com a implantação da República e com a força das leis sociológicas, pois boa parte dos centristas além de republicana era também doutrinária da cientocracia que imperava na Academia Cearense²⁴⁸. E, em segundo, a construção do sentimento nacional que caracterizou a produção periódica literária da revista *Iracema*, por onde esta análise enveredar-se-á. Conforme é dado a ser percebido, à atividade de imprensa caberia o papel e a responsabilidade para disseminar o sentimento e o desejo de consolidar uma nação para aquela sociedade. Logo, pode ser entendido que no espaço social cearense a ação da máquina discursiva do Centro Literário contribuiu para formar a opinião em torno da adesão dos sujeitos sociais ao projeto unificador republicano. Como se vê, o uso da literatura como máquina produtora de desejos, afim de potencializar uma leitura social do Brasil a atender os interesses daquela ordem, e a imprensa como propagadora dessa leitura na difusão de enunciados coletivos, tornariam viáveis no campo político a atualização do poder em favor do projeto de consolidação e legitimação do regime republicano.

Para os centristas, o ideário de uma nação composta por estes dois elementos, desejo de civilização e o sentimento pátrio correspondente a este anseio, haveriam de tornar

²⁴⁷ “Só a Arte Immortaliza!”. *Iracema – Revista do Centro Litterário*. Fortaleza: Anno I; Nº 01. 02/ 04/ 1895. P. 03 (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro/ Setor de Periódicos e Obras Raras. M. PR SOR 4460 – 4494. 1).

²⁴⁸ Guilherme Studart, Farias Brito, Justiniano de Serpa e Antônio Bezerra foram membros simultaneamente da Academia Cearense e do Centro Literário, assim como estamparam nas campanhas de 1880 no Movimento Abolicionista e no Clube Literário. Ver: GIRÃO, Raimundo. *A Academia de 1894*. Op. Cit. 219 – 225 e AZEVEDO, Sâncio de. *O Centro Literário (1894 - 1904)*. Fortaleza: Casa de José de Alencar/ UFC; 1972. P. 12 e 13.

sólida a regeneração das instituições sociais durante a formação da ordem republicana, e, desta feita, seria o princípio moral do sujeito inovador naquele espaço letrado. Pois, segundo as teorias que eloqüentemente difundiram-se nos espaços letrados cearenses desde 1873, o Ceará estaria caminhando a largos passos no curso positivo do progresso social e humano. “Exemplo que deveria ser seguido por toda a nação”, conforme já identificado na retórica da Mocidade Cearense, o conhecimento das leis naturais e sociológicas que atuaram no Ceará deveriam ser disseminadas por toda a sociedade brasileira. Este sentimento de “descoberta” e “realização plena”, assim como ocorrera na Academia Cearense em relação à ciência, motivou o Centro Literário a difundir através da literatura o desejo para o progresso material e moral, ou seja a identificação com os ícones nacionais que a leitura dos seus sócios pregava. Logo, seria mais um atributo ao sujeito inovador operando em favor de um sentimento pátrio que viesse atender o processo político-institucional brasileiro na consolidação da República.

Ora, diante de tal situação, nada mais coerente com as suas pretensões patrióticas que instituir um ícone de civilização na literatura. Com um forte sentimento nacional-regionalista, os centristas elegeram a obra de um antigo conterrâneo, que empreendera nos primórdios do Império a tentativa de construir uma identidade para a nação, como sendo a referência dos traços nacionais que haveriam de lançar a sociedade nos rumos da civilização, preservando o sentimento que definiria o caráter moral do povo brasileiro. E “Iracema”, de José de Alencar, foi a obra eleita por estes sujeitos em sua campanha para representar o caráter que deveria expressar a nacionalidade brasileira, bem como definir naquele território os seus espaços de atuação e seus usos de poder.

A escolha do romance “Iracema” para os centristas não foi aleatória. Representou, de fato, uma etapa da leitura que se fez sobre a constituição do sujeito nacional durante a aceitação da República, agora apropriada pelas pretensões corporativas e facciosas de cunho moral-doutrinador pelos sócios do Centro. A eleição do respectivo poema epopéico possuiu interesses claros e evidentes para reportarem-se à origem da própria história nacional, segundo o caráter ideológico que a vertente mais pragmática do indianismo romântico trouxe em sua retórica²⁴⁹. No romance, a mitologizada história da

²⁴⁹ Araripe Júnior nos conta como José de Alencar resolveu em “Iracema” o conflito entre o chautebrianismo indigenista e os laivos do romantismo iluminista civilizador que atormentaram o autor em sua auto-crítica na obra “O Guarani”: “*Por vezes, ouvi-o manifestar as vacilações em que o punham os cantos inacabados, logo que os tentava corrigir; e recorro-me bem de que a dúvida principal consistia em fixar uma das duas hipóteses, - se o verso deveria soltar-se dos lábios de um bardo civilizado, ou se da boca de um tupi. No*

colonização do Ceará pelo lusitano Martins Soares Moreno, que ao apaixonar-se por Iracema, a “virgem dos lábios de mel”, vem apaziguar os conflitos entre as tribos indígenas, a retratar o traço civilizador que fora incorporado do indianismo pelos centristas. O branco europeu, ao desbravar as plagas cearenses, encanta-se com o tipo feminino indígena, dócil e apto para a civilização. Desposando Iracema, Martim Soares iniciava no Ceará o processo civilizador, facilitado pelo caráter do índio formoso, pacato. O branco perseverante no curso do progresso, haveria de encontrar “solo fértil” para o seu empreendimento²⁵⁰.

É interessante como a narrativa do romance influenciou a produção intelectual cearense. Desde a década de 1880, dos textos etnográficos sobre a origem do caráter cearense²⁵¹ até as primeiras décadas do regime republicano, a produção periódica

primeiro caso, ele dizia, todos os sentimentos indígenas teriam de desaparecer da tela, pois que seria estranho que a estesia guaraníca penetrasse na alma do português contemplativo: racionalmente, não poderia aproveitar o fundo das crenças indígenas e encarnar legenda dos piagas na estrofe bárbara dos 'nheengaraçaras'; no segundo, corriam-se da vista todas as belezas que assombravam o colono: nem as lutas truculentas dos selvagens, nem o brado das cascatas, nem o urro do jaguar, nem a sombra da floresta, nem o convulsionar dos grandes rios, nem os encantos da flora e da fauna conseguiriam desferir as cordas do instrumento indígena; indiferente a tudo isto, por hábito e conformação, o selvagem, desconhecendo todo o segredo da arte descritiva, concentrar-se-ia nos seus rudes sentimentos, nas suas vinganças guerreiras, nas suas paixões sanguinárias, na admiração brutal pelo trovão, que domina o animal apenas humanizado. E a esta crítica, com razão, o esbarrava; era o instintivo reconhecimento da impossibilidade de construir-se, hoje, um poema cíclico. Da fusão, entretanto, destas duas hipóteses, nasceu 'Iracema', para cuja apreciação forçoso é tomar o único ponto de vista razoável, que, sem decapitar a obra, reconheça o que possa haver aí de falho e insuficiente". ARARIPE JR, Tristão Alencar. *Luizinha/ Perfil Literário de José de Alencar*. – Fortaleza: ACL/ José Olympio Editora; 1980. P. 187.

²⁵⁰ A historiografia tradicional não deixou de considerar o período da colonização cearense com alusão epopéica, sobretudo, ao “feito heróico” de Martins Soares Moreno como bem fez o romancista José de Alencar: “*A História de Moreno edifica-nos pela bravura do moço luso, pelo engenho e arte com que soube conquistar a simpatia e a colaboração dos índios e pelos seus feitos valorosos nas lutas em que se empenhou até a velhice, em benefício do seu país e do seu rei. Não foi senão com absoluta justiça, em relação aos fatos da vida gentil e gloriosa de Martim, que o genial Alencar fê-lo o Guerreiro Branco, amante da virgem Iracema, numa admirável simbolização a traduzir, com as filigranas da ficção, o encontro das duas civilizações tão díspares, nesta parte ardente do Mundo Americano*”. GIRÃO. *Geografia Estética de Fortaleza*. P. 39 e 40.

²⁵¹ A narrativa do romance indigenista alencariano exerceu considerável influência na produção intelectual do segundo oitocentismo cearense. A saga mitologizada de Martim Soares e Iracema, interpretada metaforicamente como a fusão étnica do branco europeu com o índio americano, em que é ausente a presença do indivíduo negro, reflete-se no discurso civilizador do estudo etnográfico sobre o caráter da mulher cearense, de Abel Garcia, nas páginas de “A Quinzena”, alicerçado nas leis evolutivas da sociologia: “*Um notável anthropologista, o Dr. Le Bon, em interessante estudo de craneologia, afirma que 'no estudo dos cérebros femininos, mostra que nas raças mais civilizadas (...) o crâneo se aproxima mais do gorilla que do sexo masculino'. Conclui que (...) a capacidade das mulheres das raças superiores (européia) é quase nullo. Numa raça inferior, porem, numa tribu de índios das margens dos nossos rios (...), a mulher mostra-se, sinão superior, ao menos igual ao homem; pois (...) deixa-lhe a tarefa de curar da pequena agricultura, a fabricação dos utensilhos domésticos e guerreiros, os delicadíssimos trabalhos da tecelagem e da arte da cerâmica, em que avigora a potência intellectual. Poderosos fatores do desenvolvimento social (...), intervieram no caráter cearense: o meio, a lucta pela existência e, (...), a seleção natural. A mulher cearense compartilhando do modus vivendis do homem, (...) adquiriu esse exagero de sensibilidade, (...) vivacidade de sentimento e vigor mental que deu-lhe direito de ocupar saliente posição nos*

das agremiações letradas atualizaram em suas narrativas discursivas o veio moral referente ao sujeito inovador, um bio-tipo nacional, que caracterizaria o indivíduo correspondente à imagem do progresso naquela sociedade. Os artigos da revista “A Quinzena” que outrora elegeram a literatura sendo a instituição regeneradora, teriam justificado na ciência etnográfica o que os centristas levariam a cabo em meados da década de 1890 através do veio literário. O progresso e a civilização haveriam de ser alcançados com a leitura da obra que seria “a legítima apreensão da formação da nacionalidade brasileira”. Uma vez ciente da sua origem européia, civilizada, e indígena, apta à civilização, excluindo a mácula do negro que era sinônimo de atraso, a sociedade brasileira haveria de conduzir-se segundo os parâmetros apontados pela literatura em prol da formação das novas instituições, a fim de propiciar o seu crescimento moral de acordo com as leis evolutivas. Logo, estando a nação representada no poema epopéico que tão bem a entendeu, de acordo com os sócios do Centro, o doutrinamento via instituição literária seria a forma de conduzir a sociedade à nova ordem, a despertar um desejo de referência nacional.

Desta feita, explica-se o título da revista do Centro Literário. O seu caráter político-ideológico comportava um elemento doutrinador que almejava empreender através da instituição literária a legitimação do sujeito inovador, o tipo nacional modelar pregado pela leitura da Mocidade Cearense. E, uma vez justificado nas formulações científicas o pendore do Ceará para a civilização, a nação brasileira estaria representada no romance alencariano que fez apologia à origem daquela sociedade do “adiantamento” moral, material e intelectual, segundo os anseios daquela geração que se proclamava a empreendedora do progresso. Por sua vez, esse ufanismo nacional-regionalesco haveria de exaltar-se na idéia de promover, além de textos literários e dogmas nacionais, uma frustrada campanha que é fato inédito na historiografia cearense, a título da devida notoriedade que possuiu no circuito do imprensa literária. A proposta de mudar o nome da capital do Ceará, de Fortaleza para “Iracema”. Se fosse realizada, haveria de ser retomada a euforia das campanhas de 1880 que deixaram concentrados laivos de “febre” intelectual empreendedora naqueles letrados cearenses.

Resta agora que ao nome de Fortaleza, que lembra ainda o domínio ferrenho da prepotência e arrogância dos

*ousados commentimentos que convulsionaram a província e repercutiram em todo paiz”. GARCIA, Abel. “A Mulher Cearense” IN: A **Quinzena**. ANNO I; Nº 03; Fortaleza, 15/ 02/ 1887. P. 24.*

governadores imbecis, seja substituído pelo de Iracema, a formosa cearense, protótipo da dedicação, da lealdade e do amor da Pátria.

Este nome dulcíssimo, melodioso e affagado de quantos conhecem as tradições do Estado, reccordará não os gemidos dos que soffreram nos cárceres do forte [período colonial], não o sangue dos victimados à sombra dos agentes de S. Magestade [repressão imperial aos movimentos provinciais], mas uma idéa de progresso, de adiantamento: uma lenda mimosa entretecida com os fulgores de um grande génio cearense [José de Alencar]: a representação palpitante da formosura alliada à energia, do affecto ligado à abnegação, da coragem lidada à constância, do esforço (...) à perseverança (...)²⁵².

O que aqui será nomeado de “Revolução Iracema” consistiu em mais uma empreitada que, se não houvesse fracassado, poderia ter repetido a mesma euforia da década de 1880, que contagiou os intelectuais ao ver o Ceará tornar-se a primeira província brasileira a emancipar seus cativos. Afinal, sendo de proporções regionais, tanto a campanha abolicionista quanto a proposta de modificação do nome da capital, ambas foram oriundas da mesma intensidade desejante que procurou aplicar leituras sobre àquela realidade social e política em favor dos méritos à Mocidade.

Percebe-se que o discurso patriótico acima fez alusão ao nome de Iracema como sendo o protótipo nacional de dedicação e respeito às instituições do povo, a compor uma idéia de pátria. Esse tipo nacional, segundo sua leitura, feito à imagem recodificada do povo cearense, produziu seu caráter moral e sua índole apta ao progresso, resultantes das suas tradições, que se aliaram à força, à energia, perseverança e outras tantas virtudes, superando as instituições ultrapassadas das épocas colonial e imperial para materializarem a civilização através do sentimento nacional que se formava com os enunciados que compuseram aquela imagem do tipo cearense.

Eleita “Iracema” a obra literária que melhor descreveu a nação brasileira, sobretudo nos aspectos morais, não bastou ao Centro Literário disseminar através da sua produção periódica o sentimento nacional que haveria de regenerar as instituições sociais. Conforme estampou no seu próprio nome, uma ação centralizadora e imediata em que os representantes das diversas associações letradas contemporâneas pudessem reforçar a

²⁵² BEZERRA, Antônio. “Iracema” IN: *Iracema – Revista do Centro Litterário*. Fortaleza: Anno I; N° 01. 02/04/ 1895. P. 01 e 02.

campanha em prol da exaltação dos ícones alencarianos, traria numa data especial, num determinado espaço de poder, a ocasião oportuna para a legitimação e notoriedade dos desejos nacionalistas e patrióticos, comprometidos com aquelas Repúblicas das Letras Cearenses.

No dia 12 de dezembro último (1895), o Centro Litterário rendendo homenagem ao mais bello e grandioso vulto da litteratura brasileira, reuniu-se em sessão extraordinária, no palacete da Assembléia Estadual, para solemnizar o 18º anniversário de morte de José de Alencar.

O salão achava-se ornado (...) com bandeiras e escudos em que se liam os nomes de 'Minas de Prata', 'Senhora', 'Viuvinha', 'Lucíola Diva', 'O Sertanejo', 'Sonhos de Ouro', 'Guarany', 'Iracema' e outros de obras do immortal patricio.

Por cima da cabeça do presidente estava collocado um retrato de José de Alencar.

(... ..)

Fizeram-se representar a Academia Cearense, Padaria Espiritual, Phenix Caixeiral, Escola Militar, 2º Batalhão de Infantaria, Club Floriano Peixoto, Congresso de Ciências Práticas, Imprensa, Tribunal da Relação e Instituto do Ceará²⁵³.

Traços religiosos da ortodoxia positivista homenageando vultos do passado e rituais com farto usos de simbolismos, denotam além da matriz teórica e política do Centro Literário, o comtismo religioso, a postura autoritária em relação aos demais grupos letrados presentes na devida ocasião. O emprego dos brasões referentes a cada obra de José de Alencar, eleito o representante maior da literatura nacional pelos centristas, homenageado numa instituição política como a Assembléia Legislativa, edificaria uma atmosfera simbólica onde uma referência nacional procurava instituir-se nas esferas do poder administrativo, a fazer-se por legítima estando presente a elite ilustrada local, e seus respectivos núcleos de atuação intelectual, num ato centralizador. Ora, toda essa ritualística expressou melhor as suas pretensões quando a fotografia do homenageado posicionou-se acima donde encontrava-se o presidente da casa; uma verdadeira tentativa de simbolizar a preponderância do poder ilustrado, dos seus anseios e desejos facciosos sobre o poder político-institucional e administrativo. Bem mais que isso: no campo das enunciações coletivas estaria simbolizando o sentimento nacional garantido pela ação da literatura em favor da consolidação do regime republicano.

²⁵³ “Homenagem a José de Alencar”. *Iracema – Revista do Centro Litterário*. – Anno II; Nº 07; Fortaleza: 1896.

É verdade que, em certa medida, a crítica e o apelo que o Centro Literário fizera ao “descaso da memória” em relação ao esquecimento da figura de José de Alencar, referiu-se diretamente aos seus conterrâneos cearenses. Porém, o que parecia ser uma mera alusão à memória do romancista de Iracema, em linhas discursivas remeteu-se aos empreendimentos políticos que a Mocidade Cearense encampou diante das emergências nacionais para afirmar-se no poder local com a nova ordem formada. Tratou-se, na verdade, de uma postura que se caracterizou por ser um nacionalismo regionalista em que um determinado sujeito social, peculiar de uma dada realidade local, haveria de ser o protótipo para a nação brasileira. E sob a ótica de práticas letradas doutrinadoras, a construção de um caráter moral haveria de ser disseminado pela instituição literária através de um poema épico que aludiu à origem civilizadora do Ceará como exemplo ao progresso material e humano, segundo exigia a lógica daqueles tempos emergentes. Na realidade, estes sujeitos oriundos dos velhos segmentos senhoriais estavam ao tempo todo criando referências à memória histórica do seu grupo, a cobrar do público leitor o reconhecimento meritório da sua legitimação naquele território social, conforme acomodava-se a ordem moderna e a idéia de República no Ceará.

A preocupação dos centristas com a disseminação do sentimento pátrio alencariano teve ainda repercussão profunda na própria estrutura funcional do Centro. Após algumas sessões que, dentre outros pontos de pauta, votaram pela mudança ou não do nome da capital cearense em fins de 1895, o grêmio perdeu consideráveis representantes dessa república das letras como Papi Júnior, Antônio Bezerra e Justiniano de Serpa. Contudo, numa das suas últimas sessões em 13. 10. 1895, o que pode ser caracterizado como data de início da segunda fase do Centro, em que se realizou “reformas garantidoras de vida e preparou terreno apropriado para melhor [afirmarem-se] entre as associações congêneres”²⁵⁴, a sua funcionalidade haveria de tomar um caráter mais acadêmico, sobretudo, nas vias editoriais.

*Aquella sessão [18. 12. 1895, aniversário de morte de Alencar]
attestará a todo tempo que o Centro, honrando a maior glória*

²⁵⁴ Dentre as medidas adotadas (redução do número de sócios, fixação de um local para as reuniões, encontros quinzenais), os centristas estipularam que o seu até então jornal, haveria de ser uma revista “*a maneira das do Instituto do Ceará e Academia Cearense*”. “Relatório do Movimento do Centro Litterário apresentado pelo seu presidente Dr. Guilherme Studart”. *Iracema – Revista do Centro Litterário*. – Fortaleza: Anno: III; Nº 09; 1897. P. 158

cearense, revolta-se contra a indiferença com que lhe é olhada sua memmória na terra de seu berço; aquella nossa homenagem valerá um protesto contra a victima de uma ingratição que não se qualifica e que nos deve humilhar perante os outros Estados e guicá do mundo inteiro.

(...)

A transformação do ‘Iracema’ n’uma revista [pois até então era um jornal] deu um tom de maior seriedade a esta outra face, por que estamos a revelar-nos na república das letras.

E que bellas revelações podemos registrar!

Um jornal (...) extravia-se e com elle desaparece muita vez a lembrança dos artigos, que encerra; e as revistas, (...) guardam invioláveis seus thesouros por tempo mais duradouro e tem mais probabilidades de conduzir através das gerações o nome dos seus collaboradores²⁵⁵.

Lutando para preservar a memória daquele escritor cearense, o resgate à figura de José de Alencar naqueles momentos emergentes haveria de assegurar, segundo os interesses institucionais regionalescos, a imagem da nação brasileira. Logo, o apelo feito em virtude da indiferença para com o grande ícone nacional, tanto do Brasil quanto dos seus próprios conterrâneos, causou uma reação por parte dos centristas que se repercutiu na configuração editorial do seu periódico. O texto acima (“Iracema”, nº 09, ano III, 1897) que data a primeira impressão do órgão como revista e não mais como jornal, mostra o quanto de “tom de seriedade” e, sobretudo, interesses políticos de apelo à memória histórica estavam velados por suas intenções intelectuais.

Ora, primeiramente, referente aos demais homens de letras e aos núcleos letrados, a nova configuração do periódico haveria de garantir materialmente uma maior perduração referindo-se à sua durabilidade diante do tempo. O caráter de revista daria um tom mais acadêmico, o que seria mais legítimo a um órgão pertencente a uma sociedade de letras, pois circularia com melhor distinção entre seus pares no mundo letrado. Por fim, a imortalização da intensidade experimentada do ideal da Mocidade em um registro mais duradouro diante da história, que se deveu ao traço bem peculiar de historiador do então

²⁵⁵ Idem. P. 162.

presidente do Centro, Dr. Guilherme Studart²⁵⁶. Pois, a existência dos documentos históricos e registros de época, em que a ação discursiva sobre o leitor propiciaria uma experimentação subjetiva, haveriam de garantir na memória e no tempo a preservação do passado aos olhos do presente. Dessa forma, o ideal permaneceria “com a sua chama viva e acesa” para a posteridade poder constatá-lo nos registros históricos, ainda que o empreendimento levado a diante malograsse por vias institucionais e políticas. Para aqueles que investigam a história do Ceará manuseando as fontes históricas desse período, vai um aviso: deve-se ficar bastante atento para as facetas retóricas e discursivas dos documentos deixados pela Mocidade Cearense, que primam por manipular enunciados e construir narrativas provedoras dos seus interesses de grupo!

Um fato interessante que merece ainda apreciação diz respeito ao trânsito que houve entre os membros da Academia Cearense, Instituto do Ceará e Centro Literário²⁵⁷. De alguma forma, a campanha abolicionista surtiu efeito ao destacar nos aspectos intelectual e político alguns dos letrados empreendedores durante a emancipação dos cativos. Esse fato trouxe, indubitavelmente, o prestígio e a notoriedade para esses homens perante a sociedade cearense na virada de século, conforme eles próprios desejavam. É tão provável tal evidência que, após o golpe republicano, até os partidários de última hora, chegaram a ocupar cargos administrativos na esfera pública durante a formação da nova ordem²⁵⁸. Mas, foi sobretudo na esfera intelectual onde encontrou-se de

²⁵⁶ É demasiada a produção historiográfica do Barão de Studart sobre o Ceará. Em sua trajetória intelectual de historiador, fez viagens para a Europa e outros pontos do Brasil, como a Capital Federal, em busca incessante por documentos e registros sobre a colonização e os primórdios da província cearense. À sua “obsessão” em historizar tudo o que poderia tornar-se histórico deve-se à existência de boa parte dos documentos de sua época e, sobretudo, da sua geração, a Mocidade Cearense, de quem escreveu um esmiuçado dicionário bio-bibliográfico, inúmeros ensaios e estudos historiográficos apelando para a memória histórica dos sujeitos pertencentes às elites de Fortaleza. Dr. Guilherme Studart – que participou do Centro Abolicionista e do Clube Literário na década de 1880 – foi ainda fundador Instituto (Histórico, Geográfico e Antropológico) do Ceará, da Academia Cearense e do Centro Literário, onde foi presidente. Dentre alguns dos seus intermináveis trabalhos históricos, são estes os mais conhecidos: *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense* – Fortaleza: Typographia Minerva; 1915; *Dactas & Factos para a História do Ceará (1603 - 1889)* e *Dactas & Factos para a História do Ceará/ Em comemoração ao centenário do Jornalismo Cearense e à participação do Ceará na Confederação do Equador (1889 – 1924)* – Fortaleza: Typographia Commercial; 1924 e *Para a História do Jornalismo Cearense (1890 - 1924)* – Fortaleza: Typographia do Instituto do Ceará; 1925.

²⁵⁷ Sem mencionar as reuniões conjuntas ou visitas feitas entre sócios de um ou outro núcleo letrado, eram centristas e acadêmicos ao mesmo tempo: Justiniano de Serpa, Antônio Bezerra, Guilherme Studart – estes dois últimos, também do Instituto do Ceará. Por sua vez, Tomás Pompeu de S. Brasil Filho pertenceu à Academia e ao Instituto.

²⁵⁸ Sobretudo, Joaquim Catunda, João Cordeiro, Martinho Rodrigues, Justiniano de Serpa, João Lopes, Abel Garcia e até Antônio Sales, que pertenceu ao grupo dos “Novos do Ceará”, ocuparam cargos públicos e

forma nítida o exercício de poder dessa geração empreendedora do progresso e da civilização, referendada nas teorias científicas do período, de postura moral-doutrinadora em relação à instituição da literatura como regeneradora da sociedade e vivificadora do sentimento nacional brasileiro.

No relatório já apresentado pelo presidente do Centro Literário, Dr. Guilherme Studart, havia uma menção distinta quanto as formas editoriais de prensagem que deveriam caracterizar a revista “Iracema”. Segundo o próprio presidente, daria um caráter mais “sério” à maneira das revistas do Instituto do Ceará e da Academia Cearense. Assim como essa implementação que visava dar um tom mais acadêmico ao referido periódico, podem ser observadas em outros momentos as proximidades que havia entre as sociedades letradas, como no primeiro aniversário da Academia Cearense²⁵⁹.

Ao que parece, independente da condição de sócio-simultâneos, houve uma peculiar proximidade entre as referidas agremiações. O trânsito que mantiveram os congregados desses espaços deixou indício quanto a cumplicidade orgânica de suas idéias, referendadas nas teorias científicas, interesses político-intitucionais para os modelos de Estado e Nação brasileiros, ou simplesmente para atender seus interesses facciosos. De fato, seria na verdade a coalizão do conhecimento científico, da produção historiográfica e da instituição literária em um fim comum: a construção de uma cadeia intelectual orgânica que viesse legitimar e viabilizar os empreendimentos institucionais daquela geração, a garantir-lhe naquele território social espaços para o seu exercício de poder. Os surgimentos do Instituto Histórico Geográfico e Antropológico do Ceará (1887), da Academia Cearense (1894) e Centro Literário (1894) apontam para a preocupação que estes sujeitos tiveram em afirmar o seu saber, bem como demarcar sua esfera de atuação política, durante a transição de regimes e redefinição da nova ordem.

políticos distintos, como interventores administrativos, conselheiros, deputados e secretários durante os primeiros anos de República. Ver: Studart, Guilherme. *Diccionario Bio-Bibliográfico Cearense*. Op. Cit. e *Dactas & Factos para a História do Ceará/ Em comemoração ao centenário do Jornalismo Cearense e à participação do Ceará na Confederação do Equador (1889 – 1924)*. Op. Cit. e SALES, Antônio. *Novos Retratos & Lembranças*. Op. Cit.

²⁵⁹ Registra-se na edição da revista “Iracema” de N°06, 01/ 09/ 1895, P. 08: “A festa de 15 de agosto (1º aniversário da Academia Cearense), para cujo realce tudo concorreu, deixou vivas impressões no auditório selecto e numeroso, e assegurou mais uma vez aos sócios da Academia o tributo da admiração e muita *sympatia*, que a família cearense consagra aos que como elles tem escripto em seu escudo de combate: engrandecer e nobilitar a pátria pelo trabalho e pelo exemplo”.

A maior referência política e moral para a Academia, Instituto e Centro foi a campanha abolicionista. Boa parte dos membros dessas três sociedades ilustradas haviam participado dessa empreitada na década de 1880. Um grupo mais distinto ficou no Clube Literário após a emancipação dos escravos no Ceará; o outro, no jornal “Libertador”. Logo, na década de 1890, diante do caos político e institucional decorrente do golpe de 1889, o mesmo grupo dos antigos abolicionistas, a Mocidade Cearense, se alocou em outros núcleos que deram origem às sociedades literárias que surgiram nos primórdios da República. Desta feita, conforme fosse a sua aptidão intelectual, cada letrado ficaria em uma, duas ou até mesmo nas três agremiações simultaneamente. Os historiadores, etnógrafos e geógrafos no Instituto do Ceará e na Academia Cearense e os literatos no Centro Literário. Por sua vez, a consolidação dessa tríade haveria de se tornar a representação do poder ilustrado cearense tanto na arena política e institucional brasileira, bem como garantir sua intervenção pública naquela realidade local através dos espaços de saber, foram os objetivos maiores da Mocidade Cearense.

Ao Instituto do Ceará, coube a construção dos traços identitários do povo cearense a partir do conhecimento científico e do aprimoramento das letras, os aspectos etnográficos, geografia local, e, sobretudo, a produção historiográfica sobre os feitos heróicos do Ceará, dentre outros, as revoltas políticas do estado cearense nas revoluções de 1817 e 1824 bem como a abolição de 1884, conforme a leitura dos integrantes da Mocidade²⁶⁰. Esse pensamento sistemático direcionou a produção do Instituto no sentido de construir um caráter identitário do povo cearense e o seu destaque perante a comunhão brasileira, como bem quisera a experimentação interpretativa daquele segmento dominante letrado²⁶¹.

À Academia Cearense, caberia identificar as leis naturais e sociológicas que teriam lançado aquela sociedade no curso do progresso e, através da produção acadêmica (baseada no conhecimento etnográfico, sociológico e historiográfico), apontando os encaminhamentos políticos e institucionais do empreendimento civilizatório, a legitimar a

²⁶⁰ Art. 01. § 1º - “*O Instituto do Ceará tem por fim tornar conhecidas a história e a geographia da Provincia e concorrer para o desenvolvimento das letras e das sciencias*”. “Estatutos do Instituto do Ceará”. IN: *Revista Trimestral do Instituto do Ceará*. Anno: I; T. I. – Fortaleza: Typographia do Cearense; 1887. P. 09.

²⁶¹ AMARAL, Eduardo Lúcio Guilherme. *O Templo do Saber: O Instituto do Ceará e a Construção da História e Identidade Cearenses*. – Fortaleza: PET-História/ UFC; MIMEO; 1997.

instituição científica e disseminar seus usos para toda nação brasileira. Logo, era a burocracia a instituição nacional que haveria de orientar o Estado para lançar o novo Brasil no curso das nações civilizadas, através do industrialismo, do conhecimento das leis sociológicas e da produção técnico-científica.

Por fim, ao Centro Literário, também herdeiro, como as duas outras associações, das referências políticas e intelectuais que vingaram nos anos de 1880, caberia legitimar a literatura como a instituição regeneradora dos valores morais brasileiros, segundo uma leitura pragmática de nacionalismo pátrio na narrativa de José de Alencar, aquele que haveria de ser o baluarte das Letras Brasileiras²⁶². Neste sentido, a apropriação interpretativa ou a leitura de “Iracema”, “despretensiosamente”, fora eleita pelos centristas para melhor representar os valores da “alma nacional” segundo o caráter do povo cearense, feito à imagem do branco civilizador e do indígena apto a acompanhar o curso do progresso.

Portanto, a Literatura, a História e a Ciência, haveria de consolidar a legitimação dos traços morais, históricos e sociológicos de um povo que caminhava rumo à civilização, necessariamente, pela ação política e intelectual de uma geração de letrados, não outros senão os filhos da velha elite senhorial daquela realidade social. Sua leitura construída a partir da trajetória nas campanhas das décadas de 1870 e 1880, os motivaram a erigir fortes laços identitários de grupo que acabaram por marcar a produção do conhecimento nos periódicos das suas respectivas associações literárias. Na verdade, por construir narrativas discursivas sobre a própria história da sua geração, seus anseios e ideais de transformar o

²⁶² As súplicas feitas à memória de José de Alencar possuíam o seu lado pragmático. Não era à toa que para instituir a Literatura no seu aspecto moral – evocando a obra de Alencar – os centristas atacavam as instituições políticas como agentes causadores do descaso ao célebre autor de “Iracema”: “*Mas sabeis porque dentre os três livros immortaes (‘Paulo e Virgínia’, ‘Graziella’ e ‘Iracema’), que eu leio com os olhos d’alma e guardo no coração, prefiro ‘Iracema’? Simplesmente, senhores, porque é o único que me fala da Pátria! (... ..) Não sente-se, senhores, porventura, ainda hoje – nas scenas que descreveu e nos quadros que deixou (José de Alencar), - o amor da nossa pátria, o entusiasmo pela liberdade, a paixão de justiça, o horror da tyrannia e a impossibilidade do génio de Tacito, educada ao fogo da virtude antiga? É que, meus senhores, o jornalista lembra o político e eu quizera deixar na penumbra essa parte, aliás gloriosa, da vida do grande morto. Sabeis porque? Ouvi-me: Em todas as obras de José de Alencar o sentimento mais forte, o sentimento que o domina é o sentimento da Pátria! (... ..) Mas tudo isto, senhores, não conseguiu tornar popular, entre nós, o nome do grande escritor cearense. Assistimos indiferente à sua carreira de triumphos e às soberbas homenagens que lhe tributaram lá fora (Capital Federal). O mais que fizemos foi não apedrejál-o, como a outros, que também se tornaram dignos das honras do Pantheon. Maldita política!*” “Homenagem a José de Alencar (Discurso proferido pelo Dr. Justiniano de Serpa, orador oficial do Centro Litterário)”. *Iracema – Revista do Centro Litterário*. – Fortaleza: Anno II; Nº 07; 1896. P. 05 – 10.

Brasil, remetendo-se à sua trajetória política e intelectual no espaço cearense, a Mocidade acabou por demarcar quais seriam as instituições de saber e os espaços de labor letrado, dentre eles a atividade de imprensa, que viriam a se constituir no seu campo de ação política. Logo, pode-se dizer que em boa medida a aproximação entre *cidade letrada* (espaço de ação dos sujeitos que fizeram uso letrado dos conteúdos simbólicos daquele território) e *cidade real* (território das realizações materiais e institucionais)²⁶³ efetivou-se por conta desse segmento dominante ter afirmado seus interesses no poder local do território cearense, seja na administração pública, imprensa partidária, ou em instituições do saber como no Instituto do Ceará, Academia Cearense de Letras e a Faculdade de Direito do Ceará fundada em 1903. Conclui-se então que o saber produzido pela Mocidade durante três décadas, em boa medida, esteve comprometido com os desejos facciosos dos quais aqueles sujeitos fizeram uso das práticas letradas como instrumento de poder, primando pelo espaço urbano de Fortaleza como território primordial de suas ações políticas.

Dessa forma, foram estas as três pilastras da aristocracia letrada cearense na virada de século, diante das emergências nacionais com o advento da ordem capitalista e mudança de regime, nos primeiros anos de República. A História como evocação do passado heróico, da origem e trajetória de um povo “apto ao progresso”, segundo a leitura de um grupo letrado oriundo dos setores dominantes. A Ciência como o meio de conhecer as ferramentas da evolução social, o curso das leis morais e naturais que haveriam de lançar a comunhão brasileira, a exemplo da sociedade cearense, no modelo dos povos civilizados. A Literatura como a doutrina que haveria de identificar preceitos morais como “força”, “coragem”, “dedicação”, ou seja, dos valores do espírito inerentes à “alma brasileira”, sendo esta a gama virtuosa que compunha o sentimento nacional, narrado num poema épico, sobre a origem do Ceará. Enfim, legitimar o poder ilustrado, instituir os interesses professos em sua máquina discursiva, em que a produção do seu conhecimento haveria de ser aceita perante a sociedade brasileira naquele momento emergente, eis o objetivo da “despretensiosa” Mocidade Cearense na década de 1890; a própria personificação do sujeito inovador o qual vinha sendo constituído em suas narrativas discursivas.

Mas, as sociedades literárias cearenses e sua ação missionária não se restringiram às práticas letradas e posturas políticas da “velha” Mocidade. Um grupo mais

²⁶³ RAMA, Angel. Op. Cit. P. 52.

distinto, oriundo dos setores médios e baixos tanto da capital quanto do interior cearense - pequenos agricultores, profissionais liberais e funcionários do comércio - congratularam seus desejos coletivos e pretensões institucionais na primeira década do regime republicano. Seus anseios, diante da construção da nova ordem, resultariam na elaboração de um modelo menos orgânico, porém, bastante condizente à sua origem social, ainda que alicerçado em posturas variadas, desde a ortodoxia comtista, o romantismo nacional-conservador, o cosmopolitismo culturalista ou ainda chegando a ser influenciada por estéticas da “ressaca” da modernidade, como o pessimismo finissecular do nefelibatismo e do decadismo/ simbolismo. Dessa geração, em que a maioria havia iniciado a carreira pública com a fundação do Centro Republicano Cearense²⁶⁴, surgiram novas posturas intelectuais e políticas oscilantes entre os anseios emergentes daqueles tempos e uma produção periódica literária de retórica boêmia e jocosa. No seio dos “Novos do Ceará”, nasceu a Padaria Espiritual, a sociedade literária cearense da década de 1890 de traços peculiares dentre as demais contemporâneas. E por conta da sua distinção, bem como do campo de tensões de idéias que se inseriram no seu periódico, este estudo dedicou um capítulo exclusivo à Padaria, no esforço de melhor compreender complexidade da sua produção intelectual como dobras discursivas diante do pensamento orgânico da Mocidade Cearense que foi elaborado, aproximadamente, ao longo de três décadas.

Sendo mais original e inusitada, porém, também estando comprometidos com as transformações políticas do período, seus apontamentos para um modelo institucional foi elaborado segundo fluxos da experiência cotidiana dos seus sócios, bem mais que das leituras e pressupostos teóricos eurocêntricos como fora então com a geração estudada. A partir do próximo tópico, necessariamente, a análise deste estudo recairá de forma mais detida sobre a natureza da atividade periódica e literária da Padaria Espiritual diante da reconstrução da nova ordem social e política brasileira nos primeiros anos do regime republicano.

²⁶⁴ Dentre os Novos do Ceará que participaram do Centro Republicano, têm-se as respectivas personalidades que fundaram a Padaria Espiritual: Jovino Guedes, Antônio Sales, Adolfo Caminha, Waldemiro Cavalcante, Themístocles Machado e Álvaro Martins (estes dois últimos, padeiros dissidentes e fundadores do Centro Literário). Ver: SALES. Op. Cit. P. 63 e 86 – 87.

II. 3. Letras & Artes para uma República do Povo: A Padaria Espiritual e o Resgate das Instituições Populares

Surgida em maio de 1892, a Padaria Espiritual propôs-se a ser uma “sociedade literária [diferente das] tantas, [de] caráter formal de academia-mirim, burgueza, retórica e quase burocrática”²⁶⁵ que havia no período. Por este aspecto, que lhe valeu a sua diferenciação diante das demais agremiações, a Padaria ficou conhecida na produção da historiografia literária cearense como uma sociedade de boêmios, jocosos, sarcásticos, e até “revolucionários”, dados aos versos humorísticos presentes na sua produção bem como os seus sócios sendo amantes das “cousas do espírito”²⁶⁶. Contudo, salvo as diversas considerações feitas a seu respeito, cabe apresentar as preocupações políticas e intelectuais dos “padeiros” no espaço de ação do seu núcleo letrado diante das emergências nacionais com a formação da nova ordem política e institucional.

A começar pelo caráter a que lhe foi apregoada referindo-se à boemia, sarcasmo e humor “descompromissados” dos padeiros, deve-se evidenciar um fator crucial para a atuação das suas práticas letradas: a origem social. Se por um lado a autoridade científica foi apropriada pelos sujeitos da Mocidade, indubitavelmente, a vida popular foi preponderante para caracterizar as posturas tomadas a cabo pela Padaria Espiritual diante das questões intelectuais, políticas e sociais repercutidas naqueles tempos. Ainda que traços da trajetória política e das referências intelectuais tivessem marcado a atividade literária da agremiação, foi a experiência de vida dos seus sócios a referência mais significativa para o modelo institucional eloqüentemente professado nas linhas editoriais do seu periódico “O Pão”; órgão que durante a primeira fase do grupo saía aos domingos, e, na segunda fase com a periodização quinzenal e tiragem em torno de 3.000 exemplares, com vendas na capital e assinaturas no interior.

²⁶⁵ SALES, Antônio. *Retratos & Lembranças*. – Fortaleza: Waldemar de Castro e Silva Editor; 1938 APUD AZEVEDO, Sânzio de. *A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará*. Op. Cit. P. 54.

²⁶⁶ MOTA, Leonardo. *A Padaria Espiritual*. Op. Cit. P. 16; BARREIRA, Dolor. Op. Cit. P. 138 e 139; AZEVEDO, Sânzio de. *A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará*. Op. Cit. P. 58, “O Ceará e os Grêmios Literários” IN: *Revista da Academia Cearense de Letras*; 1982. Op. Cit. P. 124 e “Grêmios Literários do Ceará” IN: SOUSA, Simone de (Coord.). *História do Ceará*. Op. Cit. P. 189; FIÚZA, Regina Cláudia Pamplona. *O Pão... da Padaria Espiritual*. – Fortaleza: s/ r. 1992. P. 18.; PONTE, Sebastião Rogério (Org.) *O Pão e a Cidade: Cotidiano e Contexto Urbano da Padaria Espiritual (1892 - 1898)*. – Fortaleza: 1992. P. 07.

Em sua maioria, para um grupo de rapazes exilados dos seus municípios de origem²⁶⁷, instruídos de alguma forma na educação letrada e que aventurosamente embrenharam-se na restrita cultura dos homens de letras, fazer parte desse universo seria uma conquista meritória por terem se destacado com o seu talento diante de uma sociedade em que a mobilidade social e intelectual era quase impensável²⁶⁸. Pois, o fato de terem recebido as primeiras instruções, seja no ensino doméstico seja nos gabinetes de leitura espalhados pelo interior cearense²⁶⁹, o domínio das práticas letradas haveria de propiciar-lhes algum *status* social, já que não possuíam apadrinhamento algum ou notória linhagem familiar. Logo, imersos na vida urbana da pequena capital que se entusiasmava com a emergência da ordem capitalista, seus dotes intelectuais trariam de alguma forma ascensão social através da profissão letrada, para além das sobrecarregadas labutas que na maioria das vezes enfrentavam para manter o sustento²⁷⁰.

Estes fatores aliados à jovialidade dos seus ideais diante dos novos tempos, na condição de fluxos de suas experiências cotidianas, influenciaram as suas práticas letradas. Com a euforia das idéias evolucionistas profusamente difundidas no período (sobretudo o spencerianismo), os anseios democráticos com o fim da escravidão vigente no Império e a implementação do regime republicano, trouxeram para o campo de experimentação desses rapazes, partidários das novas idéias, a expectativa de adentrarem na esfera pública e

²⁶⁷ Dentre alguns integrantes dos Novos do Ceará, tem-se notícia dos seguintes padeiros e seus respectivos municípios de origem: Antônio Sales, Paracuru; Lívio Barreto e Waldemiro Cavalcante, Granja; Adolfo Caminha, Aracati; Cabral de Alencar, Baturité; Themístocles Machado, Limoeiro; Ulisses Bezerra, Arreiros, na Chapada dos Inhamúns. Ver STUDART. *Diccionario Bio-Bibliográfico Cearense*. Op. Cit. Vols. I, II e III.

²⁶⁸ “(...) dentro da própria sociedade livre, em que coexistiam os mais diversos estágios de civilização, a classe dirigente distinguia-se excessivamente do resto da população do país, não só do ponto de vista do aspecto exterior, do nível e estilo de vida e dos interesses essenciais, mas sobretudo da cultura. Uma minoria de letrados e eruditos e uma enorme massa de analfabetos. (...) mantinha-se, no Brasil, extremamente acentuados, os desníveis culturais entre as elites e o resto da população. Esse desnível, que já é um efeito normal da civilização agrária e escravocrata, foi notavelmente elevado pelo desenvolvimento que adquiriram, no sistema escolar em formação, as escolas destinadas às profissões liberais, sem um desenvolvimento paralelo da educação das camadas populares (...)”. AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*. Op. Cit. P. 563.

²⁶⁹ Leonardo Mota listou em número de oitenta e cinco os gabinetes, clubes, associações e bibliotecas filantrópicas espalhadas pelos diversos lugares do estado do Ceará. MOTA, Leonardo. Op. Cit. P. 27 - 29.

²⁷⁰ Lívio Barreto – filho de pequenos agricultores do município de Granja/ CE – e Antônio Sales – filho de um pequeno chefe político do município de Açoures/ CE – exerceram a atividade de caixeiro ao residirem em Fortaleza, dentre as diversas profissões exercidas por outros membros da Padaria em jornais de pequeno porte, prestação de serviço nos órgãos militares, na alfândega etc. Ver: MOTA. Op. Cit.; SALES. Op. Cit. e MONTENEGRO, Braga. “Lívio Barreto – Centenário em 1970” IN: *Revista da Academia Cearense de Letras*. – Fortaleza: Ano: LXXV; Nº 35; 1971. P. 149 – 152.

angariarem prestígio político, social e intelectual. Para eles, a República seria o regime pleno de oportunidades em que haveriam de sobressair os mais aptos para as transformações do período²⁷¹. E o mundo das letras, parecia ser o meio de alcançar a realização dos seus ideais mais imediatos²⁷². Dessa forma, as premissas que subsidiaram a formação de um grupo de rapazes em sua maioria de origem pobre, residentes na capital do estado, abarcadores da recente causa republicana e inseridos no mundo das letras teriam, de certa forma, contribuído para o surgimento da Padaria Espiritual no seio da cultura das belas letras cearenses.

O empreendimento literário levado adiante pela Padaria esteve ligado aos anseios políticos daquele grupo social menos privilegiado para sua inserção na vida pública, bem como nas decisões institucionais. Motivados por seus dotes intelectuais, os padeiros organizaram a sua associação regida pela funcionalidade do inusitado “Programma de Instalação da Padaria Espiritual” que ficou conhecido em boa parte do cenário literário nacional²⁷³. Dentre outras cousas, seu programa trouxe propostas regimentais que condicionaram a produção periódica do grupo, determinando as suas relações com outros setores da sociedade fortalezense, sua principal esfera de atuação, além de caracterizar a Padaria nos seus aspectos mais distintos.

O seu programma é muito simples: transmittir ao leitor com a maior exactidão o que sente e o que pensa a Padaria Espiritual sobre tudo e sobre todos.

Não obedece absolutamente a sugestões estranhas, nem tão pouco toma a si o compromisso de agradar; em compensação, de modo algum ameaça hostilizar.

Promette apenas uma cousa: dizer sempre a verdade, doa esta a quem doer²⁷⁴.

²⁷¹ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão*. Op. Cit. P. 146 – 150.

²⁷² Sobre a difícil carreira de escritor, em que muitos dos rapazes pertencentes à geração dos Novos do Ceará ansiaram em ter prestígio na capital, Rodolfo Teófilo discorre em seu livro de memórias sobre a sua experimentação na vida cotidiana: “*Eu tinha herdado do meu pai um nome imaculado, mas também uma grande pobreza (...) Mas, como sahir da minha obscuridade e collocar-me? Só o livro podia livrar-me do captivo. Mas como chegar ao livro, se os meus patrões entendiam que para vencer na vida não precisava saber ler?*”. THEÓPHILO, Rodolpho. *Scenas & Typos*. – Fortaleza: Ed. Agssis Bezerra; 1919. P. 68.

²⁷³ A repercussão do programa de instalação da Padaria teve considerável notoriedade no cenário letrado nacional: “*(...) esse Programa de Instalação da Padaria Espiritual, que transpôs fronteiras, reproduzido por vários jornais em todo o País, e que foi seguramente a chave que abriu as portas da Capital Federal à fama da Associação provinciana*”. AZEVEDO, Sânzio. *A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará*. Op. Cit. P. 59.

²⁷⁴ *O Pão... da Padaria Espiritual*. Fortaleza: Anno: I; nº 01; 10/ 07/ 1892. P. 01.

De fato, o único compromisso dos padeiros parecia ser com a sua causa própria. Isso valeria o que foi sempre atribuído à Padaria como sendo um grupo de jovens letrados boêmios. Mas, por trás da boemia e do jocoso sarcasmo que lançavam à sua principal adversária, a “burguesia”²⁷⁵, havia uma crítica social de caráter político que expressava a postura dos padeiros em relação ao mérito que deveriam ter diante de outros segmentos da sociedade, sobretudo, os que se empenharam em prol da nova ordem emergente.

Neste sentido, o combate da Padaria Espiritual à burguesia refletiu, além da origem social e dos anseios meritórios ansiados pelos padeiros, a contestação política sobre aqueles que definiam o avanço da ordem burguesa na capital, bem como os rumos institucionais que lançavam as cartas para as decisões nacionais. O aparecimento de “O Pão” na arena jornalística e literária de Fortaleza, por exemplo, refletiu o quanto a rivalidade existente entre os padeiros e a sociedade ávida por consumo dos valores burgueses e produtos industrializados europeus. Aquilo que se evidenciava como a “causa nobre” do grupo, tinha implicações inerentes ao aspecto social que distinguia os valores e desejos dos segmentos burgueses de Fortaleza.

A pequena capital cearense, habituada ao aluá, à secca e à política, e celebrisada pelo irrepreensível alinhamento de suas ruas, estremeceu como alguém que accorda de um pesadelo enorme.

A burguesia damnou: que éramos uns idiotas sem eira nem beira, uns pilintras sem letras nem: que isso de Padaria Espiritual é uma especulação como outra qualquer (...)

Aquelles que, duvidando das nossas boas intenções, julgarem-nos uma sucia de estouvados, uns estroínas, sem responsabilidade e sem critério, ouçam:

A capital do Ceará, encantadora como uma pérola do Oriente, bella como conheceis, é, entretanto, uma cidadezinha soffrivelmente atrasada com laivos de civilização. Si temos duas livrarias, em compensação não lemos livros que prestem. Para matar o tédio que nos mina e consome a existência, somos obrigados a ir, às quintas-feiras e aos domingos, alli ao Passeio

²⁷⁵ Deve ser entendido que a burguesia, para os padeiros, referia-se aos grupos sociais beneficiados com a proclamação da República e com a política do encilhamento, conforme podem ser identificados dessa maneira: “Se os conflitos políticos tendiam a decantar os agentes cuja qualidade maior fosse a moderação no anseio das reformas, as agitações econômicas por seu lado apuravam os elementos predispostos à ‘fome do ouro, à sofreguidão do luxo, da posse, do desperdício, da ostentação, do triunfo’. Conciliando essas duas características, o conservadorismo arejado e a culpidez material, pode-se conceber a imagem acabada do tipo social representativo por excelência do novo regime” SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit. P. 26.

Público exhibir a melhor de nossas fatiotas e o mais hypócrito e imbecil de nossos sorrisos.

Na falta de um divertimento bom que nos deleite o espírito e nos faça vibrarem os nervos, occupamo-nos de política, mas de uma política torpe, reles, suja, indigna de ser tocada por mãos que calçam luvas de pellica.

*A litteratura e as artes são, por assim dizer, os melhores tónicos para o espírito*²⁷⁶.

A crítica de Adolfo Caminha, o mais carbonário dos padeiros, na coluna “Sabbatina”, durante a primeira fase da Padaria, expressou nitidamente os valores que estavam imbricados com a causa dos sujeitos daquela agremiação, dos valores do grupo social ao qual faziam parte. Os padeiros por não terem origem social abastarda seriam acusados, segundo o cronista, de ignóbeis, sem distinção e por isso sem “letras”. Ou seja, sem título que aquela sociedade tradicional exigia para reconhecer um “homem de bem”, pois, como é sabido, para ser integrante da “boa sociedade” era preciso ter nascido no berço da elite senhorial, a manter um perfil político conservador, impondo-se como segmento dominante a ostentar certa opulência material, fazendo predominar a sua linguagem, no caso, a cultura letrada. Dessa forma, o combate à burguesia viria sobre os espaços de sociabilidade e os valores que este segmento disseminava, como alastrar na cidade a febre pelo consumo, ditames da ordem capitalista que eram ostentados pelas elites emergentes de Fortaleza. Os padeiros, oriundos dos setores médios e baixos da capital, bem como dos sertões da província, passaram a fazer um diferencial em relação aos seus campos de experimentação com a cultura letrada, a distanciar o seu uso dos valores do modo de vida burguês. Uma decodificação feita em virtude da experiência de vida desses sujeitos, já que a cultura de letras repercutiu-se com maior intensidade na dinâmica da vida moderna e da cultura simbólica da sociedade capitalista.

A tonificarem o “espírito”, inerente a valor humano, portanto de veio moral, a literatura e as artes²⁷⁷ seriam as “verdadeiras instituições do povo”, conforme denominaram os padeiros. Ou melhor, eram estas as instituições morais e humanas empreendidas por aquele

²⁷⁶ *O Pão... da Padaria Espiritual*. Anno: I; Nº 02. Fortaleza, 16/ 07/ 1892. P. 01 - 02.

²⁷⁷ Caráter que evidenciou a Padaria diante das demais agremiações literárias do período, foi a sua distinção e labor em prol da Literatura e Artes conforme atesta no primeiro artigo do seu Programa de Instalação: “1º - Fica organizada, nesta cidade de Fortaleza, capital da ‘Terra da Luz’, antigo Siará Grande, uma sociedade de rapazes de Letras e Artes, denominada Padaria Espiritual, cujo o fim é fornecer pão de espírito aos sócios, em particular, e aos povos, em geral”. APUD MOTA, Leonardo. *A Padaria Espiritual*. Op. Cit. P. 42. Esta característica a distancia da produção científica que na maioria das vezes era prioritária em outras associações cearenses como a Academia Francesa, Clube Literário, Instituto do Ceará e Academia Cearense.

segmento letrado que angariava prestígio público sem o apadrinhamento familiar e que usava “luvas de pelica”, distinto por não absorver os valores de consumo e das práticas políticas retrógradas dos que se digladiavam nas trincheiras partidárias pelas fatiotas do poder. Em boa medida este enunciado teve suas matrizes intelectuais na ortodoxia comtiana em que, através dos pressupostos sociocráticos, aquela agremiação preocupou-se em seu programa com a sociedade regida por aqueles que detivessem o conhecimento de sua cultura.

Durante toda a produção periódica da Padaria Espiritual (1892 - 1896), o combate à burguesia esteve presente nas colunas editoriais de “O Pão”. Sobretudo, foi na sua primeira fase (1892) que o caráter mais combativo destacou-se mediante o aspecto boêmio e sarcástico, a diferenciar-se do modelo retórico, acadêmico, bacharelesco e científico, utilizado pela Mocidade Cearense em suas agremiações (Academia Francesa, Clube Literário, Instituto do Ceará, Academia Cearense e Centro Literário). Foi durante esse período que “O Pão” apresentou um caráter de pasquim literário com críticas jocosas ao cotidiano de Fortaleza, seus habitantes, as novidades e acontecimentos inusitados, com doses excessivas de humor e pilhéria. Na segunda fase (1895 - 1896), porém, a Padaria haveria de incorporar um caráter bastante diferente daquilo que ela fora nos seus primórdios. Com a inserção de novos sócios²⁷⁸, o grupo tomaria uma postura menos boêmia e mais comprometida com a causa letrada. Até mesmo artigos científicos como “As manchas do sol e as seccas” de Rodolfo Teófilo, por exemplo, em que ele critica as conclusões astronômicas do Barão de Capanema, e outros como “Criminologia do Direito” do sócio-correspondente Clóvis Bevilaqua, expressam um novo caráter que é afigurado nas linhas editoriais do periódico a partir de 1895. A distinção entre as duas fases do grupo será discutida no próximo capítulo.

Mas, se na primeira fase a Padaria Espiritual teceu críticas sobre o cotidiano de Fortaleza com pilhéria e boemia, na segunda suas práticas letradas expressavam na sua máquina discursiva a preocupação com empreendimentos maiores relacionados ao cenário nacional. A ser mencionada a avidez de manter contato com personalidades de outras capitais, na atribuição de sócios correspondentes que estampavam uma coluna especial as suas remetências, além de homenagear na coluna “Medalhas” diversos literatos e intelectuais, pela iniciativa de Antônio Sales a Padaria passou a criar uma teia de contatos na República das

²⁷⁸ Dentre os quatorze padeiros que vieram compor o grupo em 1894, temos Antônio de Castro, Rodolfo Teófilo, Antônio Bezerra, Artur Theófilo, Xavier de Castro, José Nava e Cabral de Alencar. MOTA. Op. Cit. P. 38.

Letras nacionais a fim de tornar ressonante a sua produção literária, sua leitura social, sobretudo, as preocupações que possuía em relação às emergências institucionais diante da formação da nova ordem política.

Robustecida pela aquisição de novos obreiros, estimulada pelos aplausos que tem conquistado em todo o Paiz, espera a Padaria Espiritual prosseguir honradamente na sua missão, juntando novos triumphos aos que já assignalam a sua trajectória.

(... ...)

Certos de que outro tanto nos desejam, promettemos nada poupar para que o Ceará figure na vanguarda do movimento litterário que presentemente se desenrola no Paiz de par com os generosos esforços para a nossa regeneração política²⁷⁹.

Foi, sobretudo, na segunda fase da Padaria que os anseios por realizar empreendimentos nacionais tornaram-se comuns às práticas letradas do grupo. Não extirpando sob qualquer aspecto a pilhéria social feita ao cotidiano de Fortaleza, o fato é que o grupo cearense de letras e artes comprometeu-se com as emergências nacionais conforme fizeram as demais associações literárias do período. É óbvio que os padeiros procuraram tornar-se alheios à causa partidária conforme dava-se naquele território social. Porém, conforme estampou nas páginas do seu periódico, no movimento literário em que os homens de letras empenharam-se para a regeneração política do país, a Padaria Espiritual haveria de dar a sua contribuição para as empreitadas institucionais. O ímpeto da nova força que avigorava o grupo, segundo consta, deveu-se, em parte, à aquisição dos novos sócios como, por exemplo, Antônio Bezerra e Rodolfo Teófilo que haviam participado ou participavam de outros movimentos intelectuais, como o Clube Literário (em ambos os casos), da Academia Cearense (particularmente Antônio Bezerra) e do Centro Literário. E, dentre esses aspectos, a produção literária do Ceará sobressairia na arena nacional para encampar na luta institucional diante das querelas políticas que definiam a nova ordem.

Conforme observou-se, no discurso da Padaria Espiritual em relação à regeneração política do país, era reconhecido o papel da literatura como instituição para alavancar os empreendimentos do novo Brasil que se inaugurava com a República. E, segundo consta, à Literatura cearense caberia a sua participação na campanha dos letrados em prol da construção da nova ordem política e institucional. Por sua vez, este aspecto que

²⁷⁹ *O Pão... da Padaria Espiritual*. Fortaleza: Anno: II; N° 07; 01/ 01/ 1895. P. 01.

remeteu o Ceará e, sobretudo, a sua produção intelectual na atividade missionária da reconstrução nacional, já fora encampado em outros núcleos letrados da época. Contudo, no caso da Padaria, a distinção diante do Centro, mais próximo da sua proposta literária, implicou na sua abordagem em relação aos aspectos institucionais eleitos para adentrarem na campanha regeneradora da nação.

Enquanto que ao Centro Literário coube à literatura o papel de disseminar os valores morais que haveriam de salvar as instituições nacionais (perseverança, coragem, força, dedicação), para a Padaria Espiritual a ação de sua máquina discursiva e literária primou por identificar os aspectos institucionais através dos traços peculiares do povo que compunha a nação brasileira. Ainda que necessariamente fossem estes aspectos apontados segundo os traços do povo cearense, a Padaria elegera os traços dos modos de vida popular como sendo definidores do caráter nacional.

É indubitável que a Padaria Espiritual comportou alguns traços de teor nacionalista diante daqueles tempos de indefinição. É até legítimo considerar que algumas das preocupações levadas a cabo em seu programa de instalação tenha, em certa medida, antecedido às inquietações que mobilizaram a Semana de 22 em São Paulo²⁸⁰.

Art. 14 - É proibido o uso de palavras estranhas à língua vernácula (...);

*Art. 21 – Será julgada indigna de publicidade qualquer peça literária em que se falar de animais ou plantas estranhas à Fauna e à Flora brasileiras, como: cotovia, olmeiro, rouxinol, carvalho, etc.*²⁸¹.

Contudo, deve ser entendido que, conforme foi em relação às demais agremiações do período, o modelo institucional, ou que seria o sujeito inovador prescrito na máquina discursiva da Padaria obedeceu um caráter peculiarmente regional, segundo uma referência popular do Ceará. Esse referencial, por sua vez, distinguiu-se nitidamente dos modelos propostos pelas agremiações contemporâneas que participaram do mesmo circuito letrado. Pois, ao contrário das demais associações, a Padaria Espiritual elegeu a cultura popular local, as intensidades experimentadas na vida cotidiana dos seus sócios, e não leis

²⁸⁰ AZEVEDO, Sânzio. “Grêmios Literários do Ceará”. Op. Cit. P. 189 e 190.

²⁸¹ APUD MOTA. Op. Cit. P. 43 e 44.

científicas ou valores morais contidos na literatura cearense, para representar o seu modelo institucional à nação. Algumas prerrogativas do seu programa podem dar indícios quanto a este aspecto discursivo que se encontrou nas páginas de “O Pão”, referente à cultura popular cearense e a ação letrada para os modelos nacionais.

*Art. 34 – A Padaria Espiritual obriga-se a organizar, dentro do mais breve prazo possível, um Cancioneiro Popular, genuinamente cearense*²⁸².

O aspecto regional prescrito neste artigo do seu programa, que configurou nas linhas editoriais de “O Pão” comporta pretenciosa ação discursiva. Já nos últimos números de sua edição (do Nº 33 ao 36), a publicação do cancioneiro popular cearense organizado pela Padaria expressou claros anseios institucionais para a nação brasileira, sobretudo, tomando como elemento legitimador as vias etnográficas que alimentaram desejos em outras sociedades literárias cearenses do período.

Iniciamos hoje a publicação do Cancioneiro Popular que pretendemos editar oportunamente em volume, recolhendo para esse fim todas as trovas que nos pareçam originárias do Ceará.

(... ...)

*Temos certeza de que prestaremos um bom auxílio ao Cancioneiro Nacional, proporcionando-lhe elementos perfeitamente inéditos e muito característicos da ethnographia cearense*²⁸³.

Ainda que não viesse a expressar nitidamente interesses pragmáticos e facciosos como os estampados nas revistas da Academia Cearense e do Centro Literário, fato é que na máquina discursiva de “O Pão” o cancioneiro popular viria contribuir com elementos “inéditos e característicos” para a composição de um povo e de sua cultura. Ou seja, vislumbrou-se os aspectos etnográficos constituintes de um tipo distinto em meio uma pluralidade nacional. Neste sentido, torna-se suspeita a iniciativa das inúmeras correspondências emitidas por Antônio Sales, o idealizador e divulgador do grupo, às diversas personalidades da cultura letrada nacional, seja em seus respectivos estados ou na

²⁸² Idem. P. 45.

²⁸³ *O Pão*. Anno III; Nº 33 – Fortaleza; 15/ 09/ 1896. P. 08.

própria Capital Federal. Ciente de que à literatura caberia naquele momento a regeneração das instituições nacionais, Antônio Sales, em nome da Padaria, divulgara um tipo nacional específico, diferente do sujeito inovador da Mocidade Cearense, à nova ordem através das vias editoriais do periódico que fora profusamente distribuído pelas principais cidades do Brasil.

Os traços do sujeito nacional idealizado pela Padaria Espiritual, refletiu os aspectos mais próximos da realidade social dos seus integrantes. Era portanto do seu cotidiano a âncora em que os padeiros beberam a inspiração para as suas práticas letradas, na ação da sua máquina discursiva. Propor identidade à nação segundo os aspectos da vida comum dos tipos que compunham o seu território social, caracterizou a versão do sujeito inovador da Padaria. A coluna poética de Xavier de Castro, por exemplo, intitulada “Chromos”, que compôs o livro póstumo do seu respectivo autor, traduziu na sua vastidão de versos os campos de experimentação da vida popular do povo cearense²⁸⁴. Em “O Pão” caracterizou-se uma poética dos aspectos experimentados no cotidiano como sendo uma leitura da vida nacional, a partir dos traços inerentes do povo cearense, próximos da origem social dos padeiros. Tudo isso acabando por distanciar-se da vida opulenta, ávida pelo consumo, e das cerimônias oficiais implementadas pela República em represália às manifestações populares²⁸⁵.

Evocar o passado n'um dia como este é reviver os melhores tempos da nossa vida, quando ainda não tínhamos noção alguma das cousas e levamos a existência a rir ou a choramingar por frioleiras, n'uma indiferença absoluta a tudo e a todos, pedindo a Deus alfenins e calungas e a moer a paciência do papae.

E o bumba meu boi? E os congos? E os fandangos? E todas essas festas tradicionais que o povo se incumbia de criar para o gaudío dos rapazes alegres?

²⁸⁴ Dos números 07 ao 15 de “O Pão”, estão registrados os versos de Augusto Xavier de Castro – da segunda fase da padaria – que retrataram o cotidiano popular cearense. Estes versos haverão de ser analisados no tópico 01 do capítulo III desta tese (“Tipos Sociais... Modelos Institucionais”).

²⁸⁵ CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. - São Paulo: Cia das Letras; 1996. P. 26 a 32.

*... Tudo vae desaparecendo com o patriotismo nacional. O Natal, como o S. João e como todas as festas de caráter popular – vai degenerando em festa aristocrática*²⁸⁶.

Dos aspectos institucionais presentes em “O Pão” que aludem à cultura popular como sendo os traços da nação, podem ser levados em conta apontamentos semelhantes à leitura do romantismo nacionalista de Herder, possível matriz legitimadora do discurso nas práticas letradas da Padaria²⁸⁷. Entendido como a materialização experimentada dos valores, dos desejos maiores da cultura dos sujeitos de um território social, o povo haveria de ser entendido como elemento definidor do caráter nacional. Entretanto, conforme foi observado, para os padeiros o tipo nacional estava sendo pensado segundo uma leitura regional, de acordo com o protótipo do povo cearense e seus traços culturais. Em alguns momentos, os elementos narrativos presentes nos textos de alguns padeiros tomavam uma conotação distinta apreçoada de posturas conservadoras em relação à cultura material e simbólica que deveria ser preservada naquele campo de experimentação.

Não ha peor desgraça para uma pequena cidade do interior do que chegar-lhe o caminho de ferro às portas.

Há cousa mais agradável do que viver alli uns dias de uma quasi primitiva, em que a ausência de amofinações e dislates da senhora civilização põe um sabor especial e delicioso até mesmo no que há de rude e grosseiro?

Vão-se a poesia e singeleza dos costumes, e começa o monstro de fogo a trazer da capital diariamente o espírito da imitação, (um espírito mais nocivo que a cana) que faz com que as pequenas cidades vivam a macaquear continuamente as grandes, da maneira mais burlesca e aleijona.

Não tardam vir chegando as cartolas e os pianos; besuntam-se as matutas com o pó de arroz e os matutos com litteratura, e apparecem pelas paredes a torre Einffel e o homem do bacalháo; o barbeiro adorna a sala com inevitáveis odaliscas de physionomia inglesa ou hespanhola. Os trombones da localidade põem-se a estudar mezes inteiros a mais sediça das polkas em voga na capital; instala-se um

²⁸⁶ GUANABARINO, Félix. (Adolpho Caminha) “Sabbatina”. *O Pão*. AnnoI; Nº 05; Fortaleza, 24/ 12/ 1892. P. 03.

²⁸⁷ Herder – filósofo alemão do final do século XVIII – influenciou, a nível das idéias e dos apontamentos institucionais, o processo de formação dos novos Estados-Nações europeus. Conforme nos esclarece Lúcia Lippi Oliveira, “A criação da consciência nacional depende, em Herder, do homem do povo, que por suas qualidades excepcionais representa, sente a nacionalidade, o ‘Volk’ – povo - , a força criativa da cultura”. OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. Op. Cit. P. 40.

club dansante, e um Palhabote em miniatura começa a esvasiar cerveja nas tripas da população.

Lá vão chegando as dyspepsias e o histerismo, e allí está uma cidade civilisada e uma sociedade burgueza em toda a hediondez da expressão.

De tudo isso porém nada é tão desopilante, tão supinamente cômico ou, melhor, tão tristemente ridículo como o porte, os adamanes, a linguagem de certos habitantes dessas cidadezinhas em presença da gente da capital²⁸⁸.

Aqui, o conservadorismo de José Carlos Jr., o “Bruno Jaci” da Padaria²⁸⁹, está no sentido de preservar determinados traços culturais, resistindo à idéia de progresso urbano, em nome dos valores da vida rural. Pois, enquanto as elites da capital viam a importação dos hábitos e da esfera axiológica das metrópoles européias como padrões de civilização, os modos de vida naturais do campo estariam destinados a se pulverizarem com o avanço devastador dos valores “universais”. A produção simbólica e material do povo estaria ameaçada com o avanço das novidades técnicas, pelos valores e hábitos burgueses, profusamente difundidos com a República e a febre de consumo que caracterizou o arrivismo na virada de século. Este aspecto que caracterizou a preservação dos costumes e dos valores do sertão deveu-se, em boa medida, à experiência de vida da maioria dos padeiros, as intensidades puras ou as relações de afeto e desejo que eles estabeleceram com os seus lugares de origem, a comporem as narrativas discursivas nos textos literários de “O Pão”.

A considerar que havia posturas distintas na Padaria Espiritual, bastante curioso é que enquanto José Carlos Jr. acreditou na preservação dos traços populares, alguns de seus confrades reverenciavam o processo civilizador ao espaço urbano da capital cearense, conforme estampou-se no artigo de número trinta do seu programa²⁹⁰. Nas páginas de “O Pão”, pode-se perceber que entre outros padeiros a reverência às “boas

²⁸⁸ Bruno Jaci. “Carta à Padaria”. *O Pão*. Anno: II. Nº 11. Fortaleza, 01/03/1895. P. 04.

²⁸⁹ Conforme estampa no artigo de número seis do seu respectivo programa de instalação (“*Art. 06 – Todos os padeiros terão um nome de guerra único, pelo qual serão tratados e do qual poderão usar no exercício de suas árduas e humanitárias funções*”), cada padeiro possuía um pseudônimo tipicamente popular: Antônio Sales, “Moacir Jurema”; Lopes Filho, “Anatolio Gerval”; Henrique Jorge, “Sarasate Mirim”; Gastão de Castro, “Inácio Mongubeira”; Tibúrcio de Freitas, “Lúcio Jaguar”; José Carvalho, “Cariri Braúna”; Xavier de Castro, “Bento Pesqueiro”; Eduardo Sabóia, “Brás Tubiba”, etc. MOTA. Op. Cit. P. 36 e 38.

²⁹⁰ “*Art. 30 – A Avenida Caio Prado (‘point’ de encontro da sociedade fortalezense, onde a burguesia local desfilava exibindo as novidades da Europa) é considerada a mais útil e a mais civilizadora das instituições que felizmente nos regem, e, por isso, ficará sobre patrocínio da Padaria*”. APUD MOTA. Op. Cit. P. 43.

novas” da civilização eram aludidas como forma de contribuir para o progresso e bem-estar social.

A Rampa, a legendária Rampa, de londrina e obscena memória, está sendo calçada e illuminada.

A Rampa era a Rocha Tarpéa da prostituição ao pé da Avenida (Caio Prado) que é o Capitólio da honestidade.

Em cima, a Avenida alagada de luz e sonoridade de música, deixava-se calcar pelos pésinhos ágeis das virgens cearenses, que iam e vinham numa garrulice de aves novas; embaixo o vício sórdido florescendo na lama illusória da treva....

Mas a Civilização vai accender ali os olhos dos combustores e... era uma vez a Rampa.

A Sr^a Câmara Municipal queira receber os nossos cumprimentos
291

*

Recebemos um elegante folheto tractando das Colonias Industiaes destinadas à disciplina, correção e educação dos vagabundos regenerados pela hospitalidade e pelo trabalho.

Ora, ahi está um livrinho que devia ser espalhado nesta terra (...).

*Recommendamos aos nossos leitores este excelente folheto*²⁹².

Enfim, seja no exercício das letras (conforme a crítica de Adolfo Caminha) opondo-se ao avanço dos valores burgueses, o desejo pelo aformoseamento urbano ou a disciplina dos “degenerados”, diversos níveis de experimentação material e simbólica como cosmopolitismo e o conservadorismo de índole rousseauiana, compuseram campos de enunciações nas linhas editoriais de “O Pão”. Por sua vez, estes aspectos discursivos mostram que foram presentes distintas posturas na Padaria Espiritual, a estruturar um mesmo campo desejanste os laivos do conservadorismo romântico e os anseios civilizatórios emergentes da ordem burguesa. Melhor: conforme foi evidenciado anteriormente, o periódico da referida agremiação foi na verdade um campo de tensão, não preocupado com organicidade político-intelectual como no caso da produção da Mocidade Cearense. Os padeiros ao discorrerem sobre os seus campos de experimentação trouxeram ao público o conflito existente entre a cidade e o sertão, e os dois lados de cada moeda; a promiscuidade da cultura burguesa e a necessidade de uma racionalização urbana, bem como as “virtudes”, valores tradicionais de uma sociedade rural como sertão ibérico brasileiro, ameaçadas com

²⁹¹ Moacir Jurema. “A Rampa”. *O Pão*. Nº 01; Anno: I. Fortaleza: 10/07/1892. P. 05.

²⁹² Satyro Alegrete. “Livial”. *O Pão*. Nº 02; Anno: I. Fortaleza: 17/ 07/ 1892. P. 04.

o avanço da ordem capitalista, o que não impediu que a maioria dos padeiros emigrassem do interior para a cidade. Na verdade, ainda que mantendo as especificidades de cada território social, essas tensões fizeram parte de um mesmo movimento da sociedade ocidental, em que o crescimento urbano fez com que os sujeitos letrados buscassem melhores condições de vida nas cidades²⁹³, onde aqueles narraram em suas práticas letradas as inquietações experimentadas com o avanço da ordem capitalista.

Assim, percebe-se que os padeiros condensaram traços de sertanismo e cosmopolitismo nas práticas discursivas presentes no seu periódico, que vieram configurar um distinto regionalismo literário, a referendar os aspectos da sua realidade social como a possibilidade de um modelo institucional, conforme constatou-se nas expectativas nacionalistas expressas em outros artigos. O que em um primeiro momento poderia ser entendido como sendo um impasse literário e ideológico entre as distintas posturas intelectuais contidas em “O Pão”, pode ser compreendido no campo estético como traços da obra de arte que, segundo o maior crítico da modernidade²⁹⁴, comportam temporalidades discrepantes, entre os novos valores de uma época e os aspectos tradicionais de uma determinada cultura. Esta fusão de elementos distintos pode ser interpretada como a junção dos diferentes e modos de vida e sua produção material e simbólica que compunham naquele momento temporalidades experimentadas nos territórios sociais brasileiros; ou ainda compondo um rizoma²⁹⁵, a reconhecer os múltiplos níveis de experimentação existentes na sociedade em suas linguagens e experiências coletivas, diante dos modelos oficiais, científicos e doutrinadores profusos nas práticas políticas ou nas narrativas literárias do período comprometidos com o poder.

Portanto, a Padaria Espiritual erigiu um modelo nacional, baseado na criação literária e artística, que identificou nas manifestações populares a configuração da imagem brasileira. Esse parâmetro literário, de referências guardadas na realidade social a qual estavam inseridos, foi elaborado pelos padeiros que propuseram os aspectos institucionais

²⁹³ DARNTON, Robert. *Boemia Literária & Revolução. O Submundo das Letras no Antigo Regime*. – São Paulo: Cia das Letras; 1987 e WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade na História e na Literatura*. – São Paulo: Cia das Letras; 1989.

²⁹⁴ “A Modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da Arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável”. BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade*. São Paulo: Paz & Terra; 1996 (Coleção Leitura).

²⁹⁵ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Op. Cit.

da nova ordem, segundo uma leitura dos modos de vida popular. Logo, a sua origem social contribuiu para a ação intelectual da máquina discursiva de “O Pão” diante das emergências nacionais, o que deveras repercutiu na sua produção periódica literária a crítica ao cotidiano da sua esfera de atuação, a cidade de Fortaleza. E ainda que distintas posturas estivessem presentes no seio daquela agremiação, a possibilidade empreendedora de um modelo institucional condizente à sua realidade social foi o que determinou o caráter identitário das diversas posturas intelectuais presentes no mesmo grupo.

Como pode ser percebido neste capítulo, a ação missionária para construir uma referência de Estado e Nação para o Brasil foi incorporada pelas práticas letradas das três principais sociedades literárias cearenses na década de 1890. Diante das emergências institucionais, um tipo nacional modelar à imagem da sociedade cearense, em que se leu a construção de um sujeito inovador a partir da interpretação dos acontecimentos daquela realidade sócio-política, destacou-se nas práticas discursivas da produção periódica dessas agremiações literárias. Na Academia Cearense, a resistência à seca de 1877 bem como a abolição dos cativos em 1884 teriam evidenciado o Ceará da comunhão brasileira pela força das leis naturais e morais que supostamente atuaram no seu desenvolvimento positivo. No Centro Literário, a obra “Iracema”, de José de Alencar, comportaria os traços morais de um caráter que condicionaria a regeneração das instituições nacionais. Na Padaria Espiritual, os aspectos da vida popular haveriam de moldar as formas viáveis para a composição do tipo nacional, ainda que referendada de forma exclusiva no cotidiano do povo cearense.

Em maior ou menor escala, os anseios políticos do Clube Literário tiveram repercussão nas práticas letradas e posturas intelectuais das agremiações literárias e científicas durante a década de 1890. O modelo institucional segundo o perfil de um sujeito inovador, protótipo nacional, à imagem do povo cearense, prescrito nas páginas da revista “A Quinzena”, foi transmitido às leituras feitas pela Academia Cearense, Centro Literário e Padaria Espiritual. Sejam as suas posturas intelectuais e máquinas discursivas referendadas no conhecimento das leis naturais e sociológicas, seja no doutrinamento moral do Brasil via Literatura, seja identificando os tipos sociais para implementar as instituições nacionais. Logo, às considerações feitas no início deste capítulo, quanto à produção historiográfica literária nacional sobre os movimentos letrados ou intelectuais cearenses, sobretudo no que tange às

considerações de Tristão de Athaíde, cabe dizer que a sua complexidade é superior ao que foi estipulado somente às três décadas, ou movimentos intelectuais do Ceará.

Influenciadas pelos princípios retóricos das idéias do pensamento europeu, justificando seu discurso nas leituras científicas e evolucionistas, confeccionando narrativas segundo as intensidades experimentadas nas relações sociais e cotidianas dos seus integrantes, as agremiações literárias cearenses da década de 1890 estiveram comprometidas com os anseios de regeneração social, moral, política e institucional, durante os primórdios do golpe republicano. Mesmo considerando a sua realidade social, tão malograda alhures quanto no restante do país, e a sua trajetória política como referências para os rumos institucionais da nação, ao elegerem a literatura e o conhecimento das leis científicas como instituições empreendedoras da regeneração nacional, esses espaços letrados tomaram em suas práticas discursivas posturas distintas daqueles setores que acabaram por estruturar o modelo de Estado e de Nação da República no Brasil. Na verdade, esses sujeitos fizeram uso do instrumental letrado como mecanismo a legitimar uma linguagem, um campo de experimentação desejante comprometido com a ordem burguesa, ao qual viesse favorecer uma relação de poder em que o saber viria agir como instrumento político na vida moderna.

À “Ordem e Progresso” que representa o poder dos tradicionais chefes políticos, senhores de terras, barões do café, conselheiros, enfim, dos beneficiados com o “federalismo centralizado”, as respectivas legendas da Academia Cearense (“Forti niili difficile”²⁹⁶), Centro Literário (“Só a Arte Imortaliza”) e Padaria Espiritual (“Amor e Trabalho”), opuseram-se ou aproximaram-se, com seus avanços e retrocessos, da política das oligarquias. Quando em 1898 deixou de existir a Padaria e em 1904 viu-se também o fim do Centro, percebe-se que, passo a passo, formada a opinião nos sujeitos sobre a adoção da República como regime vigente e legítimo, encerrou-se as atividades das máquinas discursivas das respectivas sociedades literárias e gerações de intelectuais no Ceará, ressonante desde 1873. A leitura do sujeito inovador que foi elaborada por estes espaços letrados ao longo das transformações sociais, políticas e institucionais naquele período, foi satisfatória aos desejos daqueles sujeitos sociais quando deu-se o avanço da ordem capitalista naquela realidade, que se afirmou com a legitimação dos grupos

²⁹⁶ “Ao Forte nada é difícil”.

tradicionais na estrutura de poder; seja com os favores e benefícios conquistados por aqueles que resolveram compactuar com a situação²⁹⁷, ou, em boa medida, com o desencanto que fez vários dos outros homens de letras exilarem-se tanto na Capital Federal quanto no norte do país..

No capítulo a seguir, será feita a análise dos três tipos de narrativas que compuseram as linhas editoriais de “O Pão”. Diante dos modelos instituídos ao longo das transformações políticas e sociais daquele período com a organização da República, a produção periódica da Padaria Espiritual caracterizou-se por três aspectos discursivos que marcaram a mesma máquina literária do seu periódico: uma ação letrada que primasse ao mesmo tempo por apontar os traços do cotidiano popular como aspectos fundantes da nacionalidade brasileira; a campanha publicitária por fazer as idéias do seu periódico ressonantes no circuito literário nacional; e, por fim, a produção de linhas de fuga e de desterritorialização, ou a estratégia narrativa para não submeter o seu campo de experimentação aos agenciamentos maquínicos e de atualização do poder usados pelo avanço da ordem burguesa e seus processos de subjetivação.

* * *

²⁹⁷ No Brasil a ilustração legitimou a autoridade do projeto republicano à serviço das elites. Como a maioria da população era iletrada, coube aos filhos e apadrinhados pela elite senhorial conservar a força e a autoridade do Estado diante do desenvolvimento e da transformação da sociedade, da nação. “*É a empresa a que se propõe com a Política Republicana, ‘apadrinhando-se com a autoridade’ de nomes ilustres, como Comte e Littré, Spencer e Stuart Mill, Guizot e Lastarria, H. Passy e Naquet, Tocqueville e Bluntschli, Laboulaye e Pi y Margal, Teófilo Braga e Tavares Bastos, Melo Moraes e o Visconde do Uruguai, Zacarias e o Marquês de S. Vicente, Luís F. da Veiga e Xavier Pinheiro, Abreu e Lima e Américo Brasiliense (...). Antecipando-se a idéias que, no século XX, seriam retomadas por Oliveira Viana, ele (Alberto Salles) assinala, para começar, ‘o contraste admirável que se observa entre a tendência evolutiva das sociedades e o espírito de conservação do Estado: a evolução social não acompanha o Estado, e nem obedece àquela. São duas forças em constante antagonismo’*”. MARTINS. *História da Inteligência Brasileira*. Op. Cit. P. 138.

CAPÍTULO

III

Pão d'Espírito, Fornadas Políticas e Leituras Sociais

“Devemos mais uma vez
Fazer um protesto forte:
- Votar a todo o burguês
O nosso ódio de morte!”

(Sátiro Alegrette, na Ocasão do primeiro aniversário da Padaria Espiritual, maio de 1893).

Ao passear hoje pelo centro velho da cidade de Fortaleza, é curioso ver na antiga sede do governo provincial a Academia Cearense de Letras instalada, a emitir o brilho tosco e ofuscante das paredes brancas do Palácio da Luz e ecoar nos seus frios porões os fantasmas fugidios de uma cidade que jamais morreu. Os homens passam, viram pó e sombras, mas os desejos não morrem. Pelo contrário: sempre se regeneram, e tomam outras conotações, codificam-se e recodificam-se conforme vão sofrendo a ação das temporalidades, experimentando os fluxos intempestivos da história. Assim como o “eterno retorno”, o poder, após sofrer alterações das matérias desejanças, é uma realidade que homens e mulheres experimentam na vida cotidiana, ao longo da história... sempre!²⁹⁸

²⁹⁸ “A medida da força (a vontade) total é determinada, não é nada de ‘infinito’ (no sentido teológico); guardemo-nos de tais desvios do conceito! Consequentemente, o número das situações, alterações, combinações e desenvolvimentos dessa força é, decerto, descomunadamente grande e praticamente ‘imensurável’, mas, em todo caso, também determinado e não infinito. O tempo, sim, em que o todo exerce sua força, é infinito, isto é, a força é eternamente igual e eternamente ativa: - até este instante já transcorreu uma infinidade, isto é, é necessário que todos os desenvolvimentos possíveis **já tenham estado aí**. Consequentemente, o desenvolvimento deste instante tem de ser uma repetição, e também o que gerou e o que nasce dele, e assim por diante, para a frente e para trás! Tudo esteve aí inúmeras vezes, na medida em que a situação global de todas as forças sempre retorna. Se alguma vez, sem levar isso em conta, algo igual esteve aí, é inteiramente indemonstrável. Parece que a situação global (do poder) forma as **propriedades** (as linguagens) de modo novo, até nas mínimas coisas, de modo que as duas situações globais diferentes não podem ter nada de igual (... ..) Outrora se pensava que a atividade infinita no tempo requer uma força infinita, que nenhum consumo (tempo teológico). Agora pensa-se a força constantemente igual, e ela não precisa mais tornar-se **infinitamente grande** (pois o poder está diluído no cotidiano, onde são comportados

Assim como outrora, o poder afirma-se conforme o território onde brotou, a água que o regou e a mão sedenta que o semeou. Naqueles tempos, com a queda do Estado Imperial, as instituições republicanas haveriam de ser reconstruídas para atender à lógica do poder segundo uma realidade senhorial já experimentada, a adequar-se ao avanço da ordem burguesa e aliar-se aos segmentos que atendiam ao avanço do capital. No caso estudado, Fortaleza foi território político privilegiado tanto pelos tradicionais chefes políticos locais quanto pelos setores burgueses, seja em virtude da sede dos gerenciamentos públicos, seja como espaço de oportunidades e ascensão econômica e social. A intensa atividade de imprensa na cidade daquele período, por exemplo, constituiu-se em um agenciamento maquínico em que os segmentos dominantes procuraram aprimorar as formas de dominação simbólica com a cultura letrada, através da produção de desejos e da manipulação de enunciados coletivos.

A ascensão da facção oligárquica Pompeu Accioly na formação do Partido Federalista Republicano, pode também ilustrar a legitimação de 1889 no Ceará em favor dos interesses de um grupo que conciliou o velho modelo político com a emergência econômica e social dos segmentos burgueses, médicos, bacharéis, burocratas, comerciantes locais etc. Em 1898, quando Campos Sales chegou a ser presidente do Brasil, dando início à Política dos Governadores, a máquina pública cearense já estava sendo gerenciada única e exclusivamente pelos pares do governador Nogueira Accioly que, em boa medida, teve como aliados membros da então Mocidade Cearense, dentre eles João Lopes, Antônio Bezerra, Tomás Pompeu Filho, e outros que atuaram na imprensa e nos espaços letrados desde 1873. Portanto, o sujeito inovador na leitura da Mocidade Cearense configurou-se no exercício do discurso moderno como instrumento legítimo de manipulação dos enunciados coletivos. Em favor dos interesses daqueles sujeitos comprometidos com o avanço da ordem capitalista, a Mocidade empenhou-se por adequar a estrutura de poder senhorial ao modo de vida burguês, em dar uma estética moderna para o velho exercício de poder das oligarquias locais no território social de Fortaleza, conforme foi vislumbrado no tópico I. 2 deste estudo. Segundo a concepção da “cidade das letras” de Angel Rama, para o argumento principal do presente trabalho a idéia de “República das Letras” seria o espaço ou esfera onde a Mocidade Cearense pudesse exercer o

infinitos desejos). Ela é eternamente ativa, mas não pode mais criar infinitos casos, tem de se repetir... (grifos do autor)”. “O Eterno Retorno” IN: NIETZSCHE, Friederich. V. II. Os Pensadores. – São Paulo: Nova Cultural; 1991 (5ª ed.). P. 167.

domínio político no campo simbólico. Portanto, lembrai: as temporalidades cruzam-se, atualizam-se e afirmam a vontade dos sujeitos em territórios, na vida cotidiana da cidade de ontem e de hoje²⁹⁹.

No campo de tensão em que se configurou o jogo de interesses das forças sociais daquele tempo, os sócios da Padaria Espiritual não se omitiram da batalha em que as leituras intelectuais tentavam atualizar os agenciamentos do poder com o uso da máquina literária. Na segunda fase do periódico, com o ingresso de novos membros (dentre eles personalidades da “velha” Mocidade como Antônio Bezerra) e a iniciativa de Antônio Sales em fazer ressonante a agremiação perante o circuito literário nacional, pode-se entender que uma reação aos apontamentos políticos e institucionais que orientavam a formação dos novos Estado e Nação brasileiros foi levada adiante. Naquela realidade local, segmentos médios e baixos da sociedade como caixeiros, pequenos funcionários públicos, boêmios, etc, opuseram-se aos interesses dos segmentos oligárquicos locais e nacionais. Em “O Pão”, uma tensão entre várias posturas intelectuais caracterizou a diferenciação da máquina literária e discursiva do grupo em relação aos modelos homogêneos elaborados nos periódicos de outros grêmios contemporâneos.

Da mesma forma que os integrantes da Mocidade, os padeiros também faziam parte daquela “cidade das letras”. Contudo, as preocupações contidas nas narrativas do seu periódico empenharam-se por preservar as experiências do cotidiano popular da cidade, fato que mais evidenciou a Padaria em relação às demais sociedades de letras da época. Mais que isso, pois havia uma maior aproximação entre os sujeitos e o território social, entre a afirmação da vida e as transformações nas relações de poder afetando o cotidiano dos cidadãos. Na imprensa literária da época, “O Pão” desvencilhou-se do academicismo burguês, iluminista e cientificista, para ser popular e boêmio, a trazer para os leitores o campo de tensão de um espaço social que experimentava um violento processo sócio-político. Em favor da ordem capitalista sustentada sobre uma estrutura de poder tradicional, os segmentos burgueses e oligárquicos de Fortaleza empenharam-se na recodificação dos modos de vida produzidos pelos tipos populares. Em contrapartida, os padeiros tentavam preservar aqueles campos de experiência material e simbólica em suas narrativas literárias, levando a sua leitura ao público leitor da cidade e à intelectualidade contemporânea.

²⁹⁹ LEMENHE, Ma. Auxiliadora. *Família, Tradição e Poder. O(caso) dos Coronéis*. – São Paulo/ Fortaleza: Anna Blume/ EUFC; 1995.

III. 1. Tipos Populares para as Instituições Nacionais.

“O Pão” surgiu de um grupo de amigos que formaram um grêmio de “Letras e Artes”, rapazes oriundos dos setores médios e baixos da capital e do interior, funcionários da alfândega, caixeiros, escritores menores, sem filiação com as facções oligárquicas e que buscavam ascensão pública e social. O grupo reunia-se no quiosque de nome Café Java, na Praça do Ferreira, centro de Fortaleza, propriedade do popular Mané Coco³⁰⁰. Conforme foi percebido nos tópicos I. 1 e II. 3 deste estudo, alguns padeiros como Adolfo Caminha, Antônio Sales e Waldemiro Cavalcante foram para a imprensa literária de forma bem diferenciada dos sujeitos que pertenceram à Mocidade Cearense. Na primeira fase do periódico, a tiragem de “O Pão” era aos domingos, publicou-se do número 01 ao 06 e custava 60 réis. Na segunda fase sua tiragem saiu quinzenalmente durante todo o ano de 1895, em que foram publicados os números 07 ao 30, a custar 500 réis o exemplar avulso. Após sete meses sem ser publicado, voltava em agosto de 1896 em que saíram os números 31 ao 36, quinzenalmente, a custar 500 réis o exemplar. Como pode ser percebido, durante toda a sua existência, o órgão não dispôs das mesmas facilidades de editoração e publicação que os periódicos da Mocidade usufruíram. Da mesma forma, o grupo tão pouco experimentou a mesma harmonia entre as leituras e posturas dos seus integrantes, o que pode justificar, em certa medida, sua conturbada periodização³⁰¹.

Cientes da batalha que haveria de encampar no circuito intelectual, sobretudo, reconhecendo o poder da imprensa cabido à propaganda, publicidade e difusão das idéias³⁰², a

³⁰⁰ Raimundo Girão fez a seguinte nota sobre o extinto quiosque: “Foi o Java o primeiro (café) a funcionar, ocupando o ângulo nordeste da Praça, a olhar para o prédio da Intendência e para o do Quartel da Guarda Cívica. O seu dono era o Manuel Coco, quiça, àqueles tempos o tipo mais singular de Fortaleza, alvo de imensa popularidade (...) Gorguducho, rosto bexigoso e imberbe, gostava de trajar-se bem, mas sem nunca usar gravata, exibindo a lapela, espalhafatosamente, um indefectível girassol, ou uma rosa palmeirão”. *Geografia Estética de Fortaleza*. Op. Cit. P. 127.

³⁰¹ Ao contrário de outros periódicos como o “Fraternidade”, financiado pelos maçons, em que escreveram os membros da Academia Francesa, ou de “A Quinzena”, do Clube Literário, em que fizeram parte personalidades da campanha abolicionista de Fortaleza, desde os seus primeiros números “O Pão” passou tanto por dificuldades financeiras quanto problemas em relação ao convívio de seus integrantes, refletindo diretamente sobre a sua edição e periodização. Entre os anos de 1893 e 1894, por exemplo, o periódico não circulou, se não por carência de maiores recursos para a sua publicação, deveu-se, em boa medida, pelo desligamento de fundadores como Adolfo Caminha, Temístocles Machado e Álvaro Martins.

³⁰² “Não devemos fugir o corpo á responsabilidade deste luminoso qualificativo. Precisamos proceder de tal forma que por ahí se pense que vivemos dentro da letra do axioma positivista, vivendo absolutamente ás

Padaria Espiritual empenhou-se por apresentar ao público sua leitura da realidade social brasileira a partir do campo de experimentação onde estavam inseridos seus sócios. Os fluxos, matérias desejantes e intensidades experimentadas ao longo das trajetórias de vida dos seus membros, seja oriundos dos sertões cearenses ou dos subúrbios da capital, interferiram na confecção das narrativas literárias e discursivas de “O Pão” que se posicionavam politicamente no campo das idéias da época. Diferentemente do que fora protestado pelas agremiações literárias da velha Mocidade, no que se refere ao combate às estruturas de “atraso”, em alusão às convenções modernas, a Padaria satirizou os valores da nova ordem por estes não corresponderem às expectativas da vontade maior, coletiva e popular, dos sujeitos remanescentes dos indígenas, caboclos, retirantes, negros emancipados e pobres.

O deboche aos valores e hábitos dos grupos de ascensão sócio-econômica em Fortaleza, que se esforçavam para incorporar os ditames da hegemonia burguesa, foi presente em todas as publicações de “O Pão”. Sobretudo na primeira fase, quando a Padaria alimentou mais intensamente total ojeriza aos seus principais inimigos³⁰³, como pode ser vislumbrado na coluna “Celebidades Contemporâneas”, os cavalos de corrida do Prado, espaço de entretenimento das elites da capital³⁰⁴, tomaram destaque em paródia ao que seria na época uma coluna social. Esta pilhéria do personalismo, um traço da cultura brasileira, pode também ser entendida como uma decodificação ao poder personalista (bem característico de uma esfera axiológica tradicional) que procurava se adequar ao avanço da ordem capitalista naquele espaço.

claras. E não há como a Imprensa para levar a luz a todos os reconditos. Cada jornal fará o efeito, si me permittem a phrase, de um holophote moral a jorrar myriades de raios sobre a alma da população. Será um deslumbramento com todas as suas consequencias. Si parecermos povo de vista curta, surgirá logo a explicação – é do excesso de luz, excesso que nos obrigará tambem a andar de feições contrahidas sem que aliás sofframos de callos ou achemos a vida menos suave. A consciencia publica terá a claridade crua do pino do dia, e todas as acções se patentearão como uma nitidez inilludível. Pela parte que nos toca, cá estamos de archote em punho para as luminarias. Podem dizer os maldizentes que O Pão não é tal um archote, mas uma pobre vela de carnauba: não importa, cumprimos o nosso dever concorrendo para que isto fulgure, flammeje, arda, fulja e resplenda e nós nos revolvamos nesse diluvio de luz como as salamandras luciphagas. E quando um dia o povo cearense desfillar ante o olhar do historiador, este terá a impressão de quem contempla uma resplendente marche aux flambeaux. Haja luz, portanto, e... chova arroz!” JUREMA, Moacyr. (Antônio Salles). “Os Quinze Dias” IN: **O Pão**. Anno: II; Nº: 20. – Fortaleza: 15/ 06/ 1895. P. 01.

³⁰³ “Art. 26 - São considerados, desde já, inimigos naturais dos Padeiros: o Clero, os alfaiates e a polícia. Nenhum Padeiro deve perder ocasião para patentear o seu desagrado a essa gente”. APUD MOTA. **A Padaria Espiritual**. Op. Cit. P. 44.

³⁰⁴ “Pessoas da alta sociedade participam das corridas, quais árbitros de partida ou de chegada, como para as disputas anunciadas para o 1º de fevereiro de 1895 pelo jornal A República, em que se viam os nomes de Alfredo Salgado, Oswaldo Studart, Dr. Tomás Pompeu de Souza Brasil, Carlos Studart, etc, figurando igualmente por juízes de arquibancada o senador Antônio Pinto Nogueira Accioly, o Cel Guilherme César da Rocha, etc.”. CAMPOS. **Capítulos de História de Fortaleza**. Op. Cit. P. 58 e 59.

Fumaça – Branquinho como a fumaça de um bom charuto, esbelto e elegante como uma... vespa.

É uma reputação feita. Póde deitar-se na cama porque já criou fama bastante para immortalisar-se. Consta que o Artur já falou com o Mané Coco para executar em marmore o busto do Fumaça, afim de collocal-o sobre a prateleira da pharmacia.

Pachá – Estampa soberba, pello de velludo branco, carrera imponenti, - o Pachá poderia ser vantajosamente montado por Alexandre, Napoleão ou Osorio. Durante muito tempo andou com a vocação torcida, puchando pachorrentamente o cabriolet do Alfredo. Felizmente o Prado veio por em relevo o seu talento, fazendo-o entrar na verdadeira carreira, que é – correr. Conquanto já não seja muito creança, tem ainda diante de si um futuro brilhantissimo e há de com certeza passar... ás estribarias da posteridade³⁰⁵.

O que jocosamente fora estampado na citação acima, pode parecer ingênuo e engraçado. Contudo, a reconhecer que na Fortaleza deste período a atividade de imprensa, seja ela partidária ou literária, estava inserida no embate político corrente, em uma intensa relação de poder, é de notar que os padeiros metaforizaram os cavalos do Prado para levar sua crítica de forma mais diletante ao leitor, já acostumado com a tosca linguagem das intrigas partidárias ou do academicismo “proselitista e prosaico” dos bacharéis, tanto nos jornais partidários quanto nos periódicos científicos. Como pode ser identificado neste outro artigo de “O Pão”, o ataque ao tipo emergente que brotava da sociedade brasileira com o avanço da ordem capitalista, a impor novos hábitos, condutas e novas formas de sociabilidade, ilustrava de forma mais carbonária a leitura social que os padeiros tinham do Prado.

Succedem-se os dias, passam as semanas, findam os mezes, e a vida, a triste vida humana figura-se-nos cada vez mais monotona e misteriosa, com as suas miserias eternas e o eterno desespero daquelles que, por uma lei absurda e estúpida, são obrigados a trabalhar, como uma besta, de sol a sol, de manhã á noite, incessantemente, sem descanso, para o fim de não morrer p’ahi, de fome, como cães sem dono, n’um desespero absoluto, aos pontapés da burguesia rica.

Por isto é que eu digo, submisso e resignado, com uma lagryma a tremelusir indecisa no canto do olho esquerdo. – Felizes os que têm bastante dinheiro para jogar no Prado, e que dispõe de

³⁰⁵ “Celebidades Contemporaneas”. *O Pão*. Anno: I; Nº: 02. – Fortaleza: 30/ 10/ 1892. P. 04.

magníficos pulmões para gritar, como uns possessos, no auge de um entusiasmo todo hypico – Meroveu na ponta! (...)
Nada mais triste do que uma pessoa ser doida por cavallos e ver-se constrangida, por força das circunstâncias nikelinas, a não pôr os pésinhos no Prado e a deixar-se ficar em casa burguezamente, estupidamente ruminando planos inexequivéis, a construir castellos no ar, com um tedio sem nome a espiar-lhe todas as fibras de organismo, enquanto os outros, os felizes, lá vão áquellas horas, radiantes de contentamento, com os bolsos recheados, gosar as tepidas emoções de um dia de sol no Prado³⁰⁶.

A burguesia ou os setores emergentes da capital foram sem dúvida o grupo social mais perseguido pela pilhéria e o sarcasmo da Padaria³⁰⁷. A crítica à sociedade burguesa, estampada na coluna “Sabbatina” por Adolfo Caminha, direcionou-se em dois momentos: a lógica do trabalho imposta pela ordem capitalista e os modos de vida surgidos com o tipo social burguês. Conforme a narrativa do autor, a temporalidade da existência passava a ser marcada pela idéia do trabalho que condicionava a vida do sujeito à lei “monótona e misteriosa” do capital. “Estúpida e absurda”, essa lógica inusitada que se afirmava cada vez mais no século XIX, ainda ancorado nas temporalidades da tradição, introjetava-se na sociedade ocidental como “lei” que fazia o operário trabalhar para suprir suas necessidades básicas e sustentar os luxos do burguês. Concomitante, a lógica do capital trazia a valoração monetária voltada ao cultivo de novos hábitos e espaços, como jogar no Prado. O tédio do lar seria um outro reflexo da vida burguesa que limitava a realização do homem àquilo que ele pudesse consumir/ adquirir materialmente. Daí o termo

³⁰⁶ GUANABARINO, Félix (CAMINHA, Adolpho). “Sabbatina”. IN: *O Pão*. Anno: I; Nº: 04. – Fortaleza: 13/ 11/ 1892. P. 03.

³⁰⁷ Em outro artigo, o mesmo cronista, o autor de “A Normalista”, teceu o seguinte comentário em relação ao tipo de sujeito dos grupos dominantes emergentes que se afirmavam no Brasil com o avanço da ordem capitalista: “*A Burguezia. Aqui têm os analystas da moderna escola, os dissecadores de viceras sociaes [os naturalistas], um titulo interessante para um livro de effeito em que se fizesse a autopsia escandalosa e implacavel d’essa porção da sociedade que tem a coragem inaudita de nos perseguir, a nós, argonautas intrepidos, revolucionarios do Bem, amigos da Verdade, que, trocamos desassombadamente todas as vaidades e todas as grandesas d’este – mundo inclusive o crachá de commendador – pela delicia incomparavel de dizermos o que muito bem sentimos, pensamos e observamos. Porque, convençam-se os que vêm, tudo – ceos e terras – pelo prisma falso do interesse pessoal e do preconceito, si a humanidade ainda soffre e geme, a culpa é d’ella, da Burguezia, esses flagello de todas as grandes virtudes, esse algóz da esthetica e do bom gosto, cujas aspirações, em summa, resumem-se n’este preceito ignobil: - encher bem a pança e ganhar dinheiro*”. CAMINHA, Adolpho. “Sabbatina”. IN: *O Pão*. – Fortaleza: 06/ 11/ 1892. P. 03.

“espiritual” para designar a postura daquele grupo em relação aos novos desejos produzidos naqueles tempos³⁰⁸.

O sujeito da sociedade que o cronista lia naquele momento, não deveria esforçar-se para atender a demanda dos desejos conforme exigia a velocidade daqueles tempos. O cearense, oriundo de uma sociedade tradicional, naturalizado em um mundo ruralista, sem preocupação imediata com a emergência de acumular e consumir, deveria preservar-se como um sujeito popular, habituado ao aluá e às prosas jocosas com os amigos. Não que Adolfo Caminha estivesse a discriminar a candura do povo e o malevolência do burguês. Mas, como ele bem ilustrou em “A Normalista”, a “maledicente sociedade” de Fortaleza tornar-se-ia mais “degradada e promíscua” com os valores que nasciam a partir da disputa pelo mérito e a competição por melhores posições sociais naquele “cortiço de vespas”. Assim como os seus mestres Flaubert, Balzac e Eça de Queirós na escola literária do Naturalismo, Caminha partia do mesmo princípio de que a sociedade caminhava para a degradação moral e física naqueles tempos do advento da urbanidade como suporte ideológico e material da ordem burguesa³⁰⁹. Levando em conta a ironia estética utilizada pelo autor, a experimentação do tédio seria o saldo do modo de vida propiciado pela sociedade de consumo que se afirmava. É válida a lembrança que, em boa medida, o tédio já era denunciado por alguns artistas do final do Oitocentismo, em algumas sociedades que já experimentavam a ressaca dos tempos modernos³¹⁰.

Quando a Padaria Espiritual comemorou o seu primeiro aniversário em 1893, no Café Java, na Praça do Ferreira, centro de Fortaleza, Sabino Batista, o Sátiro Alegrete dos padeiros, compôs uma trova que denunciou alguns dos motivos pelos quais o grupo odiava a burguesia.

*Padeiros! O calendário
Do tempo marca a final
O primeiro aniversário
Da nossa mãe esp'ritual.*

³⁰⁸ PONTE, Sebastião & SABOYA, Caterina Ma. *O Pão e a Cidade. Cotidiano e Contexto Urbano da Padaria Espiritual*. – Fortaleza: NUDOC/ UFC; 1992.

³⁰⁹ MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira. O Realismo. V. III*. – São Paulo: Cultrix; 1985. P. 61 – 71 e BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. Op. Cit. P. 193 e 194.

³¹⁰ No prefácio ao romance *À Rebours* de Joris Karl Huysmans, José Paulo Paes faz o seguinte comentário em relação ao protagonista da estória, des Esseintes, sobre o sujeito que procurava a qualquer custo fugir do tédio: “Mas se o preço da abundância é a saciedade, o preço da saciedade é o tédio. Para fugir do tédio, des Esseintes se vê forçado a refinar cada vez mais os seus prazeres”. PAES, José Paulo. “Huysmans ou a Nevrose de Novo”. Prefaciando o livro *Às Avessas*. – São Paulo: Cia das Letras; 1987. P. 10.

*Um ano de vida (é incrível!)
 Completa hoje a Padaria
 A inimiga mais terrível
 Que possui a burguesia.
 (... ...)*

*Há um ano – quase em geral –
 Exclamava a burguesia:
 - Padaria Espiritual?
 - Que quer dizer Padaria?*

*- Que grandiosa novidade!
 - Que tít'lo tolo e banal!
 - Chamar-se uma sociedade
 Padaria Espiritual!*

*Assim clamava basbaque
 A burguesia intrigada,
 Salientando o sotaque
 De sua voz arrastada.*

*E a Padaria, do alto
 Do Forno, á rua Formosa,
 Trazia em contínuo assalto
 Toda essa corja raivosa.
 (... ...)*

*Batia sem ter piedade
 A massa descomunal
 Da chata mediocridade
 Balofa, pífia, banal.
 (...)*

*O grande indiferentismo
 Dos ignaros banqueiros
 Nunca causou prejuízo
 A nenhum de nós, padeiros.
 (... ...)*

*Devemos mais uma vez
 Fazer um protesto forte:
 - Votar a todo burguês
 O nosso ódio de morte!³¹¹*

³¹¹ APUD BARREIRA, Dolor. Op. Cit. P. 147 e 148.

Neste poema que declara o ódio mortal ao tipo burguês, o autor deixa evidente a sua ojeriza em relação às transformações pelas quais a sociedade brasileira atravessava com a emergência daqueles tempos. Primeiramente, reportou-se à burguesia como àquela esfera da sociedade que cultua mais os valores materiais, do consumo, do luxo e da ostentação material, que os valores do espírito, como as letras e as artes. Em seguida, depreciou esta parcela fazendo alusão aos banqueiros, os agenciadores das especulações monetárias, que naquela época deixava grande parte da população brasileira odiosa com as políticas cambiais do encilhamento sobre os cofres da nação. Por fim, reconhece o poeta que prejuízo algum causou a burguesia ao grupo, pois este resistia no campo da arte e da literatura aos seus modos de captura da vontade, como a introjeção de hábitos, condutas, valores e desejos ligados à lógica da sociedade de mercado. Pode-se afirmar que em boa medida a Padaria Espiritual resistiu ao modo de subjetivação da cultura burguesa, assim como autores de outros territórios sociais já experimentavam este violento processo de captura da vontade empreendido nos tempos modernos³¹². O espaço físico da cidade bem como os sujeitos que nela circulavam (o território, o corpo e as subjetividades) eram afetados e transformados por enunciados daquela ordem emergente. Se dantes a literatura havia servido à ordem burguesa no sentido de expandir a matéria desejante nos indivíduos com as agitações emancipatórias, produzindo sentimentos identitários e ideários nacionais na era romântica, assim como os autores “malditos” (Baudelaire, Huysmans, Flaubert e Nerval) os padeiros apelaram no final do século para fazer da literatura e das artes não mais um agenciamento do modo burguês de subjetivação, mas sim uma máquina literária que viesse combater os anseios materiais do capitalismo. Por outro lado, estes sujeitos não deixaram de ser positivistas quando reconheciam que a eles caberia o papel de norteadores da sociedade, por deterem o instrumental letrado e a comunicação impressa.

Espaço de entretenimento dos cidadãos que passavam a atender aos encantados da emergência burguesa, afetados pelos seus agenciamentos de recodificação de enunciados, o Prado não deixou de incorporar-se ao cotidiano popular, segundo a leitura dos padeiros. Como bem pode ser visto neste poema de Álvaro Martins, autor do livro de poesias populares “Os

³¹² BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte. Gênese e Estrutura do Campo Literário*. – São Paulo: Cia das Letras; 1996. P. 79.

Pescadores da Thayba”³¹³, as imagens da narrativa poética passaram a reproduzir intensidades experimentadas, decodificando o conteúdo semântico que ao Prado era atribuído pela cultura burguesa. O mito do “Ceará-Moleque” proclamou-se como sendo a resistência popular ao avanço da nova ordem.

*O circo de cavallinho
Que o povo tanto aprecia,
É hoje que o delicia
O gosto do Zé-Povinho*

*Além dos demais artistas,
Tem o circo a Mariquinha,
Dois negros equilibristas,
A Georgina e a Cotinha.*

*E o bode, pelo que vejo,
Conforme se diz e conta,
Tem-nos dado bom cotejo
Está na ponta... da ponta!*³¹⁴

O bode, além de ser um animal eminentemente popular que se reporta aos tempos pagãos, fazia parte daquele cotidiano local. Em Fortaleza, até mesmo na década de 1930 houve um dentre os tantos que perambulavam na capital a ser considerado como distinto cidadão³¹⁵. Conforme o poema, este animal, que esteve tão presente naquela realidade popular e provinciana, transgrediu a ordem e a estética burguesas. Segundo a narrativa, o bode ganhava a corrida de cavalos, estando “na ponta da ponta”, a primeiro dos primeiros. Pela intensidade dos enunciados empregados no texto, vê-se que o popular evidenciava-se do tipo

³¹³ Álvaro Martins, um dos fundadores do Centro Literário quando desvencilhou-se dos padeiros, voltou a sua verve poética para as imagens e os tipos do cotidiano popular cearense, como pode ser percebido nos trechos do poema a seguir: “*É um caboclo repelente,/ Mal-encarado e fouveiro,/ Olhar baixo e traiçoeiro,/ Onde a perfídia se trai, // Os beijos arrebutados,/ Nariz chato e curiboca,/ Grosso cacho em maçaroca/ Sobre a larga testa cai...// De gibão e guarda-peito,/ Chapéu caído pra frente,/ Brilha o cabo reluzente/ Da faca, no cinturão!/ Tem uns modos arrogantes,/ Fala com voz arrastada,/ Trata a todos ‘camarada’,/ Com ares de proteção*”. APUD MOTA, Leonardo. Op. Cit. P. 127 e 128.

³¹⁴ ESTOURO, Polycarpo. (MARTINS, Álvaro). “Bolachinhas”. *O Pão*. Anno: I; Nº: 04. – Fortaleza: 13/ 11/ 1892. P. 02.

³¹⁵ A história do bode Yôyô pode ilustrar um forte traço de resistência popular em relação aos anseios burgueses em Fortaleza entre 1915 e 1931. Trazido para a cidade por um retirante, o bode Yôyô fora vendido para uma companhia que situava-se na antiga Praia do Peixe, atual Praia de Iracema. Passando então a transitar pelo centro de Fortaleza, este inusitado personagem passou a conquistar o carisma e o respeito dos cidadãos, sobretudo, pelas levantadas de saias das moçoilas que passeavam pela Praça do Ferreira. Quando morreu em 1931, o bode foi empalhado e atualmente encontra-se em exposição no Museu Histórico do Ceará, como sendo uma figura histórica. VER: PONTE, Sebastião Rogério. 1993. Op. Cit. P. 181.

emergente, relacionados com os cavalos que eram a atração principal do Prado, o regozijo da burguesia local.

Conforme é dado a se perceber, havia em comum entre os padeiros um sentimento popular que fazia oposição à estética da vida burguesa. Mas o que haveria de ser o popular ou a cultura do povo segundo a leitura do grupo? De onde trouxeram essa inquietação? Pelo que pode ser analisado em suas narrativas literárias, os padeiros relataram em “O Pão” as suas experiências cotidianas, antes experimentadas nos sertões, territórios de origem que não foram até então afetados pelos processos da ordem capitalista. Quando emigraram para a cidade na expectativa de angariar prestígio público, econômico e social, buscando novas oportunidades de sobrevivência através das letras, foram surpreendidos pelas relações de força e de poder que favoreceram a posse dos recursos econômicos e capitais materiais e simbólicos em benefício das oligarquias formadas pelos segmentos sociais emergentes e tradicionais. A cidade era requisitada pelos grupos dominantes, segmentos político-administrativos, militares, comerciantes e o alto clero, para ser o seu território de sobrevivência. O próprio enunciado “Fortaleza”, que se reporta à origem militar da sua história colonial, denuncia as experiências históricas e tensões sociais que corroboraram para a configuração de sua hegemonia político-administrativa³¹⁶. Para afirmar o seu poder sobre aquele espaço, estes setores utilizaram-se das formas de violência material e simbólica a impedir qualquer manifestação dos segmentos que resistissem ao avanço da nova ordem. Em “A Normalista”, boa parte da sua narrativa foi reservada para a descrição minuciosa da cartografia social desse espaço que se destinava a ser das elites tradicionais e emergentes, bem como a exclusão social sofrida por retirantes e pobres³¹⁷.

³¹⁶ GIRÃO, Raimundo. *Geografia Estética de Fortaleza*. Op. Cit. & CEARÀ, Universidade Federal/ Depto. de História e NUDOC. *Fortaleza: A Gestão de uma Cidade (Uma História Político-Administrativa)*. – Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza; 1995.

³¹⁷ Os movimentos migratórios em que levas de cearenses saíram de sua terra natal em busca de melhores oportunidades de vida na região da Amazônia ou no sudeste do país, deveram-se, em boa medida, às restrições feitas pelos chefes políticos dos sertões e os setores emergentes de Fortaleza em relação detenção dos recursos públicos em benefício próprio, conforme pode ser percebido neste trecho da narrativa do romance “A Normalista”: “(...) *A vida no Ceará não valia coisíssima alguma. O Pará, sim, aquilo é que é terra de fartura e de dinheiro. Um homem trabalhador e honesto, como o compadre, com uma pouca experiência, podia enricar da noite para o dia. Os seringais, conhecia os seringais? Eram uma mina da Califórnia. Tantos fossem quantos voltavam recheados, de mão no bolso e cabeça erguida. E o Ceará? Fome e miséria somente. Num mês morriam três mil pessoas, eram mortos a dar com o pé, morria gente até defronte do palácio do governo, uma lástima! E acrescentou que o Ceará era boa terra para os políticos e ricos, que o pobre em Fortaleza, ainda que pesasse quilogramas de honradez, era sempre o pobre, maltratado, espezinhado, ridicularizado, perseguido, enquanto que o indivíduo mais ou menos endinheirado*”

Um momento de tensão política estava colocado. Os setores dominantes daquela realidade precisavam de um argumento político-jurídico que viesse legitimar seus interesses de grupo sobre aquele espaço. Bem mais que isso: precisavam adequar os seus interesses à nova ordem, afirmar os valores que haviam sido incorporados, a imporem-se à cultura e aos valores da maior parcela da sociedade. Diante da aceitação da ordem republicana pelos setores privilegiados da comunhão brasileira, o Estado surgiu como aparelho legitimador da vontade dos grupos dominantes frente à pluralidade das vontades sociais; um instrumento de poder e coerção imposto pelas oligarquias que se adequavam aos interesses do capital. Neste artigo de “Sátiro Alegrete”, o autor do livro “Flocos” deu testemunho deste campo de tensão experimentado pela sociedade brasileira durante a consolidação da República e a tentativa de se instaurar uma cultura burguesa naquele momento em Fortaleza.

Noite de Festa

É este o termo popular, o nome commum que o povo dá a noite de Natal, a grande noite em que, segundo diz a lenda, na velha cidade de Bethlem, na Judéa, dentro de uma mangedoura, Maria, a doce mãe dos peccadores, deu á luz um menino que veio mais tarde resgatar a humanidade inteira.

(...)

Foi sobre as palhas de uma mangedoura que a doce hebréa foi fazer o berço de seu querido primogênito, onde horas depois foram cantando e tocando as suas flautas de barro todos os pastores de aquellas redondezas que avisados por um anjo iam render homenagem ao pequeno Jesus, que havia de ser mais tarde um Rabbi entre os Judeus.

Para o povo a noite de natal é a maior noite do anno.

O povo chama noite de natal noite de festa porque é no natal que o começo todas as festas populares, todas as brincadeiras que nos legaram nossos avós.

Com que saudade não me recordo eu hoje das festas populares que vão sendo substituídas pelos bailes aristocraticos!...

Antigamente, eram os fandangos, os congos, o bumba-meuboi e as legendarias pastorinhas que, por toda parte, emchiam de luz e de alegria a noite de natal; hoje são os bailes da alta sociedade; o povo já não brinca, o povo já não se diverte.

*podia contar amplamente, largamente (e abria os braços) com a simpatia geral: tinha ingresso em todos os salões, em toda parte, até no ‘santuário da família’, fosse ele, embora, um patife, um grandíssimo canalha. Usava chapéu alto e gravata branca? Tinha um título de bacharel? Não fizesse cerimônia, podia entrar onde quisesse”. CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. – São Paulo: Editora Três; 1973. P. 38.*

*Benditas sejam tu, ó noite de festa, que tantas recordações me trazes dos tempos idos, da minha meninice tão rendilhadas de sonhos e de harmonia...*³¹⁸

A tensão entre tradição popular e cultura burguesa experimentada pelos sujeitos que viveram naquele período seria o aspecto mais enfático desta narrativa. Contudo, pela forma que o texto se estruturou, percebe-se que uma tensão maior foi mais eloqüente que o choque entre valores e paradigmas. A identificação do regozijo do povo com a noite em que se comemora o nascimento de Jesus, o salvador da humanidade, possui um forte coeficiente de enunciação que denuncia o jogo de poder entre os grupos sociais daquela época. A desestabilidade das elites brasileiras durante a transição política, sobretudo com a abolição dos cativos, teria de certa forma alimentado as camadas populares com otimismo em relação aos novos tempos. Porém, como as elites dominantes já estavam manipulando enunciados em favor da sua manutenção no poder, em que o instrumental positivista legitimava a autoridade do Estado sobre a sociedade para a manutenção da ordem³¹⁹, seria mais cômodo aos interesses das elites que o povo viesse entender a transição do período como “evolução”, e não “revolução”, para não aguçar os ânimos da grande parte da sociedade.

Logo, com o processo de formação das novas instituições nacionais tomado adiante pelos grupos dominantes, a crônica de Sabino Batista ilustrou a substituição das manifestações populares por bailes da burguesia, a traduzir a preocupação das elites em afirmar o seu poder com a chegada da nova ordem política e extinguir os modos de vida dos caboclos, retirantes, negros libertos, suas experiências, hábitos e conteúdos semânticos populares. Este tipo de violência que os padeiros experimentaram ao chegar na capital cearense, a expressarem o descontentamento e desencanto em seu periódico, mostra que o território da cidade estava sendo demarcado pela relação de forças em favor da ordem republicana e do avanço capitalista em benefício dos setores dominantes, chefes políticos, bacharéis, comerciantes, militares etc. Logo, percebe-se que boa parte da historiografia cearense que privilegiou os bailes, clubes e festas das famílias tradicionais de Fortaleza no século XIX, atentou-se mais para a constituição dos espaços privados na cidade, para a

³¹⁸ ALEGRETE, Sátiro (BATISTA, Sabino). “Noite de Festa”. IN: *O Pão*. Anno: I; Nº: V. – Fortaleza: 24/12/ 1892. P. 05.

³¹⁹ MARTINS, Wilson. Op. Cit.

implementação cultural da sociedade burguesa naquele território, omitindo a violência simbólica que os segmentos dominantes utilizaram para afirmarem seus valores frente à diversidade dos modos de vida existentes na maior parte da população, como as festas (fandangos, congos, maracatus) e os hábitos dos sujeitos que não tinham preocupação com o tempo da lógica burguesa³²⁰.

Waldemiro Cavalcante, natural do interior de Granja, foi outro membro da Padaria que externou o seu desafeto a ilustrar o campo de tensão daquele período. Na crônica em que narra a visita de um amigo seu à casa de um militar durante a Noite de Festa, o padeiro denunciou o violento uso simbólico que positivistas e militares empregaram no período para afirmarem o regime que se instaurava.

Dias movimentados. Festas, Anno Novo e Reis Magos, mas sem uma nota que fique recordando o que foram esses dias, incaracterizados por essa consagração burguesa que se resume na exposição de uma vestimenta nova ou escovada, de um bôlo feito com economia de manteiga, attenta a carestia de genero (...)

Nada tradicional que desperte a admiração ou emocione. As antigas lapinhas, que em sua simples encenação d'outros tempos nos suggeriam alegrias bucolicas, effusões sadias e confortantes, enleiavam-nos, transportando-nos em espirito aos tempos primitivos da era christã, seguem caminho da decadencia, desvirtuando as belas lendas que representam, e, n'uma vestigem de modernice cahem na mais chata e ridicula força que um espirito esmulambado pode imaginar. (...)

Pobre Christo! Murmurou meu amigo ao contemplar o aspecto bellico da lapinha, tiram-te do estabulo e lançam-te a caserna.

Com effeito alli era tudo militar.

Como um preito ao militarismo, vestiram o menino Jesus de cadête, Nossa Senhora parecia uma vivandeira de S. José, humilde postado a um canto tinha o ar todo de sargento.

Os tres reis magos tinham vistosas fardas de generaes, e se não usavam barrêtes phrygios tambem coroas não traziam para que não perigassem ás instituições ante tanto rei junto.

O devoto illustre, que parecia mostrar-se sympathico ao positivismo, não esqueceu, em sua minudencia de detalhes de apresentar a bandeira nacional fluctuando sobre a cabeça dos reis do Oriente, e n'ellas escriptas as palavras symbolicas da vinda da República: Ordem e Progresso.

³²⁰ CAMPOS, Eduardo. *Capítulos de História da Fortaleza do Século XIX. O Social e o Urbano.* – Fortaleza: EUFC; 1985.

E um dos ditos reis, aquelle que ficava mais para o escuro, sustinha na mão uma bandeira com essa outra phrase cabalistica do positivismo: Viver ás claras.

E acredito que por isso, talvez, muito de proposito, collocaram o tal rei em logar escuro.

(...)

Boi, congos e fandangos acompanharam este anno a lapinha nos processos de adaptação. Estes ultimos procuraram por meio de paciente estudo de typos dar ao conjuncto da brincadeira o sainete revoltoso. Houve até quem suppuzesse ver no almirante da rua do Imperador a figura marcial do almirante da Ilha das Cobras, e mais de um espectador affirmam ter encontrado o Sr. Custodio de Mello no meio dos figurantes, disfarçado em pardo. Horrorosa rebeldia de iconoclastas persegue tanto as usanças e costumes nacionaes que bem nos parece não estar longe o dia em que os devotos de minha terra, n'uma exaltação enthusiastica tomem de assalto a matriz da Porangaba e substituam a coroa de martyrios do Bom Jesus dos Afflictos por uma cartola³²¹.

A narrativa denuncia explicitamente a implantação da República aliada à emergência da ordem capitalista que se afirmava no Brasil³²², ou, para ser mais explícito, um Estado que nascia para legitimar os interesses das elites dominantes. As festas populares relacionadas com a tradição, com os costumes do povo, frutos da sua experiência material e simbólica, descaracterizavam-se com a consagração da ordem burguesa que se afirmava junto com o novo regime. Feroz em combater as manifestações populares por lembrar o período monárquico e não estando o regime atual totalmente aceito perante os sujeitos sociais³²³, a histeria republicana recodificou o cenário tradicional da lapinha com a estética militaresca do segmento que havia proclamado a nova ordem política. Para finalizar, o cronista reconheceu a iconoclastia que os estetas republicanos poderiam ousar até mesmo modificar a coroa de Cristo por uma cartola, símbolo expoente da burguesia emergente.

Este artigo que foi escrito pelo “Ivan d’Azof” da Padaria, é elucidativo para ser percebido como as idéias e posturas políticas no Brasil são facilmente alteradas em virtude dos interesses manifestos e as atualizações do poder na sociedade. Fundador do

³²¹ D’AZOF, Ivan (CAVALCANTE, Waldemiro). “Os Quinze Dias” IN: *O Pão*. Anno: II; Nº: 08. – Fortaleza: 15/ 01/ 1895. P. 01.

³²² SEVCENKO. *Literatura como Missão*. Op. Cit.

³²³ CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados e A Formação das Almas*. Op. Cit.

extinto Centro Republicano Cearense, Waldemiro Cavalcante viu-se nesse momento insatisfeito com a causa e os ideais que outrora defendeu, junto com a geração dos Novos do Ceará, referendado nas campanhas promovidas pela Mocidade Cearense nas décadas de 1870 e 1880. No desenrolar dos fatos, os ideais republicanos daqueles tempos serviram na verdade para legitimar a velha Mocidade no poder, já que era oriunda dos segmentos tradicionais e patrocinada pelas elites urbanas em ascensão de Fortaleza. Se for para identificar alguma referência partidária da Padaria com os partidos políticos surgidos após o golpe, pode-se dizer que em relação ao Partido Operário certas simpatias foram cultivadas por alguns dos seus sócios; senão por conta da trajetória de vida de boa parte dos padeiros, deveu-se às atividades promovidas por este núcleo político³²⁴. Contudo, o que de fato ainda estava incutido na expectativa de alguns padeiros em relação à proclamação da República, era de que esse regime viria acabar com os antigos privilégios da avoenga elite senhorial, a garantir a soberania daquilo que se esperava por democracia, como pode ser exemplificado com a reação de Antônio Sales frente a campanha restauradora de Afonso Celso e Eduardo Prado na então Capital Federal³²⁵.

Portanto, em meados da década de 1890 a razão pela qual instaurou-se o golpe republicano já estava explícita. Ao longo dos quarenta anos de Segundo Reinado, o

³²⁴ “É nobre e sublime a acção do Partido Operario; emquanto o governo trata de sobrecarregar de impostos a instrucção entre nós, o partido operario, composto na sua totalidade de homens sem instrucção, de artistas rusticos, angaria donativos para uma kermesse, faz um leilão de objectos offerecidos por particulares e em favor das aulas nocturnas que o mesmo partido fundou e sustenta há mais de um anno. O operario, filho do povo tambem precisa de instrucções, portanto o partido operario que lança mão de todos os meios para semear a instrucção no seio da indigencia não pode deixar de merecer o nosso apoio. Imitem as mais sociedades que existem n’esta capital a idéa grandiosa do partido operario que terão sempre os nossos applausos”. “Carteira”. *O Pão*. Anno: I; Nº: 05. – Fortaleza: 24/ 12/ 1892. P. 08.

³²⁵ *Hão de concordar os dous illustres e distinctissimos agitadores (Afonso Celso e Eduardo Prado) que o defeito capital do regimen monarchico é o direito de heretriedade. (... ..) Não fosse isto, seria tolice fazer questão de forma de governo. Que importa que o soberano se chame rei ou presidente sendo elle um escolhido pelo povo? Gerarem os ventres reaes individuos que tenham de fatalmente governar os povos, possuam ou não intelligencia, honestidade e bom senso – é que não é compativel com o estado da humanidade de hoje. (...) Não senhores monarchistas, confessem que estão brincando. Voltar ao antigo regimen é remar contra a corrente da Democracia, que, como todas as correntes sociaes, vem de longe e para longe vae – cada vez mais larga e mais impetuosa. (... ..) E a nossa Republica. – bem mal começada, valha a verdade – guerreada e fiscalisada, entrará nos eixos, e será obrigada enveredar pelo caminho de onde a tem desviado a indisciplina e a falta de patriotismo dos seus proprios soldados. A França talvez não fosse hoje a formidavel potencia que todo o mundo respeita si os feis do Duque de Orleans não lhe movessem a guerra surda e constante em que se empenham com uma pertinencia digna de melhor emprego. (... ..) Mas por Deus não fechem os olhos ás conquistas das novas instituições, não queiram negar que o povo brasileiro já não é mais a multidão passiva e inconsciente domesticada pelas sabias e manhosas mãos do senhor D. Pedro de Alcantra. Os brasileiros são hoje um povo que briga, mas que pensa e trabalha”.* JUREMA, Moacyr. “Os Quinze Dias” IN: *O Pão*. Anno: II; Nº: 28. – Fortaleza: 15/ 11/ 1895. P. 01.

Imperador tentou conciliar os interesses da elite senhorial com os do capital internacional, bem como conter as lutas entre as facções oligárquicas regionais pela administração das províncias, e a ameaça de uma população que poderia a qualquer momento rebelar-se com o exemplo da violência promovida pelos grupos partidários. Quando o Império começou a reconhecer o “chão em que pisava” e, em certa medida, ganhando popularidade com o ato de 1888, os barões do café, instigando os militares, utilizaram-se da força e da autoridade do Exército para destituir a Monarquia do poder e aos poucos angariar a máquina do Estado em seu benefício próprio. E não deu outra. Após a queda da “República da Espada”, em que os militares haviam perdido crédito público com a série de golpes e contra-golpes, a velha elite senhorial, sobretudo paulista, colocou no poder Prudente de Moraes, o primeiro presidente civil brasileiro. Sofrendo perseguições até os últimos momentos da sua saída em 1898, quando Campos Sales chegou à presidência, legitimou-se então o golpe republicano em favor das oligarquias regionais com a “Política dos Governadores”³²⁶.

Daí por diante, recomeçava então a nova história do Estado brasileiro. Se antes, ao seu aparecimento, a soberania nacional foi confiada à união das oligarquias regionais, estas cobriam o preço por terem apoiado a criação daquela instituição maior. O Estado brasileiro, que nunca teve identidade nenhuma com a maior parte da população, passaria então a ser instrumento legítimo das elites dominantes a atender suas exigências no campo político, social e institucional. Todos os momentos de desestabilização na história política brasileira deveram-se, em boa medida, à inconstância dos interesses discrepantes das classes dominantes que ainda se divergem de região para região. Porém, em um único aspecto os segmentos dominantes brasileiros foram coerentes em sua postura política: o estilo autoritário de exercício de poder. Dessa forma, pode-se dizer que o Estado brasileiro herdou durante a República Velha os mesmos fluxos autoritários de controle da vontade e de imposição da ordem senhorial do velho Estado lusitano, o traço personalista de apropriação da máquina pública em benefício dos interesses particulares, bem como a violência que flagelava o corpo na extinta ordem escravocrata.

Esse tipo de tensão pela qual passou a sociedade brasileira não deixou de ser experimentada em forma de matéria subjetiva e muito menos não deixaria de ser inspiração para os padeiros. “O Pão” editado em 15/ 04/ 1895 trouxe os sonetos de José Carlos Júnior,

³²⁶ CARONE, Edgard. *A República Velha (Evolução Política)*. Op. Cit.

o Bruno Jacy, no que pode ser vislumbrado quanto às relações de força e a violência simbólica presentes no cotidiano nacional em relação ao quadro político que afetava os sujeitos sociais brasileiros.

I

*Depois que a Realeza fez naufragio,
A mão do Estado segue falsa rôta.
O credito se extingue, aumenta o agio,
Medonha se aproxima a bancarrota.*

*Do Equador ou Bolivia triste plagio,
O Brazil de caudilhos se abarrota:
Sophismam-se os Direitos e o suffragio.
A nova Carta mesmo já vae rôta.*

*Alça a guerra civil horrendo cóllo;
Brasilio sangue inunda o patrio sólo
É confusão a lei, farça o congresso!*

*E no meio do cháos em que vivemos,
E no abysmo onde agora nos sorvemos
Procuro embalde a Ordem e Progresso.*

II

*Tinha a bandeira imperial outr'ora
Vinte estrellas em circulo arrumadas.
A Cruz de Christo, q'inda pouco adora,
E duas verdes ramas enlaçadas.*

*Mas foi-se a monarchia em bôa hora
E em vez das duas plantas cultivadas
Um gladio vê-se no estandarte agora,
Por entre cinco pontas aguçadas.*

*As estrellas ficaram, mas dispersas,
Atôa e de grandezas mui diversas,
Com lettreiro, q'diz: "Progresso e Ordem"*

*E em contrario ao q'o motte está dizendo
Como triste ironia, vamos vendo
Estrellas a granel, tudo em desordem³²⁷*

³²⁷ JACY, Bruno. (José Carlos Júnior). "Ordem e Progresso". IN: *O Pão*. Anno: II; Nº: 14. – Fortaleza: 15/04/ 1895. P. 04.

A narrativa dos sonetos descreveu fidedignamente a imagem daquele Estado que nasceu após o golpe de 1889. O ágio provocado pelo encilhamento, os caudilhos militares que promoveram golpe após golpe na “República da Espada”, a afirmação dos chefes locais espalhando violência e terror nos estados confederados, bem como a não garantia da representatividade social e dos direitos políticos pela ausência do sufrágio, juntamente com a constituição de 1891 que não era clara para a diversidade da comunhão brasileira... tudo isso ilustrava a tensão existente entre sociedade e Estado que não se reconheciam durante aquela transição política. E mais: o congresso que servia de fachada para manter o poder central nas decisões dos cafeicultores do centro-sul, mas a preservar a autoridade das oligarquias locais. Os estados eram metaforizados pelas estrelas dispersas e à toa, os territórios regionais entregues aos interesses particulares daqueles que nas assembleias, câmaras e no congresso se diziam representantes do povo, mas que não tinham preocupação em atender a vontade da maioria da sociedade.

Combatendo esta situação com arte, sátira e humor, há quase dez anos antes, “O Pão” já utilizava semelhante linguagem da revista carioca “Fon-Fon”, que durante a década de 1900, com a caricatura do povo na figura emblemática do Zé Povinho, reagia contra a República que tornava a sociedade vítima da política, do Estado³²⁸. Em Fortaleza na década de 1890, um sujeito popular bastante conhecido pelos moradores da capital costumava a euforizar-se durante as comemorações carnavalescas de época. Conhecido por Zé Pereira, os padeiros logo o elegeram como sendo o ícone da cultura popular local, a personificação das festas típicas. No carnaval de 1892, Antônio Sales ilustraria este personagem em uma crônica de “O Pão” de 01/ 03/ 1892, em que a Padaria deu total apoio à manifestação dos foliões relacionando como sendo um ato político.

*Conspiradores e Dragões [dois grupos de carnaval], quiseram,
á porfia mostrar para quanto prestam e mostraram que prestam
para muito.*

(... ..)

*(...) o chronista teve a tentação de afivelar uma mascara e
adherir ao grupo dos foliões, dando largas ao espirito que não
tem (digam – não apoiado!) e a algum restinho de juvenil
entusiasmo que porventura inda lhe aqueça as fibras.*

*Essa tentação foi sobretudo despertada pela audição do Zé
Pereira – que é a Marselheza da Folia.*

³²⁸ SILVA, Marcos. *A Caricata República. Zé Povo e o Brasil*. – São Paulo: Marco Zero; 1990.

Sempre queríamos saber quem foi que concebeu e escreveu esta meia duzia de compassos musicaes tão suggestivos, tão eloquentes que ouvil-os é povoar logo a imaginação de braços e collos nús, de grandes narizes, de vestes exóticas, de vozes contrafeitas e emfim de todas as deliciosas e extravagantes cousas que compõem o bisarro conjuncto das festas carnavlescas – tão discordantes da monotonia e sequidão dos costumes de hoje.

(...)

*Si a Marselheza derribou a Bastilha, o Zé Pereira derriba as convenções creadas pela civilização e espanca o tedio de que ella nos cerca a existencia fazendo-nos marchar por trilhos certos e determinados (...)*³²⁹.

Zé Pereira, um típico Zé Povinho, seria a figura emblemática do povo: alegre, eufórico, sorridente, profanador do convencionalismo estético burguês, transgressor da ordem austera dos republicanos, emancipado do altruísmo positivista. A intensidade da narrativa sugere mais: um revolucionário, subversivo aos ditames da lógica capitalista, que transgride à uniformidade das convenções burguesas com a marcha carnavalesca acompanhado pela multidão ebrifestiva, equiparado na crônica à Marselhesa, mas com um sentido eminentemente popular, proclamando a liberdade de falar, expressar-se e viver. Além do ataque à ordem burguesa e aos parâmetros civilizatórios, a crônica aponta também para o popular que contesta o poder, seja ele temporal ou divino, leigo ou eclesiástico, como bem é percebido na crítica ao órgão de imprensa do Clero, instituição odiada pela Padaria, diante do preconceito que este lançou àquela manifestação popular³³⁰.

Contrapondo-se à estética e ao convencionalismo burgueses, às modas, posturas e às cartolas, a defesa dos tipos populares a comporem a verdadeira imagem da sociedade pode ser identificada nas narrativas poéticas de Xavier de Castro³³¹, em sua

³²⁹ JUREMA, Moacyr (SALLES, Antônio). “Os Quinze Dias” IN: *O Pão*. Anno: II, Nº: 11. – Fortaleza: 01/03/ 1892. P. 01.

³³⁰ “Debalde o collega d’ A Verdade [órgão do Partido Católico] profiga estes divertimentos, que têm muitos pontos de antinomia com os preceitos catholicos e cheiram soffrivelmente a enxofre. É que não basta ao povo o espetáculo tocante das procissões; elle precisa tambem do espetáculo hilariante destas romarias mais ou menos pagãs. Deixal-o, collega! Que tem?”. Idem.

³³¹ Em “O Pão”, Nº 17, de 30 de maio de 1895, todo dedicado à memória do autor da coluna “Chromos”, um breve histórico da vida de Xavier de Castro perfaz a trajetória de sua vida que, em boa medida, ilustra o tipo social que fez parte da Padaria Espiritual: “Filho legitimo de José Xavier de Castro e Silva e D. Antonia Josephina de Castro, nasceu nesta cidade a 30 de janeiro de 1858. A pobreza de seus paes, que já era um embaraço nos estudos, para os quaes manifestava notavel aptidão, veio chamal-o muito cedo, ao cuidado de prover a subsistencia, não lhe permitindo mais que um preparo elementar, apenas sufficiente para o habilitar

coluna “Chromos”, em que ele descreveu personagens, hábitos e aspectos do cotidiano popular. Dos literatos da Padaria, Xavier foi o que mais se deteve na reconstrução do cotidiano e da cultura popular cearenses na arte do versejar. No passar de sua morte, o número 17 de “O Pão” foi todo dedicado ao consórcio do grupo, o que pode ser percebida, com imenso pesar, a importância e mérito literários que possuía no seio da agremiação³³².

Dos dois sonetos transcritos abaixo, Xavier de Castro ilustrou dois momentos distintos do cotidiano popular incompatíveis com a estética emergente da cultura burguesa. Nada de desfiles pelo Passeio Público, nada de cartolas, flor na lapela, bengalas, vestidos de seda e de polcas e valsas européias. Apenas, singelamente, a passagem de uma humilde lavadeira pela casa de sua freguesa, a ser molestada por um moçoilo atrevido. E, no outro poema, um desafio entre dois homens, em forma de um tradicional repente, em uma bodega³³³ como as tantas que ainda existem na periferia da cidade.

*Iva é moça; vem da fonte
Trazendo a roupa lavada,
Abre a trouxa, alli sentada
Da cosinha bem defronte.*

*Separa de monte em monte
Camisa e saia arrendada,
Depois diz: - ahi, D. Amada,
Aqui está, sua roupa... conte.*

*Enquanto comtam-se as peças,
O preto Thomaz ás pressas,
Beijou Iva; ella diz: - bruto!!*

*- Tu deixa de atrevimento...
Moleque, tem fundamento...
Sae d'ahi, negro! – charuto!*

*-
A noite lá fora encanta!*

a uma collocação no commercio ou no funcionalismo”. “Augusto Xavier de Castro” IN: *O Pão*. Anno: II. P. 02.

³³² “Ninguem melhor do que elle comprehendia os sentimentos de nosso povo e tambem são bem poucos os que se apaixonam tanto pelas festas ruidosas em que o caboclo cearense faz vibrar nas cordas da viola todas as magoas pungentes que lhe dilaceram a alma. Sua bizarra e travessa musa tinha prazer em partilhar das alegrias do povo e muitas vezes elle escreveu versos ao som do queixoso violão, acompanhado de uma dulcissima flauta”. BEZERRA, Ulisses (Frvolino Catavento). “Á Memoria de Xavier de Castro” IN: *O Pão*. Idem P. 03.

³³³ A bodega é um estabelecimento comercial que mais parece um pequeno armazém, onde são vendidos produtos como cereais, aguardente, carnes secas, doces caseiros, utensílios de couro etc.

*A lua é clara que céga!
D'uma esquina na bodéga
Zé Soares pinta a manta!...*

*Sapateia, ri-se e canta;
Um outro a elle se péga
N'um desafio que chéga
A uma lucta que espanta!*

*Grita o homem da guitarra
Que no chão quebrada esbarra:
- Meu Amo, eu d'aqui não saio!...*

*- Porque!? Diz o bodegueiro.
- Meu pinho custou dinheiro...
Vou queixar-me ao seu Sampaio!³³⁴*

Não só personagens e situações do cotidiano popular local foram retratados nas narrativas literárias de Xavier de Castro, mas também costumes como as brincadeiras de roda e ciranda assumiram o papel de âncora inspiradora para o maior poeta popular da Padaria. A “boca de forno”, uma brincadeira típica dos sertões, estalou ressonante os fluxos e temporalidades experimentadas pelo autor durante a sua trajetória de vida.

*O luar dá na parede
Que alveja, alveja de mais!
No alpendre, em macia rede,
Canta o fadinho um rapaz.*

*Divertem, na sala, á bisca
Velhas e moças; por traz
Espreita o jogo a Francisca,
Dizendo: - Córta de az!...*

*Lá fóra, doidos, traquinas,
Os meninos e as meninas
Vão uns e outros em torno*

*D'um que, sentado n'areia,
Junta flores á mão cheia,
Gritando: - Bocca de forno!³³⁵*

³³⁴ CASTRO, Xavier de. “A Lavadeira” e “Um Desafio”. IN: *O Pão*. Anno: II; Nº: 10. – Fortaleza: 15/ 02/ 1895. P. 03.

³³⁵ CASTRO, Xavier. “Bocca de Forno” IN: *O Pão*. Anno: II; Nº: 11. – Fortaleza: 01/ 03/ 1895. P. 01.

Um dos hábitos cotidianos mais comuns que caracterizou os costumes populares daquela época, foi também discriminado nas páginas de “O Pão”. Tratou-se do sereno, uma prática bastante costumeira sobretudo naqueles sertões, em que indivíduos participavam de uma festa mesmo não sendo convidados pela família que promovia a solenidade. Ou seja, faziam sua festa do lado de fora da casa ou do salão, “no terreiro de casa”, o local do sereno. Na cidade, ao contrário do que conta alguns trabalhos historiográficos, a prática do sereno foi na verdade uma reação da cultura popular em afirmar suas práticas perante às privações das elites dominantes locais³³⁶. Bem mais que um mero “espectador espontâneo”, o povo não deixou de reproduzir os seus modos de vida, suas experiências e práticas culturais trazidas dos sertões. Assim, os bailes e festas privadas promovidos pelas famílias abastadas de Fortaleza tiveram que conviver com o aluá, com as prosas e “mungangos”³³⁷ que a ordem burguesa tanto combateu para não desestabilizar a sua estética, a *belle époque*.

O dia 15, marcado para o casamento de Esther, a filha do Coronel Salomão, era chegado, e logo pela manhã toda a gente fallava n'esse acontecimento extraordinario.

(...) Já eram duas horas, e as filhas do Valdevino estavam anciosas pelo sereno, e soffregas por saberem em que igreja se realisaria o casamento.

Ás quatro horas da tarde, depois de muito perguntarem aos traseuntes, puderam receber informações de um moço, o qual

³³⁶ Boa parte da historiografia cearense que se empenhou a estudar Fortaleza no século XIX deixou-se levar pelo campo de enunciação que os documentos de época trazem, em relação as condições da cidade como sendo um espaço harmônico, bucólico e elegante onde as famílias viviam em puro deleite. Cabe dizer que muito tem a ser dito sobre as tensões sociais neste território onde as elites locais primaram por privilegiá-lo aos seus interesses de grupo. Eduardo Campos, por exemplo, em seu feliz trabalho sobre as elites fortalezenses primou pelo detrimento da cultura popular que resistia ao avanço da estética burguesa, a *belle époque*, sugerindo ao leitor que o povo recebia as manifestações da burguesia local como mero espectador, como exemplificou na atitude do sereno: “(...) *jamais as manifestações tituladas por elegantes, ou pelo menos socialmente importantes, deixaram de atrair a atenção das classes inferiores. A tal feição é de se ver o interesse popular, principalmente no século passado, e a começo deste, acudindo à rua como platéia não convocada (ou menos grata), a participar de casamentos, bailes e outras ocorrências da sociedade, comprimida nas proximidades dos eventos, procedimento de tal modo generalizado, e marcante, que acabaria tornando muito importante a formação do sereno, (...) que quer significar a situação de uma récu de pessoas empolgada à curiosidade de ato social, ainda que mantida à distância, mas a usufruir-lhe indiretamente os momentos de seu aguardo realce. (...) não obstante refratário às cerimônias mundanas da gente de melhor status econômico, o povo sempre se colocou, no Ceará, na posição de espectador espontâneo, sem deixar de manifestar-se nessas ocasiões com espírito crítico, muita vez de mordente irreverência. Colhe-se então ao que dito fica: apesar da hostilidade em que é tida nas camadas mais baixas da comunidade a vida dos abandonados, integrantes de sociedade pretensamente burguesa, jamais escapam os atos desta atenção do público*”. CAMPOS. Op. Cit. P. 15 – 16.

³³⁷ Qualificativo do dialeto local para designar pilhéria e chacotas.

dizia que o civil já havia realizado ao meio dia, e a cerimonia religiosa era na Sé, ás nove horas da noite.

Esta nova espalhou-se pela visinhança e mais tarde por toda a parte.

(...) Logo ás 6 horas da tarde o povo surgia de todas as esquinas, a igreja começava a encher-se.

*Mulheres, homens, crianças, tudo vinha ver a cauda de quatro metros (...)*³³⁸

Desta feita, conforme foi dado a ser percebido, boa parte dos sócios da Padaria teve como preocupação a preservação dos modos de vida popular em reação ao avanço da ordem burguesa, bem como opôs-se à legitimação do Estado republicano que era manipulado para atender à demanda social em favor dos interesses das elites regionais dominantes. Para a maioria dos padeiros, as alteridades sociais deveriam ser mantidas a expressarem a legítima face daquilo que se queria fazer entender por Nação. Contudo, como bem apontou José Murilo de Carvalho ao reportar-se à definição política de povo em Silva Jardim, para os padeiros tinha-se a mesma “visão (...) como entidade homogênea, falando com uma só voz”³³⁹. O que diferenciava ambas leituras era que aqueles intelectuais cearenses davam uma ênfase maior aos aspectos culturais trazidos dos sertões, suas referências simbólicas experimentadas no território urbano de Fortaleza, como crítica aos processos sócio-políticos daquela ordem que conigurava-se com a implantação da República. Quanto ao Estado, preocupações pedagogicamente spencerianas levadas a diante pelo grupo, ainda que em aspectos formais como, por exemplo, relativos à educação da sociedade, à instrução³⁴⁰ e ao acesso do público à leitura, deveriam ser garantidas pelo órgão gerenciador dos recursos públicos que, assim como nos dias hodiernos, tem as suas

³³⁸ “E a igreja a encher-se... O relógio da Sé anunciava 8, 9, 10 horas, e o casamento da Esther nada. – Isto não pode ser, gritava o sachristão; saia meu povo, que eu quero fechar a igreja. – Que fechar igreja, responderam as filhas do Valdevino, e o casamento da filha do Coronel Salomão?... – Qual casamento, qual nada! respondeu o sachristão, já se realizou hoje na missa das dez horas. As filhas do Valdevino gritaram, espumaram, fallaram, ficaram verdes, amarellas, de todas as cores e sahiram da igreja a chamar toda a gente sem educação, canalha, povo sem brio, etc. E os serenistas não lograram em ver os noivos que... já dormiam pacificamente”. NAVARRA, Gil (André Nava). “O Sereno” IN: *O Pão*. Anno: II; Nº: 12. – Fortaleza: 15/ 03/ 1895. P. 06.

³³⁹ CARVALHO. Op. Cit. P. 47.

³⁴⁰ Conforme prescreveu-se no artigo 33 do seu “Programma de Instalação”, “Nomear-se-ão comissões para apresentarem relatórios sobre os estabelecimentos de instrução pública e particular da Capital, relatórios que serão publicados”, a instrução dos cidadãos foi uma das preocupações que mais empenhou-se a Padaria Espiritual: “Nosso collega que exerce as funções de Olho da Providencia anda verificando o estado das escolas públicas, das quaes nos occuparemos nestas columnas logo que elle termine as suas observações”. “Escolas”. *O Pão*. Anno: I; Nº: 01. – Fortaleza: 10/ 07/ 1892. P. 03.

prioridades voltadas para atender os interesses tanto das oligarquias regionais quanto do capital estrangeiro³⁴¹.

Em boa medida, uma leitura mais ou menos definida da sociedade brasileira o grupo já possuía; rousseuniana na definição do povo como Nação e spenceriana para conceber um Estado que promove a evolução da sociedade. É o que pode ao menos ser identificado sobretudo na segunda fase de “O Pão” (1895 - 1896). A saber que o processo de instituição da nova ordem deu-se amplamente no campo das idéias, com a mobilização da opinião pública e a produção de desejos nos leitores pelos órgãos de imprensa da época, a Padaria Espiritual não hesitou em travar luta no âmbito da imprensa literária nacional. Concomitante às tensões existentes no cenário político-institucional brasileiro, o circuito literário nacional encontrava-se agitado com uma série interminável de debates promovidos por escritores, letrados e intelectuais de todas as capitais e regiões do país que procuravam levar suas leituras sobre a atual situação política ao ambiente da Capital Federal, o palco de maior agitação³⁴².

Sendo comum entre a maioria dos intelectuais da Capital Federal a tentativa de tornar o Brasil uma nação homogênea, a condensar todas as diversidades regionais em um mesmo platô³⁴³, a reação por parte de alguns literatos de outros estados não custou a se manifestar. Assim, no próximo tópico caberá a análise das estratégias políticas e publicitárias de Antônio Sales, o idealizador da Padaria, quando se empenhou em promover a leitura feita pela agremiação na arena de debates intelectuais frente as demais leituras para a sociedade brasileira.

³⁴¹ Como bem prescreveu o artigo 32 do seu Programa, “*A Padaria representará ao Governo do Estado contra o atual horário da Biblioteca Pública e indicará um outro mais consoante às necessidades dos famintos de idéias*”, o acesso à leitura foi uma campanha pela qual se empenhou a Padaria: “*Concitamos o cidadão Governador do Estado a dar execução á petição que lhe dirigimos a respeito do horario da Bibliotheca Publica. Este estabelecimento abre-se ás 10 horas da manhã e fecha-se ás 3 da tarde, como qualquer outra repartição. Quem escreve estas linhas nunca transpoz o humbral da Bibliotheca, apesar do grande desejo e necessidade que tem de fazel-o, porque está aferrado ás suas obrigações justamente ao tempo em que está ella aberta ao publico. Vamos cidadão Governador, seja rasoavel, faça isto: mande abrir a Bibliotheca das 7 ás 9 da manhã e das 6 ás 9 da noute, e garantimos que ella será frequentada por muita gente que, á falta de occupação melhor, vai jogar bilhar na Maison e dominó no Java. Faça o nosso pedido, sim?*”. “Bibliotheca Publica”. Idem. P. 04.

³⁴² OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. *A Questão Nacional na Primeira República*. Op. Cit. P. 77 – 94.

³⁴³ “*Somos uma grande nação. E a essa vastidão territorial se aliam a identidade de língua, de costumes, de religião, de interesses. Nenhum antagonismo separa os grupos componentes da população. Não nutrem eles aspirações antinômicas, nem conhecem tradições hostis. Nada justifica o receio de que apareçam motivos sérios de dissensão, de modo que o imenso todo se fragmente*”.. CELSO, Afonso. *Porque me ufano do meu país*. – Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; 1997. P. 36 – 37.

III. 2. A Segunda Grande Fornada: Publicidade, Novos Integrantes e Velhos Ideais.

Na década de 1880, Antônio Sales já colaborava em alguns periódicos literários da capital cearense como “A Avenida”, “O Domingo”, “A Quinzena”, dentre outros³⁴⁴. Filho de um chefe político local do município de Soure, que era aliado ao Senador Pompeu³⁴⁵, desde muito cedo o idealizador e principal publicista da Padaria frequentou os espaços letrados de sociabilidade das classes burguesas de Fortaleza como o Clube Literário e o Reform Club, ainda como espectador, pois era um jovem caixeiro letrado advindo do interior da província que buscava angariar prestígio na capital³⁴⁶. Após fundar o Centro Republicano Cearense em 1889, sua rápida ascensão pública na cidade contribuiu em boa medida para motivá-lo à atividade intelectual durante a década de 1890 e, após a sua ida para Capital Federal em 1897, como jornalista de vários órgãos da imprensa carioca, dentre eles o “Correio da Manhã”³⁴⁷.

³⁴⁴ STUDART. “Catalogo dos Jornaes de Grande e Pequeno formato Publicados em Ceará”. Op. Cit.

³⁴⁵ SALES. *Novos Retratos e Lembranças*. Op. Cit. P. 33.

³⁴⁶ Desde muito cedo, Antônio Sales manteve certa afetividade com os espaços de sociabilidades e hábitos dos grupos emergentes de Fortaleza, como pode ser percebido neste trecho do seu livro de memórias: “Fundou-se, no entanto, uma biblioteca no ano acima mencionado (1876) e de forma que em 1882 ela se instalava solenemente no magnífico prédio para ela especialmente construído (...). Foi um acontecimento solene a inauguração do prédio, que continha estantes repletas de livros oferecidos pelos sócios. Ao centro do edifício havia num vasto salão, várias mesas para leitura, onde as senhoras de nossa sociedade se sentavam para ler ou para palestrar enquanto esperavam os livros que haviam pedido (...). Os associados que serviam de bibliotecários, forneciam solícitamente os livros pedidos e era um encanto aquela reunião de famílias congregadas pelo interesse intelectual. Menino metódico e já curioso de coisas intelectuais eu ia à noite para o Reform Club, contentando-me em assistir ao movimento da Biblioteca, sem ousar pedir um livro que tanto cobiçava. Mas eu não conhecia ali ninguém, os livros só se davam às famílias dos sócios” SALES, Antônio. *Novos Retratos & Lembranças*. - Fortaleza: Casa de José de Alencar/ UFC; 1995. P. 210. Neste artigo de “O Pão”, por exemplo, pode-se visualizar o seu regozijo por ter sido convidado, juntamente com outros padeiros, ao Ernani Club, em um momento de sua vida em que ele já usufruía de certo prestígio público na capital: “Deliciosa a festa do Ernani Club realizada esta noute nos salões do Club Iracema. Gentilmente convidados pela respectiva Directoria, lá estivemos, inundando-nos de olhares tepidos e fulgurantes, ouvindo vozes cariciosas, sentindo o contacto de mãos macias como arminho, embriagando-nos emfim dos effluvios que jorram da alma da mocidade como o aroma de um botão que desabrocha...”. “Ernani Club”. *O Pão*. Anno: I; Nº: 01. – Fortaleza: 10/ 07/ 1892. Sobre os bailes promovidos pelos grupos emergentes de Fortaleza, “freqüentados por famílias e pessoas de bom grado”, bem como a “curiosidade popular pelas manifestações sociais”, ver: CAMPOS, Eduardo. *Capítulos de História da Fortaleza do Século XIX. O Social e o Urbano*. – Fortaleza: EUFC; 1985. P. 15 – 48. Quanto aos dias de penúria em que Sales fora caixeiro desde os quatorze anos de idade ver: MOTA, Leonardo. *A Padaria Espiritual*. Op. Cit. P. 158.

³⁴⁷ MOTA. Op. Cit. P. 159.

Quando funcionário e atuante no governo local, Sales esteve no cargo de “fornheiro” (secretário) da Padaria³⁴⁸, e foi quem mais se preocupou com a publicidade do grupo, a divulgar “O Pão” na arena literária e intelectual brasileira, distribuindo números do periódico com o inusitado “Programma de Instalação” (o qual havia redigido), a emitir homenagens e estabelecer contato da agremiação com os escritores mais conhecidos da Capital Federal. Essa divulgação do grêmio, que serviu em longa medida para imortalizar a agremiação na historiografia literária brasileira, contribuiria também para tornar Antônio Sales reconhecido no meio literário do Rio de Janeiro, centro das discussões políticas e intelectuais no Brasil daquele período³⁴⁹.

Nesta breve cartografia de Antônio Sales, pode-se dizer que os vários níveis de experimentação – social, política e subjetiva – que o acompanharam em sua trajetória de vida afetaram as suas práticas letradas e cotidianas, o que pode ser identificado em algumas proposições. A primeira é que ele fez parte daquela intelectualidade brasileira, “oriunda dos aristocratas ou das baixas classes médias”³⁵⁰, que viu nas “letras” um campo promissor para angariar ascensão pública, política e social a ajudar na estruturação do novo regime, compondo aquilo que se habitou a chamar de “República dos Bacharéis”³⁵¹. Em segundo, ainda que sua máquina literária manifestasse apego ao popular em detrimento da ordem burguesa, por estar inserido em uma relação de poder, Sales não fugiu ao já habitual *manus manum lavat*³⁵², ou seja, manteve alguma aliança com as elites dominantes que direcionaram os processos políticos e institucionais, afim também de participar das decisões e dos debates da época, fato que teria feito o memorialista Leonardo Mota lamentar profundamente³⁵³. Por fim, ao tornar-se homem público, e sobretudo por estar inserido em uma teia de sociabilidades

³⁴⁸ “Mas, auxiliar do comércio, Sales enfronhava-se na literatura e, quando perfazia os vinte anos, compreendeu que o burocrata dispõe de mais tempo para cuidar de coisas da inteligência. Fez-se, pois, funcionário público estadual e chegou a ser Secretário do Interior. (...) Na legislatura de 1893/ 1896, deram-lhe uma cadeira de deputado na Assembléia”. Idem. P. 158.

³⁴⁹ “Na metrópole, todas as portas se abriram alvissareiramente ao Moacir Jurema, de Fortaleza, a quem as rodas intelectuais tinham curiosidade de conhecer e ouvir. Á vez primeira que se aproximou de Afonso Celso, este lhe pediu, com todas as minúcias, a história da Padaria, cuja originalidade e atividade deveras impressionavam o vigoroso cronista de Oito Anos de Parlamento. Assim, pode-se dizer que, se Moacir fez a glória da Padaria Espiritual no Ceará, esta lhe facilitou os primeiros triunfos no maior centro de cultura do Brasil”. Idem. Ibidem. P. 159.

³⁵⁰ BOSI, Alfredo. *História da Literatura Brasileira*. Op. Cit. P. 263.

³⁵¹ AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*. Op. Cit.

³⁵² Expressão latina para designar “uma mão lava a outra”.

³⁵³ “O ingresso de Antônio Salles no funcionalismo federal, como empregado do Tesouro, foi funesto para as letras cearenses, porquanto a sua transferência para o Rio teve como resultado a morte da Padaria Espiritual”. MOTA. Op. Cit. P. 158.

fincadas nas atividades letradas e de difusão cultural, Antônio Sales empenhou-se por tornar aceitável perante o seu público a leitura que fizera da sociedade brasileira e dos processos políticos em voga.

Conectando material desejante de outros sujeitos que tiveram semelhantes níveis de experimentação no território social cearense, Sales viu no espaço da Padaria Espiritual e sobretudo em “O Pão” estratégicos porta-vozes do seu grupo social letrado. A inserir-se nas relações de poder em que os diferentes setores da sociedade brasileira procuravam a sua representatividade com o desenrolar da nova ordem, a leitura social dos padeiros passaria a fazer parte do debate intelectual corrente, em que os homens de letras procuravam dar uma imagem à nova nação que nascia sob a poeira de 1889.

O período desta intensa publicidade da leitura dos padeiros deu-se sobretudo durante a segunda fase do grupo. Naquele momento, com a admissão de antigos colabores da revista “A Quinzena”, como Rodolfo Teófilo e Antônio Bezerra, aquela experiência de 1887 da qual Sales havia também participado, seria de certa forma retomada pelas atividades de “O Pão”. Contudo, com a diferença de que a Padaria fez o movimento contrário ao dos sócios do Clube Literário: antes preocupou-se em tornar cosmopolita e nacional aquela realidade local, a preservar as características culturais da vida popular brasileira, e não a recodificar a imagem do particular para ser cosmopolita, conforme exigia a racionalidade burguesa e dessa forma empenhara-se a Mocidade Cearense em meados de 1880.

Naquilo que Alfredo Bosi denominou de “regionalismo como programa”³⁵⁴, “O Pão” já havia em certa medida antecipado a discussão levantada pelo homem euclidiano, só que enfatizando mais os traços culturais do sertanejo que os fatores do meio natural, a debater com as demais leituras feitas no circuito literário brasileiro na década de 1890, sobre quais aspectos teria o tipo que identificava a imagem da nação, o desafio de muitos intelectuais da época. Neste tópico portanto serão analisadas as estratégias pelas quais Antônio Sales

³⁵⁴ O homem que Euclides de Cunha leu no início do século XX como sendo o verdadeiro tipo nacional, descrito nos “Sertões”, já havia sido apontado, em certa medida, no que concerne ao meio natural do sertão configurando o seu modo de vida, na ficção de alguns autores regionalistas como Simões de Lopes Neto, Valdomiro Silveira e Hugo de Carvalho Ramos. Lamentavelmente, o crítico literário e historiador da literatura brasileira não se testificou de que há uma década antes um periódico do Ceará já havia apontado semelhantes aspectos, porém, enfatizando mais a cultura popular que a ação do meio natural para definir o tipo brasileiro, em que seus autores também contribuíram longamente para a idéia de Bosi que é “(...) *o fato de terem pensado a terra e o homem do interior já era um sintoma de que nem tudo tinha virado belle époque no Brasil de 1900*”. BOSI. Op. Cit. P. 207.

procurou afirmar os apontamentos da leitura da Padaria frente as demais que fizeram parte do debate intelectual da época.

A campanha publicitária de Antônio Sales pode ser percebida já na primeira fase de “O Pão”. Após redigir e publicar em folheto o “Programa de Instalação da Padaria Espiritual”, em 1892 passou a enviá-lo para boa parte dos intelectuais mais conhecidos na Capital Federal e nas principais cidades do país, dentre eles Afonso Celso, Aluísio Azevedo, Augusto de Lima, Raimundo Corrêa, Olavo Bilac, Coelho Neto e tantos outros. Como era de praxe, ao receberem a correspondência do “inusitado amigo do Norte”, os autores que tinham destaque na arena nacional respondiam ao Sr. Sales agradecendo a gentileza do colega de letras. O N° 01 de “O Pão”, por exemplo, mostra que essa prática do idealizador da Padaria já era realizada. Ao receber a resposta de Clóvis Beviláqua, um intelectual cearense que após o seu prestígio na Escola do Recife foi para a Capital Federal, o periódico publicou a carta de agradecimento e os votos de admiração que o reconhecido jurista reportou ao grupo.

Clóvis Beviláqua teve a gentileza de dirigir-nos a seguinte carta:

Cidadão Moacyr Jurema

Agradeço-lhe cordialmente a remessa dos estatutos da Padaria Espiritual e afirmo-lhe que estou prompto a concorrer para o desenvolvimento dessa inteligente associação, cujo nascimento anuncia as phosphorescencias de um espirito fino e causticante. Brevemente farei a remessa das obras e folhetos que tenho publicado.

Do P. e amigo

Clovis Bevilaqua³⁵⁵

O “P” era de “padeiro”, pois Antônio Sales, como de costume, havia nomeado Clóvis Beviláqua como sócio honorário e correspondente, conforme estipulado no seu programa³⁵⁶. Esta prática amigável que foi tornando-se habitual, além de ser uma forma de estreitar os laços de afeto entre os padeiros e os intelectuais atuantes na Capital Federal, pode também ser interpretada como a tentativa de tornar pouco a pouco aceita a leitura da agremiação cearense junto aos interlocutores que também liam aquele período de adaptação à nova ordem política. Surpreendente é que a prática do padeiro inseriu-se na lógica do mesmo “espírito de facção”, caracterizado sobretudo pelos laços de amizade e afeto, que havia

³⁵⁵ “Por Quem São”. *O Pão*. Anno: I; N°: 01. – Fortaleza: 10/ 07/ 1892. P. 02.

³⁵⁶ “Art. 38 - A Padaria terá correspondentes em todas as capitais dos países civilizados, escolhendo-se para isso literatos de primeira água”. APUD MOTA. Op. Cit. P. 45.

contribuído para o surgimento das agremiações literárias cearenses. Sales tentou transferir para seus correspondentes a mesma intensidade subjetiva já experimentada. Na realidade, era uma tentativa de alargar a leitura daquela república das letras cearense ao centro do debate intelectual no Brasil.

Esta nota publicada em “O Pão” Nº 09, que poderia ter deixado em segundo plano a Semana de Arte de 1922³⁵⁷, proibindo “o uso de palavras estranhas à língua vernácula”, conforme apontou o artigo XIV do seu programa de instalação, mostra que a preocupação da Padaria em admitir sócios correspondentes serviria como mecanismo para cobrar deles certa coerência com a estética do grupo.

*Prevenimos aos nossos consocios nos Estados que, segundo os nossos estatutos, é vedado aos Padeiros empregar nos seus escriptos palavras extranhas á lingua vernacula, e desde já pedimos autorisação a todos para substituir por vocábulo portuguez qualquer vocabulo estrangeiro que porventura encontremos nas producções que nos mandem. Precisamos affirmar definitivamente este ponto: a lingua portugueza não precisa de favores de nenhuma outra*³⁵⁸.

Logo, os interesses de Antônio Sales em ter a Padaria sócios correspondentes atuantes no cenário nacional apresentou-se como um recurso político dentro das relações intelectuais. Por estarem os padeiros fora do circuito central onde se davam os debates de época, a relação de força que favorecia o eixo Centro-Sul tornaria impossível a repercussão da leitura da agremiação naquelas paragens literárias. E o fato daquela agremiação, formada por intelectuais cearenses, ser reconhecida por escritores do eixo, faria com que o grupo tivesse aceitação mais fácil no cenário intelectual brasileiro. Conforme pode ser observado no trecho abaixo de “O Pão” Nº 08, na ocasião em que Afonso Celso prestigiou o grêmio no seu livro, a publicação da dedicatória do autor fluminense no periódico dos padeiros foi acompanhada de um texto que já tendia a familiarizar a leitura do grupo, seus ideais e práticas, com as idéias correntes na arena intelectual das letras nacionais.

A nossa associação acaba de conquistar uma destes galardões inestimaveis, bastante para só por si compensar toda a sorte de esforços que temos feitos em prol dos nossos idéaes, verdadeiramente medalha de honra que d'ora avante

³⁵⁷ AZEVEDO, Sânzio de. *A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará*. Op. Cit. P. 69.

³⁵⁸ “Lembrete”. *O Pão*. Anno: II; Nº: 09. – Fortaleza: 01/ 02/ 1895. P. 06.

ostentaremos como a mais preciosa reliquia da nossa trajectoria pello mundo das Lettras.

Affonso Celso, o formosissimo talento que depois de nobilitar a nossa Patria como homem politico enriquece presentemente a sua litteratura dotando-a com as suas brilhantes obras, tão mercedamente reputadas, acaba de distinguir-nos dedicando á Padaria Espiritual o seu ultimo livro Um Invejado.

É com o mais inexpremivel jubilo e justo orgulho que aqui transcrevemos a honrosissima dedicatoria impressa na primeira pagina do livro de Affonso Celso, ao qual apresentamos os protestos do nosso profundo reconhecimento e da nossa viva sympathia³⁵⁹.

Mediante às agitações políticas e intelectuais travadas no Rio de Janeiro, espaço onde eram tomadas as decisões para o país, é permitido afirmar que Antônio Sales no convívio com os padeiros estava acompanhando passo a passo do processo de instalação do novo regime. Sobretudo, cabe considerar que neste aspecto as narrativas literárias de “O Pão” preocuparam-se em trazer para o debate nacional àquela realidade específica, abordada no tópico anterior, em que se privilegiou a cultura popular em detrimento do cosmopolitismo burguês, já bastante experimentado pelas elites emergentes cariocas e repercutido amplamente como mercadoria no diletantismo literário daquela cidade³⁶⁰.

Não só as personalidades ligadas à literatura, mas também a imprensa oficial, tanto do Rio de Janeiro quanto de outros estados, receberam correspondências emitidas pelo sócio Moacyr Jurema. Ainda durante a primeira fase da Padaria, ele enviara para alguns jornais como “A Província do Recife”, “Jornal do Brasil” e o “Jornal do Comércio” o programa do grêmio que chegou a ser publicado em suas linhas editoriais, conforme se vê neste artigo da coluna “Por Quem São” do N° 01 de “O Pão”.

Nosso respeitaval collega do Jornal do Brasil, um dos mais importantes órgãos da imprensa fluminense, teve a amabilidade de transcrever quasi todo o programma da Padaria Espiritual, precedendo-o de um appello á attenção de seus leitores.

³⁵⁹ “Affonso Celso”. *O Pão*. Anno: II; N°: 08. – Fortaleza: 15/ 01/ 1895. P. 02. Em seguida, “*Eis a Dedicatória: Á Padaria Espiritual do Ceará, não tenho a fortuna de pessoalmente um só dos moços, que compõem este gremio litterario. Dedico-lhes, entretanto, o presente estudo, em signal assim de reconhecimento pelas muitas provas de immerecida consideração com que me têm distinguido, como de sincero apreço que tributo aos intelligentes esforços por elles feitos em prol das lettras patrias, inspirados na bela e fecunda divisa que adoparam Amor e Trabalho*”.

³⁶⁰ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Op. Cit. e NEEDEL. Jeffrey D. *Belle Époque Tropical*. – São Paulo: Cia das Letras; 1993.

*O Jornal do Commercio deu noticia laconica mas amavel a nosso respeito*³⁶¹.

Ao que parece, Sales queria fazer a publicidade da agremiação cearense não só nas paragens da literatura, mas na imprensa oficial em que os leitores desses órgãos diversificavam a sua aquisição também por conta dos assuntos cotidianos. Aliás, já que para esse período não se pode estabelecer uma discrepância entre a literatura e a imprensa, a publicação de uma notícia da Padaria Espiritual tornaria conhecida a agremiação entre os diversos segmentos letrados, intelectuais ou não da sociedade carioca, que aos olhos de Antônio Sales deixaria mais aceita e conhecida a leitura dos padeiros. Neste sentido, pode-se dizer que a idéia de república das letras na Padaria tinha a preocupação em atingir um maior público leitor, em relação às demais sociedades conterrâneas do período que possuíam ambições mais locais, excetuando à Academia Cearense.

Contudo, foi na segunda fase que as pretensões de Sales tomaram dimensões maiores. Na edição do dia 1º/ 01/ 1895, Nº 07, “O Pão” reapareceu na imprensa literária cearense levando inquietações ao debate no circuito intelectual brasileiro, “de par com os generosos esforços para a nossa regeneração política”³⁶². A dar continuidade à teia de contatos que vinha sendo empreendida desde a primeira fase, as relações de “O Pão” com a imprensa oficial e literária, tanto do Rio quanto dos demais estados, tornavam a Padaria Espiritual mais presente no meio das questões repercutidas nas rodas letradas do período.

O Pão continúa a ter o mais lisongeiro acolhimento por parte da imprensa do pais.

Em termos honrosos se referem a elle “O Paiz”, a “Gazeta de Noticias”, da Capital Federal; a “Renascença” da Bahia; a “Pacotilha” do Maranhão, “O Correio Mercantil” de Maceio; “O Estado”, do Rio G. do Norte, o “Diario do Maranhão” e o “Minas Gerais”.

O primeiro dos dois ultimos, além de uma boa noticia, publica uma carta que lhe dirigiu o nosso distincto consocio J. F. Gromwell a respeito d’O Pão.

O segundo nos faz horrorissimo acolhimento e transcreve uma das nossas “Medalhas” e a noticia que demos sobre a “Revista da Faculdade Livre de Direito” de Minas Geraes.

³⁶¹ “Por Quem São”. *O Pão*. Anno: I; Nº: 02. – Fortaleza: 17/ 07/ 1892. P. 03.

³⁶² CAVALCANTE, Waldemiro. “Voltando” IN: *O Pão*. Anno: II; Nº 07. – Fortaleza: 01/ 01/ 1895. P. 01.

*Artur Azevedo também nas suas espirituosas “Palestras”, d’“ O Paiz”, nos fez lisongeiros referencias, que muito nos penhoraram*³⁶³.

Tornando a Padaria mais ou menos pública na imprensa nacional, a máquina literária do grupo romperia certo exclusivismo das leituras sobre o Brasil produzidas no ambiente da Capital Federal, a repercutir-se também em outros círculos letrados mais regionais. Neste sentido, Antônio Sales estaria contribuindo para que a máquina literária dos padeiros expusesse suas leituras, e enunciados coletivos, sobre determinados aspectos da realidade nacional experimentados no território social cearense, em que se sobressairia os modos de vida dos sertões. Em verdade, seria uma tentativa de romper com um tipo de literatura detentora de certa primazia, que vinha sendo produzida sobretudo pelos escritores e órgãos literários da Capital Federal, anunciadores da belle époque e dos anseios civilizatórios, como Olavo Bilac e boa parte da intelectualidade freqüentadora da badalada Confeitaria Colombo³⁶⁴. Aliás, deve ser levado em conta que o fato de estarem Antônio Sales e a agremiação preocupados na segunda fase com uma repercussão maior de sua obra no circuito literário nacional, tem a ver também com os seguintes fatores: primeiro, o trânsito de padeiros pelo Rio, como Waldemiro Cavalcante, Tibúrcio de Freitas, Adolfo Caminha, Cabral de Alencar, dentre outros; e, em segundo, a defesa das particularidades regionais, em que a Padaria reagiu às leituras generalizantes que os intelectuais da Capital Federal fizeram em relação ao Brasil, como sendo uma homogeneidade, sem preocupar-se com as especificidades regionais, como pode ser identificado na desconstrução do argumento do Barão de Capanema e do Instituto Politécnico do Rio de Janeiro por Rodolfo Teófilo nos N^{os} 10, 11 e 12 de “O Pão”³⁶⁵.

³⁶³ “A Nossa Recepção”. *O Pão*. Anno: II; N^o: 10. - Fortaleza: 15/ 02/ 1895. P. 06.

³⁶⁴ NEEDEL. Op. Cit.

³⁶⁵ “Se pensassem assim os membros do Instituto não sustentariam a influencia das manchas solares sobre as seccas, quando no periodo de 166 annos só duas vezes coincidiram os dois phenomenos! (... ..) Chegou o anno de 1880, e maus foram os prodromos de inverno em sua entrada. Os mesmos ventos leste e sudeste a varrer o espaço! Nem um cumulo se acastellava no horisonte. Tudo fazia crer na continuação do flagello. Á noite seccavam-se os olhos de horisonte a fora procurando ver um relampago (...) Os partidarios da influencia das manchas do sol sobre as seccas (Barão de Capanema e o Instituto Politécnico do Rio de Janeiro) agouravam mal do inverno, pois o numero das manchas do sol era ainda muito baixo. No chromosphero contavam-se 416 manchas e por isso pouco poderia chover. Nessa angustiada expectativa estavam os habitantes do Ceará, quando no dia 14 de março os ventos reinantes mudaram de rumo, fuzilou o relampago, ribombou o trovão e começou copioso inverno sem que as manchas do sol tivessem augmentado de numero. Estava acabada a calamidade que durante trez annos esphacelou a familia cearense cobrindo-a de miseria e até de opprobrio! Uma vez regada a terra abundantemente, a população deslocada voltou aos

Conforme já foi abordado, na segunda fase “O Pão” passou por significativas mudanças em sua configuração editorial. Durante a primeira fase as principais colunas eram: “Sabbatina”, crônicas de Adolfo Caminha; “Bolachinhas”, poesias jocosas de Policarpo Estouro (Álvaro Martins); “Malachetas”, poesias populares e jocosas de Antônio Sales; “Por Quem São”, coluna de publicidade da agremiação; “Carteira”, notícias do cotidiano dos padeiros e da cidade; “Sacco de Ostras”, pensamentos jocosos e de pilhéria, dentre outras partes esporádicas e avulsas que compuseram textos e obras literárias dos sócios. Na segunda, o órgão modificaria a sua configuração de pasquim para jornal de literatura, contendo textos mais comprometidos com as tendências literárias dos padeiros, a substituir algumas de suas antigas colunas por outras que atenderiam aos interesses mais publicitários.

A coluna “Medalhas”, por exemplo, era uma forma de homenagear personalidades conhecidas na arena literária nacional. Já no primeiro número de “O Pão” após o seu ressurgimento na imprensa local, Moacyr Jurema compusera sonetos a Machado de Assis e Aluísio de Azevedo tecendo lisonjas e elogios com a sua verve poética.

*Da mão de mestre sahem-lhe aos punhados
As joias mais custosas e mais finas,
Quer traçando periodos iriados,
Quer cinzelando estrophes peregrinas.*

*Penetra nos reconditos vedados
Do coração joguete de ferinas
Paixões, e encontra vermes scelerados
Que o reduzem a lobrega ruinas.*

*Narra da vida palpitantes scenas,
Dardeja as leves settas da ironia,
Tange do amor a mystica theorba...*

*Segue o vôo irrequieto das Phalenas,
Pinta os amores de Yaiá Garcia,
Cria o typo immortal do Quincas Borba.*

Victorioso sahiu do pugilato

*lares, aos labores da vida campezina e em breve os fructos das searas davam-lhe a abastança e a independencia do trabalho. Embora fossem as manchas do sol em numero limitado em 1880, contudo a altura do pluviometro chegou a 1, 539 mill.(... ..) Em face de todos estes dados, de todas essas observações não se pode admittir a influencia das manchas do sol sobre a quantidade d'agua que cahe sobre a terra nas regiões flagelladas pelo phenomeno climaterico chamado secca”. TEÓFILO, Rodolfo (SERRANO, Marcos). “As Manchas do Sol e as Seccas III” IN: *O Pão*. – Anno: II; Nº: 12. – Fortaleza: 15/03/ 1895. P. 03.*

*Que sustentou com o velho romantismo,
E entrou na arena do naturalismo
Sobraçando o volume do Mulato.*

*Artista fino, forte, intemerato,
Da alma humana sondou o fundo abysmo,
E o Coruja, em seu tibio nevrosismo,
Da aguda penna lhe sahiu de um jacto.*

*Fugindo o engodo das frivolidades,
Que a tantas juvenis mentalidades
Têm roubado a opulencia, a força o viço;*

*Trabalhos fez que os “tempos não consomem”
Fazendo a casa de Pensão o Homem
E as paginas intensas d’O Cortiço³⁶⁶.*

Esta prática bastante comum entre os homens de letras, ajudava a estreitar os laços de amizade. E, mais que homenagens, com estes elogios Antônio Sales ajudou a ganhar para o grêmio certa simpatia e notoriedade entre alguns autores da Capital Federal, a facilitar o acesso da máquina literária do periódico nos círculos intelectuais, não mais isolando-se nas questões cotidianas da realidade cearense. Houve ainda quem reprovasse tais atitudes da Padaria, em relação aos contatos mantidos Ceará a fora, como pode ser visto no início do tópico II. 2 deste estudo, quando o Centro Literário denunciou o “anuncio de suas brôas pelo correio”. Contudo, conforme foi dado a se perceber, boa parte dos centristas pertenciam às classes mais abastadas de Fortaleza – militares, membros da Mocidade, bacharéis de renome – o que demonstra que esta república das letras tinha interesses mais locais, visando angariar favores com a montagem da máquina republicana e a acomodação da ordem burguesa naquele território social.

Na sessão “A Nossa Correspondência”, era publicado no periódico as respostas enviadas à agremiação, após o contato já estabelecido através de Sales. Olavo Bilac, por exemplo, um dos expoentes literários da Capital Federal, defensor do regime republicano e do advento do progresso e da civilização no Brasil, recebera o convite do grupo para ser sócio correspondente, que foi para ele deveras benquisto.

Rio de Janeiro, 15/ 12/ 1894.

³⁶⁶ JUREMA, Moacyr (SALLES, Antônio). “Medalhas”. IN: *O Pão*. Anno: II; Nº: 07. – Fortaleza: 01/ 01/ 1895. P. 05.

Á Padaria Espiritual. – Meus Caros Confrades. – Agora somente posso responder á amavel carta vossa, em que me communicaes ter eu sido honrado com a nomeação de socio correspondente da gloriosa Padaria Espiritual (...).

Um grande abraço do collega, admirador e grato.

Olavo Bilac³⁶⁷

Não só contato com autores e personalidades, mas também com órgãos da imprensa interessavam a Antônio Sales manter certa familiaridade. A coluna “A Imprensa Litteraria”, que fazia comentários dos assuntos tratados nas principais revistas de letras do país, destinou-se em boa medida à publicação das notícias sobre a Padaria Espiritual sendo reconhecida na arena literária brasileira.

“A Semana”

Os numeros 74, 75, 76 e 77 que temos á vista estão como sempre – magnificos. Collaboram nelles Machado de Assis, Araripe Júnior, Raul Pompeia, Valentim Magalhães, Max Fleiuss, João Ribeiro, José Vicente Sobrinho, Escragnolle Doria e outros litteratos de primeiro plano, o que equivale dizer que há muito ler e apreciar na bella revista fluminense (...).

Quanto á gentileza com que nos recebeu A Semana, - já externando conceitos por demais lisongeiros a nosso respeito e já transcrevendo algumas das nossas ‘Medalhas’ e traducção ‘Luar no Oceano’, de Antonio Salles, - só temos que lhe dizer: obrigado, collega.

“Revista Litteraria”

De S. Paulo recebemos os 7 primeiros numeros de uma esplendida revista sob o titulo acima. Confiada á criteriosa direcção de Amadeu Amaral e Maximo Pinheiro Lima, a sympathica ‘Revista Litteraria’ que se publica semanalmente conta com a collaboração das melhores pennas paulistas como sejam Dr. Garcia Redondo, Julio Cezar da Silva, João Luzo, D. D. Zalina Rolim, Francisca Julia da Silva, Valdomiro da Silveira e outros muitos.

A João Marx, apreciado chronista da Revista, agradecemos as lisongeiros referencias que fez a Padaria e a O Pão na sua espirituosa chronica do terceiro numero.³⁶⁸

³⁶⁷ “A Nossa Correspondência”. *O Pão*. Anno: II; Nº: 10. – Fortaleza: 15/ 02/ 1895. P. 03.

³⁶⁸ BATISTA, Sabino. (Sátiro Alegrette). “Imprensa Litteraria”. IN: *O Pão*. Anno: II; Nº: 14. – Fortaleza: 15/ 04/ 1895. P. 06.

Ao longo dos artigos publicados, percebe-se que a publicidade da agremiação dava-se em boa medida pelo grau de familiaridade que Sales e os padeiros procuravam estabelecer com os redatores de tais órgãos da imprensa nacional. Em certa medida, pode-se dizer que, além de estarem lutando pelo seu espaço nas paragens literárias nacionais, dentro das relações de forças presentes no ambiente cultural das belas letras no Ceará, os padeiros estavam confrontando a sua agremiação literária com as outras sociedades contemporâneas, como o Centro Literário e Academia Cearense, em que seus integrantes faziam parte dos setores ligados ao poder local, segmentos tradicionais e emergentes, e suas leituras comprometidas com o avanço das relações capitalistas. Logo, estando no embate das idéias a Padaria opondo-se a estes setores e seus agenciamentos do poder, é válido afirmar que Sales e os padeiros buscavam legitimidade da leitura do seu grupo através da opinião, elogios e contatos angariados com os escritores de renome nacional.

Mas, em relação a maior preocupação que era com o âmbito nacional, quais razões ajudariam a compreender tal atitude de Antônio Sales? Em longa medida, pode-se dizer que estavam presentes na própria configuração que caracterizava a Capital há um bom tempo em relação às demais províncias. Palco das decisões e agitações políticas, o Rio de Janeiro havia sido centro administrador da Colônia, Corte imperial e capital da República, além de ser o pólo gerenciador dos recursos públicos o qual se voltava as atenções do país³⁶⁹. Sobretudo a partir de 1808, com a vinda da família real, o Rio passou a ser também o pólo do saber e da atividade letrada no Brasil, onde funcionavam as faculdades de Direito, Engenharia, Ciências Naturais e Humanas, seguido apenas por São Paulo, Salvador e Recife³⁷⁰. Direcionando os assuntos políticos e intelectuais do eixo regional Centro-Sul, durante a implantação da República a Capital Federal tornou-se pólo atrativo para muitos dos homens de letras do país, que viam nos jornais da imprensa nacional ou nas atividades da literatura uma forma de angariar um prestígio público maior. Alguns intelectuais cearenses como José de Alencar, Capistrano de Abreu, Araripe Júnior, e até os padeiros Adolfo Caminha e o próprio Sales chegaram a morar no Rio por conta dessa relação de forças entre as regiões do país e a possibilidade de melhores condições de vida.

Contudo, os caminhos pelos quais passaram a veredar as atividades letradas na capital da República trouxeram uma preocupação que afetou a Padaria, e sobretudo a Antônio

³⁶⁹SEVCENKO. Op. Cit. e NEEDELL. Op. Cit.

³⁷⁰AZEVEDO. *A Cultura Brasileira*. Op. Cit.

Sales. Além da imprensa do Rio interpretar seu território como o centro intelectual a conceber a leitura fiel do Brasil, boa parte das produções literárias de época haviam incorporado a aura da belle époque. Em boa medida isso pode ser interpretado como sendo a tentativa dos intelectuais na Capital de aclimatar as diferenças regionais do país a uma estética que visava inserir a nova nação no cosmopolitismo europeizante, sobretudo francês, conforme demandava à lógica burguesa. Esse fato pode ser melhor compreendido quando se vê os padeiros combatendo vorazmente a literatura diletante produzida na Capital Federal, sobretudo quando alguns literatos procuravam adequar na sua produção os problemas nacionais segundo as modas literárias de *fin-de-siècle*.

O ataque que Antônio Sales fez ao grupo “Estrada de S. Thiago” e à revista “Thebaida”, liderados pelo autor simbolista Alves de Farias, por exemplo, ilustra em certa medida a preocupação da agremiação cearense em relação a certas posturas intelectuais em relação às questões e aos dilemas nacionais.

Nos tempos que correm, assolados de pessimismo e de crua positividade, um livro como as “Caricias” – tão azul e tão suave – é um mimo inapreciável.

Lê-lo, é passar algumas horas de emoções dulcíssimas, é repousar o espirito das bruscas e enervantes sensações que nos proporciona a leitura dos doentios productos do espirito moderno, tão propenso a desnudar miserias, a apresentar a vida pela sua face mais triste e desconsoladora.

Maeterlink, Rollinat, Strindberg, Nordan, Tolstoi e tantos outros allucinados apostaram-se para fazer da Penna uma arma de destruição e de terror.

E o tédio e a desesperança são as notas dominantes das produções de hoje.

Alguns abrigam-se a um misticismo bisarro e refalsado, a esbravejar preces enquanto baixinho cochicham imprecações, como Verlaine, na sua vesga compuncção de quem procura crer á viva força.

É este o espetaculo que nos offerece a intellectualidade européa, que nós começamos a macaquear como si estivessemos nas mesmas desgraçadas condições psychologicas e sociaes a que chegaram povos gastos pelo attrito de tantos annos de civilisação crescente e devoradora.

Não há duvida que a molestia do seculo começa a minar a intellectualidade brazileira, molestia que não appareceu

*espontaneamente, mas que importámos mui simplesmente como si se tractasse de um objecto de moda*³⁷¹.

Na coluna “Bibliographia”, sessão destinada ao balanço das últimas publicações lidas pelo grupo, o ataque às manifestações literárias estrangeiras foi incisivo, sobretudo às correntes finisseculares como o Simbolismo e o Decadismo que pregavam a indiferença com o presente na busca de um refúgio subjetivo, em que suas potências estéticas não fossem capturadas pela cultura burguesa³⁷². Ao fazer comentários sobre o livro “Carícias” de Garcia Redondo, Antônio Sales não perdeu a oportunidade de combater as tendências de uma escola devotada ao “misticismo piegas de um fatalismo incoerente”, uma vez que a preocupação do padeiro era pensar a realidade brasileira longe do campo de experimentação europeu que já sofria a ressaca da modernidade. A reconhecer que tanto a Padaria quanto as manifestações acima contrapuseram-se no campo das idéias ao modo de vida burguês, ambos possuíam vias diferentes para combater a belle époque. Diferentemente da leitura dos escritores do grupo “Estrada de S. Thiago” e da revista “Thebaida”, o cotidiano e as tradições populares eram enfatizados pelos padeiros, o que fez Antônio Sales não poupar esforços para criticar a indiferença e o misticismo dos decadistas/ simbolistas da Capital Federal, diante daquele campo de tensão entre leituras sociais que discutiam o Brasil no cenário literário nacional.

*S. S., que se intitula um dos Eleitos [ao Alves de Farias]... pelo proprio voto, diga-me que novos horisontes artisticos têm os senhores desvendado, que nova concepção do Universo descobriram, que novos aspectos da Alma surprehenderam? Qual é a composição psychica dos seus ideaes? Quaes os contornos philosophicos dessa Alta Espiritualidade? Em que consiste a esthesia litteraria dos nevrotados reformadores da Arte de escrever no Brasil? Nisto simplesmente: sobre um fuado de lyrismo doentio e incongruentetecer composições de forma arrevesada, de vocabulario exotico e rebuscado, com grandes gastos de maiusculas e tudo besuntado de um mysticismo piegas e de um fatalismo incoherente*³⁷³.

³⁷¹ JUREMA, Moacyr (SALLES, Antônio). “Bibliographia” IN: *O Pão*. Anno: II; Nº: 13. – Fortaleza: 15/ 04/ 1895. P. 05.

³⁷² MORETTO, Fúlvia M. L. *Caminhos do Decadentismo Francês*. – São Paulo: EDUSP/ Perspectiva; 1989 e BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte. Gênese e Estrutura do Campo Literário*. – São Paulo: Cia das Letras; 1996.

³⁷³ SALLES, Antônio. (Moacyr Jurema) “Uma Agressão” IN: *O Pão*. Anno: II; Nº: 18. – Fortaleza: 15/ 06/ 1895. P. 02.

A crítica tecida certamente toma conotação estética, o que não quer dizer que não possua uma preocupação política. Para os padeiros que se contrapuseram à vertente literária do nefelibatismo e do decadismo, o escritor brasileiro não deveria incorporar tal indiferença com o presente, ocupando-se de uma escrita aristocrática e mística³⁷⁴. Pois, inserido em um campo de tensões onde as leituras questionavam os processos institucionais daquele período, para o escritor o momento era de fazer ressonar a imagem de um Brasil renovado no tipo popular, e por isso não carecia que os autores brasileiros experimentassem algo que não fizesse parte da sua realidade cotidiana. Se a Europa sofria a ressaca daquilo que sua sociedade havia produzido - modernidade, industrialismo, reformas urbanas, positivismo, ciência - a leitura dos padeiros apontava que, segundo as suas experiências cotidianas, os territórios sociais brasileiros, as regiões da comunhão nacional, teriam outras necessidades como, por exemplo, reconhecer suas especificidades culturais a partir das manifestações do seu povo, criar instituições que viessem atender as necessidades da sociedade, preservar os modos de vida do homem comum. O que a Padaria acabou pregando foi que enquanto a imagem da Europa era a moderna lógica burguesa deixando os indivíduos entediados e tristes, a imagem do Brasil deveria ser a da alegria encontrada no povo e na sua cultura, que em boa medida havia sido preservada nos sertões, não mais a existir na cidade o território do capitalismo e da cultura burguesa³⁷⁵.

³⁷⁴ “Os estradeiros de S. Thiago continuam a divertir-nos com a sua má vontade a nosso respeito. No ultimo nº da *Thebaida*, Pedro Celeste (santo e feliz pseudonymo conquistado sem duvida pela sua pobreza de espirito) fala de nós – cousa admiravel, inexplicavel... Como é que essas transcendentales almas em meio de suas meditações altamente espirituales rebaixam-se a pensar em nós e atacar-nos, a nós, terrenissimas pessoas, que em vez de nos encurralarmos numa *Thebaida* qualquer, vivemos a larga vida commum, inspirando-nos directamente na Natureza, que cada um de nós vê através do seu temperamento, e sem os atavios baratos e equivocados de symbolismo?!”. JUREMA, Moacyr. “Recados” IN: *O Pão*. Anno: II; Nº: 21. – Fortaleza: 01/ 08/ 1895. P. 05.

³⁷⁵ Como pode ser percebido nesta carta publicada em “O Pão” de 15/ 07/ 1895, Nº: 20, Sabino Batista reconstrói cenas do cotidiano do campo dando à narrativa uma potência de harmonia da qual não podia ser experimentada na cidade, território da ordem burguesa e da cultura capitalista: “*Não sei porque me invadiu hoje um desejo irresistivel de descrever a vocês a scena mais encantadora e pittoresca que os meus olhos de mortal têm, nestes ultimos tempos, contemplado. E foi o desejo, tão forte a tentação, que só me livreli della depois que rabisquei as linhas abaixo, que são as mais do que a reproducção da risonha festividade campestre, que acabo de assistir em homenagem ao mais popular dos thaumaturgos – S. João Baptista. (...) Às 6 horas da manhã já eu estava de pé, no vasto salão de centro, abrangendo n’um olhar investigador a multidão que chegava n’uma exhibição de trajes simples, sem requintes de moda, de uma singeleza esquipatica. Grupos de homens se formavam pelo patéo, á sombra protectora dos cajueiros seculares, a conversar, ora rindo, ora gesticulando, fazendo commentarios sobre os episodios da vespera passada ao lado da fogueira, embalados por um suggestivo baião de gemedora viola. A casa ostentava um ar festivo de lapinha enfeitada. Arcadas de palha verde emolduravam as portas e bouquete de flôres naturaes pululavam suspensos das paredes. Em frente á capellinha pendiam alvas cortinas entrelaçadas de palmas verdes cadeias de papel de cor. No altar ardiãr velas entre os jarros de flôres muito brancas, e a Virgem da Bonança toda*”

Para os padeiros, impedir o avanço da ordem burguesa começava na preservação da linguagem popular, dos costumes tradicionais e do modo de vida do homem do sertão. Em boa medida o grêmio já demonstrava isso, seja nos pseudônimos dos seus sócios, nas pilhérias contra a sociedade burguesa, ou na descrição dos tipos e costumes populares que o avanço do cosmopolitismo eurocêntrico ameaçava. A tentativa de mostrar um Brasil com suas características mais peculiares, em que o sertão estava mais próximo da realidade nacional a trazer os sujeitos eminentemente brasileiros, opôs-se vorazmente aos anseios que alimentaram a febre cosmopolita nos centros urbanos, da cidade de Fortaleza ao Rio de Janeiro, territórios que vinham sendo afirmados pelos segmentos dominantes como centros administrativos. Seja favorecendo as oligarquias locais ou o centralismo político de uma cidade onde se montava o novo Estado brasileiro, a morte do campo em virtude do progresso técnico e da cultura urbana pode ser notada nas narrativas literárias deixadas em “O Pão”³⁷⁶.

*terna, toda risonha, de mãos postas, parecia contemplar os fieis entre uma Imagem do Carmo e outra do Sagrado Coração: Tudo alli reçumava alegria, contentamento, simpleza e doçura. (...) Fora o sol doirava o vasto ambiente, reluzindo na pelucia velludosa da folhagem opulenta. Apenas as serras ao longe, para o ocidente, pareciam dormir ainda entre lençoes de nevoa, numa quietude bucólica de remanso e de calma. (... ..) Depois terminou a missa e o povo começou a se dispersar por toda a casa, accumulando-se na varanda, dividindo-se em pequenos grupos pelo terreiro. O Marcos Serrano [Rodolfo Teófilo] – dono da casa e promotor da festa – chamava a minha atenção agora para certas scenas mais pittorescas representadas, ao ar livre por conhecidos que se encontram e se cumprimentam amigavelmente. E havia em tudo uma alegria limpida e franca, desprendida da alma d’aquelle povo rustico e expansivo (... ..)”. ALEGRETE, Sátiro. “No Campo” IN: **O Pão**. Anno: II; N°: 20. – Fortaleza: 20/ 07/ 1895. P. 04.*

³⁷⁶ *“Da pequenina palhoça ao lado do leito da Estrada, quando o trem de ferro passava, altaneiro como uma aguia que fosse rastejando a superficie da terra, uma creança de oito annos, si tanto, olhava o monstro sumir-se sibilando pela encosta da serra, além, até perdel-o de vista. Então quedava-se silenciosa e triste, e logo a expansão do seu pesar e odio de coração infantil se traduzia nas duas lagrimas que lhe corriam pela face rosada e pequenina, que ella enxugava com a manga da camisa muito alva, sagitada de leve pelo vento... Era um ódio mortal, incomprehensivel n’um coração tão pequeno ainda, esse que aquella creança consagrava ao trem de ferro, que passava defronte da humilde palhoça de sua mãe. (...) Dous annos antes aquelles logares eram quasi desertos. Apenas se ouviam ali os tiros das pedreiras e o malhar das picaretas dos trabalhadores da linha. Agora quem passasse no trem por aquellas paragens, olhando pelas portinholas, veria um mundo de casas de palha, rodopiando como phantasmas de um lado e d’outro da Estrada. Uma d’essas casas pertencia pertencia á mãe d’aquelle creança de oito annos e de um irmãosinho menor, filhos do feitor Anselmo, sepultado não se sabe bem em que logar a 25 de março de quasi dous annos atraz. (... ..) Uma manhã, o feitor que ia sempre adeante, não teve tempo de desviar-se, quando o cachimbo mais mais alta da ribanceira á direita ameaçou cahir, e o montão de terra pegou-o em cheio e a tres homens mais que ficava ao pé d’elle. Estes, porém, a custo resurgiram mutilados d’aquelles escombros e predispunham-se de novo para o trabalho, sem consciencia de que alguém tivesse sido victima n’aquelle catastrophe. Quando começaram a remover todo aquella montão de terra para o aterro que ficava perto, no descambar do alto, restos desagregados de corpo humano e a terra humida de sangue, trouxeram aos trabalhadores mais que um pressentimento – a prova da morte de um companheiro. E estavam ali só onze, faltando o feitor que d’esta vez não teria ido, com certeza, como de costume, tomar café na sua palhoça defronte. Era sim, um morto sem sepultura, tendo por descanso eterno toda aquella extensão de terra ensanguentada, por onde passava agora orgulhosa a machina de ferro. Do morto alguns ossos apenas foram enterrados no matto, a poucos mettros da Estrada, debaixo de uma latada encimados por uma cruz, como uma illusão para a pobre viuva, que ia ali*

Esta carta de Antônio Sales a Almeida Braga, publicada em “O Pão”, Nº 20, de 15/ 07/ 1895, mostra o sertanismo estético do autor primando pela preservação de um cotidiano típico, permeado de intensidades, sujeitos e imagens a fazerem parte de um modo de vida que o padeiro desejava preservar na realidade brasileira.

Meu estimavel Almeida,

Tu vais ficar melancolico, pois como o bardo da Eneida, eu descambei no bucolico. Tu, urbano encarniçado, tu, filho do boulevard, has de certo lamentar este caso inopinado.

Perdôa si desprezei os teus prudentes conselhos: - filho do campo, voltei hoje ao campo, e amores velhos...

(... ..)

Deixando o estilo symbolico, te digo em portuguez chão: (não vai ficar melancholico!) quero morar no sertão!

Hei de ter uma fazenda de vasta casa alpendrada, fresca, de onde se desvenda a varzea de bois coalhada; e d’onde se vejam passar – fogosas, nedias e lestras as novilhas e as bestas de cauda crespas no ar!

Hei de travar com os vaqueiros amena conversação, falando em bois mocambeiros, traçando ferros no chão.

E sobre um quartão de estouro, ao lado do Zé mandinga, percorrerei a caatinga todo vestido de couro.

Hei de ter uma patente da Guarda nacional e um logar de proeminente na Coisa Municipal. E com ares de importancia e de consciencia tranquila, irei á missa na villa – cheio de fé e flamancia!

Os meus fieis eleitores dirão de chapéo na mão: “Cuma vai, seu capitão? – Bem; como vão os senhores?”

Estás talvez, caro amigo, a lamentar meu destino, mas em verdade te digo – isto é que é vida, menino!

Peço-te reserva extrema sobre esta minha intenção. Sem mais, com toda effusão te abraço.

Moacyr Jurema³⁷⁷

Explorando as orações da narrativa, percebe-se que se trata de uma prosa poética, pois a sonoridade denuncia que os versos foram construídos em períodos semelhantes à musicalidade de um repente, manifestação poética típica do sertão. A fazenda, a coalhada, os bois, o vaqueiro, as relações sociais do campo, enfim, Sales levou às paragens literárias a sua

resar, as vezes, ao toque d’Ave Maria... E eis porque aquella creança de oito annos de idade chorava quando via passar o trem e soluçava quando a machina de ferro enfrentava a sua humilde palhoça, passando altiva pelo terreno, que era na verdade a sepultura de seu pobre pae...” SABOYA, Eduardo. (TUBIBA, Brás). “O Trem de Ferro” IN: *O Pão*. Anno: II; Nº: 12. – Fortaleza: 15/ 03/ 1895. P. 04.

³⁷⁷ JUREMA, Moacyr (Ant. Salles). “Carta” IN: *O Pão*. Anno: II; Nº: 18. – Fortaleza: 15/ 06/ 1895. P. 04.

leitura sobre uma dada realidade brasileira, como forma de conectar material desejante nas leituras do órgão, a refletir boa parte do campo de experimentação predominantes nos territórios sociais do país.

Em uma outra carta publicada no periódico, o padeiro Ivan d’Azoff, o Waldemiro Cavalcante, professou ressentida oposição à potência estética da ordem burguesa, a *belle époque*, que naquele tempo configurava em seu campo de enunciação o uso de artefatos e modos de vida ligados à idéia de luxo, ostentação e requinte, produzindo desejos condizentes à noção de mundo civilizado.

*Cavalheirosamente recebidos á porta do solar sertanejo, apeámo-nos e tivemos ensejo de palestrar algum tempo com os donos d’aquilla feliz mansão, onde o requinte da civilização ainda não foi perturbar o sossego*³⁷⁸.

Ao retratar os costumes do homem dos sertões, Waldemiro primou por desvencilhar este tipo distinto dos vícios maledicentes comuns ao homem das cidades, afetados pela competição nos espaços urbanos, territórios das relações capitalistas. Há de ser percebido que o homem rousseauiano apareceu na confecção da narrativa ajudando a compor a leitura do sertanejo dócil, cândido, detentor das virtudes morais. Com a emergência da civilização, utilizando-se de material desejante de outra máquina literária, o autor denunciou os aspectos culturais de um território que na sede pela emergência da novidade, ao incorporar uma estética que condizia à demanda da cultura capitalista, produzia a promiscuidade, o vício e a transgressão das virtudes pregadas na tradição. Neste sentido, o livro “A Normalista”, do antigo colega de agremiação Adolfo Caminha, teria denunciado toda a teia de vícios e difamações que Fortaleza no auge da emergência burguesa haveria de ter experimentado no cotidiano dos seus cidadãos.

Contudo, a morte dos sertões já vinha sendo anunciada no próprio “O Pão”. A decadência do homem em busca de sua plenitude no meio das promessas feitas pelos enunciados da vida burguesa passou a ser experimentada, cada vez mais melancólica, triste e encasteladamente mórbida. Lopes Filho, Lívio Barreto e Cabral de Alencar foram padeiros que desde o início do periódico já denunciavam a mortificação da cultura, dos modos de vida

³⁷⁸ CAVALCANTE, Waldemiro. “Da Cidade ao Sertão(Carta á Padaria)” IN: *O Pão*. Anno: II; Nº: 19. – Fortaleza: 01/ 07/ 1895. P. 02.

do homem do campo e dos valores do espírito no langor de suas narrativas, definhados com o avanço da ordem burguesa e seu modo de subjetivação no espaço social cearense.

III. 3. Tenebris in Lux: Decadência, Nephelibatismo e Literatura Menor no Território Social Cearense.

Na “Revista Trimestral do Instituto do Ceará”, Tomo XXXVIII, de 1924, publicou-se uma carta do Dr. Júlio César da Fonseca Filho ao antigo padeiro Antônio Salles, residente na então Capital Federal. Esta escritura, carregada de uma atmosfera triste e pessimista, respondia um escrito do ex-padeiro que fazia alusão à proclamação da República. Transcreve-se aqui alguns trechos da carta em que o Dr. Júlio César retomaria, com o amigo das campanhas letradas d’outrora, a discussão sobre o assunto abordado:

*Amigo e Sr. Antônio Salles,
Venho, pois, subministrar-lhe umas achêgas com que posso contribuir para a verdade histórica do facto. Ellas me dizem respeito, mas têm valor psicologico para o estudo dos nossos homens e das nossas coisas.*

No dia 16 de novembro de 1889, convidado por Catunda, meu companheiro de palestras scientificas, juntamente com elle me dirigi para o Passeio Publico, logar determinado previamente para a proclamação da República no Ceará, ou melhor para a sua adesão ao movimento revolucionário, que agitava o paiz no seu principal centro. Ahi chegando, encontrei á sombra das árvores, diversas pessoas, dispersas em grupos, sem a agglomeração confusa e tumultuaria, propria das multidões ávidas de movimentos e impetos.

Em um dos bancos longos, que margeiam a avenida central, estava em repouso uma nossa Bandeira com a hoste respectiva, notando-se que, em vez da Corôa Imperial, que melhor existia, haviam sobreposto um barrete phrygio, feito de baêta vermelha. Trocámos algumas palavras com o major Mel. Bezerra acerca do assumpto da reunião de que era elle o principal iniciador e promotor (...)

Pouco depois [após a retirada súbita do major], pelo mesmo portão, entra trazendo em sua companhia o tenente-coronel Luiz Anto. Ferraz, commandante do batalhão aqui estacionado, e o capitão de engenheiros Dr. Pretextato Maciel.

O Ferraz vinha pallido, muito pallido, abotoando ainda o dolman, signal de que tinha vestido ás pressas. Bezerra

apresentando-o, em gesto senhorial de conductor de homens, declarou, voz altinosamente:

- 'Eis o nosso primeiro Governador!'

Achava-se ahi também, na mesma ocasião, um celebre cavalheiro de industria espanhol, conhecido por CATALÃO [destaque do autor], o qual, immediatamente, sem tir-te nem guarte, se apoderou da Bandeira referida e, empunhando-a sôlta aos beijos da brisa maritima, que então soprava, bradou violentamente:

- 'Viva a República!'

Similhante 'viva!', partido da bocca de CATALÃO, bocca sem duvida acostumada á cultura da mentira e do sophisma, echoou-me na alma como si fosse o estertor de um moribundo, quando não passava de um 'Evohé' de bacchante ebrifestiva.

Fiquei – confesso – completamente atordoado, como que sendo victima de uma illusão morbida. Mas, voltando a mim mesmo, num relampago de reflexão, comprehendí tudo, na sua realidade, e disse para Catunda:

- 'De uma República que tem por seu primeiro governador o Ferraz, e, por ganfaloneiro o CATALÃO eu não posso fazer parte...'

E como um raio, que era de indignação, retirei-me para minha humilde casa e, lá chegando, apoderou-se de mim uma tristeza tal que ainda hoje a experimento, qual si ella estivesse agarrada ao meu ser como um perene cingidouro mortificante..

.....
(...) com a alma immensamente torturada por ver assim comprehendido o ideal da minha mocidade, por que tanto e tão renhidamente batalhára na imprensa e na tribuna (...)³⁷⁹.

Como é bem percebido no texto acima, nem todos os sujeitos que participaram das campanhas em prol das mudanças políticas e institucionais durante as décadas de 1870 e 1880 regozijaram-se com o desabrochar do regime republicano no Brasil. Antes de ser um panfleto anti-republicano, monarquista, o que de fato não foi, o texto Júlio César evoca a experimentação de um sentimento rancoroso, magoado e profundamente triste em relação aos ideais que outrora mobilizaram a sua geração. Sobretudo, a Mocidade Cearense, que empreendeu campanhas e agitações intelectuais e políticas nas décadas de 1870, 1880, 1890, segundo suas leituras sociais, em prol da emancipação do indivíduo, do seu aperfeiçoamento moral, a lançar a sociedade brasileira nos rumos do progresso conforme os

³⁷⁹ FONSECA FILHO, Júlio César da. "O Ceará e a Proclamação da República". IN: *Revista Trimestral do Instituto Histórico*. Anno: XXXVIII; T. XXXVIII. – Fortaleza: Typographia Minerva; 1924. P. 343 e 344.

pressupostos dos ideais liberais e iluministas, condizentes ao desenvolvimento industrial, urbano, tecnológico e científico, como bem exigia aqueles tempos emergentes da ordem capitalista.

Aliás, já mencionado em tópicos anteriores, boa parte da Mocidade conseguiu algum benefício material, prestígio na sociedade, etc, com a ascensão da facção Pompeu Accioly nos domínios do poder político no Ceará, durante a campanha e legitimação do golpe republicano no estado. O próprio Joaquim Catunda acima mencionado, Tomáz Pompeu Filho, João Lopes, Justiniano de Serpa no início deste século, dentre outros da mesma geração, são nomes que se destacaram, seja no cenário local ou nacional, nem tanto pela sua produção intelectual, mas, pela participação que tiveram nas Câmaras Legislativas, Assembléias Estaduais e até no Congresso Federal, dando ainda a sua parcela de contribuição na formação da débil e capenga democracia federalista implementada para servir as oligarquias regionais e seus interesses facciosos³⁸⁰.

³⁸⁰ Quando exerceu o seu mandato de deputado federal, João Lopes, antigo redator-chefe do jornal abolicionista “Libertador” e fundador do Clube Literário, manifestou-se quanto a não emissão imediata de recursos garantidos pelo Art. 5 da Constituição Federal, que garantia o envio de verbas aos cofres dos estados do norte sacrificados com o flagelo da seca. Como nunca foi novidade, as oligarquias do Nordeste sempre foram beneficiadas com os recursos federais para combater os períodos de estiagem, o que de fato jamais houve, pois o que se conhece é a famosa “indústria da seca”. Bom, em discurso que fora publicado no jornal pertencente à sua facção político-partidária, “A República”, do grupo Pompeu-Accioly, o deputado deixou evidente que, segundo queria o chefe Nogueira Accioly, após esgotar todos os recursos dos cofres do Estado do Ceará a solicitação de verbas haveria de ser feita, de qualquer forma. Na realidade, tratava-se de uma estratégia política, tipicamente de um “raposa velha”, em que transmuda-se a imagem de um estelionatário corrupto, agenciador dos benefícios públicos em favor da construção de recursos técnicos nas propriedades dos seus correligionários, a um líder democrata e consciente que não quer explorar os cofres federais em nome do benefício nacional. Como será percebido, cabia a imprensa, ao seu órgão partidário fazer a sua imagem de um líder sério, ou melhor, manipular enunciados, em favor da legitimação do poder de seu grupo através da opinião pública. “(... ..) *O illustre presidente do Ceará [Nogueira Accioly], desde o começo do corrente anno, declarou que tinha apprehensões de estarmos a braços, quando não com uma verdadeira secca, pelo menos com um anno de colheitas insignificantes, com um anno de penuria, e começou a tomar cautellas que lhe careceram mais convenientes para assegurar a sorte da população, prescindindo, porém, de recorrer ao governo federal, pára lhe pedir auxilio. Agora mesmo, com o congresso estadual aberto, foi apresentado um projecto, que realisa a idéa dominante no meu Estado – a de construcção de açudes. E, em quanto trata da adopção desta e outras medidas, prescinde de appellar para outros recursos, tanto mais quanto S. Ex. pretende, acompanhando o desejo de todos os brasileiros, fazer com que o Ceará atravesse esta calamitosa quadra, sem agravar mais ainda os comprometidos cofres da União, que estão a exigir do Congresso o mais meticoloso cuidado. (... ..) O governo applicaria essa somma com extrema parcimonia, teria o maximo cuidado em não esgotal-a, e então, quando isso se desse, quando os cofres do Estado já não tivessem forças para occorrer aos soccorros, então sim, viria o pressuroso solicitar os meios extremos que a Constituição assegura. (... ..) Si amanhã tivermos a infelicidade de reconhecer, pelo desenrolar dos acontecimentos, que é chegado o momento terrivel de appellar para a Nação, não duvidem os nobres deputados, havemos de cumprir o nosso dever. E então, sr. Presidente, eu, que falo á Camara neste momento a linguagem da maxima franqueza, virei pedir com insistencia que attendam as necessidades daquelle povo soffredor e abnegado que, com tamanha altivez, resiste ás hostilidades do meio physico (...)*”. “Congresso

Contudo, tendo uma postura política e intelectual bem mais desiludida que o próprio autor da carta acima transcrita, sobretudo em relação à esfera local, outros homens de letras abandonaram a terra natal já sensibilizados com os rumores nauseabundos da nova ordem política. Dentre eles, podem ser citados o próprio Justiniano de Serpa³⁸¹ que, logo no início da legitimação do golpe bem como da montagem da máquina acciolina, exilou-se no Pará, e Adolfo Caminha, exilado na então Capital Federal, que em “O Pão” já professava todo o seu desafeto diante da política local, como bem pode ser percebido no Nº 02, de 17/ 07/ 1892. Este último, que não fazia parte da Mocidade, mas dos Novos do Ceará, conforme já observado, chegou aos extremos da ojeriza, chegando a comprar briga com seus comparsas letrados, sobretudo, os membros da Padaria Espiritual e em especial Antônio Sales.

Toda essa experimentação pessimista em relação à República, fora propiciada com a atmosfera de desilusão por boa parte desses homens de letras não verem consolidados seus ideais outrora professos; seja das campanhas em prol da apreensão do conhecimento positivo na sociedade, das lutas emancipatórias pela democracia na campanha abolicionista, por ansiarem uma economia brasileira direcionada para o industrialismo, ou ainda por formar um público leitor que deveras absorvesse o sentimento nacional e a leitura social que professaram em seus periódicos e associações literárias. Na verdade, o desencanto foi com o ideal desvanecido da conhecida geração de 1870, em que todos esses intelectuais durante a transição política, de uma forma ou de outra, empenharam-se por formarem um novo Estado e uma nova Nação segundo o que apreenderam com as suas leituras fincadas no pensamento eurocêntrico.

É bem verdade que, pertencentes em sua maioria ao grupo da velha elite ruralista e senhorial, estes sujeitos letrados contribuíram muito para estender os domínios tradicionais da sociedade brasileira que se sacrificava por acompanhar o desenvolvimento do mundo burguês e do capitalismo industrial no Ocidente. Contudo, pelo fato de acreditarem nas utopias comtianas quanto ao domínio do conhecimento científico (em longa medida o mecanismo de poder dessa elite letrada), na conjuntura em que atravessava

Nacional, Camara dos Deputados – Discurso pronunciado na sessão de 25 de outubro de 1898”. IN: *A República*. Anno: VII; Nº: 255. – Fortaleza: 08/ 11/ 1898. P. 01.

³⁸¹ SALES, Antônio. *Novos Retratos & Lembranças*. – Fortaleza: Casa de José de Alencar/ UFC; 1995. P. 63.

o país não esperavam os beletristas que, com os progressos e teorias modernas proclamadas, fossem eles ainda submetidos às decisões da avoenga estrutura de poder, fincada fortemente no patriarcalismo e na economia rural.

Para quem não tinha tempo a perder com devaneios de discursos filosóficos e/ou literários especulativos, com a legitimação do pacto oligárquico a inserção do Brasil na nova ordem mundial foi de caráter emergencial para os ruralistas de olho no mercado externo com as exportações dos produtos nacionais; interesses da antiga elite senhorial que, renovados pelo anseio civilizatório, afim de terem garantias políticas e sociais na ordem capitalista que se instaurava, operando nas transformações históricas que afetaram a sociedade brasileira. Sendo a República o regime que acabaria de lançar o país no rumo do progresso, o Brasil haveria de tomar uma nova feição, a começar pelas capitais que passaram por violentas campanhas de disciplina urbana e higienistas. A política do Encilhamento, no benefício dos setores emergentes que espoliavam a nação com as oscilações cambiais do capital especulativo, marcou os primeiros anos da realidade econômica do país após o golpe de 1889. O pacto federativo, o mais bem montado aparelho jurídico-político brasileiro de extorsão dos cidadãos, distribuía as rendas da nação alimentando arrogância e ambição dos grupos oligárquicos regionais³⁸². Portanto, liberdade, democracia, ciência, enfim, toda a parafernália ideológica que agitou os corações da mocidade empreendedora durante a transição entre a Monarquia e a República serviu para legitimar o avanço das instituições burguesas, estreitar as relações entre o capital internacional e a economia ruralista brasileira e estender e perpetuar os domínios dos setores tradicionais na estrutura de poder.

E para quem não era filho abastado da velha elite senhorial e de alguma forma havia experimentado estes anseios de ascensão social, prestígio público e garantia das liberdades individuais, pregados profeticamente pelos alardes das campanhas em prol da modernidade brasileira entre as décadas de 1870 e 1880? O que restou àqueles que se sociabilizaram com a vida literária, modestamente, pela circulação das idéias e familiarizaram-se com os anseios intensamente reclamados na esfera da cultura letrada, em jornais, pasquins, periódicos etc, sem nenhum compromisso com os agenciamentos do

³⁸² SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão*. Op. Cit. P. 25 – 77.

poder, somente por deleite próprio, e mesmo assim adentrou na carreira literária? O que escreveram, e para quem?

A estes homens de letras que se abrigaram nas catacumbas de seus sonhos e rumaram em busca do *Lost Paradise* de uma realização imaterial, restaram-lhes o sabor fugidio da graça inconcebível, do desejo castrado, do éden perdido. Em lamento profundo, voltaram-se para os seus desejos escondidos por entre os recônditos mais remotos das suas cartografias subjetivas, onde puderam experimentar não a sorte no campo das relações materiais, mas, a plenitude de um gozo perene no campo artístico. Ou seja, a evocação de um espaço atemporal como subterfúgio de algo que pode ser realizado, ganhar brilho e ter a potência da vida sem ser capturado pelos interesses e forças que atuam nas relações humanas, de forma material, simbólica e discursiva.

O objetivo deste derradeiro tópico é mostrar essa postura política e intelectual, bem como a leitura peculiar sobre as experimentações cotidianas dos chamados “nephelibatas”, os poetas decadistas e simbolistas da Padaria Espiritual, sobretudo, Lopes Filho, Lívio Barreto e Cabral de Alencar, no sentido de que eles utilizaram-se da Literatura, como campo de expansão subjetiva, para produzir linhas de fuga e de desterritorialização³⁸³, a não se deixarem ser capturados, em suas narrativas, pelos agenciamentos maquínicos e modos de subjetivação do poder, com o avanço da ordem capitalista naquela realidade. Por ser uma “Literatura Menor”, aquela que produz modificação na língua por um coeficiente de desterritorialização e por suas ações no conteúdo narrativo estarem diretamente ligadas ao campo político, bem como por ser aquela produção literária que procura preencher condições de um enunciado coletivo³⁸⁴, a ação rizomática da produção literária dos respectivos padeiros comportou intensidades das experiências cotidianas, linhas de fuga e de desterritorialização que sofreram a ação das relações de forças e dos agenciamentos do poder; porém, não se deixando capturar, através da produção de uma narrativa que evadia às condições de submissão da vontade individual, da experimentação subjetiva.

³⁸³ A considerar que toda produção de enunciados, bem como de conteúdos semânticos, dá-se em uma relação de poder, Deleuze e Guattari expõem como seria a atuação de uma “linha de fuga, de desterritorialização” em uma narrativa literária: “(...) não importa onde, ainda que no mesmo lugar, intensamente; não se trata de ‘liberdade’ em oposição a submissão, mas apenas uma linha de fuga, ou melhor, de uma simples ‘saída’, à direita, à esquerda, onde quer que seja, a menos significativa possível (...)”. DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Kafka. Por uma Literatura Menor*. – Rio de Janeiro: Imago Editora; 1977. P. 12.

³⁸⁴ Op. Cit. P. 25 – 42.

Simpáticos à escola de Baudelaire, Verlaine, Antero de Quental e Antônio Nobre, dentre outros, os padeiros “nephelibatas” beberam da ânfora dos *Poéts Maldits*, das tendências finisseculares como o Decadentismo e o Simbolismo franceses³⁸⁵. Estilos dionisíacos, herdeiros do Barroco e sobretudo do Romantismo, deram-se por rebelar contra os avanços do mundo burguês, como a crença ortodoxa na ciência, a ambição voráz pelo progresso tecnológico e industrial, os alardes histéricos e promíscuos da democracia liberal. Assim como as tensões geradas na esfera axiológica do mundo ocidental, em relação à “anarquia moral” experimentada com o avanço da democracia burguesa em detrimento dos valores resistentes da tradição³⁸⁶, bem como as transformações na própria sociedade cearense com a febre arrivista e os conflitos políticos gerados em prol da legitimação da República, estas correntes literárias finisseculares contribuíram por potencializar o campo estético que agenciou a máquina literária dos padeiros “malditos”. Inicialmente, por uma facilidade formal, será chamado essa estética potencial de Decadência, ou o agenciamento maquínico que afetou a produção literária dos referidos padeiros em relação ao campo de tensões acima colocado diante das transformações históricas ocorridas naqueles tempos.

A decadência experimentada pelos padeiros nefelibatas, que chegou a causar controvérsia entre seus párias³⁸⁷, primou pela evasão das questões mundanas e, dessa

³⁸⁵ “O Decadentismo (...) não é uma escola mas um ‘espírito de revolta’ em que cada autor cria a sua língua e seu estilo. Ele é de fato uma atmosfera comum de desconfiança dentro da interrogação do que será este mundo que a ciência tanto promete. Ultrapassando a ‘arte em sua extrema maturidade’ de que nos fala Gautier, o Decadentismo torna-se uma nova época primitiva quando, tendo o artista renegado seus valores atuais, ele está à procura de uma nova forma (...)”. MORETTO, Fulvia M. L. **Caminhos do Decadentismo Francês**. – São Paulo: EDUSP/ Perspectiva; 1989. P. 31. “O simbolismo, em geral, se funda numa concepção espiritualista, idealista. Tem mais pendor pela religião que pela ciência. Não se entusiasma com a técnica e o progresso. Confiar mais na intuição que na discursividade, cultivando o pensamento analógico. Em última análise, busca o infinito qualquer que seja seu aspecto”. TRINGALI, Dante. **Escolas Literárias**. - São Paulo: Musa Editora; 1994. P. 157.

³⁸⁶ WEBER, Eugen. **França Fin-de-Siècle**. – São Paulo: Cia. Das Letras; 1988.

³⁸⁷ Nefelibata é originário de “Néphilis”, a deusa etrusca dos que vivem divagando na esfera do sonho, da fantasia e da alucinação. Sobre as polêmicas surgidas com decadistas e simbolistas do cenário literário nacional, é conhecida a desavença entre a Padaria Espiritual e a Revista “Thebaida”, comparsa da revista também de autores simbolistas “Os Romeiros da Estrada de San-Thiago”, do grupo de Alves de Farias, que circulavam na Capital Federal e atacaram autores cearenses como Antônio Sales, Rodrigues de Carvalho e até o simbolista Lopes Filho, da Padaria. Segue aqui alguns trechos da polêmica: “A ‘Padaria Espiritual’ e o ‘Centro [Literário] do mesmo nome são fábricas de rosas colossais, manejadas no grande forno do espírito Cearense pela pá do Sr. Antônio Salles, um padeiro de avental e cafurinha branca na cabeça, muito suado pelo calor do seu talento, enquanto o Sr. Lopes Filho agarra-se ao badalo colossal dos ‘Phantos’ e dobra-o e redobra-o pavorosamente, de tal modo que o som se espalha pelo Norte até a extrema latitude setentrional do Brasil e desce Sul abaixo até as fronteiras com o Rio da Prata, como se fosse um Quasímodo das Letras, disforme, anguloso, corcunda, endemasiado, cheio da ‘grimace’ fantástica do ‘Som’. Não bastava isto. Aparece agora o Sr. Rodrigues de Carvalho, autor do ‘Coração’. Achamos que o Sr. Carvalho devia ser

forma, explorou o descomprometimento com os anseios da sociedade cearense enfebrejada com as novidades cosmopolitas, como também distanciou-se dos problemas que a intelectualidade da época procurava solucionar.

*Argonauta, onde está teu ideal thesouro,
A nova Colchida – esse encantado Paiz,
Onde teu genjo vai numa galera de ouro
Tendo por mareantes Colombos juvenis?*

*Ilha de ouro e coral, de passaros contentes,
Onde cantam mil ninphas em festivo côro.
E ao luar rios gemem ais cavos e dolentes
Beijando a escada branca a algum castello mouro.*

*Terra que vejo em sonho desde creancinha,
P’ra onde ala-se-me o pensamento – essa andorinha
Q’ando buscando eternamente a primavera.*

*Terra do ideal, oh! Meu Novo-Mundo sonhado!
Abre-me o seio, ouve ao ente desesperado
Ao doido, ao sonhador, ao filho da Chimera³⁸⁸.*

nomeado o sacristão do ‘Centro Literário’ do mesmo modo que o Sr. Lopes é o da ‘Padaria’ por que em versos de sino, não há nenhum, como os desse ‘Coração’ malfadado. (... ..) A Arte é a Arte! E nunca essa filial do Ceará no grande meio, a ‘Semana’, farmacêutica da prosa e agente dos produtos das duas fábricas cearenses; não é tão pouco, atualmente, o parnasianismo lírico e desbocado dos cantadores de serenta, a clorose anímica de meia dúzia de indivíduos sonhadores e beócios que invadem e estragam como filoxeras, a vinha sagrada do Senhor! É preciso reação e como tal, a ‘Thebaida’, aceitando todo o produto de talento e de nervos, terá sempre a sua recusa e a sua janela gótica fechada para esses bárbaros da atualidade, trazidos de um vento perverso, assolando as planícies nevadas da Arte, semeando má das suas celebrações e aguerrindo o Norte contra o Sul pela palavra de desbocados padeiros do Ceará”. Pedro, o Eremita. “Bárbaros”. IN: *Tebaida*. Anno: I; Nº: 07. – Rio de Janeiro: maio de 1895. APUD. CAROLLO, Cassiana Lacerda. *Decadismo e Simbolismo no Brasil. Crítica & Poética*. – Rio de Janeiro/ Brasília: Livros Técnicos e Científicos/ INL; 1980. P. 392 e 393. A resposta da Padaria é a seguinte: “Li a pouco tempo em uma revista de psiquiatria que n’um hospital de doidos na Inglaterra acabava de ser montada uma officina typographica, onde era impresso por doidos um jornal redigido por doidos. (...) Ultimamente pensei tel-o conseguido quando me veio ás mãos o 1º numero da ‘Thebaida’. Era engano. A ‘Thebaida’ não é precisamente o mesmo periodico referido na revista psiquiatrica: é porém do mesmissimo genero, e por um bem se pode fazer idéa do que seja outra. A differença entre elles é que os redactores de um estão recolhidos ao hospicio, os do outro andam soltos. Exceptuadas duas ou tres composições em que na ‘Thebaida’ há senso commum, o mais é tudo cousa de nephelibatatas, symbolistas, ‘estradeiros’ de San-tiago, etc. (...) ‘Barbaros’ é o titulo de um... artigo (?) no qual uma pobre alma que dá pelo tolos nome de ‘Pedro, o eremita’, com uma logorrhéa de phrases desconexas, características de cerebração atrophiciada, arrumou meia duzia de desaforos á Padaria Espiritual, ao Centro Litterario e ao Ceará. Insultos à Padaria fazem-nos sorrir. Quando ella se installou (...) foi fazendo escandalo e alvorotando os pacificos burguezes, e desde essa dacta muita descompostura tem levado dos ‘nullos’ (...). E por isso é mister significar a esse ‘Pedro, o eremita’, seja elle mentecapto ou simplesmente tolo, que, para se pegar com a gente do Ceará vantajosamente, são precisos muitos requisitos que lhe faltam”. CARLOS JÚNIOR, José Carlos (Bruno Jacy). “Com a ‘Thebaida’”. IN: *O Pão*. Anno: II; Nº: 20. – Fortaleza: 20/ 07/ 1895. P. 01- 02.

³⁸⁸ FILHO, Lopes (“Anatólio Gerval”). “Musa Nephelibata”. IN: *O Pão*. Anno: I; Nº 03. - Fortaleza: 06/ 11/ 1892. P. 06.

Este soneto da autoria de Lopes Filho, dedicado ao padeiro Antônio Sales e publicado nos primeiros números de “O Pão”, é bastante elucidativo para serem compreendidos os anseios desse grupo distinto que brotou no seio da Padaria Espiritual. A acompanhar a narrativa, percebe-se que o autor fez alusão a uma terra ideal, um lugar de plenitude onde o sonho ou os anseios pudessem ser realizados. Através de uma “galera de ouro”, de uma potência artística, ou ainda de um talento ou instrumental, os “colombos juvenis”, a mocidade desbravadora, atingiria este ideal, esta terra encantada por “mil nimphas”, deusas da inspiração poética, sob a paisagem de um castelo ou lugar majestoso e acolhedor. Pois, o que se queria desde a infância, portanto a pureza de sua vontade, é dar liberdade ao pensamento, à idéia, à produção artística ao filho do sonho, da quimera, a encontrar esta terra sagrada, este mundo novo.

De fato, a narrativa por menor compromisso que ela possa ter em relação às questões cotidianas, está solidamente ancorada no universo simbólico e nas relações sociais que o sujeito possuiu com a sua realidade. Lopes Filho, juntamente com Antônio Sales e outros, haviam fundado o Centro Republicano nos primórdios de 1889. Participando do emergente movimento no Ceará, sua narrativa “nefelibata” não fugiu um momento sequer do seu campo de experimentação em que as tensões políticas de época estavam colocadas. De vida modesta, o funcionário da alfândega e autor de “Phantos”, que por um lapso da crítica e historiografia literária nacional poderia ter inaugurado o simbolismo no Brasil³⁸⁹, participou energicamente da campanha republicana, juntamente com os Novos do Ceará, até o momento em que os “raposas velhas”, entre 1891 e 1892, viessem tomar a frente com a fundação do Partido Republicano Federalista, liderado por Accioly e sua facção.

Como tantos poetas que bem souberam viver a boemia literária em Fortaleza na virada de século, Lopes Filho não mais se iludiu com aquilo que já experimentava como sendo preclaro e definitivo: a manutenção dos grupos oligárquicos no poder. E, ao contrário dos muitos da velha Mocidade que aderiu à essa situação, ele preferiu deixar que a sua fantasia, o seu ideal, caminhasse para além, atingisse a plenitude nas regiões abismais de seu universo imaginário, através de uma linha de fuga, ponte de desterritorialização das

³⁸⁹ AZEVEDO, Sânzio de. *A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará*. – Fortaleza: Casa de José de Alencar/ UFC; 1996. P. 161.

tensões cotidianas, encontrando na evasão a forma de não ver o ideal de sua geração sentenciado em meio aos interesses maiores de quem dava as cartas definitivas no jogo político.

Na narrativa poética de Lopes Filho, o “Anatólio Gerval” da Padaria, a confecção de uma linha de fuga chega inclusive a construir uma outra relação com o tempo. Uma espécie de saudosismo quimérico encontra na Arte a plenitude de um desejo castrado, impossibilitado pelas atualizações das relações de força e agenciamentos de poder colocados no cotidiano. Esta estratégia narrativa cria a possibilidade da existência de um campo de experimentação onde os modos de subjetivação do poder institucional não poderia capturá-lo, de forma que nesta linha de fuga seja dada a atualização de um desejo em uma temporalidade experimentada só por aquele que a potencializou, podendo ser entendida como um devir que escapa à lógica do tempo burguês.

*O Passado! Eis o Campo-Santo aonde
Nosso espirito vae, de vez em quando.
Beijar a cinza fria em que se esconde
A illusão que nos vae abandonando:*

*Aquillo que fugio, que não responde
Ao nosso appello anciado e miserando:
Toda a lembrança que a distancia esconde
E que nos deixa o coração chorando...*

*Sonho... miragem... paraíso inculto...
Templo do nosso relligioso culto...
Archa de Noé da ultima Illusão...*

*Ama-te o velho, adora-te a creança,
Pois és bem que nunca mais se alcança
És a imagem mais fiel do Coração!³⁹⁰.*

Já que o passado era efêmero, durante a “febre do novo” a força do tempo aniquilaria qualquer idealização possível. Neste sentido, o refúgio em uma “dobra” no tempo é experimentado como forma de poupar-se das questões mundanas, das relações de poder e das formas de captura dos processos institucionalizantes. A “Musa Nephelibata”,

³⁹⁰ FILHO, Lopes. “O Passado”. IN: *O Pão*. Anno: II; Nº 22. – Fortaleza: 15/ 08/ 1892. P. 05.

mencionada anteriormente, seria então o “abrigo poético”³⁹¹, o aristocratismo de espírito, ou ainda um artifício de subterfúgio na cartografia subjetiva do autor para não ser capturado pelos modos de subjetivação da sociedade burguesa.

Estes artifícios literários eram cúmplices de uma intensidade já bastante experimentada no universo intelectual dos padeiros, sobretudo na primeira fase da Padaria Espiritual. Antes da inserção de membros da velha Mocidade no seio do grupo, quando Antônio Sales não havia ainda colocado o grêmio junto das preocupações institucionais e das questões literárias correntes na época, a Padaria alimentou inicialmente verdadeira ojeriza aos valores cosmopolitas que a febre de consumo alastrou entre os cidadãos de Fortaleza. Para fugir de tal esfera axiológica que, certamente, não condizia à boa parte dos padeiros, o aristocratismo de espírito foi sem dúvida uma estratégia subjetiva para que a verdadeira boemia literária fosse poupada daquela impregnação dos anseios burgueses, longe dos tentáculos consumistas do capitalismo.

(...) o sucesso, o ruído, a movimentação, o estímulo, a vida, emfim, sem tons de tristeza, sem odios e nem paixões vis, e por isto mesmo, sentimo-nos deliciosamente bem ao escrevermos ‘O Pão’, ante a colera injusta dos senhores burguezes, longe, bastante longe do olhar obtuso e ameaçador de Javert, aqui, em nosso confortavel e typico forno, onde diariamente, á noitinha, fabricamos tão boas pilhérias, sonetos adoraveis, phrases scintilantes e vaporosas como o fumo de nossos charutos, e muita cousa mais inoffensiva.

(...)

Na falta de um divertimento bom que nos deleite o espirito e nos faça vibrarem os nervos, occupamo-nos de politica, mas d’uma politica torpe, reles, suja, indigna de ser tocada por mãos que calçam luvas de pellica.

(...)

A litteratura e as artes são, por assim dizer, os melhores tonicos para o espirito.

.....

Era bello de ver estes moços (os padeiros) rubros de entusiasmo, lepidos, alegres, sadios, de papoula ao peito e

³⁹¹ Em aulas lecionadas durante o semestre 99. 1 no Núcleo de Subjetividade do Programa de Psicologia Clínica, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, a Prof^a. Dr^a. Suely Rolnik, ao trabalhar com a obra da escultora e pintora Lígia Clark, aproveitou a ocasião em que se mencionou a obra de Deleuze e Guattari na compreensão da criação literária, e reportou-se ao desdobramento de um novo devir na obra de Lígia, o devir-mulher, no sentido da artista ter criado um refúgio subjetivo em sua obra, ou um “abrigo poético”, na experimentação de um desejo num recôndito da subjetividade que escapasse às práticas de controle do corpo feminino.

*sorriso nos labios, a dobrar jornaes, numa dobadura pittoresca, felizes como si estivessem commettendo a acção mais nobre do mundo, (...) a alegre victoria da mocidade sobre o velho ideal d'aquelles para quem a vida consiste unicamente nisto: - ganhar dinheiro!*³⁹².

Este outro trecho de um artigo já explorado anteriormente, da coluna “Sabbatina”, responsável pelo então padeiro Adolfo Caminha, descreve bem o cenário de Fortaleza na virada de século. Deixando de lado os prazeres efêmeros que as novidades do mundo burguês propiciavam àqueles que iam desfilarem as últimas modas na Avenida Caio Prado, no Passeio Público, o *point* civilizado da época³⁹³, o autor ao narrar o seu menosprezo pela febre consumista evidencia a sua torre de marfim, “o forno”, local onde a Padaria reunia-se. Como é bem sabido, a referida avenida era aclamada no próprio Programa de Instalação da Padaria, redigido por Antônio Sales³⁹⁴. Contudo, vindo esta narrativa do mais polêmico dos padeiros, não poderia ter melhor forma de mostrar o verdadeiro “exclusivismo” que muitos padeiros alimentaram em seus recônditos subjetivos, sobretudo os malditos, por não terem nenhum compromisso com os anseios emergentes de época.

Período de legitimação das oligarquias na política nacional, bem como de Nogueira Accioly na montagem de sua máquina política em prol da consolidação da sua facção no governo do Estado do Ceará, a virada de século em Fortaleza foi configurada por uma ação funesta de violência simbólica. Na imprensa partidária, os jornais “A República”, do grupo acciolino, e o “Estado”, dos correligionários de Rodrigues Júnior, digladiavam-se para deterem a manipulação dos recursos públicos bem como da máquina administrativa em favor da sua facção³⁹⁵. A experimentação dessas intensidades violentas perpassaram no campo das enunciações a atividade rizomática da produção poética dos padeiros malditos.

³⁹² CAMINHA, Adolpho (Félix Guanabarro). “Sabbatina”. *O Pão*. Anno: I; Nº: 02. - Fortaleza: 17/ 07/ 1892. P. 02 e 03.

³⁹³ NOGUEIRA, João. *Fortaleza Velha*. – Fortaleza: Edições UFC; 1980 (2ª ed.) P. 15 – 26 e PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque*. Op. Cit. P.

³⁹⁴ “A Avenida Caio Prado é considerada a mais útil e a mais civilizada das instituições que felizmente nos regem, e, por isso, ficará sobre patrocínio da Padaria”. “Programa de Instalação da Padaria Espiritual”. APUD MOTA, Leonardo. *A Padaria Espiritual*. Op. Cit. P. 45.

³⁹⁵ “O ‘Estado’ está fazendo um esforço extraordinário para dizer graçólas e se mostrar despreocupado com o que a polícia vae apurando: teve ante-hontem um rompente de riso turbido, ao tratar das felicitações que tem recebido o honrado sr. Dr. Nogueira Accioly, por ter escapado á sanha e ao phrenesi assassino dos seus directores”. “Por Carambola”. IN: *A República*. Anno: VII; Nº: 253. – Fortaleza: 05/ 11/ 1898. P. 01.

Na trova “A Lucta pela Vida”, de Lopes Filho, pode-se identificar este campo de tensões experimentado no cotidiano político cearense, através de um potencial estético darwinista e, sobretudo, schopenhaueriano³⁹⁶.

*Estupida lei da Vida,
Cruel destino fatal:
Onde sangra uma ferida,
Alegra-se um animal!*

*Nasce a criação: ella chora,
Chora, com fome talvez:
Cresce; mais tarde devora
Como as pantheras crueis.*

*Oh! Torva lei da Existencia,
- Lucta incessante de mar –
Da vida eis toda a sciencia:
Devorado ou devorar!³⁹⁷.*

Segundo bem mostra Sânzio de Azevedo, as correntes literárias do Decadentismo e do Simbolismo tiveram em boa medida a sua repercussão no Ceará a partir da leitura do “Só”, de Antônio Nobre, que seria a maior influência entre poetas e escritores malditos como Lopes Filho, Cabral de Alencar, Lívio Barreto e Tibúrcio de Freitas³⁹⁸. Contudo, nota-se que a considerar a intensidade dos agenciamentos coletivos de enunciação no fluxo de leituras e circulação de idéias no circuito letrado de Fortaleza, outros autores como Schopenhauer, Darwin, Allan Poe, Campoamor e outros, haveriam de ter afetado o campo desejante daqueles padeiros nefelibatas. Portanto, não só Taine, Buckle, Kant, Tocqueville e Victor Hugo foram lidos e experimentados pelos homens de letras do Ceará, sobretudo pelos padeiros malditos; mas, autores “menores”, que a crítica literária de um

³⁹⁶ “Este moralista, este budista ocidental, inimigo de qualquer dialética, também não foi logo conhecido na Alemanha. Discípulo de Platão e de Kant, Schopenhauer toma como realidade suprema, como Absoluto, a Vontade, impulso cego, força inconsciente, instinto de vida. Esta vontade é o mal, é o desejo que nunca será saciado. A única saída será então o não-desejo e sobretudo a libertação através da Arte. Solução que não podia deixar de atrair os jovens idealistas de 1880. É impossível negar a influência de Schopenhauer na estética ‘fin-de-siècle’. Ela é o substrato de um pessimismo total e absoluto, baseado no mal que é a vontade de viver, mas que traz também a resolução do impasse no estado estético, na contemplação desinteressada da arte, prazer puro, liberto das paixões, o único capaz de trazer felicidade”. MORETTO. Op. Cit. P. 19. Ver também SCHOPENHAUER, Artur. *O Mundo como Vontade e Representação/ Crítica da Filosofia Kantiana (Coleção “Os Pensadores”)*. – São Paulo: Editora Nova Cultural; 1991 e *Dores do Mundo*. – Rio de Janeiro: Ediouro; 1990 (Coleção Clássicos de Bolso).

³⁹⁷ FILHO, Lopes. “A lucta pela vida”. IN: *O Pão*. Anno: II; Nº: 11. – Fortaleza: 01/ 03/ 1895. P. 05.

³⁹⁸ AZEVEDO. Op. Cit. P. 166.

modo geral bem negou diante dos processos institucionalizantes, também tiveram a sua parcela de contribuição no universo de leituras.

Diante dos rumores que a nova ordem política, econômica e institucional alardeava no espaço social cearense daquele período, o desencanto causado por ver desvanecendo os valores e as posturas que outrora mobilizaram campanhas em prol da emancipação do indivíduo, em nome dos novos tempos, tornou-se presente nos textos decadistas de época. A moral que, conforme foi visto no início deste estudo, relacionada naquele tempo com o compromisso do indivíduo em dar-se ao conhecimento das leis e aos valores da nova ordem emergente a colaborar com o progresso material e espiritual da sociedade rumo à civilização, caiu por terra diante do que foi experimentado com a extensão dos domínios tradicionais na sociedade brasileira. Mais uma vez é Lopes Filho quem dá testemunho desse universo desiludido.

*Conheci certo mendigo,
Um pregador de Moral
Que era maior inimigo
De tudo o que nos faz mal...*

*Correram tempos... bons ventos.
Sopraram no seu quintal...
Hoje já não dá lamentos
E... foi-se embora a Moral...³⁹⁹.*

O desencanto com o ideal não atingido potencializou uma conotação pessimista em relação ao tempo experimentado nas relações cotidianas. Lutas políticas, encilhamento, ânsia por consumo, etc, todo esse campo de tensões dos primórdios da vida burguesa no Brasil que coincidiu com o processo de legitimação do golpe republicano, acabou condicionando certo desafeto de alguns literatos em relação à sua realidade social. Este *spleen* que potencializou certo *taedium vitae* de muitos escritores malditos finisseculares, fora também vivenciado também por outros autores que não eram da mesma corrente ou escola literária dos sujeitos que aqui estão sendo evidenciados; contudo, a experimentação subjetiva de uma intensidade independe de qualquer partidarismo literário e estilístico.

³⁹⁹ FILHO, Lopes. “Trovas”. IN: *O Pão*. Anno: II; N°: 14. – Fortaleza: 15/ 04/ 1895. P. 03.

*Não sei porque os risos m'entristecem,
Me faz scismar dos outros a alegria;
Cahe minh'alma em lethal melancholia
Quando turbas risonhas me aparecem.*

*Os murmurios das festas me aborrecem
E do tedio á visão negra e sombria
Ressuscita a mortal misanthropia
E as esperanças todas desaparecem.*

*Então minha alma triste cahe no horto,
Chora a ultima illusão, q' foge esquiva,
Do pobre coração já quasi morto.*

*Só o retiro, só a voz dos ermos
Com sua gravidade suaviosa
As dores d'esses miseros enfermos⁴⁰⁰.*

Rodolfo Teófilo, autor do romance “A Fome”, que a crítica literária reservou-lhe a empobrecedora terminologia literária naturalista/ realista, nada hesitou em narrar no texto o tédio experimentado por aqueles que em nada sentiam-se contemplados e satisfeitos com os valores da moda, do consumo exacerbado, tão profusos com as novidades que vinham da Europa e que tomavam os cidadãos emergentes da capital, inebriados com a febre capitalista alimentada pelos interesses industriais apregoados pela democracia burguesa. A descrição que o autor faz da “alegria [das] turbas risonhas [e dos] murmúrios das festas” ilustra bem a imagem da Avenida Caio Prado, no Passeio Público, onde os fortalezenses das classes emergentes iam desfilarem em regozijo as “últimas tendências da moda estrangeira”.

Não dá para ser afirmado que as narrativas poéticas reconstruam uma fotografia exata das imagens cotidianas. A Literatura, de um modo geral, e, sobretudo a poesia, não chega a ser a descrição perfeita e o relato fiel da realidade material e cotidiana do autor, mas, é o campo onde todas as intensidades desejantes são experimentadas. A obra literária pode sim auxiliar o historiador a topografar as relações de força que perpassaram a dinâmica da sociedade, possíveis de serem identificadas nos conteúdos imagético-narrativos em que as cadeias lingüísticas e semióticas encontram-se ancoradas nas

⁴⁰⁰ THEOPHILO, Rodolpho. “Misanthropia”. IN: *O Pão*. Anno: II; Nº: 09. – Fortaleza: 01/ 02/ 1895. P. 04.

experiências cotidianas, e aí poder ser vislumbrado um campo de tensão e vontades em conflitos.

Tratando-se então de uma Literatura Menor, aquele tipo de agenciamento artístico-literário que não tem compromisso com os processos institucionalizantes e com os agenciamentos do poder, o texto poético, pode dar maior evasão à narrativa e espaço ao campo de expansão subjetiva, e ao mesmo tempo comportar com maior facilidade as linhas de fuga e de desterritorialização, bem como as experimentações vividas nas relações cotidianas. Em determinados momentos, pelo fato de uma estética potencial apropriar-se de um conteúdo temático como o amor, por exemplo, a crítica literária acaba por pecar no sentido que ela despotencializa a obra de arte, em busca de elementos que possam caracterizar os estilos literários, ação resultante da sua preocupação condizente ao método científico⁴⁰¹. Porém, a considerar que em uma literatura menos comprometida com os atributos da cientificidade, e mais apegada às experimentações do autor em relação ao seu universo simbólico, material e desejanste, conclui-se que o respectivo método não possui preocupação com a matéria humana produzida na obra.

*Esta amargura funda, esta inclemencia
Atra e brutal que me persegue, e mata,
Como um veneno, as flores côr de prata
Da minha entristecida adolescencia:*

*Este ambiente de corrupta essencia
Onde o Tédio os seus flocculos desata;
Este vento de dor que me arrebatava.
Os sonhos de fulgor e transparencia;*

*Toda esta amarga e triste decepção;
Esta vida sceptica ironia;
Esta continua e tragica afflicção;*

*Este simoun do mal veiu-me um dia,
Por não possuir teu peito um coração
Quando no meu um coração batia!⁴⁰².*

Este precioso soneto de Lívio Barreto, por exemplo, poderia passar aos olhos da crítica literária, que se baseia no método científico, como uma canção de tristeza

⁴⁰¹ BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética: A Teoria do Romance*. Op. Cit.

⁴⁰² BARRETO, Lívio. "Mal Intimo". IN: *O Pão*. Anno: II; Nº: 23. – Fortaleza: 01/ 09/ 1895. P. 03.

por estar o autor em um lugar ermo, longe da mulher amada; o que na verdade pode ser, mas não resume-se apenas nisso. Pois, como é dado à análise historiográfica, possível de topografar a experiência de vida do autor, as suas relações com o meio (a sua participação em uma congregata literária, por exemplo) os seus desejos como sujeito dotado de vontade individual e coletiva, muitos aspectos da sua narrativa podem ser resgatados e entrarem em atividade potencial, produzindo sentidos para a sua vida. Ora, bem poderia ser o seu ideal de mulher amada, ou cousa que o valha, a busca por um subterfúgio nos recônditos da sua subjetividade, onde nem as instituições burguesas, nem o autoritarismo ideológico e simbólico republicano, e nem mesmo a coerção física da máquina acciolina poderiam capturá-lo. Um lugar onde o seu desejo poderia atingir a sua plenitude, livre de qualquer ação do poder.

Para Lívio Barreto o encontro com a dor era forma de experimentar a mortificação mais intensa dos acontecimentos cotidianos. A sua estética potencial fazia o enredo de sua narrativa semelhante ao sacrifício cristão, do mártir que após o suplício encontraria a realização do gozo. Por outro lado, contagiado pela estética filosófica schopenhareana, na poética de Lívio a dor da vida, a experimentação da dor, encontrava na mortificação do corpo a plenitude do desejo em um nirvana espiritual, um éden artístico, o seu abrigo poético.

*Cerro os olhos de noite emquanto o somno
Não chega, e deixo-me ficar sonhando,
Nesse abstracto e languido abandono
De quem com o coração vae conversando.*

*E como um triste e luminoso bando
Desgraças sob o azul de um ceo de outomno
Vão minhas utopias emigrando
Do althar aonde o teu amor entrono.*

*Throno de flores que a illusão collora
Minuto por minuto, emquanto chora
O coração no intimo, sentido*

*Aonde o teu amor mal pousa e aonde
Minha esperança ultima se esconde
Como um passaro triste e mal ferido⁴⁰³.*

⁴⁰³ BARRETO, Lívio. “Através do Sonho”. IN: *O Pão*. Anno: II; Nº: 24. – Fortaleza: 15/ 09/ 1895. P. 05.

Lívio Barreto, filho de pequenos agricultores, nasceu no município de Granja, interior do Ceará⁴⁰⁴. Exercendo na capital cearense a profissão de caixeiro, desde cedo empenhou-se na vida letrada, participando das rodas literárias, saraus e circuitos da boemia letrada fortalezense. Autor do “Dolentes”, livro póstumo publicado pela Padaria Espiritual, sobretudo pela iniciativa do amigo e conterrâneo Waldemiro Cavalcante na coleta dos poemas inéditos ou publicados em “O Pão”, a obra é permeada por uma narrativa melancólica, pessimista e triste, sem esperanças ou maiores comprometimentos com os anseios de sua geração. Indubitavelmente, foi quem mais bebeu do pessimismo finissecular dentre os padeiros, e da mesma forma o que foi deveras mais influenciado pelo “Só”, de Antônio Nobre.

Parece ter sido Lívio Barreto o padeiro que mais experimentou a angústia da vida pela não realização dos anseios de seu grupo letrado, os Novos do Ceará. Ainda que não tivesse participado do Centro Republicano, como bem aconteceu com alguns de seus comparsas de “forno” (Lopes Filho, Adolfo Caminha, Antônio Sales, Waldemiro Cavalcante), o “Lucas Bizarro” da Padaria pareceu ser o mais magoado, ressentido e inconsolado diante das tensões daqueles tempos. A necessidade de recriar e potencializar uma realização de vida em forma de devires e linhas de desterritorialização⁴⁰⁵, distante das questões mundanas, desprezando tudo o que houvesse à sua volta, fez com que o poeta procurasse o seu refúgio nas brumas do esquecimento, na saudade, nas trevas do inconsciente, nos recônditos da subjetividade, aonde poderia, enfim, experimentar o seu mais íntimo desejo.

*Nem vale a pena contar
O meu profundo penar!*

*Viver de ave que doideja
Preza dentro de uma igreja.*

*Pois, imagina, senhora,
Que eu prefiro a noite á aurora.*

*Mais: – prefiro ás noites bellas
Com seu rosario de estrellas*

⁴⁰⁴ MONTENEGRO, Braga. “Centenários – 1970: Lívio Barreto”. IN: *Revista da Academia Cearense de Letras*. Anno: LXXV; Nº: 35. – Fortaleza; 1971. P. 149 – 152.

⁴⁰⁵ DELEUZE, Gilles. *Crítica & Clínica*. – São Paulo: Editora 34; 1997. P. 11 – 16.

*As longas noites trevosas
Profundas, silenciosas.*

*E nem te cause piedade
A minha agreste verdade!*

.....
*prefiro a treva sem fim
pois tenho-te junto a mim.*

.....
*Pois se da desgraça o açoite
Devo a luz que me alumia,*

*Por ti eu morro de dia
E ressuscito de noite⁴⁰⁶.*

Era, na verdade, na bruma, no ermo frio e tenebroso da sua morbidez poética que o autor encontrava o seu abrigo, livre para experimentar o seu desejo, longe das formas de captura simbólica e discursiva do modo de subjetivação da sociedade burguesa, que no território cearense impunha os valores e hábitos nos cidadãos, bem como de toda a aparelhagem ideológica e manipulação do imaginário pelos republicanos. Como bem discorreu posteriormente o seu antigo correligionário nas letras Antônio Sales no seu livro de memórias, “Lívio era muito sensível às impressões que o meio lhe causava”⁴⁰⁷. A sua morte, por exemplo, segundo óbito que acusava “congestão cerebral”, pode bem mostrar o grau de intensidade das angústias e decepções experimentadas por esse poeta de fina água que navegou pelos recônditos mais abismais de sua cartografia subjetiva, na experimentação total de sua dor.

Nesta pérola poética retirada das arcádias mais preciosas, o autor na súplica da morte demonstra a força de sua estética potencial, arrebatando em um festival de imagens e símbolos os enunciados que lhe perseguiram em vida. A imagem da morte que o acompanhou em lânguidos simbolismos esprou-se no arrebol de sua passagem para o nirvana, apelando por eternizar o seu desejo na sutileza do olhar da mulher amada que ele deixava neste mundo. Nada mais que um paraíso de ilusões e ideais perdidos... a caravana de sonhos mortos que o acompanhou em toda a sua carreira literária.

Dores, angustia, insomnia, ansiedade, frio!...

⁴⁰⁶ BARRETO, Lívio. “Contradição”. IN: *O Pão*. Anno: II; Nº 19. – Fortaleza: 01/ 07/ 1895. P. 04.

⁴⁰⁷ SALLES, Antônio. *Novos Retratos & Lembranças*. – Fortaleza: Casa de José de Alencar/ UFC; 1995. P. 126 – 127.

*E é meio dia, ó sol, ó mocidade exausta!
Tal como o vento arranca ao longo um arrepio,
Arranca o occaso o pranto á tua estrella infausta!*

*Luar dos mortos, morto ao frio como o gelo,
Ó lagrima do sol suspensa na amplidão!
Eu te abomino, luar! Meu Deus, custa-me vel-o
Como um cirio a pingar cera sobre um caixão!*

*Noite, Silencio atroz, angustioso. A calma
Agoirenta da febre. O lethargo das cousas...
No negro Campo-Santo as tempestades da alma...
Não é mais imponente a fria paz das louzas!*

*Fecho os olhos e escuto. O silencio retalha
O canto que entra e sae pelas frinchas da porta
Com o som de uma tesoura a cortar a mortalha
Para o meu corpo, e range, e corta, e corta e
corta!...*

*Na penumbra indecisa a febre põe visões
De velhas a rezar ladainhas de mortos,
Lôas para encurtar os lugubres serões
Não deixando-as fechar os olhos absortos.*

*Sobre um panno de lucto um Christo, a fronte
curva;
Contempla os pés na cruz: pregados brutalmente.
E da frente sangrenta, enlanguecida e turva,
Caem-lhe gottas da cor vermelha de um poente...*

.....
*Meu bom sol! Mocidade, aquece-me este peito
Onde o pranto gelou e o coração tiritado!
Meus sonhos! Abrigai nas azas o meu leito
Onde dentro de uma alma um turbilhão se agita!*

*Ó fantasia! Espanca as sombras tenebrosas,
Mostra-me Ella a sorrir, branca como o luar!
Essa que tem no olhar o velludo das rosas
E possui minha vida encerrada no olhar...⁴⁰⁸.*

Mártir da Dor!... era isso que o poeta sentia. A sua geração, os seus ideais mortos, exaustos pelas transformações e agenciamentos que favoreceram a morte dos seus

⁴⁰⁸ BARRETO, Lívio. "Doente". IN: *O Pão*. Anno: II; N°: 15. – Fortaleza: 01/ 05/ 1895. P. 04.

desejos. A penumbra que o ronda e não o deixa distinguir a razão das cousas, senão a imagem que o inquieta e o faz ver velhas que anunciam e aceleram o fim próximo. Uma luz que gélida pranteia, os sonhos, ideais, abrigados na sua cartografia subjetiva, seu campo desejanse, inquieta e turbulenta. Enfim, o presságio do fim de um devaneio coletivo, que o poeta já experimentava no seio dos seus comparsas, procurou estabelecer aquilo que Baudelaire definiu como sendo *Correspondances*⁴⁰⁹, as transformações humanas na clarividência das coisas ainda não ditas, ou o território da desconstrução da linguagem, das intensidades subjetivas experimentadas, o “corpo sem órgãos” que sofre “as operações da tropologia que anima e volatiza a matéria”⁴¹⁰. Porém, como bem observou Sânzio de Azevedo, não pode ser considerado o autor de “*Fleurs du Mal*” influência direta de Lívio Barreto, bem como de Lopes Filho. Estes, estariam sendo influenciado diretamente pelo autor do “Só”, ainda que não fosse impossível o fluxo da leitura baudelaireana atravessando o autor lusitano. Ao contrário do caso de Cabral de Alencar, que pertenceu à segunda fase da Padaria, Lívio e Lopes Filho compuseram o “simbolismo singular”, anterior à obra de Cruz e Souza, surgido no Ceará, de influência diretamente lusitana⁴¹¹.

Sumir, esvair-se sob forma de éter, desprender-se como um sonho crepuscular, libertar-se das amarras da existência, do campo de tensões da vida cotidiana marcada por sangrentas lutas políticas promovidas pelas facções partidárias, ou não ser capturado pelos modos de subjetivação da sociedade burguesa que já operava no sentido de disciplinar o corpo para o trabalho e controlar a mente para a sanidade social. Este tipo de estratégia estética, que é produzir devires, impulsos e intensidades de vida, caracteriza a literatura menor, seja ela decadista, nefelibata, simbolista, maldita, finissecular, de

⁴⁰⁹ No período marcado pelo avanço do Capitalismo em que a técnica (com o advento da imprensa em massa e da fotografia em movimento, o cinema) primando na recodificação dos conteúdos lingüísticos, Baudelaire manifestou-se em sua poética clarividente no sentido de mostrar que há nas relações humanas multiplicidades, e não discursos acabados como bem apelaram as produzidas pelo homem ao longo da sua trajetória histórica. “*La Nature est un temple où de vivants piliers/ Laissent parfois sortir de confuses paroles;/ L’homme y passe à travers des forêts de symboles/ Qui l’observent avec des regards familiers.// Comme de longs échos qui de loins se confondent/ Dans une ténébreuse et profonde unité,/ Vaste comme la nuit et comme la clarté,/ Les parfums, les couleurs et les sons se répondent.// Il est des parfums frais comme des chairs d’enfants,/ Doux comme les hautbois, verts comme les prairies,/ - Et d’autres, corrompus, riches et triomphants,// Ayant l’expansion des choses infinies,/ Comme l’ambre, le musc, le benjoin et l’encens,/ Qui chantent les transports de l’esprit et des sens*”. “Correspondances”. *Les Fleurs du Mal*. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1995 (6ª ed.). P. 114.

⁴¹⁰ RAMA, Angel. *A Cidade das Letras*. Op. Cit. P. 50.

⁴¹¹ AZEVEDO, Sânzio. *A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará*. – Fortaleza: Casa de José de Alencar/ UFC; 1996 (2ª ed.).

transição, etc. Um artefato meta-linguístico e narrativo que pode propiciar a elaboração de linhas de fuga nas narrativas textuais, erigindo verdadeiros abrigos poéticos. No conto de Cabral de Alencar “A Nevrose de Claudio”, por exemplo, que bem poderia ter sido inspirado na neurose de uma personagem de Huysmans pelo estado aguçado dos sentidos com a explosão simbólica da cidade moderna⁴¹², o inusitado comportamento psicológico de um sujeito é o seu próprio refúgio das tensões cotidianas, quando clinicamente ele poderia ser dado como louco. É válido lembrar que neste momento histórico, a clínica psiquiátrica primava por estender os seus domínios na tentativa de capturar as cartografias subjetivas, o campo desejante dos sujeitos, lançando o olhar médico-patológico sobre qualquer manifestação de comportamento que viesse comprometer o estado de “sanidade mental”, como bem queria o capitalismo para o uso institucional da manipulação simbólica.

Seu riso, riso galvanizado numa expressão voltaireana, d'uma dolencia quente e desoladora de aragem tropical nevrotico, scintilante como um brandir de um punhal, desenhando sobre a cor de seus labios coleras e sarcasmos, envolando-se subtilmente como uma quintessencia de tormento, traduzia ironicamente a luta do seu ser contra a natureza e contra a humanidade, deixava entrever a sua sombria existencia, illuminada pela aurora boreal de um amor que ia melodiosamente morrendo como um canto de cysne.

.....
O sentimentalismo envenenava-lhe a alma, impregnando a de voluptuosidades platonicas, de preguiças chinezas, de vaporosos e azues idéalismos romanticos, fazendo a sonhar, luxuosamente sonhar.

.....
Nem um sorriso amigo o vinha consolar, nessas tremendas quedas...

⁴¹² Como é dado a se perceber, a sensibilidade aguçada foi um tema muito explorado pelos autores do fim de século que viveram intensamente o *spleen* causado pela velocidade violenta com que os símbolos e enunciados passaram a circular nos centros urbanos, com o advento da cidade moderna: “Baudelaire admirara o caráter nervoso da escrita de Edgar Allan Poe e a intensidade nervosa da música de Wagner. Os admiradores de Baudelaire veneravam na sua obra ‘a magnífica queixa nervosa que afetaria todas as almas sensíveis depois dele’; procuravam, como ele, ‘exasperar suas aflições’. Félician Rops, o grande aquafortista, garantia trabalhar com seus nervos. Os poemas de Maurice Rollinat, *Les Névrotes*, datam de 1883. Para Zola, a obra dos irmãos Goncourt era “uma espécie de imensa neurose”, e Taine ‘ajusta-se bem em nossa sociedade de nervos’. Edmond Goncourt considerava Degas um neurótico. *Art Modern, de Huysmans (1883)* descrevia Berthe Morisot uma colorista nervosa, Guillemet como um ‘pacote de nervos sob controle’ e Gauguin como ‘uma pele embaixo da qual nervos vibram’, enquanto Mary Cassatt oferece ‘um redemoinho de nervos femininos transpondo para seus quadros’”. WEBER. Op. Cit. P. 22 – 23.

*Incomprendido, elle vivia fora da vida universal, isolado no meio das turbas, torturado e mystificado em luta contra a natureza e contra a humanidade; as caricias das cousas exteriores não eram para elle mais do que hostilidades mascaradas e carinhos trahidores, punhaladas atiradas entre festões de rosas. Repellia as todas, menos o olhar da mulher amada; apesar de julgal-o uma luminosa mentira...*⁴¹³.

Nascido no município de Baturité, Cabral de Alencar foi à Fortaleza tentar carreira letrada como os outros que ingressaram na Padaria, indo após morar na então Capital Federal por volta de 1895/ 1896, onde conheceu o grupo simbolista de Cruz e Souza. Talvez tenha sido ele, dos padeiros malditos, o de escrita mais sensual, relacionando-se com o corpo de forma vaporosa e fugidia quando o desejo queria ser experimentado. Diferente das narrativas de Lopes Filho e Lívio Barreto, que, no primeiro caso, primava pela construção de temporalidades desterritorializantes em que o desejo viria ser experimentado, e, no segundo, a necessidade de experimentar a dor como forma de mortificar o corpo e após atingir o gozo pleno, nas narrativas de Cabral de Alencar o corpo sempre apareceu sofrendo um processo de inquietação psicológica, em que o desejo viria adquirir formas sulfurosas, espirituais e vaporosas, dando ao sonho, à realização imaterial, o gozo pleno em seu abrigo poético, como, por exemplo, um ideal simbolizado num amor inatingível, a produzir linhas de fuga, de desterritorialização.

A sua alma era como uma ballada oriental diluida n'uma nostalgia de crepusculo, uma cousa immaterial, feita de tristezas do azul e de sons vagos, musicas de harpas passionalmente dedilhadas.

Sensual e nervosa, o seu organismo franzino, escravizado pela vehemencia brutal de seus nervos desequilibrados, tinha vibrações de lamina electricada.

(...)

Vagavam no seu sangue ancias rubras, anhelantes de sensações desconhecidas.

Percebiam-se no seu semblante pallido, doentio a revolta da carne torturada, a assolação dos jejuns e das penitencias.

Por entre as sombras violaceas do mysticismo, se desdobravam na sua existencia, as azas lividas d'um affecto espiritual

⁴¹³ ALENCAR, Cabral de. “A Nevrose de Claudio (Notas Psychologicas)”. IN: *O Pão*. Anno: II; Nº: 07. – Fortaleza: 01/ 01/ 1895. P. 03.

*aconchegando resignações para um amor que morava ignorado, desiludido em seu ser*⁴¹⁴.

Em sua análise detida sobre o mesmo texto acima citado, Sânzio de Azevedo bem mostra as enunciações que se reportam ao teor mórbido da narrativa, identificando-a como verdadeiramente decadista⁴¹⁵. Contudo, ao levar-se em conta o aspecto estilístico, cai no pecado do método científico que se omite a tecer uma análise cartográfica da obra, no sentido de perceber o campo de tensões que agenciou aquele texto. O aspecto mórbido que compõe a forma arquitetônica da narrativa pode ser traduzido como um fluxo desterritorializante experimentado pelo autor, no sentido de dar evasão ao seu desejo, não deixando ser capturado pelos agenciamentos estetizantes comprometidos com instituições da ordem capitalista como, por exemplo, o saber psiquiátrico e a clínica psico-patológica. É válido lembrar que em Fortaleza, com a construção do Asilo de Alienados S. Vicente de Paulo em 1886, as elites locais empenharam expressiva campanha para “sanear” as ruas da cidade, colocando os indivíduos de hábitos incompatíveis com as normatizações da época nos espaços destinados ao isolamento dos loucos, locais instituídos pelo saber médico higienista⁴¹⁶.

A produção de temporalidades para estabelecer a experimentação de um desejo, também foi um artefato literário utilizado em algumas narrativas de Cabral de Alencar. Em “A Rival”, conto publicado em “O Pão” de 01/ 02/ 1895, o autor lembra o seu comparsa Lopes Filho na produção de linhas de fuga temporais. Porém, ao contrário do amigo que primava por confeccionar uma dobra no tempo, Cabral de Alencar reportou-se neste conto à evocação de algo já experimentado no passado e que, mesmo em condição de desterritorialização no tempo presente, apelando para a morbidez psicológica, a sensação da lembrança seria o suficiente para tornar o desejo realizável.

*Chorosa, pallida, magoada ella vivia depois que Raul voltára.
Via-o sempre esquivo, distrahido, o olhar atravessado de
nostalgias, o pensamento fixo como que em cousas longínquas,
o semblante triste, d’uma tristeza onde parecia haver a
espiritualidade sombria d’um sonho desvanecido.*

⁴¹⁴ ALENCAR, Cabral de. “Mystica”. IN: *O Pão*. Anno: II; Nº: 11. – Fortaleza: 01/ 03/ 1895. P. 04.

⁴¹⁵ SÂNZIO. Op. Cit. P. 212.

⁴¹⁶ PONTE. *Fortaleza Belle Époque*. Op. Cit. P. 91 a 97.

Soffria. As heroicas esperanças que durante tanto tempo viveram em seu ser, trahidas agonisavam, enluctando o seu amor abandonado, retransido de desenganos e de duvidas. Havia pela sua existencia o rumor violento, emocional dos grandes desmoronamentos.

.....
A sua rival era a imagem de sua belleza de outr'ora, no tempo em que se namoravam o sol...

Agora para seu amado ella existia como uma illusão morta e para seu affecto, desesperado, impossivel só podiam fugir as evocações d'um passado feliz⁴¹⁷.

Em sua relação com o tempo, a construção de temporalidades na narrativa denota a tentativa estética em criar uma outra esfera de experimentação da realidade, que não a atualização dos agenciamentos do poder. Contudo, baseado na análise da atividade rizomática que potencializou a feitura do respectivo texto, o desejo a ser atingido realizar-se-ia na lembrança daquilo que já se experimentou. Ou seja, naquele campo de tensões do espaço social cearense, marcado pela atualização das relações de força que agenciava a consolidação da máquina acciolina sobre aquela realidade, o ideário coletivo impregnado nas cartografias subjetivas daqueles letrados bem poderia estar sendo experimentado na estética potencial dos conteúdos simbólicos presentes na obra, remetendo-se aos desejos do passado.

Já no conto “A Lucia”, Cabral abre mão das linhas temporais e lança-se em um devir de luxúria e erotismo, que não se deixa capturar pelos agenciamentos de enunciação do poder com avanço da ordem burguesa. Vagando pelos oceanos quiméricos dos simbolismos, último refúgio dos argonautas da dor, a experimentação intensa de um amor sombrio fez com que o autor encontrasse a sua linha de fuga personificada na mulher-fatal, a imagem lilitiana da feminilidade romântica inaugurada na literatura moderna por Sade, uma *Salomé fin-de-siècle*⁴¹⁸. Era dada a evasão de um desejo para atingir a plenitude nos recônditos estéticos da subjetividade.

Ao ver-te, a minha Phantasia, fluctuando sobre um ether de sonhos, vae adormecer no arminho d'essas tuas formas pagãs,

⁴¹⁷ ALENCAR, Cabral de. “A Rival”. IN: *O Pão*. Anno: II; Nº: 09. – Fortaleza: 01/02/1895. P. 04.

⁴¹⁸ PRAZ, Mário. *A Carne, a Morte e o Diabo na Literatura Romântica*. – Campinas: Editora da UNICAMP; 1996. P. 179 – 264.

*esplendidos symbolos da Bellesa ambicionada pela minha idealidade artistica*⁴¹⁹.

Na verdade, este tipo de intensidade estética sobre o corpo feminino foi característica da escola decadente no campo artístico da sociedade ocidental, em que a arte trabalhou por denunciar o avanço da ordem capitalista preocupada em estabelecer um conhecimento científico para o controle do corpo, conforme a demandava da lógica industrial. A mulher lasciva, infernal, a prostituta que invadia as ruas da cidade e ameaçava a sanidade social, foi bastante presente nas obras poéticas de Baudelaire, Rimbaud, Verlaine, bem como nas telas de mestres da pintura como Gustav Klimt na Áustria, Aubrey Beardsley, Jean Delville, e outros autores na época da “anarquia moral” causada pelo avanço da hegemonia capitalista no campo subjetivo de uma sociedade que ainda vivenciava os valores da tradição⁴²⁰.

Sendo tais intensidades experimentadas por toda a sociedade ocidental que presenciou o avanço das instituições burguesas na consolidação do capitalismo, estes rumores não puderam escapar ao espaço social aqui abordado, sobretudo em Fortaleza, que manteve estreito contato com as “novidades do Velho Mundo”, bem como era o lugar das elites emergentes que ansiavam pelo avanço da ordem burguesa naquela realidade social, a esfera de maior atuação da cultura letrada no Ceará. Contudo, como foi caracterizado esse campo de tensões que possibilitou o agenciamento da estética potencial denominada Decadência, os rumores de crise na ideologia liberal, assim como as promessas do progresso científico e tecnológico, já fazia desvanecer todo o ideário que se sustentou nos princípios emancipatórios em nome da civilização. Pois, em boa medida, se não a todos os beletristas cearenses, ao menos no seio da Padaria Espiritual essas intensidades já eram bem experimentadas pelos padeiros nefelibatas, assim como possuíam repercussão no circuito de leituras do “forno”⁴²¹.

⁴¹⁹ ALENCAR, Cabral de. “A Lucia”. IN: *O Pão*. Anno: II; Nº: 14. – Fortaleza: 15/ 04/ 1895. P. 03.

⁴²⁰ OEHLER. *O Velho Mundo desce aos Infernos: Auto-análise da Modernidade após o trauma de Paris em junho de 1848*. – São Paulo: Cia das Letras; 1999, WEBER. Op. Cit e SHORSKE, Carl. *Viêna Fin-de-Siècle. Política & Cultura*. – São Paulo: Cia das Letras; 1988.

⁴²¹ “Hoje, porem, que o entusiasmo pelas conquistas do liberalismo e da sciencia vão se arrefecendo consideravelmente ante o espetaculo das miserias humanas que se perpetuam e se multiplicam a despeito de todas essas conquistas, o sopro de pessimismo tem invadido todas as litteraturas e ao passo que vão desaparecendo os vates das gerações passadas, vão se lhe substituindo na predilecção do publico aquelles

Argumentu Finale:

Uma discussão aproximada do presente seria a melhor maneira de finalizar este estudo.

Como outrora, a sociedade brasileira continua experimentando nos seus cotidianos as velhas formas de dominação política do passado, cada vez mais atreladas aos interesses dos grupos maiores que ditam as velocidades e as emergências da ordem capitalista. Boa parte dos sujeitos deste território social não conseguem identificar-se com as instituições que foram produzidas pelas forças intempestivas da História, as tramas de desejos humanos silentes à maioria. Restou uma sociedade cada vez mais distante e alienada das suas sombrias origens. O Estado brasileiro, suas máquinas político-administrativas e aparelhos jurídicos, não tem como finalidade atender os desejos dos seus “cidadãos”. A Nação só é definida como algo provido de identidade quando os aparelhos de imprensa e órgãos publicitários, comprometidos com os interesses mercadológicos, a reclamam e evocam seus sentimentos. De fato, neste país as coisas estão fora do lugar, nada parece ser o que de fato é, ou definitivamente somos o que não fomos e éramos o que não sabíamos.

Esta análise histórica sobre o território social cearense daqueles anos de transição política, período que não foi aleatoriamente escolhido, insere-se em um campo de angústias e inquietações que se assomam na atual vida cotidiana da maioria dos brasileiros. Composto por sujeitos que foram e são desprovidos de educação e informação ao longo da sua história, o povo foi ausente de todo o “patrimônio cultural” que as “elites cultas” elaboraram para representar as suas identidades, experiências, memórias e modos de vida. Como em boa parte do Brasil, todo patrimônio simbólico e material dos cearenses foi na verdade definido pelos mesmos grupos que manipularam os instrumentos de violência física (a polícia, o Exército, as milícias), bem como os mecanismos de manipulação simbólica (a imprensa, a cultura letrada, as “belas artes”). Tudo mais que fora produzido pelas diferentes experiências sociais e subjetivas foi enterrado pelas vontades de uma verdade que se impôs como dominante... virou pó e sombra...

A realidade senhorial de outrora, o mesmo poder que dantes aliou os desejos dos chefes políticos locais (poderosos fazendeiros, coronéis dos sertões) aos das elites

urbanas (comerciantes, publicitários, burocratas) faz do atual Estado do Ceará uma versão renovada do imobilismo político e social daqueles tempos. Pelo menos é o que se reflete em um “governo de mudanças” que se mantém hegemonicamente há mais de quinze anos no poder, sem expressivos adversários políticos, com uma popularidade de quase cem por cento, já que quase 35 % do orçamento público é empregado em sua publicidade. Na cidade, um novo segmento de poder patenteado por ele (empresários locais e cartéis ligados ao capital internacional) faz a sua campanha dentro e fora do Ceará, onde as máquinas administrativas retribuem com favoritismos político-financeiros e benefícios fiscais. Por outro lado, os seus representantes nos municípios dos sertões (prefeitos, vereadores, deputados, delegados e secretários) reafirmam a tese de que as mesmas formas de exercício de poder dos grupos oligárquicos e famílias tradicionais do passado (sobretudo o clientelismo) permanecem vivas e acesas, uma vez que os desvios de verbas públicas (ver caso FUNDEF), práticas ligadas ao crime organizado (pistolagem, extorsão, tráfico de drogas repercutidos nas CPIs) e apropriação dos usos jurídicos da nação (propinas dos funcionários da Receita Federal) compõem a real dinâmica dessas instituições personificadas, manipuladas por desejos particulares e facciosos.

Se por um lado há uma discrepância entre as vontades sociais e o Estado, por outro há uma intensa campanha que trabalha a identidade local e o campo desejante dos sujeitos deste território. Por exemplo, se dantes as secas, as luzes e a abolição foram intensidades manipuladas que ajudaram a criar o mito da “Terra da Luz”, hoje este mito se renova com uma outra intensidade: belas praias, aeroportos futuristas, atividades turísticas, a verticalização da “nova metrópole” (que tenta apagar o “centro velho”, antigo espaço das elites locais) – o mesmo discurso moderno que sempre trouxe a última novidade. São novas “luzes” que procuram ofuscar a memória histórica de uma cidade que passou a ter sua hegemonia política graças à expressiva força dos comerciantes locais, favorecidos pela base senhorial dos sertões, como se viu nos primórdios da República. O enunciado “Fortaleza” revela na verdade autoritarismo, oligarquia e a capital do estado brasileiro de maior concentração de renda no país, a esquecer os verdadeiros sujeitos sociais vítimas da abolição, da indústria da seca e ainda do massacre colonizador, onde nos aglomerados suburbanos concentraram-se seus descendentes, as áreas de maior índice de crime e violência patrocinados por facções da Polícia Militar.

Naqueles tempos entre o fim do Império e o que haveria de ser o novo regime, a Mocidade Cearense teve como base para legitimar o seu saber as concepções sociológicas, a etnografia eugênica, a biologia sustentadas pelas doutrinas civilizatórias do comtismo, spencerianismo e do lamarckismo. Com “A Quinzena”, congregada no Clube Literário, aquela geração criou, fez pública e experimentada pelas elites de Fortaleza uma memória histórica para o Ceará, uma concepção interpretativa de que as realizações do seu grupo (como a Abolição de 1884) haveriam de lançar aquela sociedade nos rumos do progresso, a atingir a civilização. Com isso lançaram bases críticas de cunho moral para uma situação político-institucional instável: para a Nação, algo que se identificasse com o civilizado (emancipado, industrial, técnico); para o Estado, um regime que fosse orientado por aqueles que detivessem o saber científico, que compreendiam as necessidades da sociedade e que acompanhavam as transformações da dinâmica dos “povos modernos”.

Hoje, a imagem de modernidade liga-se à idéia de Fortaleza “globalizada” no mercado internacional. Como reflexo, o turismo predatório do litoral fortalezense fez da cidade um rico pólo de prostituição no país. Como outrora, o fascínio pelo novo continua para uma pequena e emergente elite urbana que detém e usufrui dos recursos públicos e capitais concentrados, destinados às regiões mais privilegiadas pelos poderes administrativos (Praia de Iracema, Beira-Mar, Aldeota, Papicu, Dioniso Torres, Varjota), demarcando um novo território de influente poder, mediante à exclusão de outros grupos sociais daquele espaço urbano.

Concomitante à realidade local, para o Estado brasileiro tem-se visto um pacto federativo que funciona conforme o poder “do que fala mais forte”, em que as leis orgânicas dos órgãos públicos não têm força frente os desejos facciosos e personalistas, bem como um Poder Executivo sempre a ficar na instabilidade política, a rememorar o que José Murilo de Carvalho ilustrou na tragicomédia “Rei contra os Barões”. Assim, Estado no Brasil tem suas origens no “dotôzinho” que sai do sertão com sua base eleitoral consolidada pelas permanências patriarcais, passa a dominar as linguagens da política brasileira, e lança-se nas assembléias, câmaras de vereadores, no Congresso ou no Senado. Pois, é o nome da família, o diploma de bacharel e o discurso político que legitimam o seu exercício de poder.

Sobre as agremiações e sociedades literárias de outrora, essas deixaram para a posteridade cearense seus bens materiais e simbólicos. Dentre os bens materiais, espaços como a Academia Cearense de Letras, situado, como bem foi dito, no antigo prédio do poder provincial, e o Instituto do Ceará, o 5º maior em acervo biblio-hemerográfico do país (onde para pesquisar tem o investigador que dizer qual a sua origem familiar ou título acadêmico). Estes constituem-se nos dois maiores patrimônios erigidos da cultura letrada cearense. Quanto aos bens simbólicos, os filhos e netos da antiga Mocidade Cearense mantêm-se ainda hoje deleitando-se com seus versos bucólicos sobre a paisagem cearense (o mar, a jangada, o sol), a publicar com os recursos das fundações e secretarias culturais do estado e município. Apadrinhados pelos “fazedores de universidades”, verdadeiros coronéis das letras, estes procuram mater e perpetuar o nome e a memória das suas famílias nos arautos da literatura local. O poder oligárquico local restringe o acesso à informação, pois outros sujeitos não comprometidos com os apadrinhamentos sofrem quando vão pesquisar a história local, bem quando se propõem a produzir uma nova literatura (como os atuais grupos literários da cidade e do interior).

Os poderes públicos negligenciam a memória histórica e social, a deixarem toda a documentação hemerográfica e bibliográfica deteriorarem-se a esmo pelos porões dos arquivos locais (ACL, Inst. do Ceará, Biblioteca e Arquivo Públicos). Para eles mais vale a construção faraônica de um centro cultural (“Dragão do Mar”), que seleciona aquilo que é e o que não é cultura, de interesse da sociedade para melhor não dizer do mercado. A lembrar que o sofisma “centro” já apareceu outras vezes nestas páginas ligados ao poder (“Centro Literário”, “centro da cidade”, “exemplo da nação” ligado à idéia de centro), as elites cearenses têm uma fascinação histórica pelas posturas políticas centralizadoras.

Já as manifestações da cultura popular local, como o Maracatu, o Congo, Bumba-Meu-Boi, vão sendo apagadas a nível da compreensão de uma memória social, pois hoje quando não estão a fazer propaganda do moderno centro cultural do Ceará, vão ofegando diante do avanço dos blocos carnavalescos de uma cultura massificada – as micaretas puxadas a trios elétricos e gente obrigatoriamente uniformizada com os caros “abadás”. Entretanto, nos sertões, as manifestações ligadas sobretudo à religiosidade popular, como as quermesses, as festas dos santos, novenas, romarias, etc, resistem à *mass-media*. De fato, para uma nova configuração de segmentos políticos urbanos ligados de

forma orgânica com os desejos de uma cultura capitalista, não há identidade alguma do povo com as instituições que foram criadas pelos grupos dominantes, como foi durante a implantação da República. Por mais que se queira negar, a história mostra: o Brasil é um país popular.

Pelo que foi analisado a partir do que se viu naqueles tempos no Ceará, cultura e política estavam cada vez mais interligadas. Antes, com os intelectuais a fazerem uso dos instrumentos de manipulação dos bens simbólicos (literatura, imprensa, ciências humanas) para legitimarem uma ordem política dominante. Hoje, com os grupos políticos emergentes ligados aos cartéis financeiros do capital internacional, a fazerem uso das novas máquinas de dominação simbólica (o cinema, o rádio, a televisão, os sistemas de comunicação, a *mass-media*). Por mais que os *clichês* neo-liberais (“aldeia global”, “livre-mercado”, “mundo sem fronteiras”) tentem despolarizar a ação dos grupos sociais constituídos de diferenças e individualidades, ocultando os conflitos sociais das relações cotidianas, tem que se suspeitar quando manifestam-se bardos de uma prosperidade irreal, otimismo religioso filosófico e progresso técnico-científico como sendo campos de experimentações salvacionistas de uma “nova era”.

Diante dessas inquietações históricas, conclui-se que paralelo aos processos políticos que visavam a emancipação do indivíduo, as inovações técnicas do Ocidente possibilitaram o desenvolvimento de um exercício de poder que se sofisticou ao longo da história – o poder simbólico, virtual, dos signos que despertam desejos nos sujeitos sociais. Porém, como bem apontou Michel Foucault, os homens sofisticaram as formas de dominação com a aprimoração das relações de poder a nível das linguagens cotidianas. Autores deste século, como Kafka, George Orwell, Lewis Carrol, dentre outros, também denunciaram a sofisticação do controle da vontade e da produção dos desejos humanos, que tiveram como *modus concipere* as instituições coletivas do mundo moderno como os nacionalismos, a burocracia e a jurisprudência. No século XX complexificaram-se cada vez mais os domínios do Estado e do mercado no controle do corpo e da mente dos sujeitos/ indivíduos (a exemplo dos panópticos, *shopping centers* e *fast-foods*). O capitalismo é agora virtual e micrométrico.

Assim, o presente estudo propôs-se a colaborar com a discussão que se estabelece na historiografia cearense e brasileira sobre cultura e política, linguagens e

poder. Para aqueles tempos de transição política entre a Monarquia e a República, os segmentos sociais dominantes do território cearense haviam se utilizado do saber científico e das práticas letradas para legitimarem o avanço da cultura capitalista, a conceberem novas instituições com a manutenção da velha estrutura de poder. As “República das Letras” seriam a organicidade do instrumental teórico científico aliado à literatura e à imprensa a favorecerem a ordem dominante; o domínio estético do conteúdo experimental e a reprodução técnica de uma linguagem, a agirem como máquinas de produção de desejos nos sujeitos sociais da realidade estudada, para se evitar os conflitos de natureza sócio-política.

... ..

Ao longo da sua história, que necessidade teria o homem de elaborar e fazer uso das mais sofisticadas formas de poder para afirmar a sua existência?

Fontes:

* Obras de Época:

- ALENCAR, José de. *Iracema*. – São Paulo: Editora Três; 1973.
 ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. *Luizinha/ Perfil Literário de José de Alencar*. - Fortaleza/ Rio de Janeiro: ACL/ José Olympio Editor; 1980.
 CAMINHA, Adolfo. *A Nomarlista*. - São Paulo: Editora Três; 1973.
 ROMERO, Sílvio. *Teoria, Crítica e História Literária. Seleção e Apresentação de Antônio Cândido*. - São Paulo: EDUSP; 1979.
 SALES, Antônio. *Aves de Arribação*. – Fortaleza/ Rio de Janeiro: ACL/ José Olympio; 1979.
 THEÓPHILO, Rodolpho. *A Fome/ Violação*. - Fortaleza/ Rio de Janeiro: Academia Cearense de Letras/ José Olympio Editor; 1979.

*Livros de Memória:

- AZEVEDO, Otacílio. *Fortaleza Descalça*. – Fortaleza: Casa de José de Alencar/ UFC; 1992.
 CAMPOS, Eduardo. *Capítulos de História da Fortaleza do Século XIX*. - Fortaleza: EUFC; 1985.
 KOSTER, Henri. *Viagens pelo Nordeste do Brasil*. - São Paulo: Editora Nacional; 1942 (Coleção Brasileira).
 MOTA, Leonardo. *A Padaria Espiritual*. - Fortaleza: Casa de José de Alencar/ UFC; 1995.
 NOGUEIRA, João. *Fortaleza Velha*. - Fortaleza: EUFC; 1981 (2ª ed.).
 SALES, Antônio. *Novos Retratos & Lembranças*. - Fortaleza: Casa de José de Alencar/ UFC; 1995.
 THEÓPHILO, Rodolpho. *Scenas & Typos*. - Fortaleza: Assis Bezerra; 1919.

* Manuscritos:

SALES, Antônio. *Trabalhos. Manuscritos Inéditos*. - Fortaleza: Setor de Obras Raras da Academia Cearense de Letras; 1897.

* Periódicos Científicos e Literários:

Fraternidade (1873- 1875): jornal maçônico pertencente à Aug.: Loj.: Fra.: Cea.:, por onde escreveram sócios da Academia Francesa como Tomáz Popeu de S. Brasil Filho, Rocha Lima, dentre outros (Biblioteca Pública do Ceará Menezes Pimentel/ BPCMP, Setor de Micro-filmes, M. 151).

A Quinzena (1887 - 1888): órgão do Clube Literário, formado por integrantes do Movimento Abolicionista cearense como Guilherme Studart, Antônio Martins, Antônio Bezerra, Justiniano de Serpa, João Lopes, e outros como Rodolfo Teófilo, Paulino Nogueira e Abel Garcia. Escreveram também nesta revista Antônio Sales e Francisca Clotilde (Edição Fac-Símile BNB/ ACL).

O Pão... da Padaria Espiritual (1892/ 1895 - 1896): periódico da Padaria Espiritual, de quem fizeram parte Antônio Sales, Adolfo Caminha, Tibúrcio de Freitas, Lopes Filho, Lívio Barreto, Cabral de Alencar, Rodolfo Teófilo, Antônio Bezerra, dentre outros (Edição Fac-Símile, ACL/ BNB).

Iracema - Revista do Centro Litterário (1895 - 1896): órgão do Centro Literário de quem fizeram parte Guilherme Studart, Justiniano de Serpa, Rodolfo Teófilo, Bonfim Sobrinho e dos padeiros dissidentes Álvaro Martins e Temístocles Machado, dentre outros (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro/ Setor de Periódicos e Obras Raras, M. PR. SOR. 4460 - 4494 - 1).

Revista da Academia Cearense (1895 - 1920): periódico da Academia Cearense, durante a sua primeira fase, em que se encontram escritos de Justiniano de Serpa, Tomáz Pompeu de S. Brasil Filho, Guilherme Studart, Pedro de Queirós, Rodrigues de Carvalho, dentre outros (Setor de Obras Raras da Academia Cearense de Letras, Hemeroteca do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e Biblioteca da Academia Paulista de Letras).

Revista Trimestral do Instituto do Ceará (1888 - 1924): revista do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, fundado por Guilherme Studart, Joaquim Catunda, Antônio Bezerra, João Brígido e outros pertencentes à Mocidade Cearense.

*Jornais de Época:

Cearense. Órgão do Partido Liberal (1877 - 1889): órgão fundado em 1846 pelo antigo Partido Liberal do Ceará, liderado pela oligarquia Paula Pessoa e Rodrigues (Biblioteca Pública do Ceará Menezes Pimentel/ BPCMP, M. 29).

Pedro II. Órgão do Partido Conservador (1880 - 1889): jornal do antigo Partido Conservador da província cearense, liderado pelo chefe oligárquico Dr. Gonçalo Batista Vieira, o Barão de Aquiráz. Até a posse do Segundo Imperador o órgão chamava-se “Dezesseis de Dezembro” (BPCMP, M.167).

A Constituição (1886 - 1889): órgão do “partido conservador adiantado”, da da facção dissidente liderada pelo rico comerciante Joaquim da Cunha Freire, o Barão de Ibiapaba (BPCMP, M. 95).

O Retirante. Órgam das Victimias da Secca (1877): jornal que se dizia contra a administração do presidente da província cearense o Cons. João José Ferreira de Aguiar (BPCMP, M. 36).

Gazeta do Norte. Órgam Liberal (1877 - 1889): órgão da facção oligárquica Pompeu Accioly, dissidente do antigo Partido Liberal da província cearense que era liderado pela família Paula Rodrigues (BPCMP).

Libertador. Órgão da Sociedade Cearense Libertadora (1881 - 1889): jornal abolicionista de quem fizeram parte João Lopes, Antônio Bezerra, Justiniano de Serpa, Antônio Martins, João Cordeiro, dentre outros (Edição Fac-Símile).

O Norte (1891): órgão fundado por Justiniano de Serpa e outros dissidentes do Centro Republicano Cearense (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro/ Setor de Obras Raras - BNRJ/ SOBR).

A República - Órgão da Sociedade Anonyma Ceará-Libertador (1892 - 1900): órgão de propagação do regime republicano no Ceará, surgido com a fusão dos jornais “Estado do Ceará” e “Libertador”.

Pertenceu à facção oligárquica Pompeu-Accioly (Fortaleza: Edição Fac-Símile em Comemoração ao Centenário da República; 1989).

A Voz do Povo (1893): pasquim/ folheto publicado em poucos números, defensor da república jacobina. (BNRJ/ SOR)

* Documentos Oficiais:

- Arrolamentos da População de Fortaleza em 1887 (Arquivo Público do Ceará).
- Relatório do Presidente de Província do Ceará, Dr. Enéas de Araújo Torreão, ao passar a administração local ao Dr. Caio da Silva Prado em 21 de abril de 1888 (Arquivo Público do Ceará).

* Cronologias:

- STUDART, Guilherme (Barão de). *Dactas e Factos para a História do Ceará. Em Comemoração ao Centenário do Jornalismo Cearense e da Confederação do Equador*. - Fortaleza: Typographia Commercial; 1924.
- _____ . *Para a História do Jornalismo Cearense (1890 - 1924)*. - Fortaleza: Typographia do Instituto do Ceará; 1925.

* Dicionários:

- STUDART, Guilherme (Barão de). *Diccionario Bio-Bibliographico Cearense*. - Fortaleza: Typographia Minerva; 1915.

* Discursos:

BRASIL FILHO, Tomás Pompeu de S. *In Memmoriám. Discurso sobre Justiniano de Serpa*. - Fortaleza: Off Graph/ Diário do Ceará; 1924.

Bibliografia:

- ANDRADE, F. Alves. *Tomáz Pompeu e o seu Tempo*. – Fortaleza: Instituto do Ceará; 1954.
- ANJOS, Augusto dos. *Eu e Outras Poesias*. – São Paulo: Martins Fontes; 1994.
- ARGAN, Giulio C. *História da Arte como História da Cidade*. – São Paulo: Martins Fontes; 1992.
- ARANTES, Paulo Eduardo. “O Positivismo no Brasil. Breve apresentação do problema para um leitor europeu”. IN: *Novos Estudos*. - São Paulo: CEBRAPE; 1988.
- AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*. - Rio de Janeiro/ Brasília: UFRJ/ UNB; 1996 (6ª ed.).
- AZEVEDO, Sânzio de. *O Centro Literário (1894 - 1904)*. - Fortaleza: Casa de José de Alencar/ UFC; 1972.
- _____. “O Ceará e os Grêmios Literários”. IN: *Revista da Academia Cearense de Letras*. - Fortaleza: ACL; 1982.
- _____. *Aspectos da Literatura Cearense*. - Fortaleza: EUFC; 1982.
- _____. *Novos Ensaios de Literatura Cearense*. - Fortaleza: EDUFC; s/ d.
- _____. *A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará*. - Fortaleza: Casa de José de Alencar/ UFC; 1996 (2ª ed.).
- BARKTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética. A Teoria do Romance*. - São Paulo: UNESP/ HUCITEC; 1998.
- BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense*. - Fortaleza: Editora do Instituto do Ceará; 1948.
- BAUDELAIRE, Charles. *As Flores do Mal*. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1995 (6ª ed.).
- _____. *Sobre a Modernidade (O Pintor da Vida Moderna)*. - São Paulo: Paz & Terra; 1996 (Coleção Leitura).
- BATAILLE, Georges. *A Literatura e o Mal*. – Porto Alegre: L & PM; 1989.

- BLANCHOT, Maurice. *O Espaço Literário*. – Rio de Janeiro: Rocco; 1987.
- BOBBIO, Noberto. *Os Instelectuais e o Poder. Dúvidas e Opções dos Homens de Cultura na Sociedade Contemporânea*. – São Paulo: UNESP; 1997.
- BOURDIEU, Pièrre. *As Regras da Arte. Gênese e Estrutura do Campo Literário*. – São Paulo: Cia. Das Letras; 1996.
- _____. *Meditations Pascaliennes*. - Paris: Seuil; 1997 (Collection Liber).
- _____. *O Poder Simbólico*. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1998.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. - São Paulo: Cultrix; 1994 (33ª ed.).
- CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira V. I e II*. - Belo Horizonte: Editora Itatiaia; 1993 (2ª ed.).
- CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronald (Orgs.). *Domínios da História. Ensaio de Teoria e Metodologia*. – Rio de Janeiro: Campus; 1997.
- CARONE, Edgard. *A República Velha (Evolução Política)*. - São Paulo: Difusão Européia do Livro; 1971.
- CARVALHO, José Murilo de. *Teatro de Sombras: A Política Imperial*. - São Paulo/ Rio de Janeiro: Vértice/ IUPERJ; 1988.
- _____. “Escravidão e Razão Nacional”. IN: *Dados. Revista de Ciências Sociais*. - V. 31, No. 03. - Rio de Janeiro: IUPERJ; 1988.
- _____. *A Formação das Almas. O Imaginário da República no Brasil*. - São Paulo: Cia das Letras; 1990.
- _____. *Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. - São Paulo: Cia das Letras; 1996 (3ª ed.).
- _____. *Pontos & Bordados. Escritos de História e Política*. – Belo Horizonte: Editora da UFMG; 1998.
- CAROLLO, Cassiana Lacerda. *Decadentismo e Simbolismo no Brasil. Crítica e Poética*. - Rio de Janeiro/ Brasília: Livros técnicos e Científicos/ INL; 1980.
- CASTELO, Plácido Aderaldo. *História do Ensino no Ceará*. – Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará; 1970.
- CASTRO, Celso. *Os Militares e a República: Um Estudo sobre Cultura e Ação Política*. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1995.
- CEARÁ, Universidade Federal do/ Depto. de História/ NUDOC. *Fortaleza: A Gestão de uma Cidade (Uma História Político-Administrativa)*. – Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza/ NUDOC/ UFC; 1995.
- CHARTIER, Roger (Org.) *Práticas da Leitura*. – São Paulo: Estação Liberdade; 1998.
- CORDEIRO, Mía. Celeste. *Antigos e Modernos: Progressismo e Reação Tradicionalista no Ceará Provincial*. - Fortaleza: Tese de Doutorado Defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará; 1997.
- CRUZ, Heloísa de Farias. *Na Cidade, Sobre a Cidade. Cultura Letrada, Periodismo e Vida Urbana (São Paulo, 1890 - 1915)*. – São Paulo: Tese de Doutorado Defendida na FFLCH da Universidade de São Paulo; 1994.
- DARNTON, Robert. *Boemia Literária e Revolução. O Submundo das Letras no Antigo Regime*. – São Paulo: Cia. Das Letras; 1989.
- _____. *Edição e Sedição: O Universo da Literatura Clandestina no Séc. XVIII*. - São Paulo: Cia das Letras; 1992.
- _____. *O Beijo de Lamourette. Mídia, Cultura e Revolução*. – São Paulo: Cia. das Letras; 1993.
- DELEUZE, Gilles . *Foucault*. - São Paulo: Brasiliense; 1988.
- _____. *Crítica e Clínica*. - São Paulo: Editora 34; 1997.

- _____. & GUATTARI, Félix. *Kafka. Por uma Literatura Menor*. - Rio de Janeiro: Imago; 1977.
- _____. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia, V. I e II*. Rio de Janeiro: Ed. 34; 1995.
- DIAS, Mia. Odila Leite da S. "Ideologia Liberal e a Construção do Estado no Brasil". IN: *Anais do Museu Paulista*. - T. XXX. - São Paulo; 1980/ 81 P. 211 - 225.
- DUQUE, Gonzaga. *Mocidade Morta*. São Paulo: Editora Três; 1973.
- FAORO, Raimundo. *Os Donos do Poder. A Formação do Patronato Brasileiro, V. I e II*. - São Paulo: Editora Globo; 1995 (10ª ed.).
- FIÚZA, Regina Cláudia Pamplona. *O Pão da Padaria Espiritual*. - Fortaleza: Publicação Independente da Dissertação de Mestrado Defendida no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da UFRJ; 1992.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. - Rio de Janeiro: Graal; 1979.
- _____. *Vigiar & Punir*. Petrópolis: Vozes; 1987.
- _____. *A Verdade e as Formas Jurídicas*. - Rio de Janeiro: PUC-RJ/ NAU; 1996.
- GAUTIER, Théophile. *Contos Fantásticos*. - São Paulo: Imaginário/ Primeira Linha; 1999.
- GAY, Peter. *O Estilo na História*. - São Paulo: Cia das Letras; 1990.
- GEREMEK, Bronislaw. *Os Filhos de Caím. Vagabundos e Miseráveis na Literatura Européia*. - São Paulo: Cia das Letras; 1995.
- GIRÃO, Raimundo. *A Academia de 1894*. - Fortaleza: academia Cearense de Letras; 1975.
- _____. *A Abolição no Ceará*. - Fortaleza: Casa de Cultura Capistrano de Abreu; 1988 (4ª ed.).
- _____. *Geografia Estética de Fortaleza*. - Fortaleza: Casa de José de Alencar; 1997 (2ª ed.).
- GOMES, Manoel. *A Maçonaria na História do Brasil*. - Rio de Janeiro: Editora Aurora; 1970
- GRAHAN, Richard. *Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil*. - São Paulo: Brasiliense; s/ r.
- GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1989 (7ª ed.).
- GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. *Micropolítica. Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes; 1987 (2ª ed.).
- GUIMARÃENS, Manoel Luís Salgado. "Nação e Civilização nos Trópicos: O IHGB e o Projeto de uma História Nacional". IN: *Estudos Históricos I. Caminhos da Historiografia*. - Rio de Janeiro: CPDOC/ FGV; 1988.
- HAUSER, Arnold. *História Social da Arte e da Literatura*. - São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- HOBSBAWN, Eric J. *A Era das Revoluções (1789 - 1848)*. - Rio de Janeiro: Paz & Terra; 1978.
- _____. *A Era dos Impérios (1875 - 1914)*. - Rio de Janeiro: 1988 (3ª ed.).
- _____. *Nações e Nacionalismos desde 1780*. - São Paulo: Paz & Terra; 1998 (2a. ed.).
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. - São Paulo: Cia das Letras; 1995 (26ª ed.).
- _____. *História da Civilização Brasileira V. IV (1877 - 1896)*. - São Paulo: Bertrand Brasil; 1997 (5ª ed.).
- HOLLINRAKE, Roger. *Nietzsche, Wagner e a Filosofia do Pessimismo*. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1986.
- HUYSMANS, Joris-Karl. *Às Avestas*. - São Paulo: Cia das Letras; 1987.
- HUNT, Lynn (Org.). *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes; 1992.
- JANOTTI, Mia. de Lourdes Mônaco. *Os Subversivos da República*. São Paulo: Brasiliense; 1986.
- _____. *O Coronelismo: uma política de compromissos*. - São Paulo: Brasiliense; 1989 (7ª ed.).

- KEY, Wilson Bryan. *Era da Manipulação*. – São Paulo: Scritta Edictorial; 1993.
- LACAPRA, Dominick. “História & Romance”. IN: *Revista de História - Dossiê História-Narrativa*. S/ R. P. 107 - 124.
- LAUTRÉMONT, Conde de. *Cantos do Maldoror*. – São Paulo: Max Limonad; 1986.
- LEMENHE, Mia. Auxiliadora. *Família, Tradição e Poder. O Caso dos Coronéis*. – Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC; 1996.
- LESSA, Renato. *A Invenção Republicana. As Bases e a Decadência da Primeira República Brasileira*. – Rio de Janeiro/ São Paulo: IUPERJ/ Vértice; 1988.
- LINS, Ivan. *História do Positivismo no Brasil*. - São Paulo; Companhia Editora Nacional; 1967 (Coleção Brasileira, V. 322).
- MACHADO, Roberto. *Ciência e Saber. A Trajetória Arqueológica de Michel Foucault*. – Rio de Janeiro: Graal; 1981.
- MAFFESOLI, Michel. *A Transfiguração do Político*. – Porto Alegre: Editora Sulina; 1997.
- MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira, V. II (1877 - 1896)*. - São Paulo: T. A. Queirós; 1996.
- MELLO, José Camillo de. *Ceará: Abolição ou Crise Econômica*. - João Pessoa: MIMEO; S/ R.
- MAYER, Arno. *A Força da Tradição. A Persistência do Antigo Regime (1848 - 1914)*. – São Paulo: Cia das Letras; 1987.
- MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides. Breve História da Literatura Brasileira*. – Rio de Janeiro: Topbooks; 1996 (3ª ed.).
- MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira. O Romantismo*. – São Paulo: Cultrix; 1985 V. II.
- _____. *Idem. O Realismo*. – São Paulo: Cultrix; 1985 V. III.
- _____. *Idem. O Simbolismo*. – São Paulo: Cultrix; 1984 V. IV.
- MONTENEGRO, Abelardo. *Os Partidos Políticos do Ceará*. - Fortaleza: Edições UFC; 1980.
- MONTENEGRO, João Alfredo. *O Trono e o Altar. As Vicissitudes do Tradicionalismo no Ceará (1817 - 1978)*. - Fortaleza: BNB; 1992.
- MORETO, Fulvia M. L. *Caminhos do Decadentismo Francês* - São Paulo: EDUSP/ Perspectiva; 1989.
- NEEDEL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical*. – São Paulo: Cia. Das Letras; 1993.
- NEVES, Berenice Abreu de Castro. *Intrépidos Romeiros do Ceará: Maçons Cearenses no Império (1870 - 1880)*. Dissertação de Mestrado Defendida no Programa de Sociologia da Universidade Federal no Ceará; 1998.
- NERVAL, Gérard. *Aurélia/ Pandora*. – Porto Alegre: L&PM; 1997.
- NIETZSCHE, Friederich. *A Origem da Tragédia; Ecce Homo; Genealogia da Moral; Assim Falou Zaratustra; Vontade de Potência; O Eterno Retorno (Coleção “Os Pensadores”)*. – São Paulo: Nova Cultural; 1991 V. I e II.
- NOBRE, Antônio. *Só*. – Porto: Tipografia de “A Tribuna”; 1921.
- NOBRE, Geraldo. *Inrodução à História do Jornalismo Cearense*. - Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense; 1974.
- OEHLER, Dolf. *O Velho Mundo desce aos Infernos. Autoanálise da Modernidade após o trauma de 1848*. - São Paulo: Cia das Letras; 1998.
- OLIVEIRA, Almir Leal de. *Saber e Poder: O Pensamento Social Cearense no Final do Século XIX*. - São Paulo: Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 1998.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. - São Paulo: Brasiliense CNPq; 1990.
- ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. – São Paulo: Brasiliense; 1985.

- OTTEN, Alexandre. *“Só Deus é Grande”: A Mensagem Religiosa de Antônio Conselheiro*. - São Paulo: Edições Loyola; 1990.
- PAIM, Antônio. *História do Liberalismo Brasileiro*. - São Paulo: Mandarim; 1998.
- _____ e BARRETO, Vicente. “Liberalismo, Autoritarismo e Conservadorismo na República Velha” IN: *Curso de Introdução ao Pensamento Político Brasileiro*. - Brasília: EUNB; 1982.
- PARTNER, Peter. *O Assassinato dos Magos*. - Rio de Janeiro: Campos; 1991.
- PÉCAUT, Daniel. *Os Intelectuais e a Política no Brasil. Entre o Povo e a Nação*. - São Paulo: Ática; 1990.
- PEREIRA, Leonardo Miranda. “‘Geração Boêmia’ no Rio de Janeiro no Fim do Império”. IN: *História Social*. - Campinas: Editora da UNICAMP/ FCH; 1994.
- PIMENTEL FILHO, José Ernesto. *Aristocratização Provinciana em Fortaleza (1840 - 1890)*. - Recife: Dissertação de Mestrado defendida no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco; 1995.
- _____. *Urbanidade e Cultura Política*. - Fortaleza: Casa de José de Alencar; 1998.
- PINHEIRO, Francisco José. *Ceará: Relações de Trabalho na Pecuária (1680 - 1790)*. - Fortaleza: MIMEO; 1993.
- PONTE, Sebastião Rogério & SABÓYA, Caterina Mia. *O Pão e a Cidade. Cotidiano e Contexto Urbano da Padaria Espiritual*. - Fortaleza: NUDOC/ UFC; 1992.
- _____. *Fortaleza Belle Époque. Reformas Urbanas e Controle Social (1860 - 1930)*. - Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/ Multigraf; 1993.
- POE, Edgar Allan. *Histórias Extraordinárias*. - Rio de Janeiro: Editora Globo; 1987.
- _____. *Ficções Completas, Poesias e Ensaios*. - Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S/A; 1995.
- PORTO, Manoel Ernesto Campos. *Apontamentos para a História da República. Um Registro Centenário*. - São Paulo: CNPq/ Brasiliense; 1990.
- PRAZ, Mário. *El Pacto com la Serpiente. Paralipómenos de “La Carne, la Muerte y el Diablo en la Literatura Romántica”*. - Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica; 1988.
- _____. *A Carne, a Morte e o Diabo na Literatura Romântica*. - Campinas: Editora da UNICAMP; 1996.
- RAMA, Angel. *A Cidade das Letras*. - São Paulo: Brasiliense; 1985.
- RIOS, Kênia Sousa. *Isolamento e Poder: Fortaleza e os Campos de Concentração na Seca de 1932*. - São Paulo: Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 1999.
- ROMANO, Roberto. *Brasil: Igreja contra Estado*. - São Paulo: Kairós; 1974.
- RUGGIERO, Romano (Org.). *Linguagem e Enunciação - Enciclopédia Einaudi*. - Rio de Janeiro: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda; 1984.
- SALIBA, Elias Tomé. *Utopias Românticas*. - São Paulo: Brasiliense; 1991.
- SAMARA, Enir Mesquita. “Patriarcalismo e Poder na Sociedade Brasileira (Séc. XVI - XIX)” IN: *Revista Brasileira de História*. V. XI, Nº 22 - São Paulo: s/ d.
- SCHOPENHAUER, Artur. *Dores do Mundo*. - Rio de Janeiro: Ediouro; 1990.
- _____. *O Mundo como Vontade e Representação/ Crítica à Filosofia Kantiana (Coleção “Os Pensadores”)*. - São Paulo: Editora Nova Cultural; 1991.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. - São Paulo: Brasiliense; 1995 (4ª ed.).
- SHORSKE, Carl. *Viêna Fin-de-Siècle. Cultura e Política*. - São Paulo/ Campinas: Cia das Letras/ Editora da UNICAMP; 1988.

Relógio! deus sinistro, hediondo, indiferente,
 Que nos aponta o dedo em riste e diz: “Recorda!
 A Dor vibrante que a alma em pânico te acorda
 Como num alvo há de encravar-se brevemente;

Vaporoso, o Prazer fugirá no horizonte
 Como uma sílfide por trás dos bastidores;
 Cada instante devora os melhores sabores
 Que todo homem degusta antes que a morte o afronte.

Três mil seiscentas vezes por hora, o Segundo
 Te murmura: Recorda! - E logo, sem demora,
 Com voz de inseto, o Agora diz: Eu sou o Outrora,
 E te suguei a vida com meu bulbo imundo!

Remember! Souviens-toi! Esto memor (Eu falo
 Qualquer idioma em minha goela de metal.)
 Cada minuto é como uma ganga, ó mortal,
 E há que extrair todo o ouro até purificá-lo!

Recorda: o Tempo é sempre um jogador atento
 Que ganha, sem furtar, cada jogada! É a lei.
 O dia vai, a noite vem; recordar-te-ei!
 Esgota-se a clepsidra; o abismo está sedento.

Virá a hora em que o Acaso, onde quer que te aguarde,
 Em que a augusta Virtude, esposa ainda intocada,
 E até mesmo o Remorso (oh, a última pousada!)
 Te dirão: Vais morrer, velho medroso! É tarde!”

“**L’Horloge**”, Charles Baudelaire. Paris, 1857

ANEXOS:

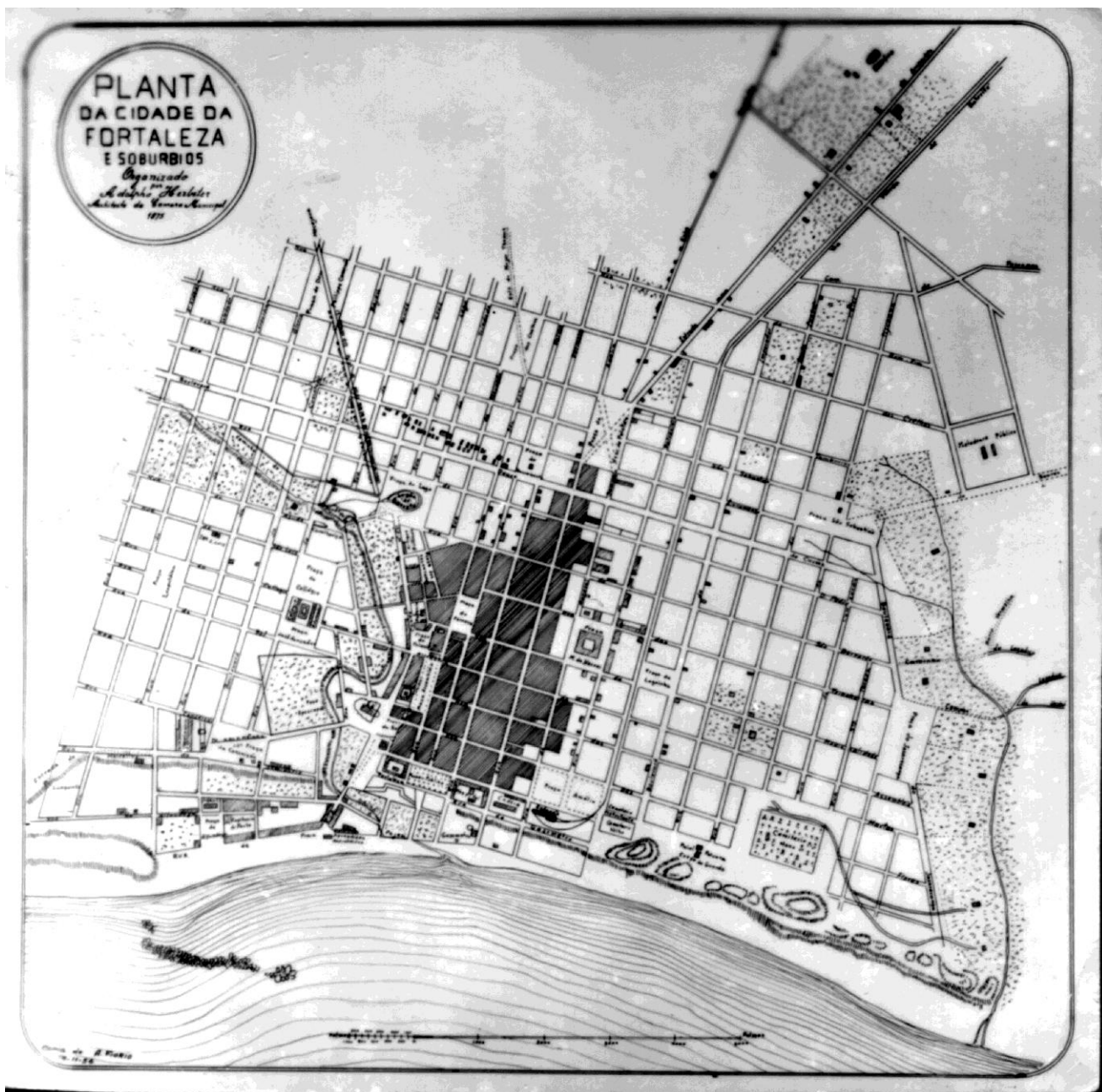


Imagem 01 – Planta topográfica de Fortaleza e Subúrbios, feita pelo Engenheiro Adolfo Hebster em 1875. Na parte escura encontrava-se a área conhecida hoje por “Centro Velho”, que no século XIX era o espaço privilegiado das elites locais. Pode-se dizer ainda que era nesta área onde se encontrava boa parte dos segmentos letrados do período (Acervo Nirez).

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

No II
GERENTE—MANOEL DE OLIVEIRA PAIVA
N.º 7

FORTALEZA, 3 DE MAIO DE 1888.

SUMMARIO

Expediente :
 A formula psychologica x—lg.y
 —R. FARIAS BRITTO.
 O nosso progresso—ANTONIO BE-
 RREIRA.
 A' A. Bezetta—XAVIER DE CASTRO.
 Nessun maggior dolore...—A. N.
 Gostes—JOSE MARTINS.
 Impressões dispersas — MANOEL
 CEZAR.
 Romance—DOMICIO DA GAMA.
 O lutz de ouro—FRANÇOIS LOU-
 PER.

Annuncios.

EXPEDIENTE

Assignaturas

Anno	6\$000
Semestre	4\$000

Não se accitam assignaturas por menos do um semestre.

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 54

A formula psychologica x—lg.y

Lange estabeleceu o seguinte :

« Entre os ensaios mesqui-
 nhos de uma futura psycholo-
 gia scientifica, se acha uma
 proposição que nos ensina
 que nos lemos habituaes a
 sensação augmenta com o lo-
 garthimo da extação » E' a
 lei de Fechner que se costu-
 ma representar algebraica-
 mente pela formula x—lg y.
 Para que se tenha portan-
 to a idéa da mada-
 psychologica, é indispensavel dar uma noção ainda que imperfeita da psychologia de Fechner, isto é, da psychophisica.

Nós apenas conhecemos sobre esta materia a obra de Ribot sobre a psychologia allemã contemporanea; não pode pois deixar de ser muito incompleto o presente trabalho, visto como apenas poderemos fazer o resumo de um resumo. Em todo o caso ser-nos-á util, não somente fazendo-nos ver questões da maior importancia, mas ainda em caminhando nos para a solução de um problema que temos em vista estudar com perseverança.

Antes de tudo convem observar que uma coisa caracteriza os trabalhos psychologicos de Fechner; é a ausencia de toda e qualquer hypothese metaphisica. «Nos-
 sas buscas, diz elle, só se ligam ao lado phenomenol do mundo phisico e do mundo psychico, isto é, ao que nos é dado immediatamente pela percepção interna ou externa ou ao que pode ser concluido dos phenomenos, em uma palavra : estudamos o que é phisico como o fazem a phisica e a chimica, o estudo o faz a psychologia experimental, sem procurar debaixo dos phenomenos a essencia da alma...»

mo que proclamam os representantes da escola experimentalista de Inglaterra:—
 «a opposição entre o corpo e o espirito não vem senão de uma differença de ponto de vista : o que de facto é uno, parece duplo » E' assim que Fechner estabelece: «O que do ponto de vista exterior te parece teu espirito, o espirito que tu és, do ponto de vista exterior te parece o substratum do corpo deste espirito.» Por outra, para empregarmos a expressão de Herbert Spencar e Bain, o corpo é sob o ponto de vista objectivo a mesma coisa que o espirito sob o ponto de vista subjectivo.

Vejamos agora em que consiste a psychophisica.

« Eu entendo por psychophisica, diz Fechner, uma theoria exacta das relações entre o corpo e a alma e de uma maneira mais geral entre o mundo phisico e o mundo psychico.» As sciencias objectivas, isto é aquellas que têm por objecto a natureza exterior, desde muito formularam suas leis de modo regular e uniforme e formando por assim dizer uma esphera dentro da qual podem livremente girar, acham-se sem via de progresso continuo e Não acontece, porém, o mesmo ás sciencias

Imagem 02 – Último número da revista do Clube Literário “A Quinzena”, publicado em 10 de junho de 1888, um mês depois de proclamada a Abolição dos Cativos no Brasil.



Imagem 03– Foto da Av. Caio Prado, por onde desfilavam as elites urbanas de Fortaleza que freqüentavam o Passeio Público em 1880 (Acervo Nirez).



Imagem 04 – Café Java, o antigo quiosque onde foi fundada a Padaria Espiritual em 30 de maio de 1892, na Praça do Ferreira (foto reproduzida do livro “Fortaleza de Ontem e Hoje”).

1990 1

O PÃO

N.º 1

... da Padaria Espiritual

Numero 100 rs.
Não se aceita colaboração.

Numero anterior 100 rs.
Não se aceita colaboração.

O PÃO

Fortaleza, 10 de Julho de 1892

O leitor conhece os estatutos da Padaria Espiritual?

Naturalmente.

Então, já devia estar á espera do jornal que prometteu crear, com o nome de O Pão.

Eh-o, com a mesma somma de direito com que os outros seus collegas percorrem profusamente o mundo inteiro.

O seu programma é muito simples: transmitir ao leitor com a maior exactidão o que se tem e que pensa a Padaria Espiritual sobre tudo e sobre todos.

Não obedece absolutamente a sugestões estranhas, nem tão pouco toma a si o compromisso de agradar, em compensação, de modo algum auctaça hostilizar.

Promette apenas uma coisa: dizer sempre a verdade, doa esta em quem doer.

Não promette ser eterno; deseja, porém, viver o mais que for possível.

Por conveniência economica de tempo e dinheiro, somente aos domingos se publicará O Pão.

É accusado, portanto, observar que não podemos absolutamente dispensar o seu auxilio, comprando por 100 réis um n.º de cada edição.

PELO PRADO

Vão em muito bom caminho os preparativos para a proxima inauguração do Prado Cearanense.

Entre os animaes que se acham inscriptos alguns têm-se revelado excellentes corredores, saltando-lhes apenas a presteza em saber a tempo e a docilidade de rédea para adaptarem-se á curva da raia.

Uma multidão alegre e variada affue para ali nos domingos á tarde afim de assistir aos cotjeos e corridas de exerciencia, nas quaes alguns rapazes têm feito proezas de equitação.

Já apparecem bonitas vestidas de onde emergem rostosinhos cecantadores que espiam curiosos para a raia do alto da balaustrada do Pacífico.

Pensamos que este divertimento predilecto das grandes cidades vai ter entre nós o maior incremento e cahirá gostosamente no gém de nosso povo, que, antes de ter noticia dos prados de Paris, de Londres e do Rio de Janeiro, já fazia as boas conversações de que os velhos nos sabem com taudade.

Em nossa proxima edição falaremos veiuacionamente a respeito do Prado, dando o numero dos animaes inscriptos, seus nomes, seus donos etc.

Tu não tens conhecimento
De cousas de suggestão,
Mas sabes meu pensamento
Quando eu pego em tua mão...
M.

Primeira página do primeiro número de O Pão, de 10 de julho de 1892.

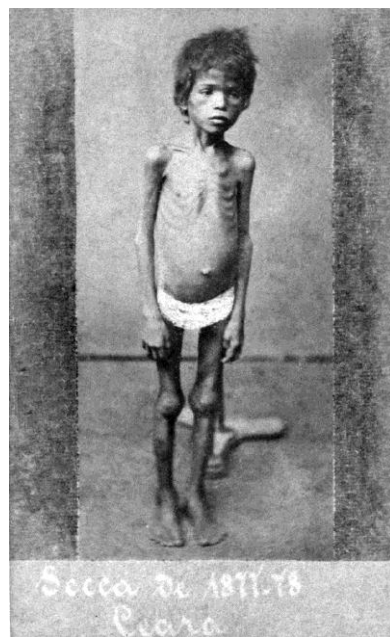
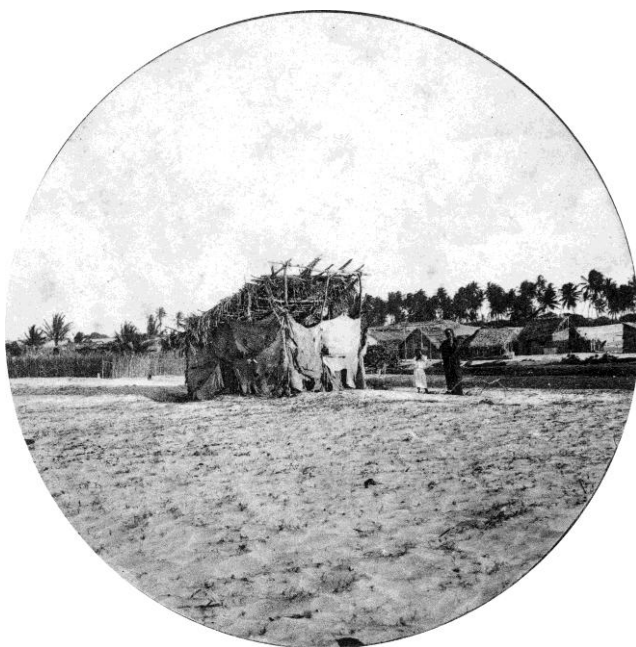
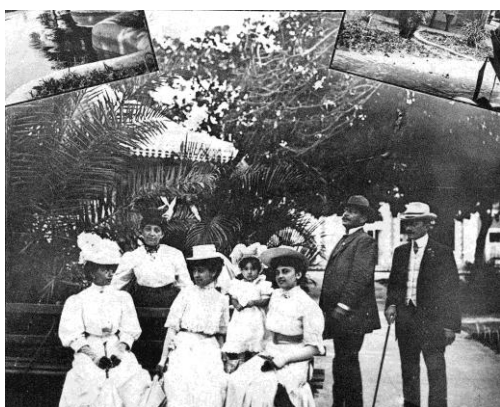
Imagem 05 – Primeiro número de “O Pão” publicado após a associação de novos integrantes na Padaria Espiritual, durante a segunda fase do grupo. Antes a editoração do periódico assemelhava-se a um pasquim jocoso, sem maiores preocupações estéticas.



Imagem 06 – Foto de parte dos integrantes da Padaria Espiritual na Segunda fase. Antônio Sales, juntamente com Rodolfo Teófilo, estão em posição central (Acervo Nirez).



Imagem 07 – Foto dos integrantes do Centro Literário, rival da Padaria Espiritual. Percebe-se que dentre eles há um que traja uniforme militar, típico daqueles anos de República (Acervo Nirez).



Imagens 08, 09, 10 e 11 – Contrastes urbanos percebidos pelos integrantes da Padaria Espiritual. As duas primeiras imagens acima se reportam aos hábitos “civilizados”, em voga com o *frenesi* provocado pelo consumo dos produtos europeus em alta no circuito das elites urbanas. Abaixo, a realidade social que atingia 64% da população de Fortaleza no final do século XIX (Acervo Nirez).